

Universidade de Brasília - UnB
Instituto de Artes – IdA
Departamento de Artes Cênicas - CEN
Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas – PPG/CEN

A VEZ E A VOZ DELAS:
A representatividade e a espetacularidade da mulher
marcadora em quadrilhas juninas.

Ana Carolina Nóbrega Alves Braga

Brasília
Outubro de 2025

**A VEZ E A VOZ DELAS:
A representatividade e a espetacularidade da mulher
marcadora em quadrilhas juninas.**

Ana Carolina Nóbrega Alves Braga

Dissertação submetida ao programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da Universidade de Brasília, pela Linha de pesquisa Cultura e Saberes em Artes Cênicas como requisito para obtenção do título de mestre.

Orientadora: Profa. Dra. Sulian Vieira

Brasília

Outubro de 2025

*Dedico esta pesquisa a minha avó paterna,
Maria José (in memoriam), por ser
exemplo feminino de força e superação em
vida.*

Agradecimentos

A professora e minha orientadora da graduação, Luciana Hartmann, que percebeu a potencialidade deste tema e me incentivou a desenvolver uma pesquisa voltada para a minha prática na marcação.

A todos os professores do programa de Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas, especialmente a minha orientadora profa. Sulian Vieira, pelo olhar generoso, atencioso e amoroso.

A todas as marcadoras brasileiras, especialmente as mulheres inspiradoras que colaboraram com a pesquisa por meio de entrevistas e relatos.

A cantora nordestina de forró Marinês (In memoriam), por ser referência para mim na construção da minha espetacularidade e me inspirar a escrever.

Sou grata a todos os integrantes da quadrilha junina Sol de Maria, que fazem parte do meu sonho de transformar o mundo para melhor por meio da arte.

Aos meus colegas da turma do PPG-CEN, por todas as partilhas e o carinho no processo de pesquisa.

Aos meus pais, Saulo Alves e Claudia Maria, que sempre incentivam meus sonhos e me impulsionam na busca de um futuro cada vez melhor.

Ao meu companheiro Reny Braga, meu parceiro de todas as horas, grata por todo apoio e amor para que fosse possível a realização desta pesquisa.

Agradeço a existência da minha avó materna, Maria Pereira, por ter me criado e ter sido minha primeira professora, minha fonte de inspiração.

Ao meu filho Ícaro, meu passarinho, que ainda está sendo gerado em meu ventre, mas que me acompanhou na marcação este ano e na conclusão desta pesquisa, agradeço por me tornar cada vez mais forte e corajosa.

Por fim, agradeço de forma especial o meu divino são João e a Maria Santíssima, que por meio da espiritualidade guiam meus passos e trazem luz ao meu coração para que eu siga firme.

RESUMO

A presente pesquisa de mestrado busca discutir questões da espetacularidade e da liderança feminina na marcação de quadrilhas juninas a partir da vivência da autora e em diálogo com outras marcadoras do Brasil. A proposta da dissertação tem como base uma abordagem etnocenológica com o objetivo de analisar e refletir aspectos da espetacularidade da marcação feita por mulheres além de questões socioculturais presentes nesse contexto, relatando e dialogando com questões surgidas na relação entre o espetáculo e situações dos bastidores que influenciam na atuação da marcadora durante as apresentações. A discussão da dissertação está dividida em três capítulos que abordam questões relacionadas à vivência da mulher marcadora com enfoques diferentes. No primeiro capítulo, a autora relata situações vividas nos dois primeiros anos enquanto marcadora e relaciona com fatores sociais que interferem em tais fatos. No segundo capítulo, são apresentados relatos de marcadoras a partir de entrevistas semiestruturadas, para enfim chegar na proposta de um terceiro capítulo que aponta para discussões e considerações sobre as questões apresentadas.

PALAVRAS-CHAVE: Quadrilhas juninas, Marcadoras, Voz, representatividade feminina, etnocenologia.

ABSTRACT

This Master research seeks to discuss issues of spectacularity and female leadership inside the marking of June quadrille based on the author's experience and in dialogue with other Brazilian markers. The dissertation proposal is based an approach ethnocenology with the aim to analyze and reflect aspects of spectacularity of the marking mady by womans in addition to sociocultural issues present in this context, reporting and discussing with questions arising in the relationship between the spectacle and behind-the-scenes situations that influence in acting of the woman marker during presentations. The dissertation discussion it is divided into three chapters that address the experience woman marker with different approaches. In the first chapter already written the autor reports situations experienced in the first two years being a woman marker and relates to social factors that interfere witch such facts. In the second chapter, is on the dialogue with other markers through interviews conducted by the author, the focus both in its material aspects as in the social meaning, leading at the proposal for a third chapter to draw conclusion about the presented issues.

KEYWORDS: June Quadrille, Woman Marker, Voice, Female representation, Spectacularity.

LISTA DE FIGURAS

| | |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----------|
| Figura 1 - Print da live transmitida no congresso Nacional, em sessão solene em homenagem ao dia nacional do quadrilheiro. Trecho da fala da autora. <i>Fonte: site oficial da câmara DF</i> | 27 |
| Figura 2 - 2022- etapa do circuito linq-dfe. Tema: sertão, lugar de mulher valente. <i>Fonte: Marcelo candido fotografia</i> | 30 |
| Figura 3 - 1962 - Capa do disco "Marinês outra vez". <i>Fonte: imagem salva do google fotos</i> | 30 |
| Figura 4 - Regulamento oficial do Circuito Candangão de Quadrilhas Juninas do DF e entorno. Documento de circulação interna dos associados. <i>Fonte: fequaju-DFe</i> | 33 35 |
| Figura 5 - Circuito linq-dfe 2022. Cena final do espetáculo. <i>Fonte: Marcelo Cândido</i> | 41 |
| Figura 6 - 2023- Circuito Candangão de Quadrilhas Juninas. DF. Cena do repente. <i>Fonte: Acervo Fequaju DFe</i> | 44 |
| Figura 7 - Final do circuito Candangão de quadrilhas juninas. Ceilândia DF, agosto de 2023. <i>Fonte: Acervo Fequaju DFe</i> | |
| Figura 8 - Marcadora Dalian Mota. Circuito fequaju- 2023 <i>Fonte: Acervo Fequaju DFe</i> | 48 |
| Figura 9 - Marcadora Drika Alves- Recife- pré junino- 2025 <i>Fonte: Acervo da entrevistada</i> | 49 |
| Figura 10 - Marcadora Selma Beltrão- circuito fequaju DFE-2023 <i>Fonte: Acervo da entrevistada</i> | 50 |
| Figura 11 - Marcadora Liliani Claudino- Arraial de Belo Horizonte-2017 <i>Fonte: Acervo da entrevistada</i> | 51 |
| Figura 12 - Marcadora Lorraine Oliveira- Festa do ação moradia em Uberlândia- MG- 2024 <i>Fonte: Acervo da entrevistada</i> | 52 |
| Figura 13 - Marcadora Sthephanny Soares- final da etapa estadual festejo Ceará junino em Sobral CE- 2024 <i>Fonte: Acervo da entrevistada</i> | 53 |

| | |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| Figura 14- Marcadora Queila Raiane- Junina cidade da fé- Bahia- 2020 | 54 |
| <i>Fonte: Acervo da entrevistada</i> | |
| | 102 |
| Figura 15- Regulamento oficial da liga independente de quadrilhas juninas do Distrito federal e entorno (Linq-DFe) -2025 | |
| <i>Fonte: linqdfe</i> | |
| Figura 16- Marcadora Ana Carolina Nóbrega com cinco meses de gestação. | 106 |
| 25º circuito da Linq-DFE- DF 2025. <i>Fonte: Marcelo Candido</i> | |

LISTA DE SIGLAS

Confebraq - Confederação Brasileiras de Entidades Juninas.

Linq-DFE- liga independente de quadrilhas juninas do Distrito Federal e entorno.

União Junina -DFE - União junina de quadrilhas juninas do Distrito Federal e entorno.

Fequaju-DFE - Federação de quadrilhas juninas do DF e entorno.

LGBTQIAPN+ -Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgênero (ou Travesti), Queer, Intersexo, Assexuais, Pansexuais, Não-binários, e o símbolo + (mais)

SUMÁRIO

| | Pg. |
|----------------------------------------------------------------------------------------------|------------|
| Introdução | 07 |
| 1 A Quadrilha junina e a marcação: minha trajetória marcadora | 18 |
| 1.1 Primeira temporada: Lugar de mulher valente | 24 |
| 1.2 Mulher valente: Marcadora-Marinês | 31 |
| 1.3 Segunda temporada: Em busca das minhas raízes | 39 |
| 2. 2: A vez e a voz delas: A vivência de marcadoras brasileiras. | 45 |
| 2.1 O caminho para se tornar marcadora: Trajetória de cada uma | 47 |
| 2.2 O processo de preparação das marcadoras. | 56 |
| 2.3 Multifuncionalidade marcadora: As várias jornadas da mulher que marca. | 60 |
| 2.4 Voz e local de fala: Aspectos das vozes femininas na marcação. | 65 |
| 2.5 Competição e avaliação: percepções sobre o a presença marcadora no circuito competitivo. | 76 |
| 3. Apontamentos: um futuro marcado | 84 |
| 3.1 Inícios de trajetórias e dominação masculina. | 85 |
| 3.2 Bastidores, preparação e jornadas | 90 |
| 3.3 Voz, local de fala e controle de corpos | 93 |
| 3.4 Competição e avaliação, visibilidade e Reconhecimento | 101 |
| Conclusões | 109 |
| Referências | 112 |
| Apêndices | |

Introdução

*Eita meu povo,
Peço um tempo
De vossa atenção.¹*

Apresento esta dissertação que se constrói de questionamentos feitos a partir da minha vivência em quadrilhas juninas desde 2014, como dançarina e como marcadora - quem “puxa”, ou narra as ações da quadrilha - em circuitos competitivos, desde 2022. Por meio de relatos pessoais e em diálogo com relatos de outras marcadoras, busco analisar e refletir sobre aspectos da espetacularidade da marcação feminina e sua relação com questões socioculturais do contexto dos circuitos competitivos quadrilheiros.

Antes de situar a marcação feminina no contexto das apresentações de quadrilha junina, discorrerei brevemente sobre as origens da tradição e o universo dos circuitos competitivos, que se diferenciam da quadrilha junina tradicional realizada em escolas e/ou igrejas.

A quadrilha Junina considerada tradicional ou caipira, historicamente presente no imaginário cultural brasileiro, pode ser compreendida como uma dança realizada em pares durante as festas típicas do mês de junho, seguida da encenação de um casamento, na qual os brincantes utilizam trajes típicos, frequentemente associados à zona rural e às cidades de interiores brasileiros.

De modo geral, as pesquisas que se propõem a contextualizar a quadrilha junina, histórica e socialmente, partem da noção de quadrilha como uma dança antiga trazida ao Brasil por europeus, que vem sendo modificada a partir de sua incorporação ao contexto de festividades juninas Brasileiras.

Um exemplo da noção sociocultural das quadrilhas e seus processos histórico de transformações está nos estudos de Albuquerque (2013, p. 44) “Etimologicamente, a palavra “quadrilha” é proveniente do francês quadrille, do italiano quadriglia ou esquadro e do espanhol quadrilhas, que remetem à disposição de pares em forma de quadrado”.

¹ Trecho de fala/marcação autoral realizada durante as apresentações do ano 2023 no circuito Candangão de quadrilhas juninas do DF e entorno.

Ao que Chianca (2007, p.50) complementa: [...] “originária de uma contradança de mesmo nome trazida ao Brasil pela corte imperial portuguesa, ela teve suas figuras e passos modificados ao longo do tempo e dos lugares em que foi sendo executada”.

Para Santos (2021, p,3009): “Pensar na quadrilha junina é pensar em ancestralidade, em tradição e ela não é imutável e estática, ela acompanha de forma dinâmica o tempo e o espaço”. Neste sentido, as transformações visíveis no modo de fazer quadrilha junina se relacionam com um movimento de atualização e adequação às demandas da comunidade quadrilheira.

Atualmente, dentro das variações na execução da dança, a quadrilha junina envolve diversos elementos cênicos que caracterizam a espetacularidade da manifestação a partir de uma linha narrativa e discursiva que contextualiza a dança: personagens diversos, trilha sonora relacionadas a história, trajes, cenários, objetos de cena e a marcação, que pode ser compreendida dentre outras funções, como uma forma de narração da história abordada na temática de cada grupo.

Os grupos de quadrilha desenvolvem um enredo, uma linha narrativa, referenciada pelos integrantes como temática, geralmente associada a história do casal de noivos, personagens fixos e característicos das quadrilhas. Frequentemente as temáticas fazem referência as crenças religiosas e a festividade de São João, Santo católico, em uma mistura de tradição, fé e festa.

Assim sendo, pode-se entender a quadrilha junina como uma prática de dança em pares transitada de palácios nobres para a incorporação nos festejos da população dos interiores do Brasil, e do festejo popular para o formato de circuitos competitivos, nos quais cada vez mais estão presentes apresentações espetacularizadas por meio dos elementos cênicos utilizados pelos grupos.

Dado o contexto histórico da quadrilha, voltaremos o enfoque para os circuitos competitivos ², realizadas por entidades juninas, existentes a mais de duas décadas, em que diversos grupos de quadrilha se apresentam para um público e para uma banca de jurados que avaliam e atribuem comentários com a finalidade de sugerir melhorias na apresentação, bem como de justificar as notas de cada quesito avaliado, determinando, dessa forma, anualmente, uma quadrilha campeã de cada circuito.

As chamadas “entidades juninas”, são as federações que reúnem grupos de quadrilhas juninas filiadas/associadas para participar dos circuitos competitivos

² A liga independente de quadrilhas juninas do distrito federal e entorno (Linq-DFe), sendo a federação mais antiga do DF celebra em 2025, vinte e anos de sua fundação.

anualmente. Existem as entidades juninas regionais, responsáveis pelo circuito do estado que representam e as entidades nacionais, realizadoras de competições entre quadrilhas de diversos estados.

No contexto dos circuitos de quadrilha junina, entende-se por ciclo junino o período entre o final do mês de maio até o final do mês de agosto, datas em que geralmente ocorrem as apresentações e competições dos grupos juninos. Ao final dos circuitos regionais nos quais são definidas as quadrilhas campeãs de cada estado, geralmente se realizam as competições nacionais entre as quadrilhas vencedoras. Além da premiação da melhor quadrilha enquanto conjunto, existem as premiações de quesitos como melhor casal de noivos e melhor marcador ou marcadora.

A avaliação dos jurados é baseada nos quesitos que são descritos em regulamentos elaborados pelas entidades realizadoras do evento. Os jurados recebem uma ficha de avaliação com um espaço para escrever comentários e atribuir as notas de cada quesito.

Após situar o contexto da quadrilha junina de competição, retorno especialmente para a marcação, que é um dos quesitos avaliados nas competições de quadrilhas, especialmente a marcação feita por mulheres.

O marcador ou marcadora é responsável pelo direcionamento da quadrilha por meio de falas que orientam os passos coreográficos, pela animação dos dançarinos por meio de comandos e falas, e é um dos responsáveis por desenvolver o tema da quadrilha narrando, por exemplo, a história que o grupo está abordando em cada ano/temporada.

Melo (2018, p. 101) afirma que: “o marcador da quadrilha que lidera e conduz o grupo durante o desenvolvimento da apresentação no arraial, é a voz da quadrilha na encenação do espetáculo, responsável pela performance coletiva do grupo e pela interação com o público.”

A figura da pessoa marcadora é encarada pelos brincantes de quadrilhas como de grande responsabilidade: conduz o grupo e é a única pessoa avaliada de maneira individual durante a apresentação dos circuitos, cuja nota influencia a classificação geral da quadrilha na competição, pois se soma as notas atribuídas aos outros quesitos avaliados, tais como: coreografia, figurino, trilha sonora, entre outros.

De acordo com Silva (2020, p. 42)

Um bom marcador é um grande líder, que em sua voz traz a responsabilidade de animar e contribuir na energia cênica da sua quadrilha junina. Podemos dizer que a principal função do marcador é liderar um grupo de brincantes/quadrilheiros usando como ponto disparador de energia o poder de sua voz.

Dentro deste contexto descrito que proponho trazer relatos meus e de outras mulheres, enquanto marcadoras de quadrilha junina, levando em consideração que é uma função desempenhada majoritariamente por homens. Considerando que a presença de mulheres na marcação é rara, verifica-se também a escassez de pesquisas que falem sobre essas presenças marcadoras, o que evidencia a relevância da discussão aqui proposta.

Após ter sido eleita marcadora campeã do circuito³ da liga independente de quadrilhas juninas do distrito federal e entorno (Linq-dfe) em 2022, no meu ano de estreia, algumas novas questões emergiram: As pessoas que marcam quadrilha são vistas e avaliadas da mesma forma independente de fatores como gênero, raça ou orientação sexual? Como ocorre o processo de escolha dos integrantes que irão atuar na marcação? Após uma mulher iniciar na marcação, sua trajetória de inserção no movimento será a mesma dos marcadores homens? Por que, tradicionalmente, a marcação de quadrilhas tem sido feita por homens cisgênero?

Considerando as relações entre estes questionamentos e a minha vivência iniciei um processo reflexivo que acredito ser capaz de indicar hipóteses para as questões apresentadas. Marcadores sociais como preconceitos e falta de referências femininas dentro de um universo de tradição cultural liderada em sua maioria por homens, poderia revelar a origem da dificuldade da inserção de mulheres na marcação, que é um lugar tido como de autoridade, liderança e destaque.

As hipóteses começaram a ser formuladas antes que eu pudesse confirmar semelhanças na vivência de outras marcadoras, pois já havia percebido que para que eu tivesse a possibilidade de me descobrir marcadora, foi necessário que os presidentes homens, ao observarem a escassez de opções de pessoas para marcar em um período pós pandêmico (2022), me cogitassem como uma possibilidade de marcadora substituta, pois naquele momento nenhum homem era considerado apto para a função após o marcador anterior ter se afastado do grupo.

A sugestão para que eu fosse marcadora, partiu inicialmente do meu companheiro, até então noivo da quadrilha junina na qual fazíamos parte. Como forma de argumentação para convencer os integrantes, ele evidenciou minha formação acadêmica e a minha trajetória artística. Ser marcadora não era uma possibilidade que eu mesma havia cogitado

³ Link de matéria no Correio Braziliense sobre a final e a vitória no circuito: <https://www.correio braziliense.com.br/cidades-df/2022/07/5023288-elite-do-cerrado-vence-modulo-de-acesso-no-circuito-de-quadrilhas-do-df.html?fbclid=PA AaaKJTAvdul4Al6OiK WkFg5yWZdfmU>

ou almejado antes dessa sugestão, iniciei minha trajetória sem muita noção dos possíveis desdobramentos da minha presença nesse lugar.

O argumento final para que me escolhessem para atuar foi dado pelo coreógrafo do grupo, que colocou a minha presença na marcação como condição para coreografar naquele ano por considerar que uma mulher nesta função seria muito impactante. Naquele momento de escolha eu não refletia sobre as relações de poder que estavam naquele debate. Só diante da necessidade de resgatar tais fatos que compõe a minha trajetória que percebi que desde o início a minha atuação foi regulada por iniciativas feitas por homens.

A partir da instauração desse contexto, o objetivo geral desta pesquisa é analisar e refletir sobre aspectos da espetacularidade da marcação feminina e sua relação com questões socioculturais do contexto dos circuitos competitivos quadrilheiro, por meio de noções da etnocenologia, a fim de contribuir com discussões sobre representatividade feminina nos locais de liderança culturais, especialmente no contexto das quadrilhas juninas no Brasil.

Como caminho para realização do objetivo geral proponho as seguintes ações: relatar aspectos da minha experiência enquanto marcadora no movimento junino do Distrito federal em uma perspectiva etnocenológica e apoiada pela autoetnografia; dialogar com outras marcadoras do Brasil por meio da realização de entrevistas semiestruturadas e analisar questões existentes entre a espetacularidade da função de marcadora e as tensões geradas pelas representatividades femininas por meio de uma perspectiva interseccional das relações de poder.

Como abordagem metodológica a fim de analisar a prática da marcação feita por mulheres busco dialogar com noções discutidas na etnocenologia que é definida por seus pesquisadores e difundidores como um campo de estudo sobre: as Práticas e Comportamentos Humanos Espetaculares Organizados (PCHEO).

Independente do gênero artístico (circo, dança, teatro, performance, folguedos ou festas sacras), a etnocenologia irá voltar sua atenção para o que se produz de espetacularidade em qualquer que seja o evento, espetacularidade essa que se constitui como uma das principais noções teóricas da perspectiva disciplinar. Silva (2018, p. 04).

Para a etnocenologia, a partir dos pensares de Bião (2007), a espetacularidade pode ser compreendida como um comportamento extra cotidiano de corpos em estado alterado, em uma dinâmica relacional com quem assiste, gerando um sentido de grandiosidade, de algo fora do comum, portanto espetacular.

Conforme Dumas (2010, p .02)

As realizações de caráter espetacular vão além de uma necessidade vital, orgânica de sobrevivência. Relacionam-se com o jogo estético de um acontecimento que, ao ser executado, se completa na recepção do objeto por uma plateia que assiste, que contempla, que dialoga com o que é apresentado.

Para Varella (2024, p. 87), “as apresentações e/ou espetáculos quadrilheiros podem ser categorizadas como espetacularidades substantivas, a partir da perspectiva etnocenológica”, pelo fato de o espetáculo ser produzido com o intuito de atrair a atenção do público e a interação entre as parte ser estabelecida de maneira consciente.

Dessa forma, sendo a atuação de uma pessoa que marca quadrilha uma atividade diretamente ligada a uma interação e diálogos com um grupo de integrantes e com o público, a marcação é em sua essência um comportamento espetacularizado que se constrói de forma relacional com todo o contexto do espetáculo junino.

Na minha trajetória de me construir e me perceber marcadora, vivenciei e senti em minha pele situações sobre as quais reflito: será que a forma como vivenciei a marcação sendo uma mulher pertence a uma particularidade da minha experiência ou se é reflexo de uma conjuntura social estabelecida?

Anteriormente ao processo de relatar e refletir sobre minhas experiências, situo o meu contexto social considerando as especificidades de mulher branca, cisgênero, jovem, magra, da periferia do Distrito federal, que teve acesso a formação escolar básica e a graduação em artes cênicas na universidade federal, cuja família migrou da região nordeste (Paraíba) para o Centro-oeste.

Pontuo o meu contexto por compreender que a minha vivência parte de uma experiência única e particular embora saiba que a partir dos meus relatos e reflexões eu possa construir diálogos com questões mais coletivas, especialmente no universo das representatividades femininas no movimento junino.

Neste sentido, com consciência e que figuro como uma das exceções na porcentagem de marcadoras existentes no Brasil, e considerando a relação do meu contexto marcadora-pesquisadora, é que me utilizo da autoetnografia como aporte teórico no intuito de partir da minha subjetividade para discutir questões coletivas. Conforme Fortin (2010, p 83):

A autoetnografia (próxima da autobiografia, dos relatórios sobre si, das histórias de vida, dos relatos anedóticos) se caracteriza por uma escrita do “eu” que permite o ir e vir entre a experiência pessoal e dimensões culturais a fim de colocar em ressonância a parte interior e mais sensível de si.

Assim sendo, ao optar por construir uma pesquisa que permita transitar entre a minha experiência na quadrilha e na marcação dialogando com outras marcadoras e com as dimensões culturais desse contexto, estou me sensibilizando para reelaborar minhas memórias como parte de uma dimensão social. Em outras palavras, quando relato minha experiência percebendo que ela é mediada por uma estrutura sociocultural, compreendo que assim como Gama (2020, p. 205) : “O relato em primeira pessoa, dessa forma, não nega uma experiência coletiva, mas me coloca como parte dela.”

Para discutir sobre as questões vivenciadas por nós marcadoras, também me apoio nos conceitos de interseccionalidade, desenvolvido pela norte americana Kimberlé Crenshaw (2017) no intuito de evidenciar estruturas sociais discriminatórias que em conjunto geram um sistema de opressão específico, especialmente em relação a mulheres negras.

Para Akotirene (2018, p.14) “[...]a interseccionalidade visa dar instrumentalidade teórico-metodológica à inseparabilidade estrutural do racismo, capitalismo e cisheteropatriarcado”, e desse modo analiso como o meu contexto de mulher, branca, jovem, artista, e residente do Distrito federal, transpassa os meus processos artísticos e sociais enquanto marcadora, e como essas características se aproximam ou se diferem da vivência de outras marcadoras.

Na busca de tecer compreensões sobre as perguntas de pesquisa que se relacionam ao questionamento de como os contextos interseccionais relacionado a gênero, raça, e classe social, impactam as lideranças nos movimentos culturais, a pesquisa recorre também ao referencial teórico disponível sobre outras manifestações culturais populares como por exemplo o Boi bumbá e a Folia de reis.

Como fonte documental em diálogo com relatos e com o aporte teórico, utilizo materialidades como fotos, regulamentos, comentários de jurados dos circuitos competitivos, diálogos com outras marcadoras e brincantes do movimento junino, pesquisas em páginas e sites oficiais de grupos e federações juninas, dentre outros.

Em relação a escassez e a invisibilização de marcadoras, o pesquisador Elthon Gomes Fernandes da Silva, pontua em sua pesquisa intitulada: A Voz Nordestina em Cena: vivências na preparação vocal com Marcadores de Quadrilha Junina em João Pessoa (PB), o seguinte contexto de marcação:

Em segundo lugar, apresento uma observação resultante dos anos assistindo o Festival FUNJOPE de Quadrilhas Juninas de João Pessoa (PB), dos contatos

que fiz com os marcadores interessados durante a divulgação do curso e do que observei no primeiro dia de encontro: não houve inscrição de marcadora de quadrilha junina. Sobre esse fato, eu pude obter mais informações já no primeiro dia, quando os participantes comentaram que é muito difícil encontrar quadrilhas com mulheres na marcação. Citaram alguns exemplos de anos anteriores, com marcadoras em João Pessoa e em cidades do interior da Paraíba, mas comentaram que ainda é muito escassa a presença de mulheres marcando as quadrilhas, quando observado o contexto junino na Paraíba. Trago esta reflexão por sentir necessidade de, no futuro, olhar fatores que possam estar colaborando para esta ausência de oportunidades (invisibilização) para vozes femininas (das mulheres cis ou transgêneros) como marcadoras. Silva (2020, p. 47).

A observação feita pelo autor sobre a necessidade de olhar para os fatores que invisibilizam nossas vozes femininas na marcação, coincide com o recorte desta pesquisa.

A dissertação de Rômulo Estevam (2019), intitulada: “Marcadores de quadrilhas juninas em Belém do Pará: uma rasgação de afetos, trajetos e espetacularidades”, aborda pontos da espetacularidade marcadora ao analisar atuação de marcadores de quadrilha na cidade de Belém do Pará, inclusive considerando a própria vivência do autor enquanto avaliador de quadrilhas dos circuitos de sua região.

Estevam relata sobre sua percepção em relação a singularidade da atuação e da espetacularidade de cada marcador, mesmo que todos sejam avaliados com os mesmos critérios de regulamento, pois a forma de expressão e construção de personagens partem de repertórios e referências muito particulares.

Essa singularidade existente na forma como cada marcador(a) de quadrilha junina se apresenta, também é percebida entre as marcadoras mulheres, e dessa forma revela uma necessidade de estabelecer parâmetros mais específicos para avaliar a atuação de quem executa a marcação.

Neste sentido, compreendo que a relação entre a marcação e a espetacularidade recebe outras dimensões quando se trata da marcação executada por mulheres, pois alguns elementos como figurinos, movimentações corporais e timbre vocal diferenciam a atuação de homens e mulheres dentro da função de marcar.

Assim sendo, o destaque na percepção sobre a atuação de marcadoras, implica na discussão sobre representatividade e seus significados nesse contexto. Representatividade neste recorte de pesquisa, está ligada ao fato de que presença da minoria de mulheres marcadoras representa a possibilidade de existência em um lugar de destaque historicamente executado por homens.

Ao discutir questões de representatividade nas artes cênicas e ampliar a noção de representativo ao exemplificar as funções de identificação e reconhecimento que a representatividade possui, Dess (2022, p,07), afirma que:

Partindo de tais perspectivas e considerando o uso cotidiano do termo, podemos entender o conceito de representatividade, no contexto brasileiro, como a qualidade que, ao mesmo tempo, gera e é gerada por um organismo representativo quando esse adquire a capacidade de representar esteticamente, politicamente e socialmente determinada coletividade, sendo essa coletividade, na maioria das vezes, um grupo social minoritário.

Dessa forma, o conceito de representatividade no contexto desta pesquisa, envolve a compreensão de que as poucas mulheres marcadoras atuantes nas quadrilhas juninas do Brasil, abrem espaço para gerar discussões não só em relação aos motivos das marcadoras ainda serem minoria, mas para refletir sobre como se constroem suas espetacularidades.

No que se refere às questões sociais e os preconceitos vivenciados pelos corpos dissidentes dentro das comunidades quadrilheiras, destaco a pesquisa de Liana Melo (2018), intitulada: "Na minha quadrilha só tem gente que brilha": corporalidades dissidentes e direitos humanos nas quadrilhas juninas do Recife/PE, que embora não se dedique a discutir exclusivamente a atuação de marcadores e de mulheres marcadoras, aborda tais questões em um momento específico de sua dissertação situada nas relações quadrilheiras em Recife (PE).

Em relação a marcação, Liana Melo relata que assim como eu, percebe a presença quase que absoluta de homens na função de marcar, e que não existem questionamentos em relação a este cenário. Além disso, também relata que percebe um julgamento maior em relação as poucas mulheres que se colocam para marcar quadrilha em Recife.

A pesquisa de Cleire Varella, intitulada: Quadrilha(s) junina(s) do DF e Entorno: cenas, histórias e processos do Distrito Quadrilheiro, cita meu nome como colaboradora de pesquisa, e embora não se debruce sobre o recorte de gênero na marcação, apresenta diálogos sobre marcação que geram contribuições a esta pesquisa, especialmente no que se refere aos processos de marcação nos circuitos do Distrito Federal.

Varella (2024), se debruça mais especificamente em dois aspectos considerados marcantes e diferenciais do movimento quadrilheiro do DF: A presença do passo típico do DF chamado arriúna, e a atuação dos marcadores, que além de comandar os passos, contam histórias, interagem com o público e com os quadrilheiros enquanto assumem personagens dentro da história contada na temática da quadrilha

Sobre tais aspectos a autora discorre:

Se contarmos desde a década de 1980, quando as competições entre as quadrilhas das regiões administrativas começaram a se disseminar, temos quase quatro décadas de produções quadrilheiras distritais, sem haver uma produção acadêmica que centra suas reflexões nestes dois aspectos indicados, como possibilidades características da cena quadrilheira local. Varella (2024. p 45)

No contexto de pesquisa de Cleide Varella (2024), Dona Vilma Campos Paz é citada como a primeira marcadora de quadrilhas juninas do DF, situando a atuação dela em meados dos anos 80. Sobre a atuação de D. Vilma, a autora discorre, (2024. p 74):

[...]D. Vilma da Chapéu de Palha do Gama, como gosta de ser identificada. Ela é a fundadora da quadrilha e atual Presidente, e foi a primeira mulher marcadora dos circuitos competitivos do DF/E. Até os dias atuais, é quem cria e confecciona os trajes/figurinos da Chapéu de Palha do Gama.

Ainda que atualmente não esteja atuando na marcação⁴, o registro de Vilma como marcadora é relevante historicamente, ainda mais se observamos que ela se tornou marcadora por ser também fundadora do grupo em que fazia parte e dessa forma, cabia a ela determinar quem seriam as pessoas a ocupar os lugares de destaque na quadrilha.

No ano de 2024, na busca por marcadoras através dos perfis oficiais online⁵ das três entidades juninas do Distrito federal, pude estabelecer o seguinte panorama:

| | | |
|-------------------------------------------------|---------------------------|----------------------------|
| Liga independente de quadrilhas juninas do DF e | QUANTIDADE DE QUADRILHAS: | QUADRILHAS COM MARCADORAS: |
| | 22 Grupos filiados | 0 |

⁴ Vilma Paz faleceu em 2025 durante o período de produção desta pesquisa.

⁵ Informações coletadas dos perfis oficiais no Instagram das três entidades juninas citadas:
 União junina DF-E: <https://www.instagram.com/uniaojuninadfe/profilecard/?igsh=NDJ6Y2Z6aGV2a2g3>
 liga de quadrilhas juninas do DF-E <https://www.instagram.com/linqdf/profilecard/?igsh=NDJjcmxvZTc5NXA=>
 Federação -fequaju [:https://www.instagram.com/fequajudfe/profilecard/?igsh=MXR0NDMwYXU5MHhoZg==](https://www.instagram.com/fequajudfe/profilecard/?igsh=MXR0NDMwYXU5MHhoZg==)

| | | |
|------------------------------------|---------------------------|------------------------------------------------------------------------------------|
| União junina de quadrilhas do DF e | 18 GRUPOS FILIADOS | Duas quadrilhas/marcadoras: Arriba saia/ Patrícia Lopes Aparecida/ Ruthe Luz |
| Federação de quadrilhas juninas do | 15 GRUPOS FILIADOS | Uma quadrilha/marcadora: Vira e mexe/ Dalilian Mota |

Dessa forma, somando as três entidades realizadoras dos circuitos de quadrilhas no DF, tem-se 55 grupos de quadrilhas juninas ativas com um total de três marcadoras atuantes nos grupos do Distrito Federal e entorno no ano de 2024.⁶

Considerando a realidade posta, compreendo o processo desta pesquisa também como uma forma de registro da presença e trajetória de nós marcadoras de quadrilhas, a fim de contribuir com discussões sobre representatividade feminina e as relações de gênero no contexto das tradições juninas.

Por fim, a proposta de organização desta dissertação se dá em três capítulos nos quais me proponho a analisar a minha marcação na quadrilha junina com focos diferentes em cada um, e a partir de aspectos que se entrelaçam no recorte abordado.

No primeiro capítulo eu relato questões da minha experiência como uma das poucas marcadoras atuantes em circuitos de quadrilha junina no Distrito. Para a realização desse primeiro capítulo relato em cada subtópico momentos específicos do meu primeiro e segundo ano de marcadora, refletindo sobre acontecimentos marcantes de cada temporada.

No segundo capítulo, busco dialogar com a experiência de outras marcadoras, trazendo relatos obtidos por meio de entrevistas semiestruturadas e gravada em áudio, para que depois pudessem ser transcritas, a partir de um levantamento feito para localizar marcadoras do Distrito federal e outras regiões do Brasil. Neste capítulo, as falas das marcadoras auxiliam a ampliar a percepção sobre os aspectos abordados no capítulo um.

⁶ Em 2025 voltei a competir na Linq-DFe com a quadrilha junina Sol de Maria, e a federação volta a ter uma marcadora.

Com a finalidade de gerar apontamentos a partir das questões evidenciadas por meio de nossas experiências enquanto marcadoras, no terceiro capítulo eu retomo alguns pontos a partir das questões levantadas anteriormente, realizando uma análise crítica orientada por aporte teórico e surgida pela experiência.

Senhoras e senhores, ouvintes e leitores da minha voz dentro e fora do Arraiá, na próxima linhas, histórias de uma marcadora sonhadora no São João venho contar, com os sentidos bem atentos, peço que participem do meu brincar.

1 Quadrilha junina e a marcação: minha trajetória marcadora

É fim de tarde na cidade de Santa Maria, Distrito Federal, estou de volta a cidade que eu vivi praticamente a minha vida inteira, lugar onde eu morei desde criança, onde sempre estudei, e concluí minha formação básica. Não que eu tivesse parado de frequentar a cidade, mas agora eu estava lá para a minha estreia no lugar de marcadora. Sim, a minha primeira apresentação desempenhando esta função foi, por sorteio, sorte, ou destino, no lugar onde cresci.

A estrutura do tablado de apresentação está montada, a quadrilha está limitada ao número mínimo de doze casais exigidos para a competição. Na plateia, amigos, familiares e brincantes de quadrilha. Somos a primeira quadrilha a se apresentar naquele dia de competição. Estou usando um vestido costurado pela minha avó Maria Pereira, conhecida como Carmita, inspirado em uma foto da cantora Marinês, mulher, cantora, nordestina.

Uso uma roupa muito simples em relação aos diversos outros grupos que tem muitos detalhes, brilhos, rendas e babados na roupa, não quero dizer com isso que tipo de figurino é melhor, apenas que a simplicidade daquele vestido carregava muitas simbologias relacionadas à minha história, à história da minha avó, e à da Marinês.

Realizamos o desfile de entrada e nos preparamos para iniciar o espetáculo, o locutor do evento anuncia de maneira atípica a presença de uma marcador(a), com A no final, em sequência diz o meu nome, ouço gritos e aplausos, e mesmo com a euforia do momento, me sinto tranquila e presente.

O cronômetro do tempo de apresentação é acionado assim que entregam o microfone em minhas mãos. A música inicia, vou caminhando devagarinho dentro do tablado e entre

os dançarinos que permanecem imóveis, e então começo minha narrativa. É a estreia de uma marcadora no DF, depois de anos, de acordo com os quadrilheiros mais antigos do DF.

Naquela noite, recebi o meu primeiro certificado de melhor marcação do circuito, nos dias e meses seguintes vieram troféus, entrevistas e homenagens. Muitas mulheres me procuraram para partilhar as emoções vividas enquanto me assistiam, e assim, comecei meu processo de consolidação enquanto uma voz de liderança feminina no movimento junino.

A narrativa que busco construir dentro desta dissertação é de uma relação entre o espetáculo que ocorre no tablado -espaço de apresentação da quadrilha-, mas também de diversos fatores dos bastidores das apresentações que influenciam nos resultados vistos pelo público e pelos jurados. Em outras palavras, pretendo analisar a minha espetacularidade marcadora evidenciando não só os aspectos do espetáculo da quadrilha em si, mas a construção social anterior a este resultado.

Ao optar por relatar as minhas experiências na marcação analisando fatores sociais do meu contexto para além da análise artística, me identifiquei alguns argumentos elaborados pela autora *Judith Butler (2015) em Relatar a si mesmo: crítica da violência ética*, ao defender que a identidade de cada um de nós é formada a partir de processos sociais e que só conseguimos elaborar um relato de nós mesmos a partir de uma situação relacional com o outro. Para Butler (2015), para termos uma responsabilidade ética ao elaborarmos nós mesmos, devemos considerar nossas vulnerabilidade e limitações justamente pela condição de interdependência entre os seres de uma sociedade.

As questões trazidas por Butler (2015), se relacionam com inquietações minhas na busca de compreender como relatar minhas vivências enquanto mulher na marcação de maneira ética, considerando que a minha experiência é condicionada as interpelações tanto na vivência enquanto marcadora quanto no processo de escrita como pesquisadora.

A condição de relacionar-se para a existência do sujeito discutida por Butler (2015) provoca reflexões sobre como a minha narrativa de situações de enfrentamento de um sistema patriarcal dentro da manifestação cultural quadrilha.

Mesmo tendo amor pela quadrilha junina e pela marcação, eu neguei por alguns momentos pesquisar sobre este assunto por sentir que falar sobre algo que me é tão relevante exigiria de mim um envolvimento sensível que fosse capaz de acessar muitas memórias e sensações. Não quis de imediato “assumir” o tema por sentir em alguma

medida um medo de me expor e de tornar evidente fatos que de forma inconsciente me machucavam, pois sendo uma mulher em um lugar ocupado majoritariamente por homens, eu me protegi em algumas situações ignorando algumas emoções.

A prática de buscar relatar a mim mesma é agora uma forma de enfrentamento traumático, e esse enfrentamento tem sido um exercício no qual tenho acessado e reelaborado toda vez que penso sobre. Muitos eventos traumáticos foram “esquecidos” temporariamente, se realocando no meu corpo, na minha fala e na minha postura corporal.

Butler (2015, p. 62) também afirma que: “aprender a construir uma narrativa é prática crucial, principalmente quando pedaços descontinuados da experiência permanecem dissociados entre si em virtude de condições traumáticas.”

A partir do pensamento de Butler, entendo que o exercício que busco ao relatar a mim é uma constante relação entre o discurso e o agir, com o propósito de me construir através do agir e do pensar. Mesmo antes de refletir sobre a minha vivência para a elaboração da pesquisa, “Eu” me constituo enquanto persona marcadora a partir da relação com vários outros: Outro público, outra quadrilha, outros brincantes, outros apoios técnicos, outros jurados e sobretudo outra eu mesma enquanto “personagem” marcadora, que faz um recorte de si e de seu corpo para atuar naquele local de destaque.

Me identifico com bell hooks quando escreve sobre a teoria como prática libertadora (2013), pois é dessa forma que me relaciono com minha prática em diálogo com as teorias, sentindo e percebendo que

Cheguei à teoria porque estava machucada - A dor dentro de mim era tão intensa que não conseguia continuar vivendo. Cheguei à teoria desesperada, querendo compreender- aprender o que estava acontecendo dentro e ao redor de mim. Mais importante, queria fazer a dor ir embora. Vi na teoria, na época, um local de cura hooks (2013, p. 83).

Este relato sintetiza para mim a forma como tenho percebido que no processo de pesquisa e a partir do contato com outras autoras eu começo a formular e nomear os incômodos nas relações da quadrilha. Nesse sentido, assim como hooks a teoria me auxilia a compreender e apreender por onde são construídas as situações que me machucaram no lugar de marcadora. Ao longo do percurso na marcação me vi em momentos de dor, sentia que embora eu fosse uma figura de destaque na apresentação, nos bastidores⁷ do espetáculo a minha voz não era legitimada.

⁷ Ao longo do escrito eu utilizo o termo “bastidores” para referenciar todo o processo além da apresentação junina em si, desde ensaios, reuniões e o processo criativo. Em outras palavras, no contexto da presente pesquisa “bastidor” é tudo aquilo que não é visto pelo público que assiste ao espetáculo da quadrilha junina.

Neste primeiro capítulo, divido meus relatos e as reflexões sobre eles em tópicos separados de acontecimentos dos dois primeiros anos em que atuei enquanto marcadora nos circuitos competitivos do Distrito Federal.

Começarei a relatar o primeiro ano/temporada, onde iniciei a minha jornada marcadora e quando eu comecei a compreender a amplitude de todo o contexto que envolve a quadrilha, a marcação e as relações de gênero. O exercício de narrar os relatos trazidos a seguir tem sido para mim uma forma de elaboração de mim mesma. O que partilho a seguir pulsa em mim como memórias vivas que ao mesmo tempo que me assombram me impulsionam a ter coragem de reivindicar o meu lugar e a minha voz.

1.1 Primeira temporada: Lugar de mulher valente

*Sou viramundo virado
Pelo mundo do sertão
Mas ainda viro este mundo
Em festa, trabalho e pão
Marinês.⁸*

Em 2022 se inicia a minha trajetória enquanto marcadora. Na primeira parte deste capítulo quero analisar acontecimentos específicos da primeira temporada, que foi marcada por momentos de sucesso, intensidade e descobertas. Quero destacar que ao longo da minha escrita em forma de relatos, revisito algumas vivências com uma nova percepção, em diálogos com um aporte teórico que me auxilia a desenvolver compreensões mais amplas sobre o meu próprio processo artístico e cultural.

O contexto da minha chegada na marcação se relaciona com um processo histórico de transformações no fazer quadrilha e no modo como a marcação passou a ser entendida no movimento junino do DF. Ao longo do tempo, Varella (2024, p.113) afirma que: “[...]a marcação tornava-se cada vez mais performativa, teatralizada, tematizada, interativa, relacional e identitária, entre o marcador, a quadrilha e o público” dessa forma, é possível notar que me inseri na marcação em um momento que apenas a emissão dos comandos de coreografia não era a única coisa esperada de quem faz a marcação, esperase que o marcador atue como também como um personagem, ainda que essa expectativa não estivesse oficialmente formalizada.

⁸ trecho da música *Viramundo* do álbum *eu chego lá* (1967) da cantora de forró Marinês.

Na primeira temporada, a temática desenvolvida pelo grupo junino do qual fiz parte ressaltava a força e a liderança da mulher Brasileira, em especial da mulher nordestina, do sertão. O tema foi pensado antes que eu estivesse no lugar de marcadora, no qual inicialmente um homem seria a pessoa que contaria toda a história da “mulher valente” centrada na personagem da noiva. Quando me inseri no tema sendo uma mulher, a história ganhou outros sentidos, afinal, falar de mulheres fortes sendo uma mulher, traz uma outra dimensão para a narrativa.

Fui entrevistada por algumas mídias de comunicação⁹ e uma pergunta que esteve frequentemente presente foi: “quem veio antes, você enquanto marcadora ou o tema falando mulheres na liderança?”, Sempre respondia que a ordem das escolhas era o tema, e depois a marcadora, por mais que eu tenha adaptado alguns pontos da narrativa para o meu contexto.

Por meio desses relatos resgatados de memórias e vídeos, me questiono sobre a possibilidade do meu sucesso no ano de estreia ter se dado pelo impacto de uma mulher narrar a história de mulheres, mas que para além disso, também me pergunto se para uma mulher ser marcadora de quadrilha e ter uma boa repercussão ela precisa necessariamente falar de temáticas femininas. Ou seja, será que uma mulher só pode marcar temas que falem de mulher? Como se estabelece essa relação de marcadora quando minha atuação não se justifica em uma história que destaque o meu gênero?

Seguindo a mesma lógica reflexiva a partir desse recorte de gênero, me questiono sobre a presença de minorias que se inserem nos lugares de destaque quando as temáticas dialogam com essa presença. Em outras palavras, para que por exemplo, pessoas negras, indígenas, com deficiência, LGBTQIAPN+, entre outros se insiram nos lugares de destaque e liderança das quadrilhas juninas, é preciso que essa identidade seja justificada pelo tema? Para que essas presenças sejam consideradas aceitas, é preciso que a narrativa se apoie em suas especificidades? A representatividade da presença de cada identidade já não é suficiente como uma forma de reflexão e mudanças nesses locais?

Os meus questionamentos vão de encontro com o fato de que aparentemente para que um processo disruptivo aconteça, ele precisa de uma justificativa dentro do tema da quadrilha para isso. Em outras palavras, o fato de ter tido a impressão de que para muitos

⁹ Entrevista para a globo, (bom dia DF) sobre marcação no circuito de quadrilhas: [Bom Dia DF | Quadrilhas juninas se preparam para as apresentações | Globoplay](#)

a minha presença enquanto marcadora só fez sentido por eu estar marcando um tema que falasse de mulheres, me gerou essas inquietações.

Ainda tratando dessa justificativas que pareciam desqualificar a minha presença na primeira temporada, outro fator que reforça essa impressão relaciona-se ao fato de que na primeira etapa que competi como marcadora, a banca de avaliação foi composta por mulheres. Assim, brincantes da minha e de outra quadrilha comentavam que eu “dei sorte”, ou seja, só fui eleita marcadora campeã por ter sido avaliada apenas por mulheres.

De fato, o retorno que eu recebi das juradas que me avaliaram foi bem positivo e simbólicos naquele momento. Um dos comentários mais significativos para mim após a primeira temporada foi de uma jurada que de forma singela, simples, rápida e objetiva escreveu em apenas uma frase no campo de comentário avaliativo: “Uma grata surpresa”, seguido de uma nota 10.

Comentários como este mencionado acabam reforçando a ideia de que uma mulher marcadora gera um impacto, uma surpresa, reafirmando inclusive a raridade de presenças femininas nesse lugar.

Vejo, porém, que o discurso de que fui bem avaliada por ter sido avaliada por mulheres se relaciona com uma visão que desqualifica tanto a minha atuação quanto o profissionalismo e a capacidade das avaliadoras. Afinal, não ouvi comentários sobre marcadores serem bem avaliados por terem sido avaliados por homens.

Compreendo que um outro lado dessa observação possa partir da ideia de que se eu fosse avaliada por homens eu poderia sofrer mais resistência e preconceitos do que sendo avaliadas por mulheres. Mas ainda assim, ao avançar da competição, uma das etapas teve uma mesa de avaliadores composta por homens, e eu continuei em primeiro lugar, mas esse comentário de que eu tinha dado sorte, não foi mais justificado pela presença das avaliadoras.

Como mencionei, os próprios integrantes da quadrilha em que eu fazia parte naquela temporada tentaram me desmerecer, e antes mesmo da minha estreia muitos duvidaram da minha capacidade, esse é um fato de bastidor que também tinha influência no espetáculo, ainda mais considerando que na primeira etapa de competição a quadrilha entrou com o número mínimo de dançarinos para competir, muitos integrantes que não estavam presentes no tablado, assistiram da plateia a junina em que faziam parte e analisavam minha atuação. Depois da primeira vitória, o número de dançarinos aumentou consideravelmente.

À medida que vinham os títulos e o reconhecimento de lideranças do movimento junino, os integrantes daquela junina em que comecei como marcadora passavam a parecer me respeitar e reconhecer, mas eu não consegui me envolver de fato, por me lembrar que antes de ser marcadora, eu fui julgada.

Na realidade, eu procurei “manter o pé no chão”, diante de todos os acontecimentos tão rápidos e intensos desde que pisei pela primeira vez os meus pés em um tablado sendo marcadora, não me apegava aos elogios e admirações de quem antes me criticavam por saber que na mesma velocidade em que a crítica se tornou elogio, o inverso poderia acontecer. Mas para além desse ponto, eu precisei me manter tranquila porque fora também do grupo em que fazia parte eu também estava ganhando notoriedade, em poucos dias de desconhecida, me tornei “a marcadora” dentro daquele universo cultural.

Para que a fama dentro da bolha do movimento junino não me fizesse sair do foco, e que aquilo não compromettesse o meu bem-estar psíquico, busquei continuar sendo eu mesma, fazendo a minha parte, sem ficar tão deslumbrada, pois em pouco tempo aquela visibilidade poderia passar. Curiosamente, essa postura foi percebida pelos homens, principalmente os da direção da então junina, como um sinal de extrema humildade da minha parte e fui muito elogiada por isso.

Durante alguns encontros com esses diretores para gravação de entrevistas, alguns comentários deles retratam essa impressão de que eles apreciavam minha humildade. Em um momento, esperando para gravação um deles relatou: “me surpreende o quanto você permanece humilde, mesmo como toda vitória e fama, você não mudou quem você é continua sendo uma menina tranquila” (registro oral) Seria esse um elogio de admiração ou um incentivo para que seu fosse comedida?

Em um outro momento, outro diretor que cuidava da agenda de apresentações da quadrilha observou verbalmente que a partir do momento que me tornei marcadora o grupo passou a receber mais propostas de contratos e que apesar de ser bom para todos tornava a quadrilha dependente da minha presença. Assim, afirmou que eu era “a solução e ao mesmo tempo o problema do grupo”.

Em alguma medida, acredito que estes ocorridos se relacionam com afirmações de Estés (1997, p 69) que discorre que: “este treinamento básico para que as mulheres “sejam boazinhas”, faz com elas ignorem sua intuição.”

Percebo atualmente, que o elogio e o incentivo dos diretores para que fosse “humilde”, e se refletiu na minha postura contida e acuada nos momentos de convivência

fora das apresentações, além da postura corporal, mãos para trás, voz tímida e mansa, com expressões em minhas falas que me inferiorizavam.

A fim de exemplificar a forma como percebo a minha postura comedida vista como humilde narro aqui uma ocasião em específico. No dia 8 de julho de 2022 eu fui convidada para compor a mesa de sessão solene ¹⁰em homenagem ao dia nacional do quadrilheiro no congresso nacional, além de ser uma das homenageadas, tive a oportunidade de ter um momento de oratória, ainda que não tivesse preparado previamente um discurso. Ao revisitar a minha fala, noto que essa postura tímida me impedia de comunicar o que eu estava de fato sentindo naquele momento.

Apesar de agora me sentir mais livre e encorajada para partilhar a minha percepção, algumas frases dentro daquele discurso revelam a essência da minha forma pensar e me colocar no mundo, embora eu perceba que algumas frases ditas de forma improvisadas, não foram bem colocadas. A exemplo do trecho a seguir:

“Eu tô na função de marcadora, nesse ano, nesse momento, e como que essa ressignificação de acordo com os temas, de acordo com aquilo que é trazido em cada história, de cada grupo em seu enredo, faz com que a gente dialogue de uma maneira mais próxima da comunidade, das pessoas que estão no povo e não tem acesso a cultura de outras maneiras, isso significa muito para uma transformação da sociedade [...]

A partir desse trecho consigo notar a visão que tenho até hoje sobre o impacto social do movimento de quadrilha junina enquanto manifestação cultural, soube dentro de mim que a partir das apresentações era possível gerar diálogo e reflexão com a população, até porque essa característica não é uma exclusividade apenas da quadrilha, e que nesse sentido estava mencionando uma dimensão de função social da arte.

O que considero equivocado dentro dessa fala é que ela revela uma noção de que as comunidades não possuem cultura por si mesmas, ou que a quadrilha junina de forma espetacularizada é a única forma das comunidades periféricas de ter contato com arte e reflexões sociais. Esse discurso também é problemático e contraditório justamente pelo fato de que a própria quadrilha ser uma arte desenvolvida dentro das próprias comunidades periféricas, e dessa forma, os próprios brincantes de quadrilha que formulam para si e para o público as críticas e reflexões presentes em seus temas juninos.

¹⁰ Trecho da minha oratória na sessão solene disponível em:

https://www.camara.leg.br/evento-legislativo/66103?a=552742&t=1657307889977_trechos_Orador=



Print da live transmitida em 08/02/2022 no congresso Nacional, em sessão solene em homenagem ao dia nacional do quadrilheiro.

Após relatar e sobre as colocações do contexto social da quadrilha, percebo que a experiência reflexiva na pós-graduação tem colaborado para que eu compreenda e me sinta encorajada a assumir o meu lugar social como marcadora. A marcação, que antes não tinha sido um espaço almejado e sequer cogitado por mim, me chegou como uma proposta de substituição diante de uma necessidade de uma quadrilha e se transformou em um lugar de luta, de voz e resistência.

Aos poucos, as experiências como marcadora, professora, artista e pesquisadora foram se relacionando e ganhando novos sentidos. Encontrei na emissão da minha voz no espetáculo o meu lugar no mundo, uma ideia para defender e um propósito por qual lutar. Venho sentindo e compreendendo que é na arte de marcar quadrilha que encontro a possibilidade de contribuir com as transformações necessárias em relação a inserção social de mulheres artistas, especialmente nas manifestações culturais tradicionais.

De fato, embora eu soubesse que o local de marcadora ou qualquer outro destaque poder ia ser facilmente alterado, a minha presença passou a se tornar tão marcante que o argumento de que eu seria uma substituta ou um improviso já não mais funcionava. A identidade da marcadora em mim passou a ser parte indissociável de quem eu sou, passei do estado de estar marcadora para ser uma marcadora. Independentemente de estar trajada ou não, dentro e fora do tablado, com ou sem microfone, passei a ser uma marcadora.

Nos anos seguintes após minha primeira temporada como marcadora, em 2023 e 2024, outras marcadoras surgiram em grupos das três federações do Distrito Federal,

algumas delas, ao se encontrarem comigo nos eventos juninos me relataram que a iniciativa de marcar quadrilha se deu por influência da minha presença.

Em uma das etapas em que fui campeã em 2022, eu ouvi de mulheres até então dançarinas, frases como: “ano que vem eu vou marcar minha quadrilha, tendo você como inspiração”, e “eu sempre tive vontade, mas tive medo de ser julgada, aí eu vi você, e ano que vem sou eu marcando a minha junina”. (registro oral)

O fato de inspirar outras mulheres para mim é um dos marcos que evidenciam que a minha presença não tinha mais reflexo apenas no tablado, mas que movimentava algumas relações nos bastidores. Também vivenciei encontros com mulheres mais velhas que me abraçaram emocionadas após assistir a apresentação, fazendo com que eu assimilasse aos poucos o que aquele lugar representava. Após todas essas considerações de bastidores, analiso as apresentações com uma perspectiva diferente, quando assisto os vídeos de apresentações eu penso também no que ocorria fora daquelas câmeras.

Judith Butler em *Quadros de guerra* (2010), aborda o conceito de enquadramento como sendo uma tentativa estabelecida por normas sociais de limitar dentro de um quadro ou moldura, os limites pelos quais uma situação deve ser vista e analisada. Para a autora, no contexto da guerra, os enquadramentos buscam delimitar e forjar a imagem de quais vidas devem ser vividas, reconhecidas e quais merecem a comoção e o luto.

No meu contexto, entendo que o enquadramento discutido pela autora, se relaciona com a minha imagem divulgada enquanto representatividade feminina pelos líderes culturais, em contrapartida com as relações de poder dos bastidores que buscavam determinar como essa imagem deveria ser apresentada. Em outras palavras, o domínio patriarcal dos bastidores é o que foge do enquadramento que sistema patriarcal delimitou para mim como uma imagem moldada enquanto marcadora.

Em contrapartida, o meu relato de mim mesma me chega como uma forma de “vazar” os limites da imagem produzida e emoldurada de uma mulher que se coloca para marcar quadrilha de maneira modesta e despretensiosa.

Assim, a minha pesquisa, que parte de relatos pessoais, é um processo de vazamento do enquadramento feito para me conter em moldes estabelecidos, sendo também a pesquisa uma forma de “enquadrar o enquadramento ou o na verdade o enquadrador” Butler (2010, p. 8), justamente no sentido na de evidenciar na pesquisa os limites ou quadros que o patriarcado tenta delimitar em relação aos papéis de gênero dentro das quadrilhas juninas.

Se nos bastidores, fora das apresentações eu precisava lutar para entender o meu lugar, me sentindo retraída e sem ter minha voz ouvida e legitimada, no tablado era onde eu sentia que os limites do enquadramento patriarcal não davam conta de me conter ou de moldar o meu comportamento. Para quem me assistia, um lado pulsante do meu ser se mostrava.

A espetacularidade da marcação é nesse sentido o meu meio de libertação e de expressão de um “eu” contido fora daquela relação com o público. Na primeira temporada, o tema da mulher valente foi uma possibilidade para que eu construísse uma personagem que pudesse falar do sentimento de uma mulher que se inspira em outras mulheres para construir sua narrativa. Dentre as diversas inspirações, me vi encorajada a falar e marcar, quando encontrei no tema uma “brecha” para dialogar com Marinês.

1.2 Mulher valente: marcadora-Marinês

Na imagem produzida no espetáculo, como antes mencionado, eu falava da força da mulher brasileira, usava um vestido simples costurado pela minha avó, Dona Maria Pereira, inspirado em Marinês, cantora, mulher, brasileira, nordestina, a primeira mulher a fundar um trio de forró, e que foi considerada a rainha do xaxado.

Além do figurino, me inspirei e ainda me inspiro em letras de músicas cantadas por Marinês para cantar e para a escrita de meus textos na marcação, sobretudo, Marinês é inspiração de uma artista de personalidade forte, que expressava sua personalidade por meio da arte.

A pesquisadora Sidcléa Moraes desenvolveu uma análise a partir de uma das músicas de Marinês, a canção desabafo, de 1982, na qual a cantora se posiciona em trechos que dizem: “Eu quero a minha vida como ela é como o povo sabe com o chão no pé” e “E: “quem quiser pode falar, falar, falar, falar, falar, falar, que eu não vou mudar”. Sobre Marinês e seu desabafo, a autora discorre:

A Rainha do Xaxado foi uma mulher sempre à frente do seu tempo e por isso recebia críticas da sociedade, algo que lhe incomodava bastante, mas ela não deixava de dar sua resposta através da música. Foi assim com Desabafo, cansada de ouvir sobre sua vida por meio das mídias da época, encomendou uma canção que descrevesse exatamente sobre seu jeito de ser, uma mulher independente, que gostava de ter o comando das suas ações. Moraes (2021, p .9)

Estar atuando enquanto marcadora tendo Marinês como referência era para mim um lugar libertador, um lugar de conexão com as raízes paraibanas da minha família, era viver uma cultura que me fazia sentir viva e dava sentido. Encontrei em vozes como a de Marinês, um refúgio para me permitir ser. Enquanto estava no tablado eu poderia ser a mulher valente, a Marinês e a marcadora.



2022- Etapa do circuito Linqdfé.



1962- Capa do disco "Marinês outra vez"

Nessa relação dentro e fora do tablado, muitas pessoas que me assistiram me relataram após as apresentações que acharam que eu tinha encarnado outra persona, que eu me transformava em outro alguém quando estava marcando a quadrilha. É neste sentido que me apoio na noção etnocenológica desenvolvida por Graça Veloso (2016) como corpo em estado alterado, no sentido de que meu corpo que se coloca na função de marcadora, se altera e se configura para aquela prática.

Para Veloso (2016, p.100): [...] “Ao olhar para as manifestações tradicionais, das memórias antigas, o que veremos serão corpos em estado alterado, mostrando sua fé na teatralidade e na performatividade de seus rituais.” No contexto da marcação que faz parte de uma tradição relacionada à festividade de São João, percebo um corpo alterado em função de representar uma cultura e uma temática, incorporando um personagem que narra uma história, retrato da fé na festa.

O meu corpo marcadora conta uma história juntamente com a vocalidade toda vez que me coloco para marcar. Embora existam ensaios e um processo de memorização do texto a ser marcado, algo a mais transborda, e este algo está relacionado com a energia presente no público, na quadrilha e no envolvimento com o momento presente que se expressa em gestos espontâneos que o corpo em marcação produz.

Em outras palavras, ainda que eu tenha ensaiado previamente meu posicionamento e falas em cena, a dinâmica da marcação exige entrega e improviso, pois se trata literalmente de uma arte em movimento e em constante diálogo com o espaço, os dançarinos e o público. Dentro de todo esse contexto, o corpo presente e alterado para marcar, consegue realizar coisas das quais muitas vezes eu nem me lembro, e aquela experiência de corpo vivo e presente, gera gestos, modulações vocais e expressões que só vão ser percebidas por mim posteriormente em fotos e vídeos.

Nesse sentido, dentro de uma noção da tradição viva e reinventada da quadrilha e da marcação é que meu corpo se insere, e assim, de acordo com Dumas (2012, p.150): “Entendendo a cena como espaço de produção e transmissão de conhecimento, pode-se inferir que os estudos etnocenológicos evocam um corpo com sua complexidade, envolvido na emissão e recepção de sentidos.” A complexidade do corpo marcadora também está a comunicar a marcação com um corpo e uma imagem associada ao feminino, evento raro dentro do movimento quadrilheiro.

Quando Dumas (2012), discorre sobre a oralidade em cena numa percepção etnocenológica, penso em como este corpo marcadora transmite mensagens não só com a voz, que é tratada como elemento principal da marcação, mas com o corpo que se movimenta entre os dançarinos, que é feminino e usa saia, maquiagem e cabelos longos, que opta por não buscar se enquadrar ou se parecer com o modo de fazer dos marcadores homens, para a autora:

Entretanto, ao observar os processos de comunicação, percebe-se que o corpo implicado nos eventos cênicos apresenta-se de forma muito mais complexa, no qual uma rede de sensações e sentidos é acionada determinando o interesse, a inserção, o aprendizado, a produção e participação de pessoas, atores/brincantes e/ou plateia/ comunidade (Dumas 2012, p 152).

Assim sendo, percebo que a minha presença na marcação vem sendo um dos elementos de transformação necessária na tradição de quadrilhas juninas, e que meu corpo em estado alterado em cena é uma forma de comunicar que a tradição pode e deve ser mantida, apesar de atualizada, e que a qualidade da marcação se localiza na dinâmica de corpos presentes e não limitada aos gêneros.

Um exemplo que auxilia na compreensão de um corpo em estado alterado para marcar é o relato do marcador Dell maluko em entrevista para pesquisa realizada pelo autor Jonilson Rodrigues (2021, p. 40): “[...] Eu me transformo totalmente, o povo me vê como o personagem em corpo presente”. Neste trecho, é possível perceber que o estado de presença do corpo é fator essencial para a transformação do marcador em personagem e assim para que o público perceba este ser que está em cena.

Enquanto estou marcando, também penso que assim como Zélia Duncan afirma na canção *Quem canta seus males espanta*: “eu me transformo em outras”. Estou me transformando, me transmutando e transbordando em outras. Outras mulheres inspiradoras, outras faces de mim e outras que me auxiliam em me construir enquanto marcadora. Nesta curta e promissora jornada na marcação me sinto como a cantora, especialmente ao dizer que entra em transe ao cantar, e que a desgraça vira encanto, se transformando em outras.

Na realidade, quando paro para analisar a minha atuação, sinto que a lógica é ao contrário, embora para muitos que me assistem eu incorpore uma espécie de entidade marcadora, é ali dentro do tablado que eu me sinto eu mesma, e consigo mostrar as minhas outras faces que quiseram falar, eu estava inteira e entregue, quando meu corpo se concentrava para estar ali presente era quando eu me sentia livre e sem medo de mostrar o eu que habita por dentro, ali estou em casa, e ali respiro o ar de quem eu sou.

Observando essa relação de bastidores e espetáculo, consigo compreender que dentro do tablado era onde podia sentir liberdade, pois o barulho externo e os problemas dos bastidores não eram o foco, eu conseguia assumir a minha voz poética e o meu corpo marcadora-Marinês sem ter medo de me mostrar, o que para muitos pode ser assustador, se tornou meu ambiente seguro durante a temporada.

O tablado para mim era como o sonho apavorante discutido por Estés (1997) ao dizer que eles são bons para a criatividade, pois:” eles mostram a artista o que lhe acontecerá se ela se permitir ser reduzida a uma talentosa inválida”. O lugar da marcação era onde eu não podia ser reduzida.

Voltar para a realidade após o espetáculo era ter que lidar com as pessoas que mesmo se beneficiando da minha liderança na marcação me atacavam e duvidavam da minha capacidade, ou lidar com o receio de que mesmo recebendo elogios, em qualquer sinal de deslize eu poderia ser julgada e cobrada, a pressão era externa, e meu corpo alterado em cena conseguia estar presente pois eram aquelas minutos de espetáculo que me faziam suportar todo o processo de bastidores.

Ainda que a atuação de cada marcador seja singular, alguns parâmetros são utilizados para avaliar essa atuação dentro dos circuitos. Tendo como referência esses parâmetros elaborados dentro dos regulamentos das entidades juninas do Distrito Federal, tenho investigado a combinação de fatores que fizeram com que eu fosse bem avaliada na minha estreia. Na federação de quadrilhas juninas do Distrito federal e entorno o quesito marcação é avaliado conforme o trecho da imagem a seguir:

§ 2º – O quesito **MARCAÇÃO**, será avaliado com base nos seguintes subquesitos:

- **Condução** Será observado se o/a marcador(a) emite com clareza e precisão os comandos (visuais e/ou sonoros), bem como se desenvolve uma condução e possui capacidade de liderar o grupo. Observa-se se este atende aos comandos ou dança de forma automática, ou seja, avalia-se se o/a marcador(a) faz-se necessário na apresentação;
- **Vivacidade** – Deverá ser observado se o marcador possui energia e tônus corporal, se é entusiasmado, se empolga a sua quadrilha e o público em geral.
- **Compreensão Oral** – Avalia-se a sua clareza na emissão da mensagem (se há conflito entre a voz do marcador e a trilha sonora, se há uma equalização do som do microfone do marcador com o volume da trilha utilizada), se há uma contextualização do eventual tema proposto, bem como dos comandos emitidos de forma sonora.
- **Desenvoltura** – Avalia-se suas capacidades de domínio, liderança e utilização consciente do espaço, sua comunicação com os demais componentes da Quadrilha Junina (banda, se houver, e demais brincantes) e com o público, bem como sua desenvoltura e presença cênica, eventualmente proposta e sua relação com o tema.

Regulamento oficial do circuito candangão de quadrilhas juninas do DF e entorno. Documento de circulação interna dos associados.

A partir de tais subquesitos, percebo aspectos que acredito que auxiliaram a consolidar o meu destaque enquanto marcadora. Ao contrário de vários outros grupos, a quadrilha se apresentou de maneira mais simples, sem muitos elementos em cena.

Dessa forma, de forma intencional ou não, a ausência de cenários, banda ao vivo ou grande efeitos, favoreciam o meu destaque em cena, sem muitos outros elementos que dividissem a atenção. Nesse sentido, se eu demonstrasse um bom domínio da marcação, seria bem avaliada, ao mesmo tempo, corria riscos de ter muita atenção voltada para mim, e algum deslize ser mais evidente.

A cena inicial da quadrilha se construía em um formato que me colocava em evidência. Os primeiros três minutos de apresentação eram marcados de uma forma que eu considero incomum em um espetáculo de quadrilha junina, os dançarinos ficavam imóveis e distribuídos no espaço, enquanto uma música lenta e instrumental tocava eu caminhava entre os integrantes narrando um texto que introduzia a história de um povo do sertão que ia em busca de trabalho, tendo uma mulher como líder. Aquela cena inicial,

era mais focada na minha presença e minha oratória, potencializando os quesitos de desenvoltura e vivacidade.

No início do espetáculo, eu era o primeiro corpo em cena a se movimentar, a ter algo para dizer, entendo aqueles primeiros minutos de apresentação como definidores de todo restante, a partir da minha presença e concentração na cena inicial, eu conseguia criar energia necessária para me manter “no personagem” durante toda apresentação.

No decorrer da apresentação, um outro momento para mim se apresenta como significativo e que merece ser mencionado, a música referida pelos brincantes do movimento como “quadrilhão”, onde são executados os passos e desenhos coreográficos mais tradicionais de quadrilha tais como grande roda, túnel e passeio nesse tema era toda instrumental, e toda ação e animação dos dançarinos era conduzida por meio das minhas falas, o que reforçava a minha postura de liderança e condução dentro da apresentação.

Um terceiro momento que destaco como marcante dentro do tema é a cena final, na qual uma nova música lenta iniciava, e durante a minha fala em homenagem a mulheres Brasileiras, as dançarinas tiravam um tecido do bolso e estendiam acima da cabeça, cada um dos tecidos tinham o nome de uma mulher Brasileira importante para a história. Dentre todos aqueles tecidos, eu escolhi tirar também do meu bolso um pano com o nome da Marinês, ali o espetáculo era coroadado, o clima era comovente, e podíamos sair gratos de cena.



Circuito Inq-dfe 2022. Cena final do espetáculo.

Avalio o tema de 2022 como um todo, como um espetáculo que me inseria diretamente na história, a simplicidade das cenas com transições bem-feitas e uma narrativa clara, centrada na força e na coragem da mulher brasileira, fazia com que a mensagem chegasse ao público de maneira objetiva e a homenagem às mulheres era feita com sucesso, ainda que de forma contraditória eu estivesse passando por machismos e silenciamento nos bastidores.

Por isso, é possível entender que dentro de um espetáculo de quadrilha junina, embora o marcador seja voz de liderança e que influencia diretamente na interação entre dançarinos e público por exemplo, também é importante compreender que todos os elementos do espetáculo interferem um do outro, criando uma relação de interdependência, onde normalmente o sucesso de um tem reflexos no outro.

Combinados a todos os outros elementos da construção de espetáculo, o sucesso da marcadora Marinês, da mulher valente, em seu ano de estreia, abriu portas e um local de fala, porém ainda assim mediado e possibilitado por meio de permissões masculinas. A minha presença foi um convite, permitido e controlado por homens, e a partir das repercussões dela, uma tentativa de se apropriar da minha imagem para promover um discurso, enquanto meu corpo sofria limitações. Sobre esses fatos em relação a Marinês, Sidcleia Moraes acrescenta:

Tomemos como exemplo a experiência de Marinês que, mesmo trazendo uma imagem de empoderamento para mulheres, foi nomeada a Rainha do Xaxado por um homem. Ou seja, da mesma forma que o forró empodera, a legitimação só acontece através de uma figura masculina, a ponto de ser chamada de “Luiz Gonzaga de saias”. (Moraes, 2021, p 11)

Por meio do exemplo da Marinês, da minha própria vivência, e de tantos outros eventos que se configuram da mesma forma em relação à presença de mulheres nos lugares de liderança é que é possível compreender que a inserção dessas presenças é apenas o primeiro passo na busca de mudanças estruturais. Após o início da minha atuação enquanto marcadora, eu preciso buscar formas estratégicas de continuar naquele espaço e conseguir falar, ter minha voz ouvida.

Considerando essas percepções dos acontecimentos da primeira temporada, é que faço a transição dos relatos da segunda temporada como uma continuidade de caminho para entender o meu local e a minha imagem enquanto marcadora.

1.2 Segunda temporada: em busca das minhas raízes

*Eu Tenho sede de viver
Da raiz do meu Nordeste
E ainda que me teste
Eu não vou esquecer
Do que eu nasci pra ser
Do que custei aprender...*

No ano seguinte (2023), após minha primeira temporada como marcadora, a temática desenvolvida pelo grupo não tinha mais uma figura feminina como elemento central, logo eu poderia explorar melhor como a construção da atuação ocorria sem ter como foco o discurso da liderança feminina. Mesmo que minha presença tensionasse essas relações, o discurso da personagem não enfatizava o gênero dentro da narrativa.

O tema escolhido a partir de decisões da diretoria abordava a história de brasileiros retirantes que vieram de estados do nordeste brasileiro para sobreviver na capital Brasília e encontraram nas feiras uma forma de trazer o sustento familiar, além da possibilidade de manter as tradições de raízes nordestinas, cada um trazendo que o fazia de melhor desde culinária até artesanato. A quadrilha junina tende a abordar temáticas relacionadas a fatos históricos brasileiros e personalidades relevantes.

Dentro da narrativa abordada, a minha personagem era uma poeta cordelista, que escrevia histórias e as vendia na feira em forma de literatura de cordel. A proposta do personagem era desenvolver histórias sobre o cotidiano de pessoas nordestinas na capital

brasiliense em forma de cordel, que apresentam a identidade cultural nordestina ao centro do Brasil. Dentro do tema, a minha personagem também narrava a história do casal de noivos, que se conheciam e se casavam dentro da feira.

Fui a responsável pelo desenvolvimento do tema, escolhi os nomes dos personagens e escrevi como a sequência acontecia. Embora eu tenha me dedicado em compor uma história coerente entre os elementos, além de um início meio e fim bem determinados, a forma como o tema iria ser executado não dependia da minha percepção, os diretores e coreógrafo precisavam construir e aprovar as cenas também.

Para que a quadrilha tivesse mais um ano de bom desempenho, era preciso que o meu trabalho junto com o coreógrafo e o casal de noivos estivessem alinhados. Considerando que a atuação dos noivos e a marcação são quesitos avaliados de forma específica pelos jurados, o ideal era que construíssemos o tema de uma maneira que esses personagens conseguissem criar seus momentos de destaque e que a interação com o grupo reforçasse os aspectos de liderança de cada personagem destaque.

Essa compreensão da dinâmica entre os idealizadores dos espetáculos juntamente com a marcação aqui relatada é reforçada por Rodrigues (2021. p, 30), quando afirma que:

Percebe-se que a relação harmoniosa deve ser sempre estabelecida entre o marcador e os outros componentes do grupo junino, pois é necessário que haja total confiança e credibilidade, assim como certo grau de amizade, pois o marcador é aquele sujeito que precisa de liberdade em suas expressões.

A partir da afirmação entende-se que o meu trabalho na marcação juntamente com o processo criativo no desenvolvimento do tema precisava ter seus objetivos alinhados para que eu fosse capaz de articular minha expressividade. Também acredito ser compreensível que para a execução dos objetivos eu precisava dessa liberdade citada pelo autor.

Importante colocar que além de marcadora meu nome era registrado nos documentos da associação como diretora cultural do grupo, com o entendimento de que minha função era justamente na parte criativa da apresentação, além disso, eu era a única mulher que fazia parte do corpo diretivo da quadrilha. Considerando essas funções, o ideal era que as minhas colocações fossem tidas como parte importante do processo.

Entretanto, mesmo após uma temporada em que as minhas colocações na marcação tiveram êxito, as observações que eu fazia no lugar de marcadora e diretora cultural não pareciam ter relevância perante as opiniões dos demais diretores. Durante

todo processo de concepção do tema, nos ensaios e nas reuniões eu observei que as minhas opiniões não eram acatadas e a minha experiência não era vista como significativa entre os demais responsáveis pelas decisões do tema.

Durante os ensaios, eu sinalizei aos responsáveis uma preocupação com detalhes que poderiam ser prejudiciais ao espetáculo e a marcação caso não fossem corrigidos. Percebi que entre uma música e outra as intensidades variavam muito e que isso prejudicava a marcação e a mudança brusca no volume também interferia na forma como minha voz ecoava no microfone. Também considerava que as escolhas dos diretores não auxiliavam a contextualizar a história escrita por mim, a ausência de músicas mais instrumentais e atrapalhava minha marcação.

Observei que no espetáculo de 2023 a quadrilha tinha mais momentos de encenação do que de dança, e isso poderia ser visto como problema para quem fosse avaliar o espetáculo, pois nos regulamentos dos circuitos a dança típica está descrita como um dos principais elementos que caracterizam a quadrilha enquanto manifestação cultural, devendo ser mantida no maior tempo do espetáculo, assim, mesmo compreendendo a importância de cenas teatrais que contextualizam o tema, observava que o tempo de encenação deveria ser menor.

Além disso, muitas partes da apresentação eram realizadas no fundo do tablado, com os dançarinos aglomerados no final do espaço, o que dificultava a visualização do público e dos jurados.

Todas essas observações feitas me preocupavam pois durante os ensaios, ainda que eu pudesse ter uma noção de como seríamos avaliados, as minhas sugestões e até mesmo pedidos de mudança não eram acolhidos. À medida que se aproximava o início das apresentações, eu me sentia insegura por associar a minha imagem a um trabalho cujo potencial, na minha percepção, não estava sendo valorizado.

Com tais afirmações, não quero dizer que o espetáculo apresentado não tinha qualidade, ou que eu tinha todas as respostas para o que daria certo ou não, certamente os jurados poderiam fazer observações que eu não tivesse pensado, mas o que me inquietava era saber que mesmo estando cientes do que poderia ser um problema na apresentação, não houve busca por melhorias.

Na verdade, mais difícil era sentir que as sugestões não eram acolhidas porque eram feitas por mim, a única mulher da direção, que mesmo demonstrando ter capacidade para estar naquele lugar, ainda não tinha sua voz validada pelos demais diretores. Aliás, pelo que tenho observado e pesquisado, a participação das mulheres também é minoritária

na direção/coordenação dos grupos, não sendo uma exclusividade apenas da junina da qual eu fazia parte.

Sobre esse fato, Gizele Souza (2017) observa em seu processo de pesquisa, que apesar das mulheres da quadrilha pesquisada exercerem várias funções elas enfrentam muita dificuldade em assumir papéis de liderança em suas quadrilhas, e que os líderes são todos homens.

Nesse processo, além da dificuldade em assumir a liderança, para que nós mulheres possamos permanecer nesses lugares, outros desafios surgem, como a resistência necessária para sermos valorizadas e respeitadas, conforme venho relatando. No meu caso, por exemplo, os prêmios, meu diploma em Artes Cênicas e a trajetória no movimento junino até me tornar diretora cultural não pareciam ser suficientes.

Durante esse processo desgastante, percebia o quanto as escolhas relacionadas aos outros quesitos (coreografia, trilha sonora, posicionamento em cena), afetam na qualidade da marcação, e que mesmo que desse o meu melhor, fazer só a minha parte não era tudo, pois a relação da marcação e da quadrilha fazem muita diferença, a sintonia do marcador com que estava sendo executado também é algo avaliado.

Após a primeira etapa da competição, recebemos a ficha de comentários dos avaliadores pontuando exatamente as mesmas questões que eu havia observado nos ensaios. Porém, ao ser verificado que os detalhes observados por jurados prejudicaram a pontuação do grupo, os responsáveis por fazer as melhorias necessárias para a próxima etapa, demonstravam não se sentir confiantes para modificar os detalhes necessários para a próxima etapa da competição. O resultado dessa postura foi competirmos em mais uma etapa com os mesmos problemas antes identificados.

Embora a minha visão sobre os aspectos mencionados sobre o espetáculo não estivesse sendo acatada e ouvida, ainda assim existia uma pressão de que fosse boa, de que continuasse trazendo boas notas e títulos para o grupo. Aqui entra uma outra contradição, eu precisava aceitar as imposições de outras pessoas sobre todos os elementos do espetáculo, executava as ideias de outras pessoas, mas era a minha imagem que ficava exposta ao olhar do público e dos jurados.

Durante esse processo desgastante de tensões entre as minhas escolhas e as imposições dos homens que lideram o grupo, eu tive vontade de desabafar durante as apresentações, dizer que aquilo que eu considerava que estava me atrapalhando, e que era uma censura a minha liberdade criativa não era uma escolha minha. Mas eu apenas

executava, às vezes recebia críticas de escolhas feitas por outros e não podia me posicionar.

Não estando meu personagem focado no recorte de gênero, os demais diretores tinham um entendimento de que eu precisava me manter em destaque na marcação e que eu precisava trazer outras inovações, além da minha própria presença, que não seria mais uma novidade em si.

Assim, observo que para minha presença na marcação ser “justificada” eu precisava inovar enquanto a maioria dos marcadores homens não demonstravam esta preocupação, executavam as marcações de costume, sem precisar reafirmar seus lugares de destaque e liderança.

O que proponho discutir sobre essa questão não é o fato de buscar surpreender o público ou de me desafiar dentro das minhas habilidades, mas sim a sensação de obrigatoriedade de me mostrar sempre boa e multifuncional por ser uma mulher em um espaço ocupado historicamente por homens, sendo este um fato que se estende nas relações de gênero em diversas situações socioculturais.

Sobre esta discussão, um questionamento também levantado por Moraes quando relata sobre Marinês e sua representatividade, dialoga com essa percepção de que não só eu precisava ser boa, mas que precisava de buscar estratégias de reafirmação para me manter marcadora, sobre isso este ponto a autora acrescenta:

Quando a mulher consegue se firmar dentro de um espaço que, de acordo com a sociedade, não faz parte da sua natureza, quais são as ferramentas de posicionamento utilizadas por ela a fim de obter notoriedade e força dentro de um lugar que antes não era comum a ela? Moraes (2021, p.1)

Entre diversas possibilidades do que poderia ser considerada uma inovação dentro da marcação, naquele ano eu escrevi um repente para ser cantado durante a apresentação, que dentro do tema, convidava o público para um festa de São João em uma feira em que a história acontecia. Eu entrava com um triângulo amarrado na cintura e no momento de repente tocava em conjunto com um toque de pandeiro que tocava na caixa de som.

A composição tinha um refrão, um mote, os dançarinos repetiam o mote enquanto a partir dele eu desenvolvia alguns outros versos rimados. Não vi outro marcador(a) fazer algo parecido, parecia ser algo bom, por ser inovador, mas a pressão naquela cena vezes me tirava um pouco da naturalidade em cena, como se eu soubesse que aquele momento era vendido como uma forma de justificar novamente a minha presença.

Avalio a cena citada como uma busca de dizer ao movimento junino que eu era boa no que fazia e que tinha muitos talentos, que precisava continuar tendo espaço para

marca. pois tinha sempre algo surpreendente o que tornaria a minha atuação cada vez mais surpreendente e inatingível, como se a marcação por si, que já envolve diversas habilidades, já não mais fosse suficiente.

Eu gostava daquele repente e gostava da oportunidade de mostrar uma composição minha na minha voz durante uma apresentação de quadrilha junina, mas não gostava de sentir a obrigatoriedade de fazê-lo como uma forma de mostrar ser uma boa marcadora. Ao longo da temporada, nos momentos em que sentia que a quadrilha precisava ter mais momentos de dança e menos cenas com interpretação, sugeri substituir o repente por uma música dançante e tinha novamente a minha sugestão negada, pois aquele repente era naquele ano o meu “diferencial”.



2023 circuito candangão de Quadrilhas juninas. DF.

Mesmo passando pelas situações relatadas, consigo carregar dentro de mim marcadores positivos da temporada. Ao se aproximar a data da grande final do circuito, alguns

grupos modificam ou acrescentam algo ao espetáculo na busca de gerar mais impacto. Em conversa com a direção, tivemos a ideia de trazer pessoas ao final da apresentação que vieram de cidades nordestinas para viver em Brasília, como uma forma de homenagear essas pessoas.

Com os dias se passando e a data da etapa final se apresentando, a minha avó, dona Maria, a mesma que fez o vestido inspirado na Marinês, foi a única pessoa que conseguiu estar presente para ser homenageada, como uma nordestina, paraibana em Brasília. Chegou o dia, eu estava de cabelos cortados, algo que durante a temporada teve um impacto pois mudou a identidade visual do personagem, abandonei as tranças longas e rosas e pesadas por um cabelo bem curto e leve.

Fizemos toda a apresentação como de costume, inclusive com os mesmos problemas já observados pelos jurados nas etapas anteriores, mas ao final da apresentação, uma música nova foi acrescentada, eu narrei um novo texto, minha avó veio caminhando e se aproximando de mim, pude olhar nos olhos dela e abraçá-la, nos despedimos do público de mãos dadas.

O trecho final do meu texto dizia: “A história que contamos é a minha preferida, pois revela um milagre, você, minha avó, é meu espelho, e eu sou você, na volta e na ida, no retorno e na despedida”. Dos presentes que ser marcadora de quadrilha junina me trouxe, foi esse momento, eternizado em meu espírito, como uma forma de reafirmar uma outra parte do meu texto que dizia que minha força é ancestral e que vem de quem veio antes de mim.

Esse tema de 2023 não foi centrado em uma figura feminina, mas a “brecha” da narrativa que resultou na presença da minha avó na final do circuito foi a motivação que me levou a continuar buscando meu espaço como uma voz feminina de liderança. Quando olho para minha avó e para minha mãe, por exemplo, entendo que dou continuidade a uma linhagem de mulheres fortes que na vida tiveram que enfrentar muitas violências e abusos. Para não perder de vista quem eu sou, eu me pergunto com frequência, “se elas não desistiram, como eu vou voltar atrás?”. O medo e a opressão não são tão potentes quanto a força movedora de minhas raízes.

Sobre esta relação ancestral de mulheres em Brasília, a pesquisa de Jemima Tavares de Medeiros, *Candangas Palavras: Vídeo-narrativas a partir de relatos de experiências de mulheres presentes na construção e consolidação de Brasília e outras Regiões Administrativas do Distrito Federal*, é uma potente aliada no processo de

entendimento da força daquele momento com minha avó, sobretudo no trecho que a autora afirma que:

Compreender as mulheres candangas – como são chamadas as nossas antecessoras que para cá migraram durante a construção da Capital, ou as mulheres que nasceram e cresceram no Distrito Federal e no Plano Piloto demanda olhar mais proximamente para a nossa própria história. Medeiros (2022, p. 20).

Ao falar da história de minhas avós, eu preciso necessariamente situar um processo histórico de nordestinos, especialmente os paraibanos, que vieram para a capital Brasília juntamente com seus filhos em busca de melhores condições de vida. Assim como a minha família, muitas outras vieram viver no DF a partir da promessa de oportunidades. Dessas famílias nasce as primeiras gerações de brasiliense, alguns deles, assim como eu, responsáveis por manter aqui uma tradição cultural tão pulsante como as quadrilhas juninas.

Dessa forma, vejo que a presença da minha avó como homenageada, a minha presença na marcação e esse processo de pesquisa, são estratégias para que eu reflita sobre a minha história como parte de um processo de transformação social, e que aos poucos, somando a minha presença com a de outras mulheres, nós consigamos estabelecer relações melhores e mais respeitadas nos espaços que ocupamos. Essa é uma das minhas esperanças.

A quadrilha junina, tem sido nesse sentido uma maneira que eu encontro de contar histórias, criar temas que falem das coisas que me tocam e movimentam minhas emoções, a arte da cena, da dança, e toda a espetacularidade presente no movimento junino é o que me motiva a suportar todo o processo exaustivo que envolve a preparação para o espetáculo.

Como já descrito, o lugar de marcadora chegou a mim como uma missão, dentro de uma necessidade, não foi algo que almejei, que busquei para mim como um objetivo, não quis ser marcadora apenas por querer romper por uma tradição de homens nesse lugar. Porém, eu me encontrei nesse lugar, vi a minha essência de brincante e artista finalmente encontrar sentido: o ofício de ser marcadora me encontrou. Defendo meu espaço porque entendo a representatividade presente e por saber que nesse lugar eu ainda tenho muitas coisas a serem ditas.



Final do circuito candangão de quadrilhas juninas. Ceilândia DF, agosto de 2024.

No capítulo a seguir, uso como questões disparadoras os aspectos mencionados no primeiro capítulo para construir um diálogo com a experiência de outras marcadoras, por meio de entrevistas semiestruturadas pude ampliar minha percepção sobre a vez e a voz de nós marcadoras.

Meu povo brincante, aqui me apresento, minha voz que tanto fala, também precisa de sustento, no discurso da marcadora existe um elemento capaz de demonstrar que existe e resiste, pois, brinco vivo e reinvento. Peço que escutem nossa voz, pois por elas tem sempre um pouco de todos nós.

2: A vez e a voz delas: A vivência de marcadoras brasileiras.

*Deus adiante
minha quadrilha
Sou porta voz no arraiá
e com a voz do povo
quero começar¹¹*

Impulsionada pelos relatos da minha vivência marcadora, busquei o diálogo com outras marcadoras de quadrilhas juninas do Brasil a fim de estabelecer um panorama de semelhanças e diferenças entre as experiências a fim de contribuir para o objetivo da pesquisa em relação aos aspectos da espetacularidade da marcação feminina e as questões socioculturais do contexto dos circuitos competitivos quadrilheiros.

Para isso, localizei e contatei marcadoras brasileiras por meio de redes sociais em perfis de quadrilhas juninas ou entidades competitivas. Como ferramenta de busca, utilizei as palavras como “marcadora de quadrilha” e “marcatriz” na aba de pesquisa as rede social *instagram*.

Após localizar os perfis nas redes sociais das marcadoras, entrei em contato apresentando a minha proposta de pesquisa e realizei convites para que participassem de uma entrevista online onde elas pudessem relatar questões de suas trajetórias enquanto marcadoras. A proposta de entrevista seguiu um modelo semiestruturado, no qual eu segui um roteiro com algumas perguntas pré-estabelecidas, mas com espaço para que novas perguntas e questões surgissem, a partir das falas das entrevistadas.

Percebo que a possibilidade de utilização deste formato de entrevista no meu processo de pesquisa foi fundamental para estabelecer uma relação de proximidade e conexão com as marcadoras, fazendo com que a partilha de suas histórias pudesse gerar identificação entre a minha parte entrevistadora e a marcadora entrevistada. Nesse contexto, a entrevista semiestruturada, conforme Manzini (2004, p. 21)

[...] possui um roteiro de perguntas básicas previamente estabelecidas e que fariam referência aos interesses da pesquisa. Ela difere da estruturada pela sua flexibilidade quanto às atitudes e compreensão do pesquisador, podendo ou não alterar as perguntas no decorrer das respostas dadas.

¹¹ Marcação da autora: temporada de 2023.

O roteiro de perguntas para as entrevistas foi construído com base nas minhas questões de interesse de investigação a partir das inquietações surgidas em minha própria trajetória enquanto marcadora. Na formulação das perguntas, busquei evitar a utilização de termos específicos que pudessem direcionar as respostas das marcadoras, e que dessa forma, elas pudessem inicialmente relatar suas experiências com base em suas próprias percepções. Só após um tempo de diálogo que eu me colocava para refletir sobre algumas questões relatadas juntamente com as marcadoras.

A sequência de perguntas utilizadas para orientar as entrevistas foram as seguintes:

1- Introdução

Perguntas iniciais: Qual o seu nome completo? Qual é o nome da sua quadrilha? Em que região ela fica?

2- Como você se tornou marcadora e quanto tempo está marcando quadrilha junina?

3- A sua profissão tem relação com o universo das quadrilhas juninas?

4- No seu processo de preparação para marcar, como é feita a escolha do tema, do figurino, das falas e do estilo de marcar a quadrilha?

5- Como você percebe a sua voz enquanto marca a quadrilha?

6- Como você se sente enquanto marca quadrilha?

- Nesta questão, também questionava a respeito de alguns marcadores sociais percebidos em cada marcadora e pedia que ela partilhasse a relação da questão apresentada com a marcação. Exemplos de particularidades citadas nas entrevistas: Marcadora mãe, pessoa com deficiência, mulher negra e de faixa etária mais avançada do que as demais marcadoras.

Apresento a seguir um quadro geral com informações sobre a estrutura utilizada para que as entrevistas fossem realizadas, bem como, algumas características que compõe o grupo de mulheres entrevistadas:

| | |
|----------|--------------------------------------------------------|
| FORMATO: | Vídeo Chamadas realizadas pela plataforma Google Meet. |
| DURAÇÃO: | Entre 30 minutos e duas horas. |

| | |
|---------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| FORMA DE REGISTRO: | Gravação do áudio das entrevistas para a realização de transcrição. |
| QUANTIDADE DE ENTREVISTADAS: | Oito marcadoras em diferentes regiões brasileiras: Brasília, Goiás, Minas gerais, Recife e Ceará. |
| FAIXA ETÁRIA: | Entre 25 e 55 anos |
| MARCADORES SOCIAIS AUTODECLARADOS: | Mulher negra, mulher com deficiência, mulher fora de padrões estéticos, mulher de religião de matriz africana. Obs: todas as mulheres entrevistadas são cisgênero, algumas delas são mães. |

A partir de referências como Barros (2023), Definimos como marcadores sociais características (como raça, gênero, orientação sexual, classe, etnia, geração, deficiência, religião, etc.) que, social e historicamente, estruturam as relações de poder e as desigualdades na sociedade, definindo o lugar e as oportunidades de um indivíduo ou grupo. Esses marcadores não atuam isoladamente, mas interseccionam-se, ou seja, combinam-se, criando experiências únicas e complexas de exclusão ou privilégio.

Assim sendo, no contexto específico do grupo de marcadoras entrevistadas nesta pesquisa, alguns marcadores sociais irão interferir no modo como elas experienciam e refletem sobre suas vivências na marcação. Nesse sentido, as questões de gênero presentes em nossas relações com o movimento de quadrilha junino se agregam aos outros fatores e aparecem ao longo dos trechos de relatos que suavizam ou potencializam os desafios que enfrentamos na trajetória quadrilheira.

Apesar da individualidade existente a partir das interseccionalidades de cada marcadora, por meio da partilha de relatos percebi que havia semelhanças nas vivências de forma que fosse possível estabelecer categorias e subtópicos como forma de apresentação do material obtido nas entrevistas.

Ainda que eu as tenha entrevistado de maneira individual, quis trazer os trechos dos relatos de maneira que um trecho possa se complementar ou se contrapor ao outro, e assim, iremos tecendo noções sobre as vivências sociais e ao mesmo tempo tão particulares de cada marcadora.

Ao final desta partilha dos relatos a partir das entrevistas espero que algumas questões trazidas possam contribuir para a ampliação da discussão sobre a potência e a representatividade de uma mulher que ousa ser marcadora.

2.1 O caminho para se tornar marcadora: Trajetória de cada uma.

Inicialmente, antes de ampliar os temas trazidos pelos relatos das marcadoras, apresentarei o contexto de cada uma dessas mulheres, colaboradoras da pesquisa, situando seus locais de fala e a trajetória até se tornarem marcadoras.

Ouvi vozes de marcadoras do DF, Goiás, Bahia, Ceará, Minas Gerais e Recife. No cenário atual das quadrilhas competitivas, considerando que em cada estado existem em média 50 a 70 grupos de quadrilhas, as marcadoras são geralmente duas ou três. Assim sendo, cada marcadora entrevistada vive uma realidade de poucas referências femininas próximas a elas, o que faz com que naturalmente, as experiências sejam muito particulares, ainda que eu consiga perceber aproximações entre as vivências de cada uma de nós.

Para apresentá-las, seguirei ordem na qual foram entrevistadas por mim, após esta apresentação, as vozes delas irão aparecer na medida em que o assunto se relacione com algo que elas tenham evidenciado em suas falas. Seguimos com as apresentações.

1- A primeira entrevistada é Dalilan Mota, presidente e marcadora da quadrilha junina Vira e mexe de Luziânia (GO), sobre a trajetória para ter se tornado marcadora de sua junina ela relata:

Eu virei marcadora por acaso mesmo, porque tava difícil, eu moro num lugar onde fazer cultura é difícil, o que prevalece é o funk, é tipo a periferia mesmo, é as drogas, é tudo de ruim que tem. Aí é uma luta diária aqui, é muita luta pra fazer cultura aqui. Aí pra arrumar um marcador era muito difícil, aí eu vi, eu me vi e falei, aí jeito é eu ser né, eu tentar ser né.



Marcadora Dalilian Mora- Circuito candangão DFE- Samambaia DF

2- Em seguida, entrevistei Drika Alves, marcadora e radialista de Recife, no momento da entrevista, Drika não estava atuante em nenhuma quadrilha, mas já havia passado por algumas da região. Sobre sua trajetória, ela relata:

[...] Em 2009 eu comecei a trabalhar com locução, então desde essa época eu comecei a olhar os Marcadores da quadrilha que eu participava e assim eu olhava, com o microfone, e como locutora de rádio, “eu quero fazer isso”, Só que eu sabia que era uma responsabilidade muito grande porque a nota do marcador, e da marcatrix, é nota única, e traz todo um peso, todo um diferencial em qualquer quadrilha. Em 2015, apareceu uma oportunidade de marcar Quadrilha, mas eu não me sentia madura.

[...] Em 2016, de fato apareceu uma oportunidade que foi na quadrilha origem nordestina, aqui do Morro da Conceição, aqui em Recife.



Marcadora Drika Alves- Recife- pré junino 2025

3- Mais próxima da região onde eu atuo enquanto marcara também entrevistei a Selma Beltrão, marcadora na junina Oxente vixe, de Valparaíso de Goiás, sobre sua trajetória, partilhou:

Eu gritava muito alto na quadrilha, eu tinha uma potência muito forte na voz, só que eu não via esse potencial em mim, porque eu tenho a língua presa, então eu falo bem embolado, e tudo mais. Então eu não via esse Potencial em mim, só que a Allure Almeida e o Fernando chegaram em mim e perguntou se eu queria ser Marcatriz. Então pra mim foi uma Surpresa, e eu aceitei.



Marcadora Selma Beltrão- circuito fequaju dfe-2023

4- Diretamente de Belo Horizonte, dialoguei com a Marcadora Liliane Claudino, da quadrilha junina Formigueiro Quente, sendo provavelmente a marcadora atuante mais antiga do movimento junino, sobre a sua trajetória de inserção no movimento junino, ela relata:

[...] Quadrilha de família, de tradição. Quem marcava a quadrilha eram os meus pais, aí dos meus pais agora passaram pra mim, agora não né, há 32 anos passaram pra mim. Meu pai já é falecido, vai fazer cinco anos esse ano. minha mãe graças a Deus ainda é viva, mas a idade e tudo, e com o tempo né, a gente, do jovem chegando, então eu peguei o posto de marcadora, e to marcando até hoje. E em BH, eu sou a única mulher marcadora, única marcadora feminina de belo horizonte.



Marcadora Liliani Claudino- Belo Horizonte (MG)

5- Em seguida, entrevistei a Marcadora Lorraine Oliveira, da quadrilha Forrozarte, de Uberlândia, Minas Gerais. Lorraine relatou que é uma das fundadoras de sua quadrilha junina, e que criaram o grupo no intuito de arrecadar dinheiro para a igreja com o valor do prêmio do concurso. Depois do primeiro contato, o grupo entendeu melhor a amplitude do movimento junino e foi se expandindo. Sobre sua trajetória na marcação ela relata:

[...] Até 2022, eu participava como coordenadora e brincante, e aí em 2022, em meio a volta ali pós pandemia, eu recebi o convite pra ser marcadora do grupo, porque o nosso marcador precisou se ausentar né, das atividades do São João, ele não tinha mais ali, a possibilidade de tá seguindo com a gente. E como eu estive sempre por trás da criação da temática, da marcação, então eles viram ali uma possibilidade de ser uma marcadora. Então, primeiro eu fiquei muito assustada né, com isso, com esse convite, mas como eu já participava de certa forma de modo indireto na marcação, criando a temática, ajudando o marcador nas suas falas, eu resolvi abraçar e to até hoje como marcadora do grupo.



Marcadora Lorraine Oliveira- Festa junina do ação moradia em Uberlândia- MG, 2024.

6- Nossa próxima marcadora entrevistada para essa pesquisa foi Sthephanny Soares da quadrilha junina Flor de Coroatá, do Ceará, sobre sua trajetória ela relata:

[...] Comecei em 2011, na quadrilha, na própria flor de Coroatá, tive algumas paradas, mudei de grupo nessa trajetória também pra dançar e ser marcadora, mas esse ano de 2025 eu faço esses dez anos na marcação. Comecei em 2011 e na verdade não era minha intenção ser marcadora, o sonho da minha vida era ser rainha, e na época eu acompanhava uma brincante bem importante é a Cristiane que é da beija flor do sertão, uma quadrilha de grande nome aqui no estado do Ceará e surgiu essa oportunidade. Na verdade, a pessoa que estava a frente do grupo na época disse que não me via nesse posto, né, como rainha, devido a muitos problemas e tal. Eai um casal de amigos, enquanto estava no início da minha carreira de coreógrafa também, olhou pra mim durante um ensaio e falou ‘Sthephanny você podia ser a marcadora’, eu olhei assim estranho porque não era minha intenção, mas depois disso ficou na minha cabeça.

[...] Minha mãe era a presidente da época, aí ela falou, é, é uma boa opção, podemos ver né, e aí foi onde eu comecei.



Marcadora Sthephanny Soares- final da etapa estadual festejo Ceará junino em Sobral CE- 2024

- 7- A Próxima marcadora é Queila Raiane, presidente da quadrilha junina cidade da fé, na Bahia. A quadrilha de Queila está vinculada a uma associação cultural da cidade dirigidas por voluntários, intitulada Raízes e asas, esta associação vinha realizando atividades como teatro e música para jovens e crianças, e posteriormente criaram o grupo de quadrilha onde Queila atua como marcadora desde o início. Sobre a trajetória com a junina ela relata:

[...] A quadrilha junina surgiu no ano de 2018, e aí nós fomos nos especializando, só no ano de 2021 nós começamos a competir, pegamos gosto e zelo pela arte e pela cultura de fazer quadrilha como manifestação cultural. Desde que eu me entendo por gente, eu já participo de quadrilhas na escola, tem uma foto minha bem pequenininha, acredito que tinha bem uns seis anos. Sou apaixonada pela arte, me digo poeta, escrevo, rabisco algumas coisas. E a quadrilha me faz sentir ser uma mulher empoderada, uma mulher mais rica de cultura, uma mulher que pode estar no lugar que ela bem entender.



Marcadora Queila Raiane

Após esse primeiro contato com essas mulheres e suas trajetórias na marcação de quadrilhas juninas, estabelecemos um panorama geral de como geralmente uma mulher se insere no contexto da marcação. Observemos que poucas mulheres são convidadas a ocupar este espaço de liderança e que as justificativas para que elas sejam escolhidas variam.

Após a conclusão das entrevistas, percebi os assuntos semelhantes que apareceram a partir dos relatos e estabeleci os seguintes temas para a construção dos subcapítulos: O processo de preparação das marcadoras; multifuncionalidade da marcadora: as várias jornadas da mulher que marca; corpos espetaculares: a visualidade da marcadora, Voz e local de fala: vocalidade das marcadoras; Competição e avaliação: percepções sobre o a presença marcadora no circuito competitivo.

2.2 O processo de preparação das marcadoras.

Ao longo das entrevistas com as marcadoras para conhecer suas trajetórias, algumas palavras e situações apareceram em mais de um relato. Ouvi mais de uma vez sobre a marcadora duvidar de sua capacidade, ou de ter medo da reação das pessoas quando começasse a marcar.

Dessa forma, compreendo que anteriormente a chegada no tablado, um processo de construção que não é visto pelo público ocorre com cada marcadora. Alguns trechos de relatos podem auxiliar no entendimento desse processo, perguntei para as marcadoras como foi a preparação para a atuação nesse lugar de destaque, se tiveram algum direcionamento ou algo semelhante, algumas respostas demonstram um pouco sobre a jornada desde a preparação até o início das apresentações:

[...] Eu sofri bastante porque ninguém acreditava, nem eu mesma acreditava que eu iria dar conta, eu fiz mesmo pelo amor que eu tenho pela quadrilha, porque eu não queria que ela acabasse, e Deus também nunca quer que ela acabe porque eu já pensei em desistir várias vezes e não consigo, não consigo, aí eu acho que é uma coisa de Deus sabe.

[...] Eu acho que tem um pouco de preconceito ou alguma coisa assim, porque quando eu falei que ia marcar, ninguém acreditava em mim, nem, igual eu te falei, nem eu mesma, aí como é tanto amor, tanta vontade assim, na primeira marcação eu já tirei três notas 10, aí aquilo me deu forças.

Dalilian Mota.

[...] No meu caso foi muita desvalorização, na própria quadrilha onde eu participava né, muitos componentes, muitos, vários, desacreditavam, e assim, a construção foi bem difícil. Só eu tive um pouquinho de alívio, de respirar assim, poxa, até que enfim, depois que começaram os concursos que a gente foi ganhando...

[...] Aqui em Recife, na época que eu comecei, em 2016, não tinha ninguém assim, tiveram algumas na década lá de 1980, que eu procurei saber, eu pesquisei.
Drika Alves.

[...] A minha primeira preocupação, foi com os brincantes da minha junina, se eu enquanto mulher, se eles se sentiriam seguros comigo marcando eles.

Lorraine Alves

As falas de Dalilan de Drika e Lorraine estão inseridas em um contexto de poucas marcadoras de referência, e da dúvida dos outros brincantes, de que a escolha por uma mulher marcar a quadrilha seria assertiva. Considerando que em relação ao tempo de

existência dos circuitos, a minha presença, assim como a de Dalilan, Drika e Lorraine na marcação são recentes (de 2016 em diante), podemos imaginar como pode ter sido esse processo para Liliani, que já marca quadrilha a mais tempo. Sobre esse aspecto ela relata:

. [...] Passei e ainda passo, por muitas discriminações, mas eu sou pé firme, não abro mão, porque eu tenho direito do meu lugar, eu tenho direito de voz, eu posso fazer o que eu quiser, e eu sei o que eu faço e sei que eu faço bem, mesmo se eu fizesse mal, eles teriam que me aceitar do mesmo jeito, porque eu não ia abrir mão.

[...] E no começo quando eu comecei a marcar quadrilha, veio muitas críticas, veio várias críticas falando: nossa uma mulher marcando, porém, tem voz muito fina.

Liliani Claudino

No decorrer do meu diálogo com as marcadoras, percebi que algumas falas poderiam indicar que muitas situações semelhantes que vivemos estariam sendo tratadas como isoladas e específicas de cada caso, ainda mais se considerarmos a distância espacial entre as marcadoras, a falta de contato e logo e de conhecimento da existência umas das outras. Liliani Claudino por exemplo, também partilhou em seu relato o seu interesse em incentivar outras marcadoras de sua região, bem como a dificuldade em visualizar suas permanências:

[...] Aqui em BH eu incentivei muitas mulheres a marcarem quadrilha, quando eu comecei a marcar, apareceu uma aqui, outra ali e tal, mas foi só um ano, eu acho que elas não aguentaram a pressão, porque a gente sofre muita pressão.

[...] Teve uma reunião na União junina, que me apresentaram como marcadora e me pediram pra contar a experiência, aí eu falei e cheguei nesse ponto e disse: olha gente, eu fico muito chateada que já vi participar umas quatro moças, senhoras, tentaram ser marcadoras nas suas quadrilhas aqui de BH, elas não conseguiram, um recado que eu dou pra elas, elas tem que persistir, elas tem que ir, porque nós temos o nosso direito, nós podemos ficar onde a gente quiser, nós temos condições de manter uma quadrilha, então eu fico muito chateada que elas vem, começam a marcar, e quando chega o outro ano ela já não está marcando mais, já tem um homem marcando no lugar da quadrilha dela, aí eu falo assim "uai, cadê aquela marcadora?", aí falam assim, aí tiraram ela...

Liliani Claudino

Em relação a este cenário de falta de referências femininas, relatos de Sthephanny Soares e Queila Raiane reforçam essa sensação:

[...] A primeira coisa que eu fiz quando eu assumi esse papel de marcadora foi procurar outras marcadoras e foi tão difícil encontrar.

[...] Eu fui a primeira marcadora mulher, na serra da Ibiapaba que é a região onde a gente atua.

Sthephanny Soares.

[...] Fazer quadrilha aqui em meu município, tem alguns desafios, falta de apoio e ser mulher também é um desafio, como se não bastasse ser só mulher, ser mulher marcadora num meio em que na nossa região eu só conheço mais uma marcadora de quadrilha junina, todas as quadrilhas são compostas por homens e eu estou falando de mais de cinquenta quadrilhas juninas, todas formadas por marcadores homens, então é um desafio, mas é um desafio que eu levo com muita leveza. Queila Raiane.

Da mesma forma que relatam as marcadoras, quando eu comecei a marcar quadrilha aqui no Distrito Federal eu também não tive referência de outra marcadora, e talvez esse seja um fator que faça a marcação de cada uma ser tão única. Poderíamos enquanto marcadoras, buscar nos grandes marcadores homens, um caminho para realizar aquela função, mas em todos os casos, nós preferimos criar a nossa forma de atuar, ao invés de buscar se encaixar no formato estabelecido pelos homens. Como esse processo acontece? Escolhemos fazer uma marcação diferente de forma consciente ou foi algo inerente a nossa condição de marcadora? Sobre esse caminho de construção de atuação mesmo sem referências as marcadoras partilham:

[...] Fiz um trabalho com uma amiga sobre isso, e na verdade foi um divisor de águas pra mim sabe, e ela deixou bem claro que não é sobre gênero, é como você se posiciona frente aquela função que foi te dada, então hoje eu sou cem por cento resolvida quanto a isso.

[...] No início eu tinha medo dos brincantes não me levarem muito a sério, mas eu tinha me esquecido que nos dois primeiros anos da quadrilha a gente teve uma marcadora mulher, por isso eu digo que ela foi minha referência. E eu fui atrás e busquei ajuda dela. E ai sim, eu fui aos poucos moldando e refazendo essa minha visão que eu tinha de ser uma figura feminina ali marcando a quadrilha, então assim, ela que me ajudou bastante nisso

Lorraine Alves

[...] Ninguém pegou na minha mão e falou, oh, você vai fazer isso, vai fazer aquilo, faz isso e não faz isso, eu aprendi errando. Aprendi na marra como o pessoal fala aqui. Stephanny Alves

Além da descrença dos outros brincantes, da falta de apoio e de referências femininas outros fatores interferem no processo de construção das marcadoras, antes de chegar no tablado e entrar para a competição, as marcadoras precisam conseguir conciliar suas demandas da vida pessoal com o processo da marcação, essas demandas fazem parte das situações de bastidores a que me refiro quando relato as questões do processo para além do que é visto no espetáculo. As marcadoras partilharam algumas dessas demandas que precisam ser conciliadas e a partir desses relatos abordo o tópico a seguir.

2.3 Multifuncionalidade da marcadora: as várias jornadas da mulher que marca.

Um dos questionamentos desta pesquisa foi sobre os motivos pelos quais as marcadoras não permanecem na função de marcar a quadilha, levando em consideração que muitos homens se consolidam como mestres nesta função, alguns fatores que podem se configurar como barreiras para estas permanências já foram citados nos relatos, como a pressão citada por Liliani Claudino no tópico anterior.

Socialmente falando, é comum ver mulheres se desdobrando em muitas funções para atender todas as demandas que suas rotinas exigem, e quando falamos da mulher dentro do contexto cultural de quadilhas juninas, percebemos que não é diferente. Durante as entrevistas com as marcadoras, em diferente momentos, as demandas de suas vidas apareceram como um obstáculo a ser superado no processo até a chegada ao tablado:

[...] Não marco mais por conta do meu trabalho, não tenho horário mais. Selma Beltrão

[...] eu que costuro, eu que faço os vestidos, eu tenho um filho de quatro anos, assim, é bem difícil, mas o amor que eu tenho... assim, essas coisas aí da nota,

ai eu fico pensando em desistir porque a gente quer o melhor pra quadrilha né.
Aí gente fica pensando que a gente não é o melhor.

[...] eu que costuro, porque não tinha condições de pagar uma costureira.
Dalilian Mota

A partir do relato de Dalilian refleti sobre as diferentes responsabilidades que assumimos não só em nossas vidas pessoais, mas dentro da própria quadrilha, o que pode ser outro obstáculo para conseguir focar exclusivamente na marcação. Essa percepção é reforçada por Liliani, no que se refere à nossa postura enquanto mulheres perante nossos grupos:

[...] Nós mulheres, quando a gente faz as coisas, a gente quer fazer bem-feitas, a gente quer tá por dentro de tudo que tá acontecendo, é como se fosse um filho da gente, os dançarinos, tudo, cê pega pra si. Liliani Claudino.

[...] Além de eu marcar, eu ajudo a fazer figurino, ajuda a criar o figurino, eu ajudo nas coreografias, eu que saio pra comprar tecido, então assim, a quadrilha ta toda na minha mão. Liliani Claudino.

Por meio da sua constatação, reflito sobre os impactos que essa postura de assumir tantas responsabilidades podem acarretar no cotidiano e na atuação da marcadora, também questiono se essa atitude faz parte da natureza feminina, ou se é fruto de uma construção social, quais são os fatores que nos colocam nessa posição?

A dificuldade de conciliar a vida pessoal com a marcação, aparece em todas as falas das marcadoras, e a forma como as marcadoras encaram essas dificuldades variam, Drika Alves, por exemplo, compartilhou que a atuação durante as apresentações não é algo difícil para ela, e sim toda preparação anterior:

[...] É a construção mesmo, é o processo, porque eu trabalho, eu sou mãe, praticamente mãe solo, assim eu crio meu filho sozinha, ele está numa fase que ta maiorzinho e por incrível que pareça quando ele era menor, eu conseguia fazer com que ele participasse.

[...] Aqui também eu fazia, eu marcava quadrilha junina, profissionalmente, eu ganhava pra marcar quadrilha, e senti também que nessa questão financeira também tive muito problemas, entendeu? Porque a própria direção, a gente sempre escuta fala, um solta ali um solta aqui, ai dizia: ah, ela não precisa do dinheiro, porque ela trabalha, faz outras coisas foras.

[...] Na época que eu comecei a marcar, meu filho tava com quatro anos de idade, e eu tinha me separado fazia alguns meses só, e assim, quando veio a oportunidade, eu morava só com meu filho né, e eu meu deus como é que vai ser agora, como eu vou pra ensaio, como vou me dedicar. Eu tive sorte porque a quadrilha acolheu muito meu filho na época.

Drika Alves

A relação entre maternidade e marcação, é apresentada em mais de um relato, aproveitei a oportunidade das entrevistas para perguntar sobre a sensação de marcar quadrilha estando gestante para Lorraine Alves e pude refletir sobre outro fator que mulheres cisgênero com útero poderão vivenciar enquanto marcadoras:

[...] Pra nós mulheres, o buraco é um pouco mais embaixo, primeiro que já era difícil conciliar a quadrilha com minha vida pessoal, e ai quando eu descobri a gravidez eu já tava tão envolvida, que eu me deixei levar, eu não coloquei como uma barreira, acho que coloquei como uma motivação de ter uma entrega muito melhor ainda do que a que eu já tinha, e me reinventar ali.

[...] Em 2023, na época que eu marquei, eu já tava de 8 meses, então no início, na preparação pra temporada de 2023, eu fui mais branda nos ensaios, eu me resguardei mais, e quando foi mais próximo do mês de junho eu intensifiquei com a quadrilha, e o pessoal super abraçou e na época junina mesmo eu já estava de 8 meses, a minha filha nasceu em agosto.

[...] Aonde eu chegava, as pessoas não acreditavam, e pelo figurino, as vezes não dava pra ver, por ser um figurino mais folgado. Mas assim, foi um desafio, uma superação, eu me diverti muito, graças a Deus ocorreu tudo bem.

[...] Em 2024, quando minha filha tava com oito pra nove meses, eu descobri a minha segunda gestação, e no mês de junho eu tava com 4 pra cinco meses, então foram duas gestações seguidas, dois anos que foram os meus melhores anos, todos os anos eu me consagrei nos festivais como melhor marcadora, então eu posso dizer que aquilo que talvez para alguns seria o que mais me prejudicaria, foi o que me fez chegar aonde eu consegui chegar.

[...] Ta sendo bem complicado agora, conciliar isso, enquanto tava na barriga, foi tranquilo, mas agora do lado de fora com uma de 1 ano e 6 meses e outra

de 2 meses, tá mais complicado conciliar tudo, acho que essa agora vai ser o verdadeiro desafio. Agora eu tô dividindo a marcação com outra mãe que tem uma bebê com alguns meses a mais que a minha, e ela já consegue conciliar mais, ela vai assumir as apresentações que não sejam da competição.

Lorraine Alves.

As falas de Lorraine sobre marcação e gravidez revelam a importância de uma rede de apoio e do acolhimento e compreensão do grupo junino com a marcadora não apenas em caso gestacional, mas em relação a maternidade vivenciada por algumas mulheres, de diferentes formas. Ao ouvir os relatos refleti o quanto foi importante a segurança que ela sentiu no grupo para que sentisse motivada e ainda ser eleita melhor marcadora do circuito.

Durante as entrevistas, também refletimos sobre o quanto estar atuante é importante para nós marcadoras e o quanto nos desdobramos para que seja possível a nossa permanência na marcação. Sobre marcação e maternidade, Sthephanny Soares relata:

[...] Quando a gente se torna mãe a prioridade acaba sendo o filho, acaba levando muito tempo, eu enfrento alguns problemas em relação a ensaio, por que preciso que alguém fique com meu filho pra poder ensaiar, as vezes eu preciso levar ele. Então é uma logística, que pra quem é mãe é complicada.

[...] Pra quem é mãe é complicado, mas também não é impossível. É difícil, mas é a terapia que eu tenho, então se eu não fizer isso, eu vou adoecer.

Sthephanny Soares

A constatação de Sthephanny me fez refletir sobre a quantidade de desafios que nós fazemos para que seja possível estar em cena e na marcação, podemos observar que mesmo sendo difícil, as marcadoras entrevistadas preferem enfrentar essas demandas do que deixar de marcar, por sentir a necessidade de se expressarem.

Um outro aspecto discutido a partir dos relatos com as marcadoras entrevistadas, foi as suas construções de imagem. No tópico a seguir, partilho alguns relatos nesse sentido.

2.4 Corpos espetaculares: A visualidade da mulher que marca.

Para introduzir a discussão sobre as visualidades com as marcadoras, perguntei para elas como era o processo de composição de suas imagens em relação ao figurino e ao modo de se apresentar dentro do tema da quadrilha junina, e se havia algum personagem específico para cada ano. Uma questão importante a pontuar nesse sentido, é que existe a possibilidade de a marcadora construir sozinha ou com outros integrantes suas falas, bem como a concepção de seu figurino, mas na maioria das vezes essa escolha passa pela decisão de outras pessoas, geralmente o presidente do grupo, nestes casos, a marcadora precisa entrar em um consenso com a direção sobre como irá se adequar ao espetáculo.

Dentro da abordagem do assunto, algumas questões como uso de vestimentas ligadas ao universo feminino apareceram, fazendo com fosse mais evidente ainda que uma marcadora também se diferencia em cena pela forma como escolhe se vestir. Dessa forma, partilho um pouco da percepção de algumas marcadoras:

Eu sempre pensei que o figurino tinha que ser feminino, e vinha com o tema entre o bem e o mal, ai eu coloquei metade branco e metade preto.

[...] Eu acho que chama bastante atenção das pessoas né, porque é bonito, a saia é uma coisa bonita né, uma coisa bem bonita. A roupa do homem é linda, mas a da mulher não se compara, porque tem um movimento, tem tudo.
Dalilian Mota

[...] Minhas personagens nunca foram de vir luxuosas, muito chiques, muito brilho não, mas sempre exigi, eu quero vir de saia....

[...] Porque eu sou muito mulher minha gente, e eu quero que meu corpo fale isso.

Drika Alves

A frase dita por Drika Alves de que ela é mulher e quer que o corpo fale isso, tem me gerado algumas reflexões, pois me parece que por meio dessa fala, assim como as de Dalilian, que elas buscam em suas vestimentas, reafirmar um lugar feminino em seus corpos, assumindo também a escolha por não buscarem se adequar aos moldes dos

marcadores, nesse sentido, pode-se compreender que o ato de reivindicar o espaço da mulher na marcação, cria também a necessidade de se pensar em um tipo de vestimenta, diferente dos marcadores homens.

Essa percepção também pode ser compreendida, por meio de uma outra fala de Lorraine Alves, que ao partilhar sobre o processo de construção de seu figurino, também pontua que observou outras escolhas de figurinos feitas pelas marcadoras de sua região:

[...] Quando eu assumi a marcação eu me preocupei com o figurino, porque o marcador antigo saiu no meio da temporada, mas o figurinista super me acolheu e me ajudou a desenvolver meu figurino com os elementos da temática. Eu fui a primeira marcadora a usar vestido, as outras foram de calça, roupa social, e eu já não me enxergava ali naquela coisa. não que elas estavam erradas, não que não possa ser dessa forma, mas já fazendo esse comparativo, eu já parti pra um outro lado, de ir realmente como dama, por que é isso que eu sou. Então todos os meus anos eu danço como dama.

Lorraine Alves

A partir desse relato de Lorraine Alves, compreendi que ela percebia a escolha das marcadoras pelo uso da calça e roupa social como uma forma de se aproximar da referência visual que os marcadores homens apresentavam nos anos anteriores, e essa percepção se confirmou quando Lorraine afirma que nos anos seguintes após sua chegada na marcação, as marcadoras também passaram a vestir saias para suas apresentações.

Assim como Lorraine Alves afirma, usar vestido ou calça não é a questão central da discussão, e sim as motivações que justificam a escolha por um tipo ou outro de figurino. Levando em consideração que o marcador ou marcadora de quadrilha geralmente é um personagem que dialoga com o tema/enredo do espetáculo, é importante que seu figurino esteja relacionado com a temática apresentada, mas quando falamos especialmente da imagem das marcadoras, essa questão tem esse outro sentido.

O interesse por buscar compreender a construção de imagem das marcadoras surgiu a partir da minha vivência após perceber que o uso da saia e a movimentação que ela gerava foi comentada por alguns avaliadores por vezes como um diferencial, e em alguns momentos como algo que atrapalhava o foco na marcação.

O uso da saia enquanto um dos maiores símbolos das damas no movimento junino também foi destacado como um elemento que além de transmitir feminilidade, auxilia na segurança as marcadoras e que para elas, assim como para mim, contribuem também para nossa desenvoltura.

[...] a roupa me ajudava muito a disfarçar meu nervosismo, que quando eu tava nervosa a mão começava a tremer, eu já pegava a saia e me movimentava, então a roupa me ajudou muito, e eu também gostava de me sentir feminina.

[...] Se eu fosse ser eu, eu acho que eu não conseguiria tanto, e como eu entrava no personagem, acho que ajudou.

Selma Beltrão.

[...] Eu particularmente gosto mais da saia porque minha desenvoltura é melhor, eu consigo girar melhor.

[...] O projetista não queria que eu fosse de junino, eu falei, cara não da não, eu vou voltar pra minha marcação, se eu botar uma saia que não é junina, minha desenvoltura não vai ser boa, foi uma briga, e já foi uma briga pra tirar meu marcatriz porque eles não queriam. Sthephanny Soares

A partir desse contexto em que as marcadoras optam por usar saias e vestidos, um novo elemento é introduzido em sua marcação, que é justamente a movimentação da saia, fator que não é presente na imagem do marcador, o que implica dessa forma, na provável condição do avaliador observar a forma como essa marcadora se movimenta. No relatos de Selma Beltrão e Sthephanny Soares, podemos observar que a saia auxilia a estabelecer um lugar de confiança e apropriação de sua função, pois ao se sentirem femininas com o traje, suas movimentações são mais fluidas.

Considerando essas particularidades na atuação das marcadoras, me questiono, o olhar para avaliação de marcadores homens e mulheres nas competições deve ser o mesmo? como estabelecer parâmetros avaliativos de maneira justa, visto a escassez de referências femininas?

Quando as marcadoras falam de seus personagens e seus figurinos, também evidenciam em suas falas que não só costumam marcar, mas que em alguns momentos dançam junto com a quadrilha, prática não tão comum entre os marcadores, afinal, a dança

do marcador não é uma exigência, embora possa ser vista como um diferencial. Um outro relato auxilia a compreender essa dinâmica de atuação das marcadoras:

[...] Eu acho que a gente tem que impor, eu sou mulher, e eu vou vestir como mulher, e aqui eu faço um figurino o mesmo modelo das minhas damas, mas de cores diferentes, pra poder diferenciar, porque eu faço as coreografias junto com eles, marco e danço junto com eles. Liliani Claudino.

Assim sendo, é perceptível que um conjunto de elementos diferenciam e particularizam a marcação feminina, ainda que cada uma seja também única em relação umas às outras, alguns padrões parecem se repetir entre as marcadoras entrevistadas, posso afirmar nesse sentido, que todas nós estamos em busca de construir nossa própria identidade e conquistar nosso espaço no movimento junino. Um dos relatos de Stephanny Soares reafirma essa percepção:

[...] Eu não marco sem minhas luvas, as minhas luvas são sagradas, já tentaram tirar minhas luvas, e eu falei não, deem um jeito, mas eu preciso marcar com as luvas, porque é uma marca que eu tenho, eu não abro mão disso.

Seja pelas luvas, pela saia ou pelo nosso jeito de marcar, por meio das entrevistas que tive com as marcadoras confirmei a percepção de que a presença de nossos corpos e nossas vozes nesse lugar de destaque e liderança, por si só já geram uma quebra de um imaginário antes estabelecido. Quando visualizamos esses corpos espetacularizados, talvez não reflitamos que cada corpo é marcado por desafios ligadas a maternidade, a diversidade étnico racial, a pressões estéticas e possíveis deficiências.

Durante a entrevista com a marcadora Lorraine Alves, ela relatou que a primeira pessoa a marcar sua quadrilha junina foi uma mulher cadeirante, Aleska Trindade, considerada uma marcadora brilhante, abriu as portas para que outras mulheres pudessem se sentir encorajadas a estar nesse lugar de destaque:

[...] Nossa primeira marcadora, era mulher, uma mulher cadeirante, é uma amiga de infância, o nome dela é Aleska Trindade e ela foi nossa primeira marcadora, a Forrozarte então, veio pra esse universo, já, totalmente trazendo algo que ninguém esperava, a marcadora sendo mulher e deficiente física, então a gente sempre carregou a bandeira da acessibilidade. Então nossos dois primeiros anos foi com ela, depois ela teve umas complicações de saúde e não teve como seguir. Lorraine Alves

Ao longo do relato de Lorraine, ela também compartilhou que não só ela, mas que principalmente Aleska tiveram que lidar com comentários sobre suas presenças na marcação. Em um contexto de competitividade, o corpo em cena gerou incômodos em adversários:

[...] A Aleska, nos primeiros anos dela, aconteceu que além de ter sido a primeira figura feminina marcadora aqui na nossa região, o fato dela ser cadeirante, atçou uma fúria nos outros grupos, que foi assim, chocante, eles falaram que a gente colocou ela ali de forma apelativa, que os jurados deram o troféu de melhor marcadora pra ela por pena, então foi bem doído escutar tudo que a gente escutou, então ela passou perrengue muito grande graças a isso, mas graças a ela que hoje aqui na região já se tem esse respeito, as pessoas já enxergam melhor, a nossa figura enquanto mulher e marcadora. Aleska Trindade.

Após ouvir falar sobre a marcadora Aleska e sua trajetória, por intermédio de Lorraine, entrei em contato com Aleska Trindade para entrevistá-la, e pude ouvir mais sobre sua percepção sobre o momento em que estive na marcação. Aleska Trindade é pesquisadora, atualmente doutoranda na linha de pesquisa de história oral, e tem realizado entrevistas com pessoas com deficiência, Aleska afirma em seu relato que a experiência como marcadora teve influência em sua vida pessoal e profissional, por ela se perceber uma pessoa comunicativa e capaz de seguir nesse processo. Sobre sua trajetória ela partilha:

[...] Foi uma experiência muito incrível e desafiadora, por que eu sou pessoa com deficiência, sou cadeirante desde os meus quatorze anos, devido a uma doença degenerativa muscular, e assim, naquele período foi um pouco difícil, devido a aceitação e tudo mais, mas passado aquele momento eu aceitei os desafios que a vida coloca pra gente, e sempre encarei tudo com muita determinação sabe?, e quando chegou o convite pra ser marcadora eu fiquei um tanto quanto com medo, por que assim, eu sei que sou uma pessoa comunicativa e eles me convidaram por conta disso, mas eu fiquei com um pouco de medo de não dar conta, de não conseguir, porque é uma posição muito importante, mas por outro lado também eu fiquei muito feliz por eles acreditarem no meu potencial, para além da minha deficiência. E eu tive que aprender tudo do zero né, porque eu nem sabia que existia esse tipo de concurso, e eles tiveram que me ensinar do zero. Aleska trindade.

Devido a presença de Aleska Trindade na marcação, a Junina Forrozarte de Uberlândia, frequentemente destaca em suas apresentações a necessidade uma sociedade mais acessível e inclusiva, nesse sentido vejo que o corpo daquela marcadora em cena, despertou no grupo a necessidade de posicionamento e reivindicação de algo ainda pouco discutido no movimento junino. Ainda que Aleska não esteja mais a frente da marcação, sua presença foi um marco importante para o grupo e para o movimento, e essa percepção é reforçada em relatos de Lorraine e Aleska. Sobre essa questão da inclusão na quadrilha, Aleksa afirma:

[...] Eu fiquei admirada que quando foi passando os meses, eu fui pegando o jeito, aprendendo tudo, e foi muito positivo pra mim. A quadrilha assim, me abraçou, mas abraço também a causa da inclusão, então sempre a quadrilha levava essa pauta da acessibilidade da inclusão... e foi uma surpresa quando eu ganhei, né, eu fiquei admirada de ganhar e isso me ajudou enquanto pessoa também, a entender que tem muitos desafios, mas que a gente consegue vencer eles, consegue ir além dos nossos limites, porque a gente sabe que nem todo lugar que a gente vai apresentar tem acessibilidade. Aleska Trindade.

A partir das questões abordadas sobre corporeidade e identidade visual das marcadoras, compreendo essas questões como pertencentes aos bastidores, ou seja, ao processo percorrido por nós antes de sermos avaliadas na competição, dessa forma, podemos refletir sobre as situações e desdobramentos da avaliação vividas pelas marcadoras com uma percepção mais apurada sobre as coisas que estão por trás do que é visto no tablado.

O próximo assunto abordado será sobre os relatos feitos pelas marcadoras em relação às suas vozes, instrumento principal de nossa atuação enquanto marcadoras, consequentemente também faço reflexões a partir de suas falas.

2.5 Voz e local de fala: Vocalidade das marcadoras

Ao analisar as características vocais das marcadoras, inevitavelmente, também reconhecemos o contexto social em que estas vozes estão inseridas, ao considerar que quem marca é entendido no movimento de quadrilhas juninas como um líder que conduz um grupo pela sua voz, é possível compreender que a fala de Lilliani Claudino sobre o poder de nossa voz e do microfone está relacionada com a possibilidade de nos posicionarmos socialmente ao longo da nossa atuação, para Liliani:

[...] A gente tendo o poder do microfone, da voz, da hora, é bom a gente fazer o povo lembrar das coisas.

Liliani Claudino

A fala de Lilliani transcrita acima, foi dita em um momento em que a marcadora relatava que em suas apresentações ela costuma falar sobre questões como misoginia e racismo e que nesse sentido, nosso lugar serve “para fazer o povo lembrar das coisas”.

Compreendo que a voz da marcadora deve ser analisada em seus sentidos de parâmetros vocais como o timbre e a intensidade, mas que para além dessas parâmetros, devemos refletir sobre os efeitos sociais produzidos por quem usa a voz e a forma como essa fala é emitida.

Ao longo das entrevistas com as marcadoras, os aspectos relacionados a suas vozes e aos lugares de fala foram aparecendo, seja a partir de alguma pergunta minha, ou em conjunto com outras questões de suas vivências. A partir da questão sobre a percepção vocal elaborada pelo questionário, também quis saber qual é/era o retorno que elas recebem do público e do jurado sobre suas vozes, as formas de expressarem essas percepções, foram diversas:

[...]Eles falam que dá arrepio de ouvir, que é bem bonito quando está falando. Por ser doce né, o feminino ser diferente, porque só se vê homens falando, então é bem diferente. Igual falam de você também, já ouvi muito as pessoas falando de você, já ouvi muito falar de você. Dalilian Mota. Vira e Mexe.

[...] Graças a Deus eu tenho uma voz mais grave, e ajuda bastante, já a minha amiga que marcava, que em 2022 teve nota baixa junto comigo, já é um pouco mais aguda... eu sempre fui tranquila em relação a isso. Drika Alves

[...] Eu sempre senti minha voz meio grossa né, um pouco mais grossa, não tão feminina, quando eu marco, não sei você, mas eu marco e minha voz muda um pouco, eu a sinto mais grave, em alguns momentos mais grave. E sinto ela mais potente, mas assim, foi tudo treinamento né. Selma Beltrão

[...] O fato de a voz ser aguda, por um lado eu acho bom, porque o grito por ele ser fino ele chega mais alto. Sthephanny Soares.

Se observamos estas falas, podemos perceber que quando estas marcadoras são questionadas sobre suas percepções vocais, a questão da voz grave e aguda geralmente aparece, a voz mais grave é mais associada com o masculino e a voz aguda com o feminino, e as compreensões sobre as possíveis vantagens e desvantagens de cada características de voz variam.

No relato de Dalilian Mota e Sthephanny Soares por exemplo, é possível notar a característica aguda de suas vozes como um aspecto benéfico em suas marcações, por remeter a uma noção de feminilidade e doçura e pelo tom agudo ser projetado em maior alcance. Assim sendo, percebo que uma característica que poderia ser vista como obstáculo, se torna o diferencial daquela artista neste contexto em que a utilização da voz é avaliada.

Em contrapartida, ao ouvir e relembra os relatos de Drika Alves e Selma Beltrão, reflito novamente sobre a voz grave ser vista como uma característica positiva por ser associada a uma maior potência e, portanto, a uma liderança mais imponente, ainda mais considerando que no relato de Drika Alves, a marcadora com voz mais aguda foi avaliada com uma nota inferior, o que pode ser devido ao agudo da voz ou não.

Em relação a essa questão, inevitavelmente refleti sobre a minha experiência na marcação enquanto ouvia os relatos das marcadoras, a fim de contribuir com a reflexão, também coloco aqui que em relação a minha voz, já ouvi que sou bem aceita no movimento pela minha voz não ser muito aguda, ao mesmo tempo que também já recebi retornos dizendo que a feminilidade presente na minha voz é que faz com que eu seja percebida como uma marcadora diferenciada.

Assim sendo, pode-se entender que nossos relatos e percepções sobre nossas vozes reforçam a noção de que não só a qualidade vocal é avaliada, mas sim todos os significados sociais que são atribuídos a cada característica. Nesse sentido, não só o texto da marcadora comunica, além disso, quem diz e como diz, também transmite uma mensagem cheia de sentidos e significados.

Durante as entrevistas com as marcadoras, outras situações relacionadas a suas vozes apareceram nos relatos, algumas delas possivelmente também enfrentadas pelos homens marcadores, como podemos constatar nas seguintes falas:

[...] Nossa, a primeira vez que me apresentei em público, a minha voz falhou, e assim, eu fiquei muito nervosa por conta disso né, foi um mico na primeira vez, só que nessa mesma vez que foi a primeira vez que eu marquei, teve outros marcadores que chegaram em mim e falaram que tudo bem, que a primeira vez é assim mesmo, e que eu ia conseguir marcar depois, aí depois foi mais tranquilo. Selma Beltrão.

[...] Foi um processo bem difícil, e um processo em questão da língua presa, que algumas palavras eu não conseguia pronunciar muito bem, e o folego também que tive muita ajuda. Selma Beltrão

[...] Eu tenho um grande problema, não se você reparou, eu sou dislexa, eu sou igual o cebolinha, eu falo “tles”, eu falo “plato”, então no começo eles me criticavam muito, aí eu vi que tinha um preconceito, eu falo compassadamente, se eles não entenderem eu não posso fazer nada. Liliane Claudino

[...] Antigamente a gente não tinha acesso a fonoaudióloga, meu sonho era ser professora, mas zombavam do meu jeito de falar, aí a gente vai abrindo mão dos sonhos, por conta das palavras. Liliane Claudino.

Percebo que essas questões apresentadas pelas marcadoras sobre pronúncia e dicção, são observadas no movimento junino em relação a todos os marcadores, e que dependendo da forma como o artista constrói o seu personagem, a sua forma de expressão vocal de modo geral dialoga com sua movimentação e gestualidade.

Ao notar que Liliani percebe a resistência dos avaliadores com sua dislexia como um preconceito, me questiono se os marcadores homens também recebem uma crítica mais incisiva quanto a isso, ou se o fato dela ser uma mulher marcadora coloque sua questão com a dicção em maior evidência. Não tenho uma resposta definitiva em relação

a essa questão, mas penso que a dicção das marcadoras seja um fator avaliado que se soma a outros aspectos mais particulares da marcação feminina.

Nesse sentido, podemos observar que os possíveis desafios enfrentados por todos nós marcadores dentro e fora da apresentação, podem interferir na nossa autoconfiança ao longo da temporada junina. Quais são os obstáculos enfrentados pelas marcadoras para além dos que já são comuns para todos os marcadores?

No contexto cultural das quadrilhas juninas a voz da marcadora enquanto aspecto avaliado, também tem seu sentido social, pois tem relação a forma como essa voz é emitida pela mulher influencia a percepção do público, dos jurados e conseqüentemente do resultado na competição. Nesse contexto, uma das entrevistadas afirma que:

[...] Muitas marcadoras desistem por estar prejudicando seu grupo.

Lorraine Alves.

Essa preocupação com o desempenho do grupo que leva a desistência, assim como afirma Lorraine Alves, parece ser uma constante na relação das marcadoras com suas quadrilhas, muitas delas relataram que pensaram em desistir, as vezes antes mesmo de tentar, por medo da sua nota afetar a classificação do grupo, e conseqüentemente não serem bem aceitas e acolhidas em suas quadrilhas. Nesse processo, a voz pode se tornar um elemento destaque e decisivo para aceitação da marcadora pelo público.

Essa voz marcadora que pode ser considerada doce ou firme, grave ou aguda, ressoa em lugares específicos e restritos dentro do movimento de quadrilhas juninas do Brasil, junto com a voz, as marcadoras apresentam suas imagens, seus corpos, figurinos e personagens, esse conjunto de aspectos formam a singularidade de cada marcadora. No tópico a seguir, partilho trechos mais específicos sobre questões da competição e do processo de avaliação percebidos pela vivência das marcadoras.

2.6 Competição e avaliação: percepções sobre o a presença marcadora no circuito competitivo.

Durante a minha vivência nos concursos de quadrilha, me questionei se as formas de avaliação eram as mesmas para todos os lugares e para as outras marcadoras, em outras palavras, tive interesse em saber se os comentários que eu recebi eram exclusivos em relação as minhas particularidades, e se existia alguma influência de conjunturas sociais em relação a eles. Busquei então ouvir histórias da experiência das outras marcadoras no que se refere a avaliação nas competições.

As situações vivenciadas e relatadas pelas marcadoras anteriormente, se relacionam diretamente com os resultados das avaliações nos concursos, mas para além de considerar o contexto das marcadoras avaliadas, pude ouvir a análise que as marcadoras fazem de quem as avaliam, e dessa forma, também refletimos que não só nosso contexto importa, mas o contexto de quem nos observa:

[...] E sem contar que o olhar também de quem ta julgando o marcador, geralmente são homens, pelo menos aqui em recife, são homens, que já marcaram quadrilhas a vinte anos atrás e não absorvem, não querem aceitar que tem uma mulher ali fazendo isso.

Drika Alves.

[...] Aqui, todas as juradas que são mulheres me derrubam na pontuação.

Liliani Claudino.

[...] quem dá a nota mais baixa é as mulheres, e os homens dão a nota mais alta, e eu não entendo. aí a gente se pergunta né, se um homem tão experiente deu a nota 9,8 e uma mulher vem te dar um 8,0? é muito diferente uma nota da outra.

Dalilian Mota.

Vale ressaltar, que geralmente as federações de quadrilha junina, responsáveis pelas realizações dos circuitos, selecionam avaliadores pelos seus currículos, formações e logo, pela capacidade mínima de estarem nessa função de avaliadores. O que então faz com que as marcadoras tenham essas percepções sobre os avaliadores pautadas nos

gêneros? Quero lembrar que meu no caso, não percebi essa diferenciação na avaliação em relação a mulheres e homens me avaliando, mas ainda assim, vivenciei a situação de que muitos quadrilheiros atribuíram a minha primeira vitória ao fato da banca de juradas ser composta inteiramente por mulheres.

Considerando esses relatos, podemos perceber que a presença das marcadoras na competição gera tensões antes não percebidas, quando o comum era apenas homens presentes na marcação. Ainda que não busquemos em primeiro momento, aprofundar a discussão do que pode estar por trás dessa relação entre as marcadoras e avaliadores, é inegável que existem questões para além do que a marcadora apresenta em sua atuação.

Esse destaque na reflexão voltada para a competição e logo para a avaliação, passa pelo entendimento de que para nós artistas de quadrilha junina, a competição serve como uma espécie de termômetro da qualidade do espetáculo apresentado, ainda que muitos resultados e comentários de avaliadores sejam considerados injustos. No que se refere especialmente a avaliação feita sobre a atuação de marcadoras, vejo que ela ganha um sentido mais complexo, de validação e reafirmação da competência naquele lugar. Podemos entender melhor como essa relação se estabelece ao ler um outro relato de Dalilian Mota:

[...] Eu vou falar por mim, por mim e eu não sei pelas outras né, assim, se eu ganhar três notas 9,9 e uma 8,0, o que pesa dentro da minha quadrilha é a 8,0 que eu ganhei, não pesa as outras... não sei se é porque eu sou mulher, assim, de todos os marcadores que já teve na minha quadrilha eu fui a que tirei as maiores notas, e não são todos, mas alguns ficam jogando uma piadinha de lá, uma coisa de cá, e tipo, o que pesa é a nota mais baixa que eu tirei, entendeu?, agora, quando era homem podia tirar as notas todas baixas e todo mundo apoiava, todo mundo falava que eles eram bons e tudo...

A partir desta constatação feita por Dalilian Mota, e pautada também pela minha experiência de ter passado por situações semelhantes é que afirmo que o que discutimos aqui não é apenas a importância de uma mulher se manter bem avaliada na competição, e sim, os desdobramentos possíveis de quando essa mulher não recebe o título de campeã.

Assim como Dalilian partilha, afirmo que um fator observado por todas nós marcadoras, é que existem vários homens marcadores que estão nesse lugar por vários anos seguidos, sendo avaliados de diferentes formas, em alguns casos sem receber

nenhum título, mas a suas capacidades não são questionadas da mesma forma que as mulheres quando não ficam em primeiro lugar.

Assim sendo, podemos perceber que para nós, mulheres marcadoras, a pressão para sermos melhores é maior, e que quando temos a oportunidade de sermos vistas, de mostrarmos a nossa espetacularidade, damos o nosso melhor por entender que talvez a garantia para que as portas não se fechem para nós é um título, podemos entender esse sentimento ao entrar em contato com o relato de Stephanny Soares sobre como se sentiu minutos antes de ficar em primeiro lugar como marcadora no concurso Ceará junino:

[...] Quando eu entrei em quadra, que tem um aquecimento, eu fiz minha oração e eu fiz assim, meu Deus do céu, me ajuda porque talvez seja a minha única oportunidade que eu vá ter, se eu não conseguir agora eu não vou ter outra oportunidade, eu lembro que eu disse isso, e entrei. Sthephanny Soares

Um outro relato que reafirma o entendimento de que o título de melhor marcadora para nós mulheres tem um peso maior é o de Queila Raiane:

[...] Ganhei algumas premiações, dessas premiações disputei com grandes marcadores da região, homens que perderam o título pra essa mulher, então foi muito importante essa premiação, não o prêmio em si material, mas o significado que isso traz sabe, de dar a volta por cima, de mostrar que mulher pode estar onde ela quiser e pode e vai ser premiada, quantas vezes forem necessárias sabe. Queila Raiane.

Ao ampliarmos o olhar para todos os fatores que antecedem a chegada das marcadoras na competição, entendemos suas vitórias como marco de resistência e superação, além de tudo, sabemos que nossa vitória carrega um lugar de representatividade, assim como percebo nas falas das marcadoras:

[...] De 2022 até 2024, eu já conquistei mais de oito premiações de melhor marcadora, na nossa região né, disputando com esses homens em concursos de quadrilha, e foi assim, gratificante pra mim estar representando várias mulheres e várias vozes. Queila Raiane.

[...] Quando eu cheguei perto do grupo que eu olhei que eu realmente tinha ganhado, eu comecei a chorar, mas eu chorei tanto, tanto, que eu acho que eu nunca agradei a Deus tanto, como aquela noite, porque pra uma pessoa que

foi dito que jamais poderia ser um destaque, que não teria condições, que foi tentada ser substituída 3 vezes no grupo, e ganhar aquele prêmio, foi assim sabe? Sthephanny Soares.

Enquanto me questionei se o olhar crítico dos avaliadores era o mesmo para marcadoras e marcadores algumas respostas vieram por meio dos relatos:

[...] No último ano que eu marquei que foi 2022, duas mulheres, tivemos duas marcadoras, e eu uma marcadora da junina traque, as duas menores notas foram as nossas, e teve homem, que estava marcando, e isso não foi o meu olhar, foi o olhar de outro amigo, que é jurado, e disse Drika, teve fulano de outra quadrilha, que era um homem, que gaguejou, que falhou, que o microfone apitou, e tirou nota maior do que vocês.

Drika Alves.

[...] Já me falaram assim, nossa você marca a quadrilha muito diferente, aí eu falo assim, uai mas eu sou diferente, eu sou diferente, pra começar eu sou uma mulher!

Liliani Claudino.

A partir dos relatos de Liliani e Drika, me questiono ainda mais sobre os parâmetros utilizados para avaliar as marcadoras, eles devem ser os mesmos do que os utilizados para avaliar os homens? Essa distinção iria auxiliar ou gerar mais resistência em relação as marcadoras? Partindo do princípio de que mesmo entre os homens cada marcação é única, esse questionamento em relação ao jeito diferente de marcar parece não fazer sentido, mas quando olhamos a situação em uma perspectiva de gênero, a avaliação ganha um outro sentido.

Quando apresentei os relatos sobre a corporeidade e a visualidade das marcadoras, elas expressaram em sua maioria a preferência pelo uso da saia, o que implica geralmente no fato das marcadoras dançarem enquanto marcam, ao ouvir o retorno da avaliação em relação a essas características das marcadoras, percebemos resistências com as marcadoras que dançam:

[...] Quando eu comecei a marcar eu ouvi isso também de jurados, que eram mais chegados a mim me dando dicas dizendo, Drika, não dance muito, drika você ta correndo no espetáculo, você ta dançando demais, e eu disse, minha gente, mas sou eu, eu não quero me moldar nos homens que vem parado, só tem uma voz bonita, e está lá engessado, não, porque eu não sou homem, eu vim pra ser diferente, eu sou mulher.

Drika Alves

[...] ela falou que eu dancei mais do que marquei, eu achei estranho porque eu vejo vários marcadores que nem dançam, e ela deveria me exaltar por isso, por ter dançado e marcado.

Dalilian Mota.

[...] A pessoa que disse que eu não tinha condição pra ser destaque, ele olhou pra mim e disse que não me via na posição de marcadora porque eu fui mais rainha do que marcadora. Sthephanny Soares.

Também já recebi esse retorno de um avaliador sobre a marcadora que dança, dizendo que eu preciso marcar mais e dançar menos. Ao observar o vídeo da apresentação, percebi que apenas dancei em momentos que não cabia nenhuma fala, mas considerei para a próxima apresentação dançar menos. Após ouvir os relatos de Drika, refleti se deveria dançar menos para não atrapalhar a marcação de fato, ou se o comentário recebido foi uma tentativa de me inserir em um molde de marcadores homens.

No contexto citado, o fato de Sthephanny ser vista mais como rainha do que marcadora revela uma limitação imposta, rainha é aquela personagem destaque, que tem momento de solo de dança durante a apresentação, se Sthephanny consegue lembrar uma rainha porque dança enquanto marca, por que não pode ser marcadora por conseguir marcar enquanto dança?

A hipótese mais frequente levantada ao longo dos meus diálogos com as marcadoras sobre esses questionamentos apresentados é que essa resistência ocorre pelo fato da mulher marcadora ainda ser vista como raridade e inovação, pois de fato ainda somos. Por conta disso, alguns relatos sobre o estranhamento gerado quando as marcadoras chegam nos eventos, ainda são frequentes:

[...] teve uma apresentação normal, sem ser competição, que o locutor ficou chamando marcador, marcador, ai quando eu o cheguei levou um susto, e falou: uai, e mulher sabe marcar?, e eu falei, sim sabe.

Selma Beltrão.

[...] Outra coisa que eles assustam muito, que eu não sei como é aí, quando você chega pra testar mídia, antes de dançar, aí quando volta, eu to parada assim com a quadrilha, aí o pessoal chega com microfone assim: cadê o marcador?

[...] O pessoal aqui não sabe que tem uma marcadora feminina em BH, e pelo tempo que estou marcando quadrilha, igual eles fazem com você, aqui até hoje tem evento que eu chego o pessoal assusta.

Liliani Claudino.

[...] Inclusive Ana, eu já tive participando em concurso aqui, concurso de bairro, aí o apresentador, o locutor do evento, porque eles recebem a sinopse né, aí eles falam, vem aí a quadrilha origem nordestina, trazendo o tema tal, tantos componentes, aí tinha, marcador Drika Alves, o locutor do evento: ixé, deve ser um travesti... [...] aí quando eu peguei o microfone pra dar o grito pra quadrilha entrar, antes eu pedi licença, aí disse, Drika alves não é homem não tá, Drika Alves é mulher, inclusive meu filho até participa do espetáculo, e eu peço por gentileza que você me peça uma desculpa sobre sua fala.

Drika Alves.

Ouvir esses relatos me tocaram em um lugar particular de identificação, empatia e inspiração para continuar, pois vivenciamos situações recorrentes em que o gênero masculino predomina, a exemplo dos locutores dos eventos que anunciam marcadores mesmo sendo uma mulher se apresentando, ou quando recebemos certificados e crachás com a palavra ‘marcador’ seguidos de nosso nome. Dessa forma, a estranheza causada pela nossa presença em cada lugar desse país, é capaz de provocar mudanças na forma como os títulos são estabelecidos.

As marcadoras que foram entrevistadas carregam em suas histórias e falas uma força para representar, ao mesmo tempo que lidam com as tentativas constantes de silenciamento e apagamento da nossa potência. Sthephanny Soares relata que ganhou seu prêmio de melhor marcadora após diversas tentativas de tentarem substituí-la, uma das justificativas em particular, me chamaram atenção:

[...] Eu lembro que eu estava em Sobral, porque eu trabalhava e tal, e aí o presidente da junina me ligou dizendo, olha Sthephanny, a gente fez uma reunião aqui e decidimos que você não vai mais marcar a quadrilha porquê de acordo com nossas pesquisas não existiam maquinista mulher. E quem vai marcar no seu lugar é o fulano, e já tá tudo certo, e eu disse: presidente, eu já to com minha roupa comprada, a costureira já está fazendo, e ele disse: mas mande ela parar de fazer, que vai ser assim.

Após esse relato, Sthephanny explicou que insistiu para continuar marcando o tema e conseguiu marcar, mas que seu desempenho não foi bom, pois a marcação dela

não se aproximava da ideia masculinizada que se tinha de um maquinista. A partir dessa situação, penso que a criação de personagens adaptados para cada corpo e pessoas diferentes é uma possibilidade ampla, pois estamos falando de uma arte extremamente criativa e imaginativa, onde muitas coisas podem acontecer. Desta forma, a composição de personagem proposta me parece limitante dentro de um contexto de diversas variações de marcação que a quadrilha junina pode ter.

Assim como eu relatei no primeiro capítulo, durante a apresentação de quadrilha, algumas marcadoras relataram a sensação de se transformarem, de estarem de corpo presente entregues aqueles momentos. Dessa forma, acredito que essa entrega faz com que as limitações impostas por terceiros não consigam nos moldar.

[...] Eu falo para as pessoas que tem duas Liliani, tem a Liliani fora do tablado, e a Lilliani no tablado, porque eu no tablado, eu visto o personagem, sim, eu incorporo aquele personagem, eu viro a marcadora, ao mesmo tempo que eu to marcando, eu to puxando a quadrilha, eu to contando aquela história, é tudo ao mesmo tempo.

[...] Eu marco do jeito que minha alma pede, minha alma pediu, bora, ce ta livre, eu vou marcando aquilo dali. Liliani Claudino.

[...] Eu criei uma amor pela marcação que é assim, indescritível, então o que eu faço assim é com muita verdade, com muita paixão.

Lorraine Alves.

Arrisco dizer que o estado de presença percebido ao longo da nossa apresentação é o que fez e faz como que muitas de nós sejamos consideradas boas marcadoras, apesar das dificuldades enfrentadas. Reconhecer nossa capacidade e lutar pelo nosso lugar é também uma forma de empoderamento, o fato de muitas de nós mulheres duvidarmos de nós mesmas antes de tentar revelar essa dificuldade de reconhecimento, essa percepção é complementada também na fala de uma marcadora:

[...] Nós mulheres temos até essa dificuldade, de assumir que a gente é realmente boa naquilo, pra não parecer que a gente quer ser superior, pra não parecer que a gente quer ser mais do que os outros. Lorraine Alves.

Os diálogos e partilhas feitas com as marcadoras me fizeram reconhecer minha potência e me encorajaram diante da potência percebida nelas, quando falo da nossa vez

de conduzir as quadrilhas pelo poder da nossa voz, considero toda a bagagem mencionada nos relatos e reflexões até aqui. Após apresentar um pouco da trajetória e vivências dessas mulheres a fim de refletir sobre questões de representatividade e espetacularidade, busco no terceiro e último capítulo, analisar de forma crítica as questões apresentadas, na busca de que sejam capazes de gerar apontamentos para discussões futuras.

3 Apontamentos: um futuro marcado

Após a apresentação de meus relatos no primeiro capítulo e das entrevistas com as marcadoras no segundo capítulo, me proponho analisar criticamente as questões surgidas a partir das experiências, sendo possível, nesse percurso nomear alguns desafios vivenciados pelas marcadoras como pertencentes a uma conjuntura social influenciada por estruturas dominantes, e assim refletir sobre suas possíveis implicações nas trajetórias de nós mulheres marcadoras.

A construção da análise crítica é possível a partir de dados obtidos na vivência de diferentes mulheres que tiveram pouco ou nenhum contato umas com as outras durante suas experiências na marcação, mas que relatam em suas falas percepções semelhantes em relação ao processo na marcação dentro do contexto cultural de quadrilhas juninas do Brasil.

Ao longo dos capítulos anteriores, busquei apresentar as situações vivenciadas por nós marcadoras e levantar reflexões em relações às possíveis relações de poder que estariam sustentando as questões de gênero na marcação. Como ponto de partida para análise, retomo questionamentos anteriores apoiada em conceitos que subsidiam as discussões e considerações.

No paralelo estabelecido entre o espetáculo e os bastidores das apresentações de quadrilha, alguns conceitos embasam de forma mais específica as questões socioculturais surgidas ao longo da pesquisa, enquanto outros se relacionam mais diretamente com os aspectos estéticos do espetáculo. Nesse sentido, as questões da construção do espetáculo como: figurino, voz, estética da marcadora e avaliação, serão analisadas com base nas noções da etnocologia e da espetacularidade Bião (2007), já os pontos abordados como bastidores, como os processos e as questões vivenciadas fora do espetáculo, terão como base teórica para análises discussões sobre patriarcado, interseccionalidade e representatividade feminina Crenshaw, (1989).

Compreendendo que o movimento quadrilheiro está inserido numa sociedade que opera segundo o patriarcado, “sistema que naturaliza a dominação masculina e é mantido por práticas culturais e sociais cotidianas” bell hooks (2019), é perceptível que alguns desafios vividos e relatos por nós marcadoras são frutos desse sistema.

Os homens responsáveis pelas situações que nos oprimiram podem não só não ter consciência dos efeitos de suas atitudes, como em algum sentido também sofrem as consequências desse sistema.

Retomarei a seguir as temáticas abordadas nos capítulos anteriores a partir da conceituação e da análise crítica dos assuntos apresentados, a partir dos seguintes subtópicos: Inícios de trajetórias e a dominação masculina; bastidores, preparação e jornadas; voz, lugar de fala e controle de corpos e competição e avaliação x visibilidade e Reconhecimento.

3.1 Inícios de trajetórias e a dominação masculina

Ao observarmos as formas como as marcadoras entrevistadas iniciaram suas trajetórias na marcação é perceptível que a escolha por uma mulher nesta função passa necessariamente por processos de controle: ou a função é herdada de homens, ou ela precisa ser a fundadora do grupo em que marca.

Após a apresentação das trajetórias, levantei os seguintes questionamentos: Será que além das marcadoras que localizei em minha pesquisa outras mulheres teriam o interesse de se tornarem marcadoras, mas ainda não conseguiram seu espaço? Será que Liliani Claudino estaria há três décadas marcando quadrilha se não fosse sua tradição familiar?

Foi observar que poucas das mulheres se colocam para marcar quadrilha, ainda que detentoras de habilidades para exercer esta função, e que tão pouco são cogitadas pelos demais membros dos grupos juninos de que fazem parte.

No caso específico da marcadora Liliani Claudino, de Belo Horizonte, observei em suas falas, uma postura de reivindicação de seu espaço e de resistência perante os desafios enfrentados por ser uma mulher líder de seu grupo. A função herdada pelos pais, antigos coordenadores da quadrilha, é vista por ela como uma missão, fazendo com que ela seja a marcadora mais antiga de sua região, independente de títulos ou reconhecimento.

Observo que as marcadoras relatam buscar se destacar e desempenhar suas funções com excelência, não só pelo intuito de serem competentes, mas pela necessidade de se sentirem validadas em seu espaço. Em relação a esse fator, Liliani Claudino se destaca em sua postura ao afirmar que: “mesmo que fosse ruim, continuaria na marcação, pois tem muitos homens que não são bons e continuam no seu lugar”.

Dessa forma, pode-se analisar que a trajetória das marcadoras se inicia por uma mudança nas estruturas tradicionais a partir de sua inserção na marcação, seguida de constante resistência ao longo de suas jornadas.

Inevitavelmente, para analisar a presença de mulheres na marcação de quadrilhas juninas, é preciso nomear as relações de poder que perpassam as nossas vivências e influenciam os comportamentos sociais dentro das quadrilhas. De acordo com hooks (2020, p.2)

[...] dos sistemas existentes, o patriarcado é o que mais constantemente nos “socializa” impondo as maneiras comportamentais pelas quais devemos desempenhar nossos papéis determinados pelo gênero, ainda que não tenhamos conhecimento algum sobre o termo. (aspas da autora)

Ao refletir sobre as estruturas dominantes que regulam a inserção das marcadoras, é perceptível que a presença dessas mulheres sofra influência de opiniões masculinas que permitem, aprovam ou desaprovam as presenças dessas mulheres. A resistência para que as marcadoras se insiram nos espaços não está limitada por documentos regulatórios, nós mulheres não precisamos do consentimento masculino para sermos líderes e/ou marcadoras, mas as imposições de papéis de gênero permeiam as relações e dificultam nossas presenças.

Nesse sentido, se aplica nesse contexto cultural o conceito de violência simbólica (Bourdieu, 1972), na qual a dominação e opressão é exercida e mantida por meio dos símbolos, da linguagem e dos discursos. Conforme Rodrigues; Nascimento; Nonato (2015, p. 85):

A base da violência simbólica está nas estruturas sociais que a produzem e a mantêm viva, estruturas estas que defendem o papel do homem como superior. Essas estruturas são monopolizadas pela classe dominante que a reproduz por meio do que Bourdieu chamou de *habitus*, ou seja, o conjunto de valores, representações e crenças incorporados pelos indivíduos ao longo de suas trajetórias sociais.

A partir desse conceito, pode-se analisar que a violência simbólica afeta a relação das marcadoras com o movimento junino por meio de estruturas que reforçam a ideia de que

a presença masculina é mais adequada para a marcação e que o espaço para as marcadoras deve ser limitado a partir do que se entende por papéis de gênero.

A violência simbólica tem influência na autoconfiança das marcadoras ao constatarmos que muitas afirmam duvidarem de suas próprias capacidades antes de se arriscarem na marcação e perceberem suas habilidades na prática. Essa insegurança percebida nas marcadoras é reforçada por meio de discursos e posicionamentos de alguns agentes culturais do movimento junino que dificilmente dão abertura para novas vozes, especialmente a das mulheres, juntamente com todos os seus marcadores sociais.

No movimento junino, muitos marcadores, que geralmente também representam seus grupos nas entidades competitivas e nas comunidades em que atuam, como por exemplo na função de presidentes, tem interesse em continuar mantendo as mesmas pessoas no comando das decisões em relação ao movimento de quadrilhas.

Para analisar mais amplamente o impacto das lideranças do movimento junino na sociedade, bem como as relações de gênero, considero relevante abordar que a função de marcador pode transcender o espaço do tablado e do espetáculo e chegar a uma influência social mais ampla considerando todas as relações sociopolíticas que são estabelecidas por meio das entidades e dos circuitos competitivos.

Em uma visão geral e do movimento junino, a maior parte da sociedade que acompanha as quadrilhas apenas como apreciadores, não imagina que atualmente o movimento junino envolve circuitos comandado por verbas, ligações políticas, acesso a emendas parlamentares e até a possibilidade de um líder de quadrilha acender socialmente e politicamente por meio das conexões que faz com assessores e deputados para que seus projetos aconteçam.

Dentro da programação de eventos oficiais das entidades juninas, estão inclusas sessões solenes em câmaras, onde os discursos realizados reivindicam os interesses de seus líderes e as conexões feitas entre os agentes culturais e os representantes políticos são capazes de gerar transformações nas relações comunitárias, e logo, quadrilheiras.

A mídia está presente enquanto uma forte aliada dos discursos e manutenção dos locais de liderança, tenho assistido toda temporada, as reportagens nas emissoras de televisão, as lives ao vivo e as divulgações nas redes sociais como ferramentas utilizadas pelos líderes do movimento junino para reafirmar seus pensamentos e principais interesses.

Ao considerar a profundidade de relações que permeiam o movimento de quadrilhas, é possível entender que a violência simbólica não só afasta as mulheres dos papéis de destaque do espetáculo, como também as distancia das funções de representação e liderança, mantendo-as apartadas das decisões culturais e políticas que afetam seus grupos.

Quando ouvi sobre a possibilidade de uma mulher ser marcadora, inicialmente eu questionei se era permitido que uma mulher marcasse, e se existia algo nos regulamentos dos circuitos quanto a gênero na marcação. Compreendo que ainda que não exista uma proibição formalizada, a violência simbólica gera a falta de representatividade feminina em lugares de destaque no movimento junino, fazendo com que duvidemos da nossa capacidade.

Iniciei na marcação sem muitas pretensões e sem muito conhecimento da amplitude do movimento cultural. Após a minha estreia, muitas possibilidades se abriram para mim, e o que inicialmente foi uma aposta incerta, começou um processo disruptivo de estruturas dominantes dentro do movimento junino.

Afirmo isso não só pelo que escutei das marcadoras, mas por vivenciar a diferença que tem sido ter iniciado a minha trajetória sendo marcadora de um grupo liderado por homens, e agora ser antes mesmo de marcadora, presidente do grupo que represento no tablado. Nas reuniões das entidades, nos eventos que envolvem a presença de figuras públicas e políticas, nas entrelinhas dos discursos dos colegas homens está presente a mesma mensagem simbólica: esse espaço é nosso, pois chegamos antes.

Dessa forma, sendo o primeiro obstáculo enfrentado pelas marcadoras justamente a entrada na marcação, ela é regulada por discursos e posicionamentos, e suas permanências se tornam mais complexas pois esse jogo de poder se perpetua em uma dinâmica exaustiva que dificulta a atuação da marcadora, as vezes sem que ela perceba toda essa dimensão.

Diante das circunstâncias apresentada me parecem existir três alternativas de escolha para as marcadoras, as quais eu classifico da seguinte forma:

- 1- Marcadora passiva: A marcadora permanece sendo uma integrante que atua dentro do espetáculo, mas sem grandes poderes de participação e decisão nas regras impostas nas relações quadrilheiras, sendo alienada de fatores que interferem inclusive em como ela será vista, reconhecida e avaliada nos circuitos competitivos.

- 2- Marcadora militante: É o caso em que a marcadora, ao tomar consciência dos processos de silenciamento e exclusão que ocorrem nos bastidores, decide se posicionar, na tentativa de tomar as rédeas da situação e reivindicar seus direitos e interesses. Neste caso, adotar essa postura pode ser desgastante, pois a mulher se coloca em uma posição desafiadora e se torna alvo de muitas violências: críticas, indiferença, olhares. Caso denuncie seus incômodos pode ser vista como vitimista. Se torna um processo difícil pois evidencia que embora a mulher não seja proibida de ser líder, a sua presença gera tensões e tentativas de regulação.
- 3- Marcadora de temporada: A terceira e última realidade desafiadora para uma marcadora, é o fenômeno que é observado com mais frequência, é aquela mulher que arrisca se colocar para marcar, por dificuldades associadas como as pressões internas e externas, além da exaustão de ter que lidar com outras áreas da vida, surge por uma temporada ou duas, mas em pouco tempo desiste de atuar e se afasta dos tablados.

Em resumo, percebo a partir desta realidade observada que esses meios de posicionamento enquanto marcadora no contexto de movimento junino aqui avaliados, fazem parte de uma realidade desafiadora e que exige coragem no enfrentamento das circunstâncias, pois embora estejamos falando de um movimento artístico, os bastidores estão cheios de batalhas invisíveis para parte do público.

Dos três tipos ou perfis de marcadoras, como já partilhado no primeiro capítulo, passei pelo primeiro: marcava para um grupo liderado por homens, tinha menos consciência de tudo que estava envolvido no processo, me preocupava e me afetava menos com as incoerências do movimento, entretanto era limitada em minhas ações como possível líder no movimento junino.

Atualmente vivo na segunda possibilidade, sou marcadora e presidente do meu grupo junino, represento minha quadrilha e tenho poder de decisão, mas me deparo mais diretamente com as contradições do movimento junino. Em determinado momento dessa jornada, constatei que eu poderia atuar a partir de dois caminhos: Ou eu aceitava as imposições dos outros sobre como minha espetacularidade seria construída, ou eu lidaria com a sobrecarga que é fundar e liderar um grupo para que eu pudesse ter poder de decisão. Foi assim que eu fundei a quadrilha junina Sol de Maria e passei a lidar com outros tipos de dificuldades.

A partir das possibilidades de inserção de mulheres na marcação é possível também compreender que nossa permanência perpassa lugares de desafios, na busca por construir

o nosso espaço por vezes nos adaptamos as normas estabelecidas. No próximo subcapítulo analiso as questões sobre as estratégias que nós marcadoras buscamos para conciliar as demandas do nosso cotidiano com os processos de preparação para a atuação nos espetáculos.

3.2 Bastidores, preparação e jornadas

A partir da minha experiência e da escuta dos relatos, constatei que após uma mulher iniciar seu percurso na marcação, são apresentadas, mesmo que implicitamente, algumas condições: A marcadora deve acatar as orientações sobre suas expressões dentro e fora do espetáculo, sobre sua visualidade por meio do figurino ou sobre a adequação ou não de sua pessoa a alguma ideia de personagem.

Em Relatar a Si Mesmo: Crítica da Violência Ética, Judith Butler ao falar dos desafios de construção de um relato ético, discute de maneira densa sobre a construção do relato pessoal a partir de normas de recolhimento estabelecidas por um contexto social. Butler (2015, p. 42), afirma que: “As normas pelas quais busco me tornar reconhecível não são totalmente minhas: elas não nascem comigo; a temporalidade de seu surgimento não coincide com a temporalidade da minha vida.”

Assim sendo, eu reflito que a forma com que me mantive no lugar de marcadora tendo visibilidade e aceitabilidade por parte da comunidade quadrilheira não se deu apenas por talento ou uma capacidade relacionada às atribuições esperadas de marcador(A), e sim porque eu estava operando conforme normas estabelecidas pelo contexto em que estava inserida.

Desta forma, vejo para o processo de relatar minhas experiências na marcação preciso ter noção de interdependência das relações e da necessidade de reconhecimento dos outros dentro do meu contexto de atuação.

Assim, após a marcadora iniciar sua trajetória de atuação, buscamos compreender normas sociais e de gênero que estão estabelecidas nas relações quadrilheiras, para conquistar o nosso espaço lidamos com questões muito particulares da nossa vida cotidiana, e do fato de sermos mulheres em um espaço com predominância masculina.

É fato que a jornada de preparação para uma temporada de apresentações é cansativa para qualquer quadrilheiro pois envolve muito tempo de dedicação, pesquisas, ensaios, reuniões, idas à costureira etc. Mas quando falamos especificamente de mulheres

marcadoras, toda essa jornada se soma aos diversos marcadores sociais da nossa vidas: maternidade no caso de algumas mulheres, violências de gênero, racismo no caso de algumas mulheres, transfobia no caso de mulheres transgênero, entre outras questões.

A questão principal a ser analisada neste tópico, é que antes da estreia do espetáculo em cada ano, enfrentamos uma série de situações, que fazem com que possivelmente a marcadora já chegue ao espetáculo com um desgaste mental e emocional que pode se refletir na qualidade de sua atuação ou até mesmo impedir que ela consiga chegar a se apresentar.

Nos relatos das marcadoras, podemos perceber que algumas buscam sua própria forma de marcação. No processo de preparação para o espetáculo além de lidarmos com a escassez de referências femininas para construir nossa espetacularidade, também lidamos com a solidão de não podermos partilhar nossas percepções e dúvidas com outras marcadoras.

No primeiro capítulo desta pesquisa, eu relatei momentos em que fui elogiada pela minha postura humilde e comedida, ao analisar os discursos que destacavam essas características como positivas, percebo que alguns comentários dos dirigentes refletem a forma como fui condicionada foi para que eu não reconhecesse minhas próprias capacidades. Neste contexto, reflito que a ausência de diálogo com pessoas que pudessem me auxiliar a compreender as potencialidades da minha atuação, também dificultava o reconhecimento do meu potencial e dos meus direitos enquanto marcadora.

Nos momentos de construção do espetáculo em conjunto com os dirigentes da primeira quadrilha em que fui marcadora, eu busquei diálogo para informar a minha preocupação a partir das percepções durante os ensaios. No decorrer daquela experiência, percebia que as minhas considerações não eram tratadas com relevância.

Nos primeiros anos de marcadora, tive sentimento de impotência e de sufocamento perante os silenciamentos que passei, estava fazendo algo que amava, porém não me sentia pertencente pois estava executando um trabalho que não tinha coletividade ou diálogo na criação. Sentia que meus incômodos não eram respeitados e que de forma contraditória a essa situação, a minha imagem continuava sendo divulgada como uma inovação no movimento junino.

Da mesma forma que eu, a marcadora Sthephany Soares me relatou situações em que sua opinião não era ouvida e sua vontade não era acolhida, embora fosse sua imagem e seu corpo um dos principais destaques do espetáculo. A exemplo, cita-se o caso de

quando Sthephany recebeu uma ligação dizendo que seria substituída por um homem pois segundo os diretores da quadrilha em que era marcadora, o personagem em questão não cabia para uma mulher.

Esse tipo de situação vivenciada por mim e por Sthephany reforça a noção de que não somos de fato escutadas e que podemos ser descartadas caso os líderes decidam que nossa imagem ou opinião não servem mais, aqui temos exemplos de violência simbólica que geralmente não é vista pelo público. conforme Gonçalves (2024, p. 31):

É crucial questionar como os estereótipos ainda moldam as vivências contemporâneas, levando-nos a considerar a necessidade de reimaginar o papel da mulher na sociedade, permitindo que suas vozes e potências se expandam para além dos espaços tradicionais de cuidado e reprodução.

Dessa forma, compreendo que o questionamento dos estereótipos que moldam as vivências quadrilheiras, pode ser um caminho para entender as motivações que levaram a tentativa de substituição de Sthephanny com o argumento de que seu personagem não poderia ser feito por uma mulher, e na percepção de que minha presença é melhor aceita quando a temática da quadrilha está centrada em figuras femininas, como se a nossa atuação fosse limitada a temas específicos a partir dos papéis de gênero.

Nesse sentido, ao considerar as violências, os estereótipos e silenciamentos que enfrentamos ainda no processo de preparação para os ensaios, é possível compreender melhor o relato de Drika Alves quando afirma que o processo de preparação é a parte mais difícil da marcação, e não a atuação no espetáculo em si.

Pelos relatos mencionados, entendemos que para que o processo seja menos desafiador, alguns fatores amenizam ou dificultam a jornada e a permanência da marcadora. Observei alguns pontos que interferem para que o processo de ensaios e composição do espetáculo seja mais ou menos desafiantes: A compreensão do grupo sobre as demandas de uma marcadora que é mãe, ou o apoio familiar as decisões daquela mulher, a relação de amizade, proximidade e confiança que aquele grupo tem com a marcadora.

Neste sentido, é possível compreender que uma marcadora deve ser observada não somente a partir do gênero, mas por meio da intersecções de diversos marcadores sociais que afetam a nossa vida no mundo junino. Assim, consideraremos, além do gênero, fatores como, idade, raça, padrões estéticos, e demais marcadores sociais que aparecem

em conjunto nos relatos das vivências de nós marcadoras. Vejo que as contribuições trazidas pelo feminismo interseccional auxiliam na compreensão de como todo o contexto dessa mulher marcadora irá impactar sua jornada. Conforme Angelin; Fonseca; Rosa (2020, p. 124)

Assim, o feminismo interseccional propõe uma visão sobre a concepção da interseccionalidade em que classe, gênero e etnia devem se interligar e não se posicionar de forma isolada, portanto, o movimento feminista interseccional abarca a missão de conciliar a luta contra a opressão de gênero com as de outras minorias, envolvendo classe social, raça, orientação sexual, deficiência física e religião

A partir dessa visão dos marcadores sociais que formam o contexto de cada marcadora, é provável que alguns aspectos da vivência serão diferentes de outras marcadoras, embora as questões de gênero sejam parecidas.

Reflico que a minha imagem de mulher jovem branca e magra pode ser vista na comunidade quadrilheira como a imagem de uma mulher frágil e delicada, em contraposição, uma mulher negra, com idade mais avançada, pode ser vista de outra forma.

Liliani Claudino, conhecida como “formigona chefe”, por ser líder da quadrilha Formigueiro Quente em Belo Horizonte (MG), inevitavelmente constrói outro tipo de relação com sua comunidade por passar por situações determinadas por seus marcadores sociais.

De modo geral, é notório que para a marcadora a preparação para a temporada junto com o processo de construção do espetáculo inclui uma jornada de situações que não presenciadas pelo público e pouco consideradas pelos representantes do movimento junino. No processo de pesquisa foi perguntado porque poucas mulheres marcam quadrilha, e para além disso, o que faz com que elas geralmente não permaneçam por muito tempo.

Essa jornada, embora afete mais ou menos cada marcadora a depender das particularidades do seu contexto, está presente no movimento junino pois não se restringe apenas as mulheres marcadoras e sim as quadrilheiras de modo geral, sendo na realidade um abrangente fenômeno social. De acordo com Rodrigues; Nascimento; Nonato (2015, p. 95): “a violência institucionalizada contra a mulher não é somente um ato de violência

particular, mas uma construção social que tende a diminuir o feminino e exaltar o masculino.”

Enquanto eu vivia os conflitos com a primeira quadrilha em que fui marcadora, me questionava se o problema estava em mim, se somente eu me sentia desmerecida e invisibilizada, embora paradoxalmente durante o espetáculo eu fosse destaque no grupo.

Me questionei se eu não estava sabendo me comunicar direito a fim de expressar os meus incômodos ou se estava sendo exagerada em me preocupar com as contradições que estava percebendo. Ao entrevistar outras marcadoras, percebi que alguns relatos evidenciavam a mesma dúvida sobre algumas experiências serem ou não um ato de violência particular.

A partir dessa percepção, vejo que um dos desdobramentos da violência é a sensação de estarmos sozinhas ou de parecer que somos culpadas pela forma que somos tratadas em algumas situações. Essa realidade faz com que pouco se fale sobre as violências e que continue se perpetuando de maneira quase velada, as diferentes ações utilizadas para silenciar as mulheres marcadoras.

Percebi na escrita, um local de registro e de denúncia, e assim como bell hooks, de cura pela teoria através da possibilidade de nomear e compreender os incômodos sentidos durante a minha vivência com o movimento cultural.

Noto cada vez mais que as situações que eu relatei no primeiro capítulo estavam ligadas a uma realidade estrutural da sociedade, e a partir dos conceitos teóricos sobre patriarcado, violência simbólica e marcadores sociais, vejo que o que acontece na prática é a invisibilização de mulheres e seus saberes.

Embora as produções acadêmicas encontradas sobre mulheres marcadoras sejam poucas, o diálogo com outras manifestações culturais pode auxiliar a tecer algumas noções sobre mulheres e seus saberes culturais. Na pesquisa de Jorgete Lago, por exemplo, ela relata que no contexto do Boi Bumbá de Belém percebe a presença de: “Mulheres, na sua maioria negras ou caboclas, provenientes de estratos sociais desprivilegiados, moradoras de bairros de comunidades pobres e que são invisibilizadas tanto na sua condição como sujeita e cidadã, quanto na sua função de transmissoras e mantenedoras da cultura popular belenense” (LAGO, 2019, p. 157)

A compreensão das implicações sociais decorrentes desses contextos subjetivos, também é ressaltada quando a autora discorre que:

“no caso das mestras da cultura popular em Belém, sua situação de invisibilidade se dá triplamente, por ser mulher, negra e seu conhecimento está ligado a uma descendência cultural historicamente desvalorizada, a herança afro-indígena”. Lago (2019, p. 163).

A partir dessa interseccionalidade mencionada pela autora, percebo que a invisibilização de saberes ocorrida em minha trajetória, ocorre também com outras mulheres e em outras manifestações culturais.

Liana Araújo (2016) discute questões de gênero, geração e juventude em uma perspectiva interseccional dentro da quadrilha junina Apaga a Fogueira, de Aracaju. A autora afirma perceber que as discussões sobre visibilidade, gênero e a presença de homens vestidos de mulheres parecia sumir na apresentação. Segundo Araújo (2016, p. 259)

Ser jovem, criança, adulto ou idoso; ser de uma geração globalizada, geração X ou @; ser mulher, homem, heterossexual, homossexual ou transexual; todas estas designações, tanto sociais quanto culturais, parecem não fazer sentido no momento da apresentação dos quadrilheiros, mas faz sentido em todas as suas trajetórias de vida e em seus cotidianos.

Ao dialogar com estas constatações me recorro a sensação de que eu que parecia incomodar, que era vista como um problema quando demonstrava uma postura questionadora, mas ao mesmo tempo, por minha imagem passar uma sensação de beleza ou feminilidade, em era mantida no grupo. Em outras palavras, enquanto eu apresentasse um determinado padrão estético valorizado socialmente não teria problemas com os dirigentes que se beneficiavam da minha imagem.

Outra leitura que auxilia a constatar a mesma situação de invisibilidade de mulheres nas manifestações culturais é uma pesquisa de Elmiria Vicente Inácio (2014), que discute a invisibilidade das mulheres na manifestação cultural de Folia de reis, na qual ainda que elas sejam a base para a realização dos festejos, como por exemplo no preparo da alimentação e na costura das roupas, da mesma forma que a quadrilha, que muitas vezes depende da administração de mulheres para se realizar, seu local de fala e escolha geralmente é sufocado.

Tendo em vista os exemplos citados, é possível refletir que historicamente as mulheres têm sido marginalizadas dentro dos festejos e manifestações tradicionais, ainda que detentoras de saberes e habilidades imprescindíveis para a realização destas manifestações.

Dessa forma, as questões dos bastidores da vivência marcadora estarão presentes no momento do espetáculo, ainda que não evidenciadas de forma explícita, pois carregamos em nossas mentes e corpos todas as situações vivenciadas até chegar o momento da apresentação.

Quando Sthephany Soares relata que entrou na competição após fazer uma oração pedindo ajuda divina pois “talvez essa seja a última oportunidade”, percebo que temos aqui uma evidência de que a violência simbólica faz com que as chances de algumas mulheres sejam menores, pois afinal, podemos ser substituídas a qualquer momento.

Nesse sentido, entendo que antes de discutir as questões artísticas e espetaculares da marcação feita por mulheres todo esse contexto deve ser considerado, pois para nós mulheres, a jornada até a chegada no tablado é diferente.

Por tudo que é vivenciado antes de começar uma temporada, a voz e a corporeidade da mulher marcadora são ainda mais simbólicas e sinal de resistência, toda essa jornada citada se reflete em algum lugar quando a marcadora entra em cena.

Ao longo das entrevistas com as marcadoras percebi uma ampliação do meu entendimento sobre os significados de cada elemento presente em nossa espetacularidade. Compreendo atualmente que todas as características que envolvem nossa atuação possuem significados que transmitem mensagens para além do que está sendo dito pela voz na marcação.

3.3 Voz, lugar de fala e controle de corpos.

Ao conhecer o trabalho e os relatos das marcadoras, pude perceber que para além das questões técnicas relacionadas às suas marcações, nós lidamos com questões muito particulares dos símbolos relacionados ao feminino, como o timbre vocal e a escolha da saia como figurino.

A marcadora Liliani Claudino considerou o poder que temos em mãos quando estamos com o microfone, pois temos a chance de “fazer o povo lembrar das coisas”. A partir desta afirmação, reflito sobre o poder do discurso por meio de nossas falas na marcação e sobre como nós também podemos e devemos nos apropriar dele para conseguir que nossa voz continue sendo ouvida nesse meio cultural.

Se os discursos produzidos pelos líderes homens nos eventos das entidades juninas, têm contribuído para intimidar as mulheres e desencorajá-las dos cargos de liderança, também é evidente que a nossa voz feminina ressoando no arraiaí também tem poder de gerar reflexões e mudanças.

Infelizmente, entender que a nossa voz pode ser utilizada para falar das questões que nos atravessam não é suficiente, pois além da coragem para falar o que precisamos, precisamos saber como falar, e garantir o interesse e a disposição do público para sermos ouvidas.

Em alguns espaços e contextos, vejo que os líderes homens do movimento junino falam e são ouvidos sem muito esforço, suas opiniões são consideradas sem que eles precisem de tantos argumentos. Assim sendo, na nossa vez de usarmos nossa voz, enfrentamos um processo diferente dos colegas homens do movimento junino, e precisamos ter desenvoltura para que não sejamos taxadas e limitadas pelos estereótipos que acompanham as marcadoras.

A nossa voz em cena então produz diversas camadas de sentidos, quando chegamos no tablado para marcar, contamos histórias, emitimos comandos para a quadrilha, e temos uma oportunidade de estar em um lugar de destaque representando várias mulheres. Ao narrar diversas histórias durante os espetáculos, nos tornamos protagonistas desse lugar. A utilização da nossa voz durante o espetáculo pode ser uma forma de comunicar as reflexões que fazemos em relação as nossas vivências durante o processo de preparação para atuar nos tablados.

Ao considerar que atualmente a marcação é utilizada para contar histórias e não somente emitir comandos de passos coreográficos, a poética da narração possibilita uma maior liberdade para falar de alguns temas. Dessa forma, compreendo que o tempo utilizado pela marcadora para contextualizar a temática do espetáculo por meio de suas falas, também possibilita que algumas reflexões sejam trazidas.

A partir desse entendimento da narração de histórias dentro da marcação como possibilidade de nos posicionarmos por meio da linguagem poética, compreendo que conforme Vieira; Lignelli (2018, p. 6) “O exercício da narrativa hoje, ainda se agrega ao coro de respostas às tensões sociais, que tendem a drenar as potências da voz e da palavra”.

Assim sendo, vejo que a prática de narrar histórias durante a performance da marcação pode ser entendida uma como possibilidade de nos utilizarmos da voz e da palavra para enfrentar as violências e os silenciamentos por vezes impostos para as mulheres nos bastidores das relações quadrilheiras. A voz da marcadora ressoa de diferentes formas, não só apenas pelo que é dito, mas pela forma como nós nos expressamos.

Em relação as diferenças de timbres vocais, durante as entrevistas com as marcadoras, dialogamos sobre o fato de a voz feminina ser percebida como mais delicada e suave, gerando mais conforto na opinião de alguns quadrilheiros, mas que também pode ser taxada de desagradável caso seja muito aguda.

Em contraponto, alguns quadrilheiros se utilizam do argumento de que a voz na marcação precisa ser firme e forte, passar autoridade e comando, logo a partir deste argumento, uma voz considerada mais aguda e suave, pode não atender as expectativas geradas em relação a marcação.

Nesse sentido, se observamos que nem todo homem tem a voz grave assim como nem toda mulher apresenta voz aguda, quais são os outros fatores utilizados para dar créditos ou descredibilizar a atuação dos marcadores e das marcadoras? Minha hipótese é que o conjunto voz e construção de imagem é que produz de fato a percepção do público sobre quem está marcando.

Embora a presença de uma mulher já comunique uma tipo de marcação diferente, buscar uma identidade singular na minha forma de marcação foi e tem sido fundamental não só por questões de gênero, mas por sentir que buscar uma identidade própria também auxilia na consolidação da minha presença.

Varella (2024, p. 2024) afirma que no contexto quadrilheiro do Distrito federal: “Cada marcador de quadrilha, ou alguns em especial, buscava desenvolver um estilo próprio como signo de si e de sua quadrilha”. De acordo com a percepção da autora, tenho buscado compreender que tipo de marcadora eu quero ser, para além das expectativas geradas entre uma temporada e outra.

Durante esse processo, tenho refletido a respeito das diferentes escolhas que podemos fazer para construir nossa espetacularidade e nos colocarmos na condição de sermos avaliadas. Escolhemos marcar usando saias e vestidos por querer destacar o

gênero? Assumir uma feminilidade é sinal de resistência ou está contribuindo com um estereótipo? O que de fato está por trás dessas escolhas?

Ao longo dos diálogos com as marcadoras, todas responderam ter preferência pelo uso da saia como figurino, bem como o uso de acessórios relacionados ao feminino. Embora eu já tenha visto uma marcadora utilizando trajes tidos como masculinos, não tive a possibilidade de dialogar com ela para conversar sobre esse processo de escolha e construção de imagem.

Vale destacar que a preferência das marcadoras por determinados tipos de trajes não exclui a possibilidade de em algum momento essas e outras marcadoras optarem por outros elementos, a análise que faço aqui é voltada para as razões que motivam as escolhas e não uma tentativa de estabelecer uma regra sobre como as marcadoras devem se apresentar.

Fato é que as marcadoras entrevistadas afirmaram em seus relatos que se sentem mais seguras e confiantes ao usar um traje tido como feminino, da mesma forma como me sinto. Assim sendo, compreendo que imagem da marcadora transmite sentidos para além do significado do que está sendo dito.

Conforme já pontuei, entendo que a espetacularidade é construída a partir de um conjunto entre voz, visualidade, gestualidade e movimentação, contudo não podemos desconsiderar como este conjunto pode ou não impactar a percepção do público.

Algumas das marcadoras me relataram que já sentiram que seu desempenho não foi tão favorável quando utilizaram calças e/ou outros trajes durante o espetáculo. Diante deste fato, considero relevante destacar nem que sempre a marcadora tem a possibilidade de participar da escolha de seu traje, e dessa forma, ela precisa se adequar as condições estabelecidas por todos que constroem o espetáculo.

Levando em consideração a quantidade de movimentações que realizamos durante uma apresentação, é compreensível entender que o traje utilizado terá implicações na atuação.

A marcadora Drika Alves esboça um posicionamento claro se tratando da sua imagem e da escolha de figurino com a afirmação: “eu sou mulher e quero que meu corpo fale isso.” Diante dessa fala, podemos compreender a escolha que nós marcadoras

ouvidas nesta pesquisa fazemos ao buscar o nosso espaço sem ter que se comparar ou se adequar aos padrões estabelecidos por décadas pelos homens marcadores.

Assumir nossas escolhas de construção de imagem pode se tornar então parte de um processo de posicionamento perante a dominação masculina estabelecida, pois ao usarmos saia, maquiagem, e acessórios associados ao feminino estaremos inevitavelmente assumindo uma diferenciação em relação ao padrão tradicional de imagem de um marcador.

Apesar da segurança que sentimos ao utilizarmos saias durante a apresentação, reflito que esse destaque em nossos trajés tidos como femininos pode reforçar as comparações feitas entre marcadores e marcadoras e estão sujeitos a nos enquadrar em algumas limitações atreladas aos estereótipos de feminilidade, como delicadeza e fragilidade.

Apresentar uma imagem delicada e feminina não é um problema, mas sim a possibilidade dessa visualidade ser entendida pelo público como inferior a autoridade masculina e estar sujeita a ser usada como justificativa para desqualificar a marcação feita por mulheres.

Para Gonçalves (2024, p. 76)

Apesar de muitas conquistas e direitos terem sido alcançados pelas mulheres ao longo da história após anos de luta, é importante pensar sobre os estereótipos que ainda moldam as vivências contemporâneas, vivências estas que são vividas e sentidas pelas mulheres cotidianamente.

Os estereótipos que moldam as vivências influenciam a jornada das mulheres marcadoras em relação as perspectivas de marcação e atuação que foram estabelecidas com base na presença histórica e tradicional dos homens nesse lugar. Entretanto, é perceptível que ainda que as marcadoras estejam se inserindo em um espaço tido como masculino e que os parâmetros de referência tenham sido estabelecidos por homens, a nossa espetacularidade não tem se restringido a esses moldes.

Diante dessa realidade, lidamos com uma dualidade na nossa relação com a comunidade quadrilheira: embora não queiramos seguir os mesmos padrões de expressividade e construção de imagem dos marcadores homens, queremos também ter respeito, reconhecimento e valorização.

Em algumas pesquisas sobre o universo cultural das quadrilhas juninas, é possível observar discussões sobre papéis de gênero em relação aos casais serem

heteronormativos, ou seja, sobre a necessidade de haver as figuras das damas e dos cavalheiros, ainda que em alguns casos os homens se vistam de damas e algumas mulheres de cavalheiros. Na pesquisa de Araújo, (2016, p. 259) é relatado que:

No momento das apresentações, as diferenças e diferenciações parecem ser transcendidas pelo som que embala os corpos a dançarem e figurarem num espaço-tempo singular em que cada qual cumpre um papel social de gênero, enquadrando-se no masculino e feminino, mas ao mesmo tempo o transcende e o desassocia do sexo biológico.

Se estamos falando de uma tradição cultural que se ressignifica a cada ano e que é sustentada em sua grande parte por corpos pertencentes a comunidade LGBTQIAPN+, o que faz com que no caso específico das marcadoras as referências estéticas atreladas ao feminino ainda serem vistas com resistência e de forma estereotipada?

Reflico sobre essa questão pois percebo que embora o movimento junino aparentemente apresente uma abertura para diferentes identidades de gênero, o fato de as marcadoras ainda sofrerem resistências por conta dos estereótipos de feminilidade revela que as transformações não são tão profundas como parecem ser.

Essa reflexão surge pelo fato de constatamos que embora elementos como o uso de saias, a presença das damas, das noivas e da rainhas sejam essenciais para a existência da tradição quadrilheira, o lugar feminino da marcadora ainda é estigmatizado, sendo colocado como inferior em muitas situações, como se fossemos menos marcadoras por transmitir feminilidade.

Em outras palavras, é perceptível que a presença do feminino não é uma questão que sofre resistência no contexto de quadrilha junina, mas sim a presença feminina em um lugar historicamente ocupado por homens, que é o caso da marcação.

Dos desdobramentos da escolha de construção de uma imagem feminina, está o fenômeno percebidos na forma como as marcadoras se expressam, assim como eu, geralmente as marcadoras dançam, giram e balançam a saia, gerando uma outra forma de atuação na marcação, visto que em sua maioria, os marcadores homens não costumam dançar nem se movimentam das formas que as mulheres se movimentam.

No primeiro capítulo deste trabalho a partir das reflexões de Moraes (2021) sobre a cantora Marinês, questionamos quais são as estratégias e ferramentas de posicionamento

que precisam ser adotadas pelas mulheres para elas sejam reconhecidas nos lugares que antes não eram comuns a ela.

Minha hipótese para esta questão, é que ao destacar as nossas movimentações durante a marcação de alguma forma mostramos que não só damos conta de nos expressar oralmente, mas que conseguimos utilizar o corpo para nos expressarmos além da voz.

Em relação a essa constatação sobre nossas movimentações, me questiono se temos o hábito de dançar enquanto marcamos como uma forma de buscar destaque, ou se a dança ocorre de forma espontânea pelo nosso envolvimento com o espetáculo.

Uma outra hipótese para o fato de termos o hábito de dançar durante a marcação, pode ser devida a realidade de que nós geralmente iniciamos nossa trajetória como quadrilheiras no lugar de dançarinas, e quando assumimos a marcação, incorporamos nossas habilidades de dança a nossa gestualidade e movimentações de marcadoras.

Assim sendo, é possível perceber que mesmo que não seja de forma intencional, as marcadoras estão criando uma outra forma de espetacularidade, que inclusive na percepção de algumas marcadoras deve ser vista como uma atuação inovadora.

Nas falas de algumas entrevistadas, percebi que o fato de sermos capazes de marcar a quadrilha enquanto dançamos de acordo com a percepção delas deveria ser visto não com resistência por parte dos avaliadores, mas como uma habilidade a mais na marcação. No entanto, as marcadoras me relatam que assim como eu, receberam avaliações que colocam a dança como uma distração que pode atrapalhar suas avaliações sobre a marcação.

A partir desta realidade, todas as questões apresentadas anteriormente chegam até a discussão sobre como os marcadores, homens e mulheres estão sendo avaliados nas competições.

3.4 Competição e avaliação, visibilidade e Reconhecimento.

Para um grupo de quadrilha junina filiado a alguma federação competitiva, uma boa classificação nas competições é o que garante reconhecimento e visibilidade. No caso da marcação, o fato dos marcadores serem premiados de forma individual nas competições também coloca uma responsabilidade diferenciada na pessoa que desempenha tal função. Em relação as mulheres marcadoras, é evidente que essa pressão pelo bom desempenho

é maior, e que se a marcadora não tiver êxito, o seu gênero poderá ser colocado como justificativa.

Nos relatos das marcadoras foi possível identificar o receio de prejudicar o grupo caso as notas de marcação não fossem boas na competição, também foi relatado que já observaram que algumas mulheres desistem de marcar por falta de acolhimento da quadrilha quando ela não recebe notas boas, e que isto não tende a acontecer com os homens.

Tanto eu quanto outras marcadoras constatamos ter recebido observações parecidas em relação à nossa movimentação, tais como: “dançe menos e marque mais”, “cuidado para sua dança não sujar a cena”, “a marcadora dançou mais do que marcou”. Na percepção de algumas marcadoras, esses comentários revelam muito mais uma resistência do avaliador com a forma que a marcadora se expressa em cena, do que com o fato da dança atrapalhar de alguma forma a execução da marcação.

Se o nosso “marcar diferente” pode ser visto como uma forma de resistência e quebra de preconceitos, em contraposição coloca em evidência que de fato não estamos nos encaixando nos moldes de referência masculina e que isso tem sido usado para reforçar a ideia de que mulheres não são adequadas a essa posição. A exemplo, cita-se o caso da ocasião em que Sthephanny recebeu um comentário dizendo que ela foi mais rainha do que marcadora.

A rainha junina é uma personagem destaque da dança dentro do espetáculo, normalmente é colocada como um personagem dentro do tema e tem seu momento solo dentro da apresentação. Assim sendo, a percepção sobre a atuação de Sthephanny parece implicar que não cabe a uma marcadora também dançar durante a apresentação, ou que pelo menos deve existir limites na sua dança para que não seja comparada com a rainha.

Está nítido por meio das entrevistas e dos relatos, que na nossa visão de marcadora, dançar e se expressar com grandes gestos faz parte da espetacularidade da maioria de nós. Nesse sentido, a movimentação não é uma forma de excluir a marcação falada, mas sim um complemento ao nosso texto. Independente do gênero do marcador, cabe aqui refletir se a movimentação está sendo criticada por ela não acrescentar algo na marcação, ou pelo fato dela destacar uma característica tida como feminina, como por exemplo a movimentação das saias.

Na minha experiência por exemplo, é recorrente receber comentários que não estejam voltados para marcação em si, mas sim em relação a elementos da visualidade considerados como femininos. Comentários do tipo: “marcadora excelente boa dicção, deve repensar a maquiagem dos olhos”, e “voz límpida e boa utilização do microfone, faltou brilho na saia da personagem”, são frequentes, sendo raras críticas em relação a qualidade da marcação em si.

Quanto a minha voz, dicção, capacidade de narrar textos longos e emitir comandos para a quadrilha, de modo geral os comentários são positivos, mas ainda assim esse não parece ser o foco principal da avaliação quando se trata da minha presença, até mesmo quando recebo nota máxima no quesito marcação.

Nas ocasiões em que recebi comentários que fossem capazes de apontar algo específico sobre minha voz e a marcação em si, fui grata pela sugestão e busquei colocar em prática em busca de melhorias.

Para melhor compreender a amplitude da discrepância entre o que se espera de um marcador e a forma como nós mulheres temos sido avaliadas, me utilizei do regulamento oficial da Linq-DFe que descreve o que deve ser avaliado no quesito marcação:

a execução dos cinco **(05)** Movimentos característicos da Quadrilha Junina.

§ 1º - No item Coreografia/Harmonia os passos de abertura, o desenvolvimento do plano coreográfico e evolução da dança, os Movimentos e os passos de saída, conforme **Art. 064 e 065**.

§ 2º – Na Marcação, a atuação do Marcador, deverá orientar a sua Quadrilha Junina emitindo os comandos para a execução dos passos.

§ 3º – No item Animação dos Dançarinos, deverá despontar a alegria de dançar,

Regulamento oficial da liga independente de quadrilhas juninas do Distrito federal e entorno (Linq-DFe) 2025

Observa-se que questões relacionadas a gênero não estão evidenciadas nas orientações do regulamento que rege os circuitos, mas frequentemente aparecem nas observações feitas pelos avaliadores, o que coloca em evidência que as marcadoras têm recebido um olhar diferenciado, mas não de privilégio, como pode ser considerado por uma parcela de integrantes do movimento junino.

A percepção de colegas homens, a partir da nossa convivência nos circuitos competitivos e relação a avaliação não têm ligação nenhuma com questões de gênero. No

caso dos marcadores, geralmente o que é criticado pelos avaliadores é qualidade vocal, a dicção e a capacidade de emitir comandos, algo que deveria ser igualmente avaliado nas mulheres marcadoras.

A partir do regulamento da Linq-DFE, também é perceptível que a única especificação que seja feita sobre a atuação do marcador é que ele deve orientar a quadrilha através de comandos, sendo assim, os avaliadores apenas deveriam se atentar se o marcador ou marcadora orienta sua quadrilha e como critério para atribuição de notas, deveriam colocar as maiores notas para os que melhor executarem esta emissão de comandos.

Uma outra questão surgida ao longo da pesquisa para além de como somos avaliadas é por quem somos avaliadas. Normalmente os currículos dos avaliadores são escolhidos pelos líderes juninos com base em suas formações artísticas e experiências com o movimento junino. De acordo com Varella (2024, p. 106), no Distrito Federal, a Linq-DFe passou a implementar esse processo seletivo de currículo de avaliadores a partir do ano de 2016.

Entretanto, levando em consideração que os avaliadores da Linq-DFE geralmente são os mesmos que avaliam os circuitos de outras entidades como a Fequaju-DFE, percebe-se que critérios como desenvoltura, vivacidade e condução oral também são observados em outras competições que não destacam nos regulamentos tais critérios de forma específica.

Uma das principais problemáticas levantadas no movimento junino atualmente, é que na visão dos quadrilheiros, os avaliadores dos circuitos têm expressado suas opiniões com base no que tem se visto historicamente nas quadrilhas para escrever seus comentários e atribuir as notas dos marcadores, tanto homens quanto mulheres avaliadores.

Com base nessa percepção dos quadrilheiros quanto aos avaliadores, compactuo com a ideia de que sejam necessárias novas discussões e reformulações de regulamento que possam ser capazes de acompanhar as transformações do movimento, especialmente da marcação.

Nesse sentido, já existe um processo de discussão ocorrendo entre as lideranças quadrilheiras sobre os processos avaliativos, ao constatarem que por mais técnico e

profissional que um avaliador possa ser, suas preferências e opiniões pessoais ainda parecem transparecer nos comentários, fazendo com que a avaliação possa ser vista como muito subjetiva e até injusta. Considerando essa realidade, nos parece que mais complexa e subjetiva pode ser a avaliação das mulheres marcadoras.

O processo de reflexão sobre a avaliação nas competições torna-se necessário justamente porque através das competições muitas oportunidades são definidas. Felizmente ou não, por vezes nós marcadoras somos validadas e reconhecidas apenas quando recebemos títulos de campeãs, nos permitindo algum alívio na sensação de cobrança para sermos virtuosas em nossa marcação.

Ainda assim, algumas questões de gênero também aparecem em relação a percepção do público sobre os avaliadores. Nos relatos da minha experiência, partilhei que quando fui campeã pela primeira vez, surgiram comentários de quadrilheiros atribuindo as minhas notas ao fato das avaliadoras serem mulheres. Contrariamente, nas entrevistas com as marcadoras houve relatos afirmando que as notas mais baixas e os comentários mais críticos vieram de avaliadoras mulheres.

A partir dessa realidade, um outro questionamento surgiu enquanto dialogava com as marcadoras: Como ter mais segurança de que esse processo será justo? Independentemente de quem avalia, observemos que ganhando ou perdendo, nossa presença pode ser julgada e desqualificada pela comunidade quadrilheira.

Para compreender melhor essa contradição, exemplifico: Em uma situação que não fiquei em primeiro lugar na competição, houve comentários que a mulher não tem a força necessária para marcar, quando fui campeã, alguns quadrilheiros justificaram que poderia ser por dó ou apelo.

Uma situação semelhante pode ser constatada em relatos como o da Alleska Trindade, que teve sua vitória descredibilizada ao ser eleita marcadora campeã da competição em que participou em seu primeiro ano de atuação. Na visão de alguns quadrilheiros, o fato de Alleska ser uma mulher cadeirante gerou comoção nos jurados que a avaliaram de forma positiva apenas por conta de sua imagem.

Enquanto não encontramos soluções práticas para essas questões apresentadas, as mulheres marcadoras sentem cotidianamente os efeitos desse julgamento velado, por

vezes questionando até que ponto algumas experiências são fatos isolados da nossa vivência ou fazem parte da conjuntura social aqui discutida. Dessa forma, nomear algumas contradições auxilia a trazer luz para a discussão.

Angelim; Fonseca; Rosa (2020, p. 120) afirmam: “que a disciplina e a normatização dos comportamentos dos corpos femininos mantêm um caráter durável de naturalização da opressão, sendo um significativo simbólico de transmissão cultural.” Perante essa lógica surge uma outra reflexão sobre o processo de avaliação: os parâmetros utilizados para avaliar as marcadoras devem ser os mesmos do que os utilizados para avaliar os homens? Essa distinção iria auxiliar a construir um processo mais justo ou gerar mais opressão em relação as marcadoras?

Levando em consideração que as marcadoras têm apresentado diferenciações na forma de marcar, essa discussão me parece relevante, contudo, existem algumas barreiras anteriores a essa questão que ainda não foram superadas, como o fato de que nem em relação aos marcadores homens as avaliações conseguiram chegar em parâmetros considerados justos pelos próprios quadrilheiros.

Dessa forma, em alguns momentos me parece que a problemática das avaliações está na ausência de uma definição mais exata do que pode ser considerado relevante para a marcação ou não, e desse modo, algumas questões de gênero que aparecem em algumas avaliações também poderiam ser superadas.

De todo modo, é fato de que independente das discordâncias em relação ao modo como devem ocorrer as avaliações das competições, o caso específico das marcadoras mulheres precisa de uma atenção para que no mínimo, as questões associadas ao gênero não sejam mais motivo de desigualdades.

A representatividade de nós mulheres nesse lugar é essencial justamente por já ter ficado nítido que quase ninguém além de nós mulheres se preocupa com as questões aqui apresentadas, pois somos nós que vivenciamos os efeitos da dominação masculina na marcação.

Somos representantes de um grupo de mulheres que ainda podem se identificar com a marcação e surgir depois de nós. Por enquanto, essas poucas vozes estão espalhadas em lugares específicos do Brasil e são atravessadas por diversos marcadores sociais de modo

interseccional, com mais ou menos privilégios que outras, mas todas as mulheres espetaculares em busca de mais oportunidades e valorização dentro do movimento junino.

O movimento junino enquanto forte tradição cultural, se mantém vivo e se ressignifica a cada espetáculo. As contradições observadas nesse universo estão inseridas dentro de um contexto social que ainda precisa avançar em relação a igualdade de gênero. Contudo, a quadrilha junina é uma arte que possibilita o desenvolvimento de diversos temas capazes de gerar reflexões na sociedade em que a assiste.

Enquanto não conseguimos avançar em transformações significativas para garantir que as potencialidades dessas mulheres continuem se expandindo continuamos construindo nosso espaço pelas “brechas”, resistindo nesse espaço que nos cativa e nos possibilita mostrar nossa expressividade, independente de sermos reconhecidas ou não.

É fato que apesar de todos os desafios aqui mencionados, além de outros possíveis que ainda não foram destacados, o brilho no olhar de cada marcadora, os corpos dançantes e as vozes potentes têm sido capazes de “driblar”, os desafios e emocionar muitos corações.



Marcadora com cinco meses de gestação. 25º circuito da Linq-DFE- DF 2025.

Conclusões

E a Vitória é a Coragem de esquecer de morrer! Eu chego lá, queira ou não queira eu chego lá! Se eu não chegar a ver, vai nascer de mim quem vem pra ver!¹²

Na trajetória desta pesquisa, busquei trazer relatos das vivências marcadoras a fim de ressaltar a representatividade existente em nossas presenças e refletir sobre a espetacularidade da nossa prática que se constrói em relação as diversas percepções presentes no movimento junino.

Após introduzir o amplo e complexo contexto da quadrilha junina competitiva no Brasil, no capítulo um desta pesquisa eu apresentei o início da minha trajetória na

¹² Trecho da música “eu chego lá ‘’, da cantora de forró Marinês.

marcação a partir das questões da minha vivência que me inquietavam e me impulsionam a investigar as experiências de outras marcadoras.

Motivada pelos questionamentos surgidos em meus relatos pessoais, entrevistei outras marcadoras do Brasil e apresentei os trechos de seus relatos, de forma que fosse possível identificar temas semelhantes em nossas experiências, bem como, possibilitar reflexões e pontos de vistas a respeito desses temas.

No terceiro capítulo desse trabalho, pude analisar mais criticamente como os marcadores sociais do grupo de marcadoras apresentado se relacionam com as nossas vivências dentro do movimento junino.

A sequência de cada parte desse trabalho objetiva apresentar a realidade de nós marcadoras e contribuir para possíveis transformações na forma como somos vistas e tratadas ao exercer uma função que para nós é tão importante.

Assim, aos poucos, as narrativas de nós, mulheres marcadoras, vão descortinando as relações de poder que sustentam as situações em que vivemos exercendo essa função. Para mim, essas narrativas também me auxiliam em um processo de me apropriar da minha história.

Embora o grupo de marcadoras entrevistado seja relativamente restrito, as vivências discutidas pelo grupo de mulheres que localizei demonstram um panorama da nossa relação com a marcação, ainda mais considerando as diferenças geográficas e culturais de cada estado brasileiro que representamos.

Foi possível constatar que, tradicionalmente, não só as quadrilhas, mas outras manifestações culturais têm reafirmado um lugar patriarcal e que as mulheres que se inserem nesses lugares tidos como masculinos, enfrentam situações desafiadoras, implicando em limitações de oportunidades e invisibilizações.

Se observamos o ciclo da trajetória de mulheres na marcação de quadrilhas juninas em diversas regiões brasileiras, veremos uma jornada intensa de lutas. O processo de uma marcadora no movimento junino do início ao fim é transpassado por uma estrutura de silenciamento e dominação masculina. Pouco se fala sobre este cenário, pois as representantes dessa função ainda são poucas, e as que existem, são desencorajadas a falar.

As situações apresentadas envolvem violências simbólicas sustentadas por percepções estereotipadas sobre o lugar da marcadora dentro da marcação, que é vista como uma posição de autoridade, firmeza e liderança, gerando controvérsias em relação a espetacularidade da marcação feminina.

É evidente que a presença de mulheres na marcação tem implicado diretamente em uma outra forma de se marcar quadrilha, seja pela voz, pelo figurino ou pelo fato de a marcadora também dançar, gerando assim uma necessidade de refletir sobre as formas como as marcadoras têm sido avaliadas na competição.

A imagem feminina que por vezes é vista em cena é apenas uma parte de mulheres múltiplas que lidam com situações para seja possível chegar ao público com suas maquiagens, arranjos de cabelo e saias, de modo a gerar encantamento em alguns, e resistência em outros.

Compreendo a vez e a voz de nós marcadoras como um marco de resistência, e aqui me refiro tanto a esta pesquisa, quanto a presença das marcadoras nas quadrilhas juninas. A nossa vez de marcar e a nossa voz ecoando no Arraiá me fazem acreditar de que pela arte contribuímos com mudanças em relações a situações recorrentes e desgastantes da nossa vida cotidiana, pois a nossa presença gera reflexões em relação as espaços que ocupamos.

Como antes mencionado, essa pesquisa é uma forma de registro da presença e do pensamento de algumas de nós marcadoras no movimento junino, inclusive por que falo por mim quando digo que não sei por quanto tempo irei resistir nesse lugar. Espero que as questões aqui apresentadas possam contribuir para discussões futuras que visem a escuta acolhedora e respeitosa de outras mulheres e de suas potencialidades.

Na marcação, enfrentei situações emocionalmente difíceis para mim antes, durante e depois de todo esse processo de pesquisa. Também me emocionei ao ouvir as dores das outras marcadoras e me identificar com boa parte delas.

Em 2025, ao marcar quadrilha junina grávida, senti em minha pele e no meu corpo espetacular, a sensação de carregar outro corpo e vivenciar muitas questões aqui apresentadas.

Com o desejo de que os nossos futuros enquanto marcadoras sejam marcados por transformações significativas de oportunidades e valorização, me preparo para uma nova temporada enquanto futura mãe, e representante da história de Marinês, que será personagem central na próxima história que irei marcar em 2026. Assim como Marinês afirma em uma de suas canções, “eu chego lá”, e se meu sonho de ver mais justiça e igualdade entre as mulheres quadrilheiras for algo muito distante: “que nasça de mim quem vem pra ver”.

Nesses caminhos em busca de viver esse propósito, vejo que uma semente de esperança foi plantada por e cada marcadora que teve sua vez e sua voz foi ouvida, que os relatos e esse trabalho escrito sejam uma forma de dizer em coro: nós estamos aqui.

Referências:

AKOTIRENE, Carla. O que é Interseccionalidade. Col. Feminismos Plurais. Rio de Janeiro: Pólen Editora, 2019

ALBUQUERQUE, Teresa Kátia Alves de. As quadrilhas juninas e suas transformações culturais nos festivais folclóricos em Boa Vista - Roraima (2001- 2011). 2013. 154 f. Dissertação (Mestrado em Sociedade e Cultura na Amazônia) – Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2013.

ANGELIN, Rosângela; HAHN, Noli Bernardo. Movimentos Feministas e a vida das mulheres: (re) construindo possibilidades emancipatórias. Curitiba: CRV, 2019.

ANGELIN, Rosângela; FONSECA, Geovana Maciel da; ROSA, Varlei Machado da. Feminismo interseccional e aprimoramento das relações humanas na sociedade contemporânea. In: SAMPAIO, Edilson Coelho; COSTA, Elson Ferreira (Orgs.). Psicologia: um olhar do mundo real – Volume 2. Guarujá, SP: Editora Científica Digital, 2020. p. 119–126. DOI: 10.37885/978-65-87196-15-2. ISBN: 978-65-87196-15-2.

ARAÚJO, Liana Matos. Interseccionalidades nas Quadrilhas Juninas em Aracaju/SE. In TOMO, no 28, Jan/Jun, 2016.

BARROS, Gisele Porto. A importância de marcadores sociais da diferença para a pesquisa científica no Direito. Revista de Direito Internacional e Globalização Econômica, v. 11, n. 11, p. 102-123, 2023. DOI: <https://doi.org/10.23925/2526-6284/2023.v11n11.63362>

BOURDIEU, Pierre. O Poder Simbólico. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

BOURDIEU, Pierre. A Dominação Masculina. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

CENTRO DE LIDERANÇA PÚBLICA (CLP). Marcadores sociais: o conceito na construção de políticas públicas. São Paulo: CLP, 2022. Disponível em: <https://clp.org.br/marcadores-sociais-o-conceito-na-construcao-de-politicas-publicas/>. Acesso em: 30 set. 2025.

CRENSHAW, Kimberlé. On Intersectionality: Essential Writings. New York: The New Press, 2017.

CHIANCA, Luciana de Oliveira. Quando o campo está na cidade: migração, identidade e festa. Revista Sociedade e Cultura, v. 10. n 1. 2007.

DIDEUS, E. Quadrilhas juninas como um movimento de juventude em Rio Branco, Acre. Sociedade e Cultura, Goiânia, v. 17, n. 1, 2015. DOI:10.5216/sec.v17i1.36878. Disponível em <https://revistas.ufg.br/fcs/article/view/36878>. Acesso em: 18 dez. 2023.

DESS, Conrado. Notas sobre o conceito de representatividade. Urdimento - Revista de Estudos em Artes Cênicas, Florianópolis, v. 1, n. 43, p. 1–30, 2022. DOI: 10.5965/1414573101432022e0206. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/urdimento/article/view/21115>. Acesso em: 4 set. 2025.

SOUZA, G. G. da S. P.; ANDRADE, Ítalo R. de C.; LUCENA FILHO, S. A. D.; MAUX, S. Anarriê, Alavantu: Performances Folkcomunicacionais promotoras do Desenvolvimento Local na Quadrilha Junina Tradição - Recife, PE. Revista Internacional de Folkcomunicação, [S. l.], v. 15, n. 34, p. 13–25, 2017.

DUMAS, Alexandra Gouvêa. **Etnocologia e comportamentos espetaculares: desejo, necessidade e vontade. Congresso abraço, 2010**
<https://ojs.portalabraço.org/ojs/abraço/issue/view/99.html>

ESTÉS, Clarissa Pinkola. Mulheres que correm com os lobos: mitos e histórias do arquétipo da Mulher Selvagem. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

ESTEVAM, Rômulo Sousa. Marcadores de quadrilhas juninas em Belém do Pará: Uma rasgação de afetos, trajetos e espetacularidades. Universidade federal do Pará, dissertação de mestrado. Belém-PA, 2019.

FORTIN, S. Trad. Helena Mello, S. Contribuições possíveis da etnografia e da auto-etnografia para a pesquisa na prática artística. Revista Cena, (7), 77, 2010.

GONÇALVES, Adriellen Carneiro. Mulheres brincantes: subjetividade, cultura popular e saúde mental. 2024. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Biomedicina) - Faculdade de Ciências da Educação e Saúde, Centro Universitário de Brasília, Brasília, 2024.

HOOKS, bell. O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras. São Paulo: Rosa dos Tempos, 2019.

HOOKS, bell. Ensinando a transgredir: a educação como prática de liberdade. 2.ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.

HOOKS, bell. The Will to Change: Men, Masculinity, and Love. (in) Understanding Patriarchy, New York: Washington Square Press, 2004. p. 17-36.

LAGO, Jorgete Maria Portal; Mestras da Cultura Popular em Belém – PA: a importância da mulher na manutenção e divulgação da Cultura Popular. Programa de Pós-Graduação em História (PPGH), Unimontes-MG 2019.

MANZINI, Eduardo José. Entrevista semi-estruturada: análise de objetivos e de roteiros. Anais do Seminário Internacional sobre Pesquisa e Estudos Qualitativos, Bauru, v. 2, p. 10, 2004.

MEDEIROS, Jemima Tavares de. Candangas palavras: vídeo-narrativas a partir de relatos de experiências de mulheres presentes na construção e consolidação de Brasília e outras Regiões Administrativas do Distrito Federal. 2022. 189 f., il. Dissertação (Mestrado em Artes Cênicas) — Universidade de Brasília, Brasília, 2022.

MELO, Liana de Queiroz. Na minha quadrilha só tem gente que brilha: corporalidades dissidentes e Direitos Humanos nas Quadrilhas Juninas do Recife/PE. Recife, 2018.

MORAES, Siclea Marques Cavalcanti de. Desabafo: uma materialização sonora em oposição ao machismo In: Anais do X ENABET | Encontro Nacional da Associação Brasileira de Etnomusicologia. Anais. Porto Alegre (RS) UFRGS, 2021.

Rodrigues, M. E., Nascimento, G. B. do, & Nonato, E. M. N. (2022). A dominação masculina e a violência simbólica contra a mulher no discurso religioso. *Identidade!*, 20(1), 78–97. Recuperado de <https://revistas.est.edu.br/Identidade/article/view/1580>

RODRIGUES, Jonilson Lino. Dell Maluko: a comicidade de um marcador de quadrilha junina paraense / Jonilson Lino Rodrigues. Marton Sérgio Moreira Maués. 2021. 81 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Teatro) – Escola de Teatro e Dança, Instituto de Ciências da Arte, Universidade Federal do Pará, Belém, 2021. Disponível em: <https://bdm.ufpa.br:8443/jspui/handle/prefix/5158>.

SANTOS, Márcio Fidelis dos. Anavantu Juninação: análise do fazer e espetacularização da Quadrilha Junina Caipiras – Mata de São João - BA. Anais do 6º Congresso Científico Nacional de Pesquisadores em Dança – 2ª Edição Virtual. Salvador: Associação Nacional de Pesquisadores em Dança – Editora ANDA, 2021. p. 3003-3014.

SILVA, Filipe Dias dos Santos. ETNOCENOLOGIA E AS ARTES CÊNICAS NO SEMIÁRIDO BAIANO POSSIBILIDADES E POTENCIALIDADES. anais CONARTE, 2018.

SILVA, Elthon Gomes Fernandes da; SILVA, Leneeton de Oliveira; DANTAS, Mardeen Henrique de Souza; FERREIRA, Miguel dos Santos. A Voz Nordestina em Cena: vivências na preparação vocal com Marcadores de Quadrilha Junina em João Pessoa (PB). Voz e Cena, [S. l.], v. 1, n. 02, p. 40–68, 2020.

VARELLA, Cleire de Souza Miranda. QUADRILHAS JUNINAS DO DF e ENTORNO: Cenas, Histórias e Processos do Distrito Quadrilheiro. Universidade de Brasília, mestrado profissional em Artes- prof Artes-Unb, 2023.

VELOSO, Jorge das Graças. As casas e os corpos em manifestações expressivas tradicionais, sagradas e profanas na região do Distrito Federal e seu entorno. Sala Preta, São Paulo, Brasil, v. 16, n. 1, p. 92–104, 2016.

VIEIRA, Sulian; LIGNELLI, César. Narrativas atitudes e parâmetros do som: A voz e a palavra em uma aproximação pragmática. Pitágoras 500, Campinas, SP, v. 7, n. 2, p. 4 - 13, 2018.

APÊNDICES

APÊNDICE I

Links para Áudios das Entrevistas e Depoimentos das Marcadoras:

Dalilian Mota- (GO)

https://drive.google.com/file/d/1JmUmLVpgHprMPatIB9ohlSQmjD_n795Z/view?usp=drive_link

Drika Alves – (PE)

https://drive.google.com/file/d/1pb0SLDqOWHOkqoHGJryPn7WJXpc92PSQ/view?usp=drive_link

Selma Beltrão -(GO)

https://drive.google.com/file/d/1bZZ2hoXSPFWIKk7Zn3O7qbXDCbpqo4Sg/view?usp=drive_link

Liliani Claudino- (MG)

https://drive.google.com/file/d/1dswirUHIXuQbVmUWsqxWy3M6_YbcOfi/view?usp=drive_link

Sthephanny Soares –(CE)

https://drive.google.com/file/d/1qOiLYKid68UoZOuYB7smoBGB8sdr62Ys/view?usp=drive_link

Marcadora Lorraine Oliveira – (MG)

https://drive.google.com/file/d/106zkKo9heBzFkFPkx0iySmgeINfVsfuU/view?usp=drive_link

Marcadora Queila Raiane -(BA)

https://drive.google.com/file/d/1aUTCVC2XbV7QIelJz80W1wooYHXK6FV/view?usp=drive_link

Marcadora Aleska Trindade -(MG)

https://drive.google.com/file/d/11nXCQXvSY8YlkhQspHTU5Z26oh49illY/view?usp=drive_link

APÊNDICE II

Transcrições de Entrevistas às Marcadoras

Entrevista remota à marcadora Dalilian Mota

Meio de Comunicação: Plataforma Google Meet

Data: 11/03/2025

Ana Carolina Nóbrega (A.C.N.):

Quero te agradecer primeiramente por você ter aceitado o convite, fico muito feliz que estamos aqui, mesmo que não seja presencial, né? Por causa da correria do dia a dia até achei melhor ser online mesmo pra ter até registrado. Então eu quero que você fale, né? Seu nome, a quadrilha que você faz parte e como que foi que você se tornou marcadora, como é que foi que você chegou nessa função, como é que foi o processo pra isso.

Dalilian Mota (D.M.):

Meu nome é Dalilian Mota. Eu sou presidente da Vire e Mexe. Venho completando 18 anos esse ano. Enfim, eu virei marcadora por acaso mesmo, porque estava difícil. Eu

moro num lugar onde fazer cultura O funk, tipo, a periferia mesmo, as drogas, é tudo de ruim que tem. Aí é uma luta diária aqui, né? É muita luta pra poder fazer cultura aqui. Aí, pra arrumar o marcador era muito difícil. Muito difícil. Eu me vi e falei, o jeito é eu ser, né? Eu tentar ser, né?

A.C.N.:

Ah, entendi. Então você é a presidente do grupo também, né? Entendi. Então é mais ou menos como eu tô atualmente, né? Mas é de onde que é a quadrilha? E no caso, a região que você falou.

D.M.:

Jardim Ingá (DF).

A.C.N.:

Ah, sim. É que você falou da região, eu não lembrava qual era a região. Mas beleza, então.

D.M.:

Assim. Difícil é um pouco, né? Mas eu sofri bastante porque ninguém acreditava. Nem eu mesma acreditava que eu ia dar conta. Eu fiz pelo amor que eu tenho pela quadrilha. Porque eu não queria que ela acabasse e Deus também nunca quer que ela acabe. Porque eu já pensei em desistir várias vezes e não consigo. Não consigo. Aí eu acho que é uma coisa de Deus, sabe? Porque tira muitas pessoas da depressão. tirar algumas das drogas, às vezes consegue, às vezes não. Mas a depressão, não tem quem não pise um pé no arraial e não apaixone, né?

A.C.N.:

É verdade. Entendi. Então, no caso, já tem 18 anos que você marca ou são 18 anos à frente da quadrilha? Quanto tempo que você marca?

D.M.:

Eu marco desde 2023.

A.C.N.:

Ah, sim. E aí, no caso, o seu interesse pela cultura, pela arte, tem uma relação com, por exemplo, a sua profissão ou algum projeto? Como é que você chegou nesse universo do movimento junino?

D.M.:

Eu sempre fui apaixonada, né? Com quadrilha sempre dancei. Aí eu comecei na Vai Mas Não Vai, quando ela foi... Na fundação dela mesmo, quando era quadrilha de rua. Eu dancei lá sete anos e depois teve problemas, aí a moça da igreja pediu pra mim ensaiar a quadrilha na igreja.

A.C.N.:

Entendi. Então a Vira e Mexe é uma quadrilha que você fundou na igreja e depois levou para competir, né?

D.M.:

Exatamente. Não seria assim nem que eu fundei. Ela me pediu para ensaiar o grupo jovem da igreja.

A.C.N.:

Ah, entendi.

D.M.:

Então eu estava precisando dançar. Aí ela pegou a Beto. O nome dela é Beto. Ela era da coordenação da igreja. Ela veio. Por isso que eu falo que a minha quadrilha é uma coisa de Deus mesmo. Foi Deus quem me deu. Não foi nem eu que quis me dar.

A.C.N.:

Imagino, né? Foi uma missão que te confiaram, né? Legal. E por exemplo, uma das coisas que eu tenho visto conversando, vendo com as marcadoras é, por exemplo, que eu já vi gente falando da voz feminina, que tem uma diferença entre a voz feminina e a voz masculina marcando. Você percebe como fica a sua voz, se tem alguma diferença, se as pessoas comentam alguma coisa de diferente entre a sua voz, a voz dos homens que marcam ou não tem, como é que é isso?

D.M.:

Eles falam que dá arrepio de ouvir, né? Que é bem bonito quando tá falando.

A.C.N.:

Por que é diferente e tal?

D.M.:

Ou é porque... Por ser doce, né? Feminista é diferente, né? Porque só se vê homens falando, né? É bem diferente.

A.C.N.:

Então, você vê que as pessoas têm uma boa recepção, que as pessoas gostam de ouvir a sua voz, de ver você marcando, né?

D.M.:

Sim. Sim, igual falam de você também. Eu já ouvi falar muito de você.

A.C.N.:

Aí, que bom. Porque não tem... Aí eu quero perguntar para você também. Por que será que não existem muitas mulheres marcadoras? Por que as que tem, às vezes ficam pouco tempo e saem... Porque, por exemplo, a gente já viu marcadores por aí que ficam anos, décadas sem parar e tem uns que... E quando é mulher, a gente vê que vai e volta... Por exemplo, eu vi uma de Recife que ficou dois anos, depois ela sumiu e ela era ótima, só que ela parou de marcar. Aí, a gente fica na dúvida se é porque mulher tem um monte de coisa para fazer, ter filho pra cuidar às vezes, né? Então, assim, eu quero saber de você. O que você acha? Por que a gente não vê tanta mulher marcando? Você já observou alguma coisa sobre isso?

D.M.:

Primeiro, eu acho que tem um pouco de preconceito, alguma coisa assim. Porque quando eu falei que eu ia marcar, ninguém acreditava em mim. Igual eu te falei, nem eu mesma. Aí como é tanto amor, tanta vontade assim. Na primeira marcação eu já tirei três dez. Aí aquilo me deu força e tipo é a melhor coisa. Você já dançou? Já.

A.C.N.:

Eu dançava e foi tipo igual você falou, quando eu comecei a marcar eu também tinha assim, eu não fui achando que ia dar tudo certo, que todo mundo ia gostar, eu fui bem segura também e também passei por isso, das pessoas duvidarem, deu mesmo a duvidar que ia dar certo e quando eu, depois da minha primeira etapa, Ali que eu vi que as pessoas tinham gostado e tudo, eu comecei a acreditar mais em mim. Mas eu dançava antes, eu só comecei a marcar porque o marcador que tinha desistiu e não tinha ninguém. Aí eu fui indicada porque é professora, trabalha com artes e tudo, então quem sabe ela dá conta. Foi até uma coisa assim, quem sabe, né? Não era nem uma certeza que ia dar certo, então... Sim, eu era dançarina depois. E tipo assim, como eu falei, eu também me descobri nisso. Porque foi enquanto eu marcava que eu fui percebendo que eu acho que é o que acontece com você também e outras marcadoras. Nossa, eu dou conta, não é algo tão impossível quanto parecia, entendeu?

D.M.:

Eu apaixonei. Pra mim é melhor do que dançar.

A.C.N.:

Eu vi falando isso, hoje em dia eu não voltaria a dançar, eu acho. Hoje em dia é só participo ou ajudando nos bastidores ou marcando. Eu gosto de dançar também, mas a marcação dá uma liberdade pra gente. E falando nisso, outra coisa também que eu tô investigando na pesquisa é sobre a nossa imagem, que eu digo... Porque, por exemplo, eu vi que você tem... Já vi marcadoras usando, por exemplo, roupas masculinas. Agora, tanto tem um outro estilo igual eu e você, que eu já vi que usa saia, que usa acessórios femininos. Assim, a forma como a gente se expressa, eu acho que também tem um impacto, porque não é só a voz, é a imagem também. E aí, eu quero que você fale um pouco disso, como é que é esse processo, como é que é essa escolha, quando você decidiu o que ia marcar, como é que você escolheu a sua roupa. Como é que você decidiu que ia ser seu figurino, sua... Enfim, você já entrou pensando, ah, eu quero uma coisa mais feminina, ou foi natural, assim, você não pensou sobre isso?

D.M.:

Eu nunca, eu sempre pensei que tinha que ser feminino, né? Sempre pensei assim, e vinha com o tema entre o bem e o mal, aí eu coloquei metade branca e metade preta, né?

A.C.N.:

Ah, eu lembro desse figurino, que você tava combinando, né, com o pessoal. Pois é, então... Mas agora falando assim, que é uma coisa... Eu posso até falar para você também como eu vejo, porque eu tive uma das avaliações em uma etapa que foi muito engraçado, que o jurado me avaliou bem. Só que ele fez uma observação sobre a roupa, que eu fico pensando, será que se fosse um homem ele ia... No sentido de ela tem a saia, ela gira a saia... Não mudou em nada na nota, mas ele fez questão de comentar sobre a saia. E aí, eu já vi que tem marcadora, por exemplo, que dança com a roupa com calça, por exemplo. E aí, eu fiquei pensativa... Nossa, isso então é outra coisa que chama a atenção. quando a gente se propõe a ir com imagem mais feminina, a usar a nossa voz e tudo. Então assim, quero saber se você lembra de alguma situação, de alguma etapa, alguma coisa, alguma apresentação você lembra de algum comentário que fizeram, mas sobre o fato de você estar ali com a sua voz feminina, seu corpo feminino, sua roupa, seu figurino, e isso chamar atenção de alguma forma? Ou isso não é algo que chama atenção das pessoas?

D.M.:

Eu acho que chama bastante atenção, né? Porque é bonito, a saia é uma coisa bonita. coisa bem linda. A calça, a roupa do homem eram linda, mas a da mulher não se compara, né? Porque tem o movimento, tem tudo. Falou que a voz era bonita e que tinha a fala na ponta da língua, né? E mais, assim, quem dá nota mais baixa é as mulheres e os homens dão nota mais alta, eu não entendo.

A.C.N.:

Nossa, isso é uma coisa que eu não tinha parado pra perceber, mas... Eu lembro que uma vez na Fequaju¹³ foi uma coisa tipo assim mesmo. Que... Que eu não recebi nenhum décimo a menos de homem.

D.M.:

E as mulheres... Você pergunta, né? Se um homem tão experiente deu uma nota 9,8 e uma mulher vem te dar um 8. É muito diferente uma nota da outra.

¹³ Federação de quadrilhas juninas do Distrito Federal e entorno

A.C.N.:

É. Mas por que você acha que isso pode ter acontecido? Porque normalmente vem um comentário e tal, mas você acha que pode ter tido algum preconceito, alguma coisa assim do tipo?

D.M.:

Ela falou que eu dancei mais do que marquei. Assim, eu achei estranho, porque eu vejo vários marcadores que nem dançam. E ela deveria me exaltar por isso, por ter dançado e marcado.

A.C.N.:

É, isso é verdade, porque é um diferencial também.

D.M.:

Todo marcador vai lá, fala e some pra quadrilha dançar, não é? A maioria dos marcadores são assim. Ela falou que eu não aparecia muito, mas eu falei, será que ela queria que eu tivesse o tempo todinho lá na frente, na frente do casal de noivo? A quadrilha não podia aparecer. Eu tinha que aparecer o tempo inteiro, sendo que todos os marcadores saem para a quadrilha entrar em cena. Ou eu tô errada?

A.C.N.:

É, não. Eu vejo dessa forma. Eu recebi um comentário uma vez, um pouco parecido, mas só que foi de um homem, que falou que eu devia dançar menos também, sendo que teve outros que falavam que era muito legal o fato de eu marcar e dançar, de eu conseguir ter fôlego pra marcar enquanto eu tô dançando. Então, às vezes, é da percepção de cada um mesmo.

D.M.:

Tinha que ser exaltada. A pessoa consegue marcar e dançar. Tinha que falar, nossa, que legal você consegue... marcar e dançar. Aí vê como um defeito, eu não entendo, né? Às vezes não sei se eu tô certa ou tô errada, mas...

A.C.N.:

Não, mas eu concordo com você, eu acho que é porque é a interpretação também. Às vezes é uma mulher, aí fica tentando ser mais assim, ah, eu não vou ser parcial, não vou pegar leve só porque é mulher. Às vezes eu fico com essa sensação, tipo assim, eu vou ser mais criteriosa ou criteriosa porque é mulher, então eu preciso ver alguma coisa, algum defeito. Ah, então dançou mais do que marcou. Sendo que se... Eu vejo assim, né? Se isso não interfere na sua marcação, não tem problema. Se você tá plantando bananeira, cantando, dançando, mas consegue marcar, se isso não atrapalha a sua marcação, não tem problema você dançar pelo contrário, né? Que nem a gente tá falando. É uma coisa até boa, porque aí mostra que a pessoa, ela consegue fazer mais de uma função. E eu acho que é você, né? Que marca até de salto, não é isso? Que é outra coisa também que eu acho super diferencial. Porque tem que ter o fôlego, tem que ter o equilíbrio, tem que ter tudo pra poder dançar, marcar de salto ainda. Então, assim...

D.M.:

É admirável, tanto sendo homem ou mulher, ele dançar e marcar é muito bonito, né?

A.C.N.:

Sim.

D.M.:

Eu acho bonito um homem ou uma mulher dançar e marcar.

A.C.N.:

É, eu também acho. Então, nesse caso, pelo que eu tô entendendo, você começou marcando meio que porque tinha uma necessidade, porque você não viu outra pessoa, E você, assim como eu, se encontrou nesse lugar, né? Tipo, é uma coisa que você se identificou. Não é mais uma coisa que você faz com medo ou fazendo, ah, eu só tô fazendo porque não tem outra pessoa. Tipo, não é uma coisa que você quer se livrar, não é isso? Você pretende continuar.

D.M.:

Eu pretendo e, tipo, assim, era muito difícil pra arrumar o marcador e eu creio que foi um trabalho bem feito, porque despertou a vontade de outras pessoas serem homens, né? Mas só que as pessoas que eu pedia muito pra ser, todos queriam ser, entendeu?

Deve ter sido bem-feito pra eles mudarem de ideia e ninguém queria marcar. E depois começou todo mundo ver que é legal, ver que querem marcar também.

A.C.N.:

É, às vezes também porque não entendia direito o que que era, né, pra que que servia o marcador, porque tem isso também. Aqui, por exemplo, no DF, no entorno, eu vejo que é outra questão também, que as quadrilhas são muito diferentes das outras, dos outros lugares, né. Então, por exemplo, às vezes a função do marcador, sei lá, no Nordeste vai ser uma coisa diferente daqui. E aí a outra coisa também que eu quero te perguntar é se você percebe que o jeito de marcar quadrilha aqui em Brasília, no DF, no entorno, no caso, se você percebe que tem uma coisa muito assim nossa, do nosso jeito de fazer ou se, enfim, o que você percebe do jeito de marcar isso incluindo homens e mulheres?

D.M.:

Com certeza bem diferente. É bem diferente. Eu adoro os gritos de guerra. É bem diferente. Eu mesmo fui para uma residência em Pernambuco, em Recife, com a raio de sol. Eu ia desistir de marcar, mas quem me deu força foi o Matheus, que é o cadeirante da raio de sol. Ele disse que esse ano eu tinha que vir como Dorinha e não tinha conversa e ia ser o João Grilo que ia marcar a quadrilha que eu tô com o tema do Alto da Compadecida.

A.C.N.:

Ah, que legal. Sucesso no tema. Acho muito massa. Aí você vai ser a Dorinha. Ai, que legal. Que bom que tem uma pessoa para incentivar, para apoiar, porque é uma coisa que eu tenho observado, é até uma coisa que eu não sei se você tem uma outra percepção sobre, mas, por exemplo, nas minhas conversas com a professora, eu falei para ela, olha, eu sou uma das poucas que tem no DF, porque tem eu, tem você, tem outras duas, se eu não me engano, que também marcam há pouco tempo e tudo. E assim, as poucas que têm, eu não vejo que elas estão assim há muitos anos, igual a alguns homens. E aí, ela falou, você precisa tentar entender o porquê que essas mulheres desistem, porquê que elas de uma hora para outra estão lá e depois não estão mais, o que acontece se é alguém que vai lá e tira elas, ou se é porque elas têm que cuidar dos filhos, da casa, ou é porque alguém está sendo preconceituoso, porque ela não consegue conciliar, Você tem que ver o que acontece que faz com que as mulheres não fiquem por

muito tempo. Porque em todo lugar surge uma marcadora, quando vai ver ela, para. E aí pode ser por vários motivos. Então, como você está me falando que pensou em desistir, mas que quer continuar, porque estão te apoiando e tudo, eu quero ouvir o que você pensa sobre isso. Por que as marcadoras não ficam? O que você imagina se você já já viveu também alguma experiência que você possa levar para esse lado? Por exemplo, eu desistiria por tal e tal motivo. Por que você acha que as mulheres desistem de marcar?

D.M.:

Vou falar por mim. Por mim, eu não sei pelas outras. Uma nota, se eu ganhar três notas 9,9 e uma 8, o que pesa dentro da minha quadrilha é a 8 que eu ganhei. não pesa as outras. Não sei se é porque eu sou mulher. Assim, de todos os marcadores que já teve na minha quadrilha, eu fui a que tirei as maiores notas. E era tipo pra... Não são todos, mas alguns tipo... Então querendo ficar jogando a piadinha de lá, uma coisa de cá e tipo o que pesa é a nota mais baixa que eu tirei, entendeu? Agora, quando era homem, podia tirar notas baixas e todo mundo apoiava, todo mundo falava que eles eram bons e tudo assim. Eu não sei por que o universo feminino tem muita... O homem, o homem, ele é mais parceiro, né? A mulher tem mais inveja de um andar a outra, tem alguma coisa assim. Você sabe que isso existe, né? Sim. Em vez de querer ver a outra lá em cima, elas querem derrubar. Não sei por qual motivo. Porque eu nunca fui assim. Eu sempre quis botar todo mundo que tá ao meu redor lá em cima.

A.C.N.:

Sim. Eu compartilho também desse sentimento. Eu também tive essa sensação de que eu era muito mais cobrada do que os homens, né? Então, quando eu ganhei, por exemplo, as etapas, era tipo assim, que bom, muito bom que você ganhou, mas é sua obrigação. Aí, quando era um homem marcando e ele perdia, mas a culpa não é sua, a culpa é do trabalho de todo mundo. Então, essa questão que você tá falando da nota, que tipo... vão jogar nas suas costas. A quadrilha foi tão bem por causa da nota da marcadora. Eu também vejo que não é uma coisa só sua ou só minha. Eu acho que é uma coisa da sociedade mesmo. Eu não sei se você concorda comigo, mas eu acho que é porque isso. A sociedade, que nem você está falando, tem essa competição entre mulheres, porque às vezes elas são ensinadas desde cedo. E os homens têm mais esse respeito, essa camaradagem entre si. Mas eu concordo com você. Pode falar.

D.M.:

Eu falei com as palavras certas, mas é o que eu penso.

A.C.N.:

Não, mas não tem palavras certas, não. Eu tô aqui pra ouvir o que você pensa mesmo, da forma como você pensa. Que o mais importante Dalilian nesse processo é também sentir que a minha pesquisa, ela tá não só falando da minha experiência, mas da experiência de outra pessoa. Então, mesmo que você não tem a mesma opinião que eu, por exemplo, em alguma coisa, sou importante eu saber. Então, acho que eu fiz as perguntas que eu tinha anotado, mas me deixa ver se tem mais alguma. Isso também, se você tiver alguma coisa para compartilhar. Aí tem uma coisa que é importante também que a gente está colocando na pesquisa, que é em relação à sua particularidade de vida, por exemplo. como a gente já observou, tem aquela marcadora que vai ser mais jovem, aquela que vai ser mais velha, aquela que é mais feminina, aquela que não é tanto, aquela que é idosa, enfim... negra, mãe... Por exemplo, eu vi que teve uma marcadora que marcou gestante. Então, tudo isso eu acho que são questões do nosso universo feminino e que eu quero saber se tem alguma coisa do seu universo feminino em específico que você acha que contribui ou que interfere ou dificulta. Pode ser algo que facilita a sua marcação ou até algo que dificulta. Pelo fato de você ser mulher, por exemplo, não sei se você é mãe, mas se você tem que lidar com o fato de conciliar sua maternidade com a marcação, ou se não interfere, ou se até ajuda, não sei, eu quero mais ouvir, né, se você estiver confortável pra falar, da sua experiência específica, da sua realidade. Se, por exemplo, você tem dificuldade de conciliar a sua vida pessoal com a quadrilha e por aí vai, entendeu?

D.M.:

Não, eu também, eu que costuro, eu que faço.

A.C.N.:

Ah, que legal.

D.M.:

Eu tenho um filho de quatro anos. Assim é bem difícil, mas o amor que eu tenho e tipo essas coisas da nota aí a gente fica pensando em desistir porque a gente quer o melhor

para a quadriga. A gente fica pensando que a gente não é o melhor e quer o melhor. O sonho de um dia chegar em alguma posição ganhar um troféu. Você já ganhou a gente. Só em 2013, ainda foi em quinto lugar na link da EFL. Foi bem difícil. Eu fiz quadrilha 16 anos sem cobrar nada, sem cobrar cachê, sem nada. Eu fazia do bolso mesmo, pegava o cartão, dividia as coisas. E tinha ajuda do prefeito, aí dava um pouquinho dos panos, aí tinha que dividir o resto. Por isso que eu que costuro, porque... Não tinha condições de pagar uma costureira, né?

A.C.N.:

Mas aí você aprendeu a costurar por causa disso ou você já costurava?

D.M.:

Por causa disso.

A.C.N.:

Nossa, que incrível! Sabe o que é meu sonho também? Minha avó costureira. Eu já tentei aprender com ela e ainda não aprendi.

D.M.:

É fácil. Aprender a colocar a linha na máquina.

A.C.N.:

Sério? Aí você já tá fazendo para outras quadrilhas também, né?

D.M.:

Eu fiz a saia de ensaio da Pinguim, eles adoraram, fez muito sucesso.

A.C.N.:

Então já é uma coisa que você pode pensar como a outra renda, né?

D.M.:

É.

A.C.N.:

Interessante, mas aí também, ao mesmo tempo, eu fico pensando que isso faz parte de todo quadrilheiro, mas principalmente de mulheres, eu vejo que a gente se vira em 100 para fazer as coisas. Eu mesmo agora também tô fazendo um monte de coisa ao mesmo tempo e tenho que pensar na marcação, né? Então assim, é muita coisa mesmo.

D.M.:

Eu que sou a coreógrafa também. Agora esse ano, graças a Deus, a gente tem uma... A gente foi fazer a residência lá e a Leila fez mais da metade da coreografia.

A.C.N.:

Ah, que legal. A Leila é muito boa, né? Ela inclusive também tem umas pesquisas que eu vou usar de referência sobre quadrilhas para o meu trabalho do mestrado e tudo. Mas é isso, eu acho que o mais importante é a gente pensar em fortalecer, porque eu não sei você. Eu tive momentos assim que eu me senti meio assim sozinha no sentido de tipo assim, além de não ter outra marcadora, só eu sei como eu estou me sentindo. E mesmo que eu for compartilhar com alguém, eu acho que só, por exemplo, outra marcadora que entender o que é esse sentimento, que nem você tá falando, que você quer o melhor para o grupo, que você se esforça para poder desenvolver o melhor no grupo, e às vezes as pessoas nem reconhecem isso, nem tem esse reconhecimento, essa gratidão. Então, uma das coisas que eu fiquei pensando durante esse processo foi, nossa, eu acho que seria mais fácil da gente da gente ir com menos medo, com mais leveza para as coisas, para se apresentar e tudo, se tivesse mais esse contato. Porque, por exemplo, eu já vi você apresentando, mas eu nunca tinha conversado com você, por exemplo. E agora que eu estou descobrindo quem é quem, qual é o nome das pessoas direitinho, porque a gente quase não vê as pessoas comentando ou quando vê, você não tem um contato ali direto com a pessoa. Então, uma das coisas que eu fiquei pensando é que a gente precisava se apoiar mais. Tipo assim, se juntar mais pra tipo assim as pessoas entenderem que não é a fulana, cicrana aqui isolada ou comparar que ainda tem isso eu acho que quando tem pouca mulher fazendo uma coisa ainda tem a comparação né não sei se você já sentiu isso mas tem a comparação porque a época mulher faz então vou comparar a marcadora de tal quadrilha com tal quadrilha por exemplo que é normal ter a comparação mas quando é mulher ainda tem essa questão né de de ser poucas, então elas são mais vistas, né? Pra se comparar. Então, não sei se você concorda com isso, mas eu senti um pouco disso, sabe? De que seria mais interessante a gente se unir pra se apoiar, até mesmo pras

peessoas verem que não é... Tipo, que a gente não vai dar espaço pra poder ficarem, por exemplo, tentando criar rivalidade ou alguma coisa do tipo.

D.M.:

Com certeza, eu acho que tem que ser unido. Tem que ir um dar força pra outra. Tem essas coisas ruins, mas também tem muita coisa boa. Eu já vi uma moça chorar me abraçando e falando que foi lindo que tocou o coração dela. É muito gratificante eu ouvir isso.

A.C.N.:

É isso, é uma das coisas que nos dão força também, né? Eu compartilho também desse sentimento que... Quando alguém se... Porque eu acho que a parte mais bonita de ser uma mulher marcadora é isso, é ver outras mulheres se reconhecendo na gente, se emocionando com a gente. Eu também tive até a experiência também de pessoas de mais idade, senhoras, irem falando que se emocionaram e tudo. Então, pra mim é bem, também, gratificante. Então, assim, é... Deixa eu ver se eu tenho mais alguma pergunta, mas também se você tiver... Aí o fato de você... Aí você falou de ser mãe, né? Você acha que, então, esse não é um fator que interfere, por exemplo... Tipo assim, você tem suas responsabilidades, obviamente, mas não é algo que você vê como uma dificuldade, por exemplo. Pra você ser marcadora. Ou você vê...

D.M.:

Dificuldade, mas é isso, é o julgamento, né? É, mas é isso. Porque eu tenho minha mãe, graças a Deus, ela me ajuda muito com meu filho. Mas só a dificuldade de ter marcadora é o julgamento mesmo. Mas tem muita coisa boa também.

A.C.N.:

Sim, realmente.

D.M.:

E eu queria te convidar. A Leila vai vir no meu ensaio, viu?

A.C.N.:

Ah, que legal.

D.M.:

Vou te convidar pra você vir.

A.C.N.:

Ah, então pode falar o dia que a gente organiza. Não sei se vai ser no mesmo dia do nosso ensaio, mas a gente vê um jeito. Nem que eu deixe os meninos da direção lá, cuidando.

D.M.:

Eu tomo cuidado, assim, pra mim. Eu quero que muita gente veja ela, porque ela merece tudo de bom. Ela é uma das pessoas mais incríveis que eu conheci na minha vida. Ela é tão grande, tão grande e, ao mesmo tempo, tão humilde. Você vê pessoas que, às vezes, nem têm tanto talento, e se acham melhores que as outras. E eu sempre preguei isso na minha quadrilha. Você pode ser a melhor, a melhor na dança, a melhor em tudo, mas nunca se acha melhor do que ninguém. Aquilo ali só te torna melhor de tudo pelo profissionalismo, não melhor do que outra pessoa. E ela é incrível, incrível, incrível, incrível.

A.C.N.:

Eu já vi uma oficina, eu quero sim. Eu me inscrevi numa que teve da Fequaju¹⁴ há um tempo atrás, mas eu não consegui ir no dia. Então, eu perdi essa oficina e eu tenho vontade de ver ela, ver como ela trabalha. Eu sou fã também da Raio de Sol, eu acho os trabalhos deles muito lindos, muito originais também, porque às vezes tem quadrilha que é muito parecida uma com a outra e eles têm uma identidade muito própria e isso é muito bonito. Com certeza. E que bom que você conseguiu ter esse contato com ela e foi algo positivo, né? Algo que tá te fazendo bem, porque eu vejo que a gente precisa disso pra se fortalecer também, né? Sentir que vale a pena.

D.M.:

Dia 28.

¹⁴ Federação de quadrilhas juninas do Distrito Federal e entorno

A.C.N.:

Dia 28?

D.M.:

O dia abriu. É a segunda feira.

A.C.N.:

Ah, segunda? Ah, então acho que dá. O nosso ensaio tá sendo só final de semana? Ah, então quero sim, agradeço o convite, fico feliz. E assim, eu quero, a gente tá caminhando pra finalizar, mas eu quero te dizer muito obrigada mais uma vez por você topar, por você colaborar com a minha pesquisa. Fiquei feliz de te ouvir, eu quero saber se tem mais alguma coisa que você quer falar. E desejar sucesso também pra temporada, né?

D.M.:

Eu quero agradecer, pra mim é uma honra estar falando com você também, que eu também sou sua fã. Eu acho muito lindo, muito lindo. Tem mães de dançarina minha que, tipo assim, quando eu tô triste, assim, elas falam. Ai, eu fiquei apaixonada, porque a maioria delas, quando vai ver a gente dançar, vocês também dançam ali no Valparaíso, no Arraia do Tio Pedro. Quando tu falaste da Elite, né? Você dançou lá e elas falaram. Quando eu vi aquela marcadora marcando, é muito lindo. E falam que eu também. É bonito, é diferente. Pra minha honra, só tenho a agradecer mesmo. Você é muito boa.

A.C.N.:

Obrigada e eu quero ver você marcando e a gente se apoiando, tá? Quero ter a oportunidade também de assistir a Vira e Mexe esse ano e a sua marcação, sua personagem, tá? Sucesso.

Entrevista remota à marcadora **Drika Alves**

Meio de Comunicação: Plataforma Google Meet

Data: **18/03/2025**

Ana Carolina Nóbrega (A.C.N.)

Então, estamos gravando mais uma entrevista aqui para essa dissertação de mestrado. Estamos aqui com a Drika Alves hoje à noite. Eu quero que você fale, né? Já falou o seu nome, né? Mas fala o seu nome, como que você se tornou marcadora, qual quadrilha que você já marcou, se você só marcou uma quadrilha, como é o seu processo? Como que você chegou nesse movimento e nessa função de marcar a quadrilha?

Drika Alves (D.A.):

Então, Ana, eu participo de quadrilha desde 2005. Na verdade, eu vim para o mundo das quadrilhas juninas mais para ser, para atuar como atriz. A princípio, porque eu já trabalhava com teatro. Aí eu parei de fazer teatro por conta do trabalho, da rotina, dia a dia. E eu vi nas quadrilhas uma oportunidade de eu continuar isso, embora não fosse profissionalmente, ganhando dinheiro. E a forma de eu estar dentro da arte. Então eu comecei como personagem numa quadrilha chamada Reis do Pinho. Onde eu fiz uma personagem, era a Zefinha. que na época, em 2005, assim, eu até me assustei com o ciclo junino, porque eu já gostava muito, eu acompanhava as quadrilhas juninas, mas de fora, né? E quando eu entrei no universo das quadrilhas, Zéfinha me deu uma oportunidade, foi assim, um boom na minha vida, a Zéfinha, porque foi um personagem que deu muito certo e ecoou muito no movimento das quadrilhas juninas. Só que em mais ou menos 2009, eu comecei a trabalhar com locução. Então, desde essa época, eu comecei a olhar os marcadores da quadrilha que eu participava, e assim, eu olhava com o microfone, como locutora de rádio, eu quero fazer isso, eu quero fazer isso. Então, só que eu sabia que era uma responsabilidade muito grande, porque a nota do marcador, da marcatriz, é nota única e traz todo um peso, faz todo um diferencial em qualquer quadrilha. Em 2015, apareceu uma oportunidade de marcar quadrilha, mas eu não me sentia madura. O pessoal até me incentivava. Drica, tu já trabalhas com rádio, com voz, pra tu vai ser mais fácil, é mais calma, né? Não é agora. Porque, realmente, eu tinha medo. Eu tinha medo da responsabilidade. Só que eu comecei a ficar com aquilo, despertando no meu coração de fazer. Em 2016, de fato, apareceu a oportunidade, que foi na quadrilha Origem Nordestina, que é aqui do Morro da Conceição, aqui em Recife. Foi uma personagem que falava muito sobre mulher. sobre mulher, sobre mãe. Então, eu me encontrei totalmente que era uma vendedora de velas que fazia uma promessa à Nossa Senhora da Conceição. E aqui é uma festividade muito forte no Recife que a gente tem, que é sobre a Festa do Morro. E ela estava inserida toda nesse contexto. Então deu muito certo, né? Isso foi em 2016. E na estreia, eu ganhei como melhor marcatriz no concurso de festival da Rede Globo, de quadrilhas unidas da Rede Globo.

A.C.N.:

Ah, que legal.

D.A.:

Inclusive, eu ganhei o troféu de marcador. O nome marcador, né? Você já deve ter passado por isso, Ana.

A.C.N.:

Já.

D.A.:

Eu até, meio que, o pessoal me achou um pouquinho chata. Eu disse, mas rapaz, é uma mulher, né? E a gente tá recebendo um marcador. Mas meio que eu já sou acostumada, porque a minha profissão de locução também tem muito isso. Agora até já melhorou mais um pouquinho, mas tem muito sobre isso. Tudo é locutor. Poucos eventos que eu faço tem lá no crachá locutora, né? Geralmente é locutor. Mas aí foi no ponto a perna de onde tudo começou. Eu super me identifiquei com a ação de marcatriz e de lá pra cá eu só parei, tô parada agora por conta do meu trabalho que eu não tô conseguindo conciliar.

A.C.N.:

Então você ficou até ano passado?

D.A.:

Não, eu fiquei até 2000, eu marquei 2016, 2017, 2018... e 19, na origem nordestina. Aí veio a pandemia, eu ia marcar outra quadrilha junina, que é a Traque de Massa, que também é de Recife, só que acabou não acontecendo por conta da pandemia. Aí fiquei 2020, 21, 22 e 23, eu acho, sem marcar. E voltei, aliás, em 2022, acabei e terminei voltando pra Origem nordestina. Mas foi tudo muito, muito tumultuado, assim. Eu só tive 15 dias pra participar de todo o processo, porque eles tavam no marcador. Aí teve um problema lá com a quadrilha. Falava muito sobre mulher, que era... Falava sobre Isabel, né? A mãe de... de São João Batista e só que eu tive 15 dias meio pra me inserir no contexto de marcadora, de atriz, de líder. Então bem complicadozinho, mas... Bem corrido, né?

A.C.N.:

Imagino que deve ter sido um desafio. Esse eu acho que eu assisti alguns trechos no YouTube, não foi? Que tem um vídeo.

D.A.:

É sim.

A.C.N.:

Eu lembro de ter visto uma história dessa da origem nordestina. Então, você começou a marcar em 2016 e aí até hoje marca quando é possível, né? Que essa é uma pergunta também que eu anoto para perguntar, porque uma das coisas que a gente está investigando na pesquisa é o porquê que as marcadoras não permanecem muito tempo, Então, é uma das coisas que a gente tem questionado, né? O que faz com que as mulheres... Quais são os desafios ou coisa... Ou é perca de interesse mesmo, enfim... O que você acha?

D.A.:

Então, Ana, no meu caso, foi muito mais assim... Desvalorização a muita... Na própria quadrilha que eu participava na época, muitos componentes descreditavam. A construção foi bem difícil. Só eu tive um pouquinho de alívio de respirar assim, poxa, até que enfim. Depois que começaram os concursos que a gente foi ganhando. Aí vai destacando o trabalho, não a pessoa, mas o trabalho. E isso que foi legal, né? Mas no

meu caso, é o corre-corre mesmo. Eu hoje, eu trabalho com rádio. E rádio a gente trabalha final de semana, né? pra conciliar, não é nem tanto no mês de junho, porque a gente consegue umas férias e aí tá tudo certo, mas é o antes, é a construção mesmo, é o processo, porque eu trabalho, eu sou mãe, praticamente solo, assim, eu crio meu filho sozinho, ele tá numa fase que tá maiorzinho, por incrível que pareça, quando ele era menor, Eu conseguia fazer com que ele participasse. Hoje ele está sozinho com 13 anos, ele não quer mais, não gosta, não se identifica. E eu super que respeito também, não posso brigar. Então, no meu caso, foi mais isso. Porque assim, é muito complicado, né? Mulher já é um faz tudo na vida. E conciliar com quadrilha é muito difícil o processo. Nem se a fase dos espetáculos, quando tá tudo pronto, é massa. É arretado. Porque a gente vai ali... Hoje os concursos diminuíram muito aqui em Recife, pelo menos. Quando eu era só brincante, a gente tinha cinco, seis concursos de junho até quase no final de junho. E tinha dias que eu chegava seis horas da manhã. Hoje a gente faz um concurso, dois por noite, é bem fácil. A bronca é só o processo da construção, que é muito sacrificante. É final de semana, é feriado, é durante a semana e fica até madrugada. E infelizmente eu não consegui mais conciliar tudo.

A.C.N.:

Sim... Eu imaginei que pudesse ter algo do tipo... É que nem você falou, você também é mãe, que é outra coisa também que os professores questionaram... Será que também não tem uma questão de maternidade? Porque quando é pai, normalmente deixam com outra pessoa... E quando é mãe, a demanda é maior. Eu falei, pois é... Então, por exemplo, tem várias questões. tem o trabalho da pessoa, tem a maternidade, tem às vezes a idade dela também, se é mais nova, se é mais velha, se tem mais tempo para trabalhar, estudar ou não. Então, são coisas que a gente também está, além do espetáculo em si, da atuação da marcadora em si, a gente também está querendo ver esses bastidores. O que você está falando, que é o processo. Tipo assim, você está lá porque mulher chama atenção, mas nos bastidores quem escolhe as coisas somos nós, homens.

D.A.:

E eu só pra acrescentar também, Ana, além da desvalorização do trabalho, da credibilidade que a gente impõe como mulher. Aqui também eu marcava quadrilha junina profissionalmente. Eu ganhava pra marcar quadrilha. E eu senti que também nessa questão financeira, também eu tive muitos problemas, entendeu? Porque a própria direção... A gente sempre escuta, né? O falam, soltam a linha, soltam aqui. Ah, ela não precisa. Ela não precisa do dinheiro porque ela trabalha, faz outras coisas fora. Eu fazia a minha jeito, mas como assim? Eu deixo a minha casa, eu deixo o meu filho. Eu sacrifico a minha noite de sono, né? Eu peguei, como eu disse a você logo no começo, eu peguei uma quadrilha com 15 dias pra marcar. E eu disse, ninguém no seu juízo normal aceita. Porque não é só, não é porque a personagem, a atriz também fez personagem. Imagina só parar um texto, né? É você se envolver com aquele grupo ali que tá sendo trabalhado. Apesar que eu já tinha marcado a quadrilha em outros anos. 70% das pessoas eu já conhecia. Mas eu cheguei assim, tipo, me jogaram no bolo. Eu me dei durante 15 dias. Foi uma loucura, de manhã, de tarde e de noite. Não tinha marido, não tinha filho. Joguei tudo em segundo plano pra no final dizer que ela não precisa do dinheiro. E até hoje ficam assim, até hoje me devem. E me pagaram assim, dividindo, meio que humilhando. Tipo assim, ah, dá cem. Ah, dá mais duzentos. Ah, dá

mais trezentos. E eu me vi assim, eu disse, minha gente, eu não preciso disso. Não é o dinheiro, mas se me chamaram, me contrataram, eu vou querer. Mas a gente não é pelo dinheiro, porque o cachê é muito pouco para o que a gente faz, para a dedicação que a gente faz. E isso aí, o que doeu na época foi a gente não ter esse olhar sobre a gente. que a gente já paga pra responsabilidade que se impõe a essa marcatriz. Então vamos ter cuidado com isso, né? Vamos ter mais responsabilidade e não tenha esse cuidado.

A.C.N.:

Entendi

D.A.:

Isso também entristeceu bastante na época.

A.C.N.:

Imagino... Pois é, uma coisa que eu comecei também com outra marcadora aqui do DF, que ela também sentia uma desvalorização, um desrespeito, mesmo ela se dedicando... E que, por exemplo, quando ela recebeu uma nota baixa, todo mundo foi em cima, falando que a quadrilha não foi bem por causa dela, sendo que um outro homem marcou a mesma quadrilha em outro momento... E que ele não recebeu esses ataques quando ele recebeu nota baixa, né? Tipo assim, todo mundo falava... Apoiava ele, falava... Não, acontece, estamos juntos, é nós e tal... E quando foi ela, ela foi criticada. Então, assim... Eu falei para... Comentei com ela e eu vejo que é uma questão social mesmo. Eu estou começando a entender que tipo assim... Porque, por exemplo, você trabalha com isso, com a voz, né? Eu também, eu tenho minha profissão de artes cênicas, eu sou professora também. Então, envolve a voz. Então, por mais que a gente tenha a capacidade pra isso, sempre tem alguém querendo desvalorizar, desqualificar pela questão também do gênero, né? Querendo ou não ter isso, né? Não é mais uma coisa individual, que é... Ah, é coisa que acontece com a Drika, ou com a Ana Carolina, ou com fulana. É algo social, e em Brasília, em Recife, pelo que eu tô vendo, né?

D.A.:

E sem contar que o olhar também de quem tá julgando o marcador, geralmente são homens. Aqui em Recife são homens que já marcaram quadrilhas há 20 anos atrás. E não absorvem, não querem aceitar que a mulher... Que tem uma mulher ali fazendo isso. Que pra eles, né? Principalmente o pessoal mais antigo aí, a galera mais antiga, acha que a gente não tem voz pra isso. E duas mulheres, no último ano que eu marquei, que foi 2022, as mulheres tivemos duas marcatrizes. Eu e uma marcadora da Junina Traque. As menores notas foram as nossas. E teve homem que estava marcando. Isso não foi o meu olhar, foi o olhar de outro jurado, que é amigo, né? E teve fulano de outra quadrilha, que era um homem. E planejou, que falhou, que o microfone apitou e tirou nota maior do que vocês. Que ao olhar da gente, que não tava jogando o marcador, foram perfeitas. Eu disse pra ver como é que acontece o processo. Porque era um jurado que foi marcador há muitos anos. Eu acredito que na caixinha dele, pra ele não é admissível isso, entendeu? Tem uma mulher ali querendo esse posto. Apesar que eu já tava desde 2016 nesse posto. Mas talvez ele não sente, porque tá naquele pensamento da caixinha dele.

A.C.N.:

Mas vocês receberam algum comentário justificando aquelas notas? Enfim, porque eu também...

D.A.:

Eu não tenho esse emoji porque a gente... Eu não sei a outra marctriz, mas que a gente não tem acesso. Mas o meu foi porque, no momento do espetáculo, ele não entendeu a minha voz. Minha gente, mas o volume é o mesmo. Não tem, né? Aí a gente nem... Eu, pelo menos, não fui atrás, não tentei, já tinha feito, então... Mas é bem complicado. Aí isso vai, de uma certa forma, desmotivando, né?

A.C.N.:

Não, eu perguntei mais por que, por exemplo, Como eu falei, na minha estreia eu fui muito bem avaliada, mas o tema ele falava de mulheres. No ano seguinte, quando eu falei de outro tema que não era feminino, parecia que não, eu só posso ser marcadora se eu falar de um tema feminino. E aí, eu recebi comentário de um jurado falando assim, que eu não podia dançar enquanto marcava. Sendo que isso não interferia na marcação. Então, a sensação que eu tive foi assim, tá incomodada porque eu uso saia, porque eu danço, entendeu?

D.A.:

Tipo assim... Exato.

A.C.N.:

Então, foi uma coisa... E também teve um comentário falando da maquiagem dos olhos, que a maquiagem dos olhos ele não achou bonita. E aí eu fiquei, sim, mas o que isso tem a ver com a qualidade da marcação? Porque não teve comentário falando que não dava pra ouvir o que eu tava falando, não teve comentário falando da minha dicção, do uso do microfone... Não, era tipo assim, a saia e a maquiagem. Coisas que são do universo feminino. Entende?

D.A.:

Entendeu? Aqui em Recife, na época que eu comecei, em 2016, não tinha ninguém assim. Tiveram algumas na década lá de 1980, que eu procurei, pesquisei. Mas, assim, em 2016... Aí depois já veio a Adrielle, que foi a que eu te falei que eu e ela tivemos as menores notas no concurso de trindade. Mas é aquilo que você falou, é pouca referência. E até tem um grupo, que eu não sei se tu faz parte, que é Marcadores do Brasil. Eu nem tô mais nele, não sei por quê.

A.C.N.:

Não, nem eu descobria que tinha.

D.A.:

Quando eu entrei... Aliás, é Marcadores do Brasil. Quando eu entrei, tu viu um monte de mulher. Aí eu disse, nossa, que massa, fiquei muito feliz. E elas comentando lá no grupo, tu viu. Só que depois eu fui investigar, Não são marcadoras, elas são cantoras. Porque tem quadrilha que vem ao vivo e os cantores são bem fortes também nessa parte, né? Que às vezes até dá problema com o marcador porque um grita mais do que o outro.

Então são os que cantam em quadrilha na regional, nas bandas. Aí se definem como marcadoras, eu digo. Porque eu vi um monte de mulher que disse, meu Deus, que coisa boa, que alegria. Mas aí quando eu fui ver direitinho, elas são cantores que se denominam como marcadoras.

A.C.N.:

Ah, tá. Pois é. Que nem eu tô te falando, as poucas... A mesma coisa no DF. Teve marcadoras... Nem marcadoras no plural, porque eu só sei da dona Vilma. da quadrilha chapéu de palha, que marcou também na década de 80. E aí, só foi ter marcadora de novo em 2022, quando eu comecei. Pelo que se sabe, né? Pelo menos na competição, porque tem a marcadora da escola, da igreja, mas assim, pra competição mesmo, só teve eu até então e a dona Vilma muitos anos atrás. E aí, depois que eu marquei, outras meninas vieram. Mas aí, quando eu percebi que estavam entrando outras questões de gênero, tipo assim... A mulher vai marcar, ok. Então, ela tem que usar saia ou usar uma roupa masculina. Igual eu vi uma menina falando que ia usar um macacão igual dos meninos, porque ela se sentia mais confortável. E tudo bem, ela escolhe a roupa que quiser, mas aí eu fiquei pensando... Por que será que ela se sente mais confortável de vir com a roupa igual dos meninos?

D.A.:

Dos meninos, isso.

A.C.N.:

E aí, no caso, outra... Não sei se você tem mais alguma coisa a acrescentar disso que a gente já falou, mas tem uma pergunta que é mais também uma curiosidade minha, que foi uma pergunta que foi questionada na minha banca de qualificação, que falaram sobre esse termo marcadora e marcatriz. Que assim, me chamam de marcatriz também, marcadora e tal. Mas já me perguntaram se o marcatriz é pra tipo assim, marcar uma coisa diferente do marcador ou é só porque é o feminino do marcador mesmo? E aí, como que você vê esse termo? Já que eu vi que você usa ele também.

D.A.:

Aqui a gente usa muito porque é uma forma já diferenciar que além de marcar, a gente também atua.

A.C.N.:

Ah, entendi.

D.A.:

Porque a gente aqui ainda temos marcadores que só são, que só marcam. Não atuam, não fazem personagens. E quando eu comecei a marcar, eu sempre pedi muito isso. Eu disse, olha, eu me garanto fazendo teatro. Eu me garanto sendo personagem. Pra marcar, eu vou aprender. Então, bora misturar isso, porque aí eu vou me sentir mais forte, né? Porque eu sempre, em 2016, 2017, 2018, eu sempre vim como personagem. A primeira vez que eu vim, eu, Drika Alves, que eu até falava no começo, o meu lugar de fala foi em 2022. Por incrível que eu tenha passado outros anos, 2022 foi que eu parei assim e fiquei, ouça, agora eu sou a marcatriz. Porque era eu, eu não tinha personagem. Porque

como eu entrei já 15 dias do processo, o texto, o tema tava todo adaptado para um marcador. barulho assim. Então meio que o projetista precisou de última hora me ajustar no que já estava pronto. Então eu não tinha espaço para fazer personagem. Eles diziam, ó, tu vais falar o que o marcador iria falar, só que vai ser uma mulher. Eu disse, tá. E assim, eu fiquei até com medo, porque eu tinha na minha consciência, eu me garanto sendo Maria. Eu me garanto, sendo Joana, que foi o personagem que eu fui marcando, mas sendo o Drika, será que vai rolar? Não precisa ter, né? Ainda bem que rolou, mas assim, foi justamente desse termo, da gente deixar bem claro que a gente evoluiu. Porque marcador, antigamente, é por isso que talvez o jurado tenha questionado por que você dançava. Quando eu comecei a marcar, eu ouvi isso também de jurados que eram mais chegados a mim, me dando dica. Briga, não dance muito. Brica, você tá correndo no espetáculo, você tá dançando demais. Eu disse, minha gente, mas sou eu. Eu não quero me moldar nos homens que vêm parado, só tem uma voz bonita e tá lá engessado. Não, porque eu não sou homem, né? Eu vim pra ser diferente, eu sou mulher. Então eu vou ser meu jeito, eu vou dançar. Eu sou espalhafatosa. Eu sou expressiva e eu vou trazer isso comigo. Eu não vou me injetar porque os homens não dançam muito.

A.C.N.:

É verdade. Eu também senti um pouco disso e assim, na verdade, eu fiquei com a sensação também que aí é uma coisa que você pode me dizer também, mas eu, falando da minha experiência, sentia que era mais cobrado ainda. Tipo assim, você marca, você dança, você atua, você é o personagem, mas como você é mulher, então você tem que fazer sempre mais. Ou então, o mais que você faz é criticado, porque é isso, você tem que se caber nesse padrão, nesse molde dos homens. Então, é até difícil, né? essa avaliação, porque, como eu falei, essas avaliações que eu recebi não eram a respeito da marcação. Porque eu vejo assim, se eu recebo uma avaliação que fala assim, não, você fez tal coisa que atrapalhou você marcar, que interferiu no entendimento do que você tava dizendo, aí é uma coisa. Agora, porque eu não gostei que você usou saia, não gostei da maquiagem. Então assim, tem que ter um embasamento. Então... Esse negócio... Eu sinto, às vezes, que a gente tem que, às vezes, até fazer mais do que os homens pra provar que a gente merece estar ali, né?

D.A.:

Exato, Ana. E deixa eu só que eu me lembrei agora de uma questão. Que as mulheres que estão agora, que vão vir também. Uma coisa que eu achei muito importante é que aqui em Recife, a gente tem no concurso da Prefeitura do Recife, que é até no sítio Trindade, a gente tem sempre uma explanação antes do concurso. É tipo uma roda de conversas, que tem uma pessoa que é responsável pelo concurso, aí pega cada item, né, a gente senta em roda de conversa pra dizer o que, tipo, casamento, o que é que vai ser julgado, vai ser isso e isso, tentem melhorar nisso, façam isso aqui, mas assim, aí na parte do marcador, eu numa roda de conversa já comecei a causando a... arrumar um problema pro meu lado, porque no item do regulamento tinha lá marcador. Aí ele começou a descrever a função do marcador. Só tinha mulher na reunião, aí alguém quer falar, aí eu levantei a mão. Eu disse, olha, pra começo de conversa, eu não sou marcador. Então só isso aí já me incomoda. Não pode mudar isso no regulamento? O regulamento da Prefeitura do Recife tem lá, marcador, abre aspas, a, fecha aspas. E eu achei isso massa, porque outras que vieram depois dessa época, quando vão pra reunião,

aí sempre diz, poxa, eu me sinto muito feliz porque eu vejo lá marcadora, que é uma coisa que não tinha. A partir do regulamento, talvez a gente comece a mudar o olhar de quem vai julgar. Porque todos os jurados, eles recebem esse regulamento, né? Então, quem vai julgar o marcador, abre as suas marcadoras, ele precisa entender que talvez tenha mulher ali. E ele não pode julgar igual a homem jamais, porque até tem alguns marcadores que vendem mulher, mas não são mulheres, né? São homens vestidos de mulheres, mas não são mulheres de verdade. Então a gente não pode ser comparada, eu não posso ser engessada igual um homem, jamais.

A.C.N.:

Entendeu? É, faz sentido. E isso que você falou, por exemplo, eu ganhei um certificado, uma vez melhor, marcador, Ana Carolina Segura. Gente, estava pronto o negócio, como só tinha eu, mulher, competindo. Ninguém pensou que eu podia ganhar e ia vir um negócio escrito melhor, marcador, né?

D.A.:

Isso. Inclusive, Ana, já estive participando em concurso aqui, concurso de bairro. E o apresentador, o locutor do evento, porque eles recebem a sinopse, né? Aí eles falam, vem aí a quadrilha original da China trazendo o tema tal, tantos componentes. Aí tinha marcador, Drica Alves, o locutor do evento. Isso deve ser um travesti, mulher!

A.C.N.:

Sério? Meu Deus. Se tocou que podia ser uma mulher mesmo.

D.A.:

Nessa noite eu fiquei, mas aí também entrei com gosto de gás Quando eu peguei o microfone pra dar o grito pra quadrilha entrar, e antes eu pedi licença. Aí eu não lembro o nome dele, eu disse, Drika Alves não é homem não, tá? Drika Alves é mulher. Inclusive meu filho até participa do espetáculo. E eu peço, por gentileza, que você me peça uma desculpa. sobre a sua fala, porque me incomodou e incomodou a minha quadrilha. A mulher ficou assim, ó, no chão. Eu disse, não, desculpe, não sei o quê.

A.C.N.:

E eu acho que você precisa ter.

D.A.:

Mais cuidado com o que você fala. Você precisa investigar, procurar se informar, porque isso aqui é no seu microfone. Isso aqui tem muito poder. Então você não pode falar certas coisas se você não tem certeza, tá bom, querido? Obrigada!

A.C.N.:

Maravilhosa! Que bom que você falou, que tem situação que às vezes a gente passa que a gente fica até sem reação, né? Ainda bem que você foi lá e falou.

D.A.:

Eu sei o que, rapaz, eu não sou mandei travesti, nada a conta, mas eu não sou Só que ele viu o nome Drica Alves, aí é tão incomum, né? Ver uma mulher...

A.C.N.:

É, além de ser incomum, talvez porque também tava, né, Drica, tipo assim, ah, então é um apelido. Mas, nossa, péssimo, justamente porque já é essa cultura, às vezes ele achou que tava sendo super engraçado, né? Mas que bom que você foi lá e falou, e se posicionou. E aí, uma das coisas também dentro disso que eu quero te perguntar é em relação a como você percebe sua voz, se você já teve alguma questão de comentarem a diferença de ouvir a sua voz feminina marcando para um homem, se teve elogios, se teve críticas... O que o pessoal normalmente comentou e comenta sobre... Porque você já é radialista, já fala super bem, né? Mas assim... O que o pessoal comenta sobre esse negócio assim? Nossa, tô ouvindo a voz de uma mulher marcando, porque tem a diferença do timbre da voz, né? Do jeito de falar.

D.A.:

Não, sempre foi tranquilo, Ana. As engraçadas, eu tenho uma voz mais grave. Já a minha amiga que marcava, que em 2022 teve nota baixa também comigo, a Adrielle, já é um pouco mais aguda. Então ela estronda... Sempre foi tranquilo, assim, em relação a isso. Em relação a timbre de voz. Não.

A.C.N.:

Ah, que bom. Porque eu já vi, por exemplo, um comentário de um... E isso também já ouvi falar assim, ai, porque... Isso nas quadrilhas de Recife mesmo, num vídeo eu ouvi uns comentários falando. Ai, porque mulher marcando não passa a autoridade que a voz do homem tem. E eu, gente, mas o que isso tem a ver? Ai, também já me falaram, ai, a sua voz é boa porque também é mais grave. Então, eu senti que teve uma aceitação também por isso. Mas aí eu fiquei pensando, então como que deve ser uma mulher que tem a voz mais aguda? Como que será? Será que ela é bem recebida? Será que o pessoal gosta? Aí já teve uma marcadora que eu entrevistei que falou que o pessoal achava melhor porque era mais doce do que a dos homens, né? mais acolhedora e tal. Então, eu acho que varia, né? Cada um tem o seu jeito de entender essas coisas. Mas essa questão da autoridade também me... É uma coisa que eu fico pensando também. Porque tem gente que fala isso. Porque tem que ser uma voz que passa autoridade, liderança.

D.A.:

A construção do personagem também influencia muito nisso aí que tu tá falando. Porque, tipo, Maria, quando eu interpretei, que era Os Pés da Santa, que foi o primeiro, ela não era uma mulher muito autoritária, então realmente ela falava mais mansa, ela falava mais tranquila. Já Joana, que era uma nordestina, refugiada, a voz dela era bem, sabe? Era bem macho, bem homem, bem guerra, bem... Então também tem muita influência também na construção, se a pessoa faz o personagem. Ainda assim?

A.C.N.:

É, faz sentido. Realmente. É, é porque assim, eu já fiz personagem, já fiz mais marcado e já fiz mais eu também. Mas é isso, já tem um timbre da voz da própria pessoa, né?

D.A.:

É.

A.C.N.:

Deixa eu ver se tem mais alguma coisa. Não sei se você quer falar, mas eu vou olhar aqui se eu tinha anotado alguma pergunta que talvez eu não tenha dito e aí a gente pode ir encerrando. Mas é isso, eu anotei como você percebe sua voz enquanto marca, já falamos um pouco. E se a sua profissão tem a ver com a marcação, você já respondeu também. No seu caso, tem. Então, é mais isso mesmo. Não sei se você tem mais alguma coisa sobre essas coisas a acrescentar. E sobre o espetáculo em si. A questão de você se vestir feminina, por exemplo, com um vestido, uma saia, uma coisa. Se você sente mais essa coisa assim, nossa, eu sou uma mulher marcando. Como que isso é importante? Se você sente essa energia assim? Ou se você acha que não influencia?

D.A.:

Inclusive, era uma coisa que eu sempre pedia, né? Minhas personagens nunca foram divinas, luxuosas. muito chique, muito brilho, muito... não. Mas eu sempre exigia, eu quero vim de saia. Até teve um espetáculo que eu fiz, uma mãe de santo. Aí o que eu viesse de calça. Eu disse, eu venho de calça, agora eu quero um vestido por cima da calça. Porque mãe de santo não usa saia, né? A mãe de santo mesmo não usa, ela usa calça. Se eu venha de calça agora, eu quero um vestido por cima da calça. Pode ser porque eu sou mulher, minha gente. E assim, eu quero que isso, o meu corpo fale isso. Se eu vier de calça, o meu corpo vai deixar dúvidas, né? Pra quem tá julgando. Então eu quero que meu corpo fale. Eu quero vir de saia e sempre... Eu sempre tive sorte nisso, nunca fui contra isso, não.

A.C.N.:

Ah, que bom. Eu concordo com você, eu também sempre fiz questão. Mesmo que fosse uma saia mais simples, menos rodada, mas eu ia de saia também. E esse ano estarei também indo de saia novamente na minha quadrilha a primeira vez, Sol de Maria, o nome da quadrilha que tá começando agora. E eu vou marcar a gestante, você acredita?

D.A.:

Eita, tá grávida! Tá com quantos meses?

A.C.N.:

Não, tô no comecinho ainda, vou entrar no segundo mês. Só que quando chegar em julho eu vou estar com 5, né? Eu acho. 4, 5 por aí.

D.A.:

Mas é até melhor, porque tu já vais estar maiorzinha, esse período do comecinho, até os três meses, é muito enjojo. Sim, coisas de mulheres.

A.C.N.:

Pois é, imagina eu montando a quadrilha, que eu tô ajudando na coreografia. Estamos montando o figurino, cenário, gestante, trabalhando. Por isso que eu falo, mulher realmente se desdobra em 100, né?

D.A.:

Arretada, é arretada. Na época, Ana, que eu comecei a marcar, já que tu falou aí de maternidade, meu filho tava com 4 anos de idade. Eu tinha me separado, fazia alguns meses só. E assim, quando veio a oportunidade, eu morava só com meu filho, né? Eu era tudo. Aí eu, meu Deus, como é que vai ser agora? Como é que eu vou pra ensaio? Como é que eu vou me dedicar, assim? Eu tive sorte porque a quadrilha acolheu muito o meu filho na época, que me ajudava as meninas que tinham lá, eu ia pro ensaio, deixa o Paulo aqui, deixa o Paulo comigo, não sei o que, eu tive muita sorte, mas uma coisa que dá vontade de chorar, E quando a gente tava no... bem já perto da estreia. A gente tava no finalzinho de maio. Aí íamos ter um ensaio geral. Daquele ensaio que começa de oito da noite, sem horas pra terminar. À quatro, cinco da manhã. Eu tava muito... trabalhei, né? Trabalhava em rádio e tal. Aí eu cheguei em casa, ajeitei as coisas de casa, que mulher também tem que organizar tudo. Aí disse que eu me deitei. Eu disse, não, vou dar um cochilo de meia hora porque hoje de ensaio não tem hora pra acabar. Mulher, eu me deitei de quatro da tarde, me acordei, o ensaio era de oito, me acordei dez para as oito, meu filho tinha quatro anos e meio, me balançando. Eu me lembro disso, eu fico super emocionada. Ele dizia, mamãe, acorde! Me chamando assim, batendo no meu rosto, mamãe, acorde! Porque eu estava despertando e eu nem tinha o celular, né? Mamãe, acorde, acorde! Eu disse, o que foi, Paulo? O que foi? Mamãe, o ensaio da quadrilha.

A.C.N.:

Ai, que bonitinho.

D.A.:

Porém, eu estava triste. Mulher, eu tava super... Aquele momento que você... Eu quero desistir! Eu não aguento! É muito... Eu não dou conta! E ele, mamãe, levante... A senhora é Maria das Velas, que era a personagem. E Maria das Velas tem que levar a vela, vela, vela, vela, que era o chão das pessoas mulheres.

A.C.N.:

Que legal!

D.A.:

E hoje, infelizmente, ele não... A quadrilha.

A.C.N.:

Mas às vezes é fácil também, né? Que você falou que ele tem 13 anos. Então assim, adolescência, né? Muitas coisas acontecendo.

D.A.:

Mas só pra você que tá aí, vai ser mãe logo, logo. Que assim, filho é bênção, é dádiva, né? E as coisas vão se abrindo, tudo vai dando certo. E ele sempre esteve comigo, todos os anos. Ia comigo pra ensaio de madrugada, de ficar no ônibus cochilando. Eu ia, perai que tem uma apresentação. Aí ficava uma pessoa com ele, olhando e tal. E assim, tudo dá certo. Mulher é isso. A gente é mãe, a gente é marcatriz, a gente é profissional, a

gente é dona de casa e tudo se abre assim. E é bem assim. Que maravilha!

A.C.N.:

Que bom! Eu fico muito, muito, muito feliz e agradecida por ouvir você por vários motivos, né? Porque é uma mulher, marcatriz, mãe... profissional que nem você tá falando e também inspira, né? Eu sempre fico inspirada porque são poucas as marcadoras e a gente quase não tem contato, né? Eu vejo poucas e quando eu vejo eu não sou assim próxima delas, né? Pra conversar, então assim, agora que eu tô me aproximando por causa da pesquisa eu fico muito feliz. Quero te agradecer muito pela sua colaboração, me mandar sua foto e quero te colocar lá nos agradecimentos da minha dissertação, e se você quiser também eu mando o texto depois pra você ler, tá certo?

D.A.:

Quero sim, boa sorte pra você e o que precisar, independente de pesquisa, estamos aqui, viu?

A.C.N.:

Pode deixar, e se eu puder também auxiliar com alguma coisa, estaremos... Meu Deus.

D.A.:

Eu tinha pego vídeos seus, eu já tinha visto, mostrei até pra meu projetista na época da quadrilha. Que legal! Eu só achei a mulher aqui arretada, eu falei, eita, que massa! E que bom, assim, né? A vida gira, gira, gira, e a gente tem essa oportunidade de estar colaborando com a sua dissertação. E dê tudo certo, viu? Já deu tudo certo. E se precisar, independente da sua pesquisa, estou aqui.

A.C.N.:

Tá certo. Vou te mandar o vídeo da minha quadrilha, então, quando tiver tudo feito já também. Tá.

D.A.:

Vai dar tudo certo. Bom São João e estamos aí.

A.C.N.:

Obrigada, Drika.

D.A.:

Muito bom falar com você. Não pare não.

Tá. Cheiro.

A.C.N.:

Cheiro. Obrigada. Boa noite.

D.A.:
Tchau, tchau.

Entrevista remota à marcadora **Selma Beltrão**

Meio de Comunicação: Plataforma Google Meet

Data: **03/04/2025**

Ana Carolina Nóbrega (A.C.N.):

Então, estamos aqui com a Selma da Oxente Vixe e quero perguntar, né, primeiramente agradecer também, né, sua disponibilidade em participar, contribuir com a pesquisa. Primeiramente, como é que foi que você decidiu se tornar marcadora? Como é que foi? Se você foi para substituir alguém, se foi um convite... Como é que foi esse processo até você decidir marcar?

Selma Beltrão (S.M):

Eu gritava muito alto na quadrilha, né? eu tinha uma potência muito forte na voz, só que eu não via esse potencial em mim porque eu tinha língua presa, então eu falo bem bolado e tudo mais, então eu não via esse potencial em mim, só que a Allure, ao mesmo tempo que o Fernando chegou em mim, perguntou se eu queria ser marcatriz, aí também foi uma surpresa e eu aceitei.

A.C.N.:

Ah, ótimo, entendi. Então foi uma coisa assim que É, um processo. Porque assim, uma coisa que eu tô vendo, e eu vi que na sua fala também tem um pouco disso, que eu vi que até agora todas as marcadoras que eu entrevistei, e inclusive eu, tinha esse negócio de assim, ah, eu não vi esse potencial em mim. Eu mesma não tinha essa coisa até alguém me chamar, entendeu? Então é interessante ver que a gente não pensa em fazer alguma coisa nesse sentido, até porque a maioria dos marcadores são homens, né? Até alguém ver isso na gente e a gente ter a chance, né? Então você foi convidada, né? E aí depois que você foi convidada, como é que foi esse processo pra você se preparar e tudo? Como é que... Pra mim foi uma.

S.M.:

Surpresa, só que pra mim foi, porque eu tive muita ajuda de Fernando e do Gustavo pra... Eles me ajudaram a marcar, que eu não sabia muito bem, né? E eu não sei... Eu não sabia escrever também, né? As indicações, então eles me ajudaram muito. Então foi um processo bem difícil. E também um processo em questão da língua presa, né? Que tinha muitas palavras que eu não conseguia pronunciar bem quando era pra marcar. E o fôlego também, que eu tive muita ajuda.

A.C.N.:

Ah, que bom. Então você teve esse apoio. E quando você começou a apresentar e tudo,

principalmente na competição, como que foi que você se sentiu e tudo? Como é que foi aquele momento?

S.M.:

Nossa, na primeira vez, porque assim, público, a minha voz falhou. E assim, eu fiquei muito nervosa por conta disso. E ele foi meu amigo na primeira vez. Só que aí, nessa mesma vez que eu marquei a primeira vez, teve outros marcadores que chegaram em mim e falaram que tudo bem, que a primeira vez é assim mesmo, e que eu ia conseguir marcar depois. Aí depois foi mais tranquilo.

A.C.N.:

Aí você foi se acostumando, né?

S.M.:

É, aí depois fui melhorando na marcação.

A.C.N.:

Ainda bem que você teve esse incentivo, né? Esse apoio pra continuar.

S.M.:

E não desisti, né? Na primeira vez.

A.C.N.:

Exato. E aí, em relação à competição, tipo, teve alguma coisa, alguma experiência que você sentiu, seja boa ou ruim, enfim, em marcar, por exemplo, numa competição, uma etapa, alguma coisa assim que você sentiu, ou você não, assim, a diferença aqui é marcar em cada lugar, num lugar particular, por exemplo, e marcar na competição?

S.M.:

Teve um lugar normal, né? Tipo, sem ser competição, que foi estranho, porque quando eu cheguei, ele ficou chamando marcador, marcador, e quando eu cheguei, ele levou um surto. Ele falou, mas a mulher sabe marcar? Eu falei, sim, sabe? Mas foi só essa vez também que eu tive essa questão de ser mulher, né? E as outras vezes entrou muito legal, foi bem tranquilo.

A.C.N.:

Aí na competição em si, você acha que, por exemplo, em relação aos jurados, os avaliadores foram tranquilos também? Você sentiu alguma coisa?

S.M.:

É... Tipo, quando foi me julgar, teve a crítica. Graças a Deus, eu recebi críticas boas. Eu só tive críticas em questão de, às vezes, ficar muito lá atrás, mais na interpretação do teatro, que foi ruim. Mas a marcação, não falaram muito. Mas falaram sobre o folego, sobre a minha respiração. Mas a única crítica que eu recebi, assim, mas eu fiquei com medo de ter recebido.

A.C.N.:

Ah, então você ficou com esse receio, mas conseguiu passar por isso, né? Tipo, não foi a... parece que se sentem mais pressionadas, assim, por ser mulher e tudo.

S.M.:

Eu também fiquei com medo num sentido de eu não falar muito rápido, né? Aí eu ficava me analisando e me comparando, aí eu ficava, será que eu tô marcando certo ou que eu tenho um jeito diferente de marcar, né?

A.C.N.:

É, é uma característica também do que eu pelo menos observo da marcação do DF, né? Que cada marcador do DF tem um jeito muito único de ser. Tipo assim, tem um padrão de ser um personagem também e tudo, porém não tem nem como ficar comparando muito porque cada um tem seu jeito, né? Então eu acho que... Aí eu comecei.

S.M.:

A me acostumar do meu jeito e tirei do meu jeito.

A.C.N.:

E atualmente você não tá marcando ou vai marcar esse ano?

S.M.:

Não mais, por conta do meu outro trabalho. Eu não consigo mais ficar com esse mesmo horário que eu tinha.

A.C.N.:

Ah, então é isso que eu ia te perguntar. Se tipo assim, você parou de marcar por uma questão pessoal ou alguma outra coisa.

S.M.:

É, aí agora, lá na minha quadrilha, agora quem marca é o Alan.

A.C.N.:

Ah, então você tipo... Mas aí você ficou um ano, né? Não foi isso? Ou mais?

S.M.:

Eu fiquei 2023 todo, né? Aí eu poderia ter ficado 2024, mas por conta do horário, tava muito ruim pra mim.

A.C.N.:

Mas aí você tá dançando, então? Ou tá ajudando?

S.M.:

Não sei, só que também muitas apresentações eu tive que faltar por conta do horário, né?

A.C.N.:

Do seu horário de trabalho, entendi. que é outra coisa também que a gente observa, e aí é uma coisa mais geral, que não é tanto só sobre sua experiência, que aí não sei qual é a

sua percepção, mas uma das coisas que a minha professora orientadora falou, que ela observa que não tem muitas marcadoras que ficam muitos anos seguidos. Sempre aparece um, aí ela fica um, dois, três anos no máximo, aí some, aí vem outro, aí vem um homem, aí vem uma mulher. Tipo assim, como tem muitos homens que ficam anos seguidos, marcando sem parar, aí a gente quer saber quais são os motivos que as mulheres não ficam muito tempo. Aí, pelo que eu tô vendo, é questão de trabalho, tem que cuidar do filho, Então, cada uma tem seu motivo, mas é uma coisa que eu não sei se você já observou, mas a gente não tem registro de mulheres que ficaram muito tempo ou que ficaram até hoje. Agora que eu tô conhecendo um pouco mais das quadrilhas de fora, do DF, mas aqui do DF são poucas, e as poucas que tem estão há pouco tempo também.

S.M.:

Por exemplo, que nem vão ter comentado, porque realmente só fiquei um ano e não tô mais. E eu não sei se daria pra me ficar de novo, se for continuar com esse horário, né?

A.C.N.:

É, porque fica difícil de conciliar, né? Pois é, então... Outra coisa, mudando um pouco da questão dos horários, né? Mas em relação ao seu processo, né? Também. Que outra coisa que eu observei é que tem marcadoras que elas marcam E a roupa que elas escolhem meio que demonstra também a identidade, porque querendo ou não, a gente tá acostumado a ver o marcador com a calça, né? Que é homem e tudo. E quando a gente opta por, por exemplo, usar um vestido, uma coisa mais feminina, você sente que isso faz diferença ou pra você não interfere? Porque eu já vi marcadoras também marcando com a roupa dos meninos e não das meninas, entendeu? Não usando saia e tudo.

S.M.:

Aí eu acho que faz diferença. Eu acho que chama muita atenção e também traz essa questão feminina. Eu acho que fica bem autêntico. Eu acho muito legal. E assim, quando eu vejo uma marcatriz com uma roupa diferente, eu já me encanto, assim, na cara. Porque eu também acho legal os marcadores usarem roupa diferente. Eu acho que pra também saber quem é, né? O público saber quem é. Fica legal.

A.C.N.:

E aí quando você usava seu figurino e tudo, como você se sentia? Você sentia que o seu jeito mais feminino do que o mercado homem influenciava no jeito de marcar também? Tipo, o jeito que você, por exemplo, se você se movimentava dançando, né? Essa coisa mais feminina mesmo, você se sentia mais assim?

S.M.:

Sim, o que eu vi foi também que disfarçava muito o meu nervosismo, que às vezes quando eu tava nervosa a mão começava a tremer, que já aconteceu no início, né? Eu já pegava ali na saia e já me movimentava, então acho que a roupa me ajudou muito nisso.

A.C.N.:

A se sentir mais segura, né?

S.M.:

E também eu gostava de me sentir mais feminina, eu gostava.

A.C.N.:

Legal. Então, pelo que eu tô entendendo, você se sentiu mais segura também, né? Porque, tipo, pela roupa, né? Tipo, ah, tem a saia pra girar, vamos dizer assim, enquanto... pra disfarçar, né? Interessante. Eu não tinha parado pra pensar nisso.

S.M.:

É como se fosse um circo, né? Aí quando a pessoa que interpreta, que vai no circo, que vai conversar com os outros, ele também usa uma roupa que dá a entender que ele tá ali, né? Pra mostrar o circo. Acho que é meio que isso.

A.C.N.:

É verdade, faz sentido. Então, uma das coisas que eu vejo, para mim, que a gente também... Eu estou perguntando isso, porque todas as perguntas também têm a ver com as questões que eu estou trazendo na pesquisa, que é justamente o contexto todo influencia, a sua interação com a quadrilha, a questão da roupa que você usa, o personagem que você tem, e também a questão de personagem. Se você sentia que era necessário ter algum jeito tipo, de personagem, ou se era você mesma ali falando e tudo, como é que era pra vocês?

S.M.:

É a questão do personagem?

A.C.N.:

É, se você precisava, se você sentia que precisava ter ou não, ou se era você...

S.M.:

Precisava, é porque, assim, nesse ano, né, eu era como se fosse fofoqueira, né? Eu era uma personagem mais, tipo, fofoqueira mesmo, né? Maria Fifi, eu gostava de saber da vida dos outros. Eu não sou assim, né? Minha personagem exigia isso. E ela exigia ser... Comentar sobre tudo que tava acontecendo. Então, acho que a roupa também ajudou muito nisso. Uma roupa mais com audácia e tudo mais. Uma roupa mais atrevida, né?

A.C.N.:

Então, no caso, mais você sentiu que isso te ajudou a... A ficar mais segura, ter o personagem? Ou tipo, num... Não?

S.M.:

Sim, me ajudou, porque... Às vezes, tipo, se eu fosse ser eu, eu acho que eu não conseguiria tanto, né? E como eu entrava num personagem, eu acho que ajudou. Toda quadrilha tinha que entrar em um personagem, não é verdade, né? Aí todo mundo treinou isso pra poder entrar.

A.C.N.:

Ah, entendi. Então, tipo, nesse seu processo de marcar, foi mais fácil, né?

S.M.:

É. E também, na questão, assim, de... Toda quadrilha, todas as meninas tinham que fingir que tava paquerando alguém e tudo mais. E como eu era a única atriz e não tinha ninguém, eu tinha que fingir que tava.

A.C.N.:

Eu não era fofqueira.

S.M.:

Eu era atrevida... a minha personagem e quando eu narrava eu falava isso também que eu queria saber da vida dos noivos e me ajudou muito no texto

A.C.N.:

Interessante isso, porque eu também sinto isso também, que às vezes a gente não tá tão confortável para, vamos dizer assim, se expor, né? Sendo a gente mesma e quando tem um contexto ali do tema e tudo mais, facilita. Outra coisa também é... Se você... Você já falou um pouco, mas a questão da sua voz em si. Como você percebe ela enquanto você marcava? Porque, por exemplo, nós temos uma voz que é mais feminina. Se você percebe que dá um efeito diferente ou não. Por exemplo, falam que a marcação tem que ser uma voz que passa liderança, autoridade e tudo mais. E sendo feminina, tem gente que às vezes fala que é muito doce, ou é muito fraca, sei lá, alguma coisa assim. Se você sentiu alguma coisa em relação à sua voz especificamente, você já falou um pouco da questão de dar dificuldade com algumas palavras, mas o tom da voz, por exemplo?

S.M.:

Eu sempre sinto que a minha voz é meio grossa, né? Um pouco mais grossa, não tão feminina. Quando eu marco, eu não sei você, mas quando eu marco minha voz muda um pouco. E eu sinto ela mais grave, no som mais grave. E eu sinto ela mais potente, né? Quando vai puxar certos gritos. Mas assim, foi tudo treinamento, né? Mas a minha voz muda muito. Ela tá estranha às vezes.

A.C.N.:

Não, mas eu também sinto isso. Tipo, tem momentos que... Até quando eu vou ver gravação, assim, tudo, gente, minha voz ficou diferente. Mas eu acho que também é o ambiente, é o microfone, é o sentimento que a gente tá. Então são muitos fatores que influenciam, né, pra gente... sentir a voz diferente. Mas em relação a sua voz ser feminina, alguém já comentou alguma coisa a respeito? Ah, é uma voz feminina e tudo. Tipo, chamou a atenção de alguém em algum momento isso? Ou você não sentiu diferença por ser mulher nesse sentido, a voz mesmo?

S.M.:

Assim, até que foi o que comentava, né? Que eu escutava comentando. Nossa, é uma mulher, que voz linda, essas coisas assim. Mas alguém, de um movimento de um ninho ter chegado em mim e falado, não. Entendi.

A.C.N.:

Mas enquanto você ia se apresentando, você ia ouvindo, né?

S.M.:

É, eu ia ouvindo. E elogios também na plateia. Nossa, que linda! Olha, ela tá marcando.

A.C.N.:

Ah, então é muito... É, realmente é especial, né? A gente sentir que... Foi o que.

S.M.:

Fez também eu ter continuado o ano. Foi a plateia ter comentado que eu continuei o ano todo.

A.C.N.:

É, então você se sentiu, tipo, parte daquilo, né? Eu acho. Outras pessoas do movimento e tudo, ou que você fala da... Do movimento, né? Não sei.

S.M.:

É, às vezes do movimento. Tipo, ó, mas vai ser uma marcatriz? Ó, a gente tem uma marcatriz hoje. Mas eu sinto mais na plateia me acolhendo.

A.C.N.:

Uhum. Legal, isso é bom saber, porque realmente às vezes são tantas coisas pra gente lidar, né? Que ter esse retorno da plateia faz a diferença. E aí, outra coisa assim, que eu já perguntei algo parecido, mas é mais do seu processo como quadrilheira em si. Porque você falou que era uma pessoa que dançava na quadrilha e falava alto e foi convidada pra ser marcatriz, né? Mas como é que é a sua relação com a quadrilha? Tipo assim, você dança há algum tempo? Como é que você se tornou parte do movimento junino? E se o seu trabalho, o que você faz, tem alguma coisa a ver? Que eu não sei se é você que é tatuadora ou são as duas?

S.M.:

São as duas.

A.C.N.:

Enfim, porque eu sei que às vezes a pessoa chega na quadrilha porque tem a ver com a profissão dela, ou às vezes também não tem nada a ver. Mas como é que foi que você se inseriu nesse meio?

S.M.:

Eu dançava dança contemporânea com a Tereza, mas era tipo adolescente, 19 anos. Eu dançava lá e o Gustavo fazia parte do mesmo grupo que eu. E aí a gente foi, ele ainda não tinha voltado ao Oxente Vixe. Então eu tô desde a fundação do Oxente Vixe com eles. E aí eu fui me apaixonando pelo movimento. Não que eu não era apaixonada por quadrilha, né? Mas eu não sabia que tinha quadrilha por aqui, eu não sabia que tinha quadrilha profissional. Eu pensava que era só coisa de escola, né? Então eu realmente fui me apaixonando. Dançando e criando esse vínculo com o movimento junina, aos poucos.

A.C.N.:

Ah, entendi. Então foi, tipo... Não necessariamente a ver com a sua profissão. Foi 2000 e...?

S.M.:

Acho que 2020, se eu não me engano. Eu não sei a certa data, mas eu era... Acho que eu tinha 19, acho que tinha 20 anos, eu não sei. Aí foi desde essa data que eu fui me apaixonando pelo movimento.

A.C.N.:

Entendi. Aí você começou como dançarina, né? E foi convidada pelo Gustavo, que é o presidente, né?

S.M.:

Só que foi desde o início, quando a quadrilha tava sendo montada ainda.

A.C.N.:

Mas aí você marcou em 2023.

S.M.:

Isso aí, eu era só dançarina, né? E aí depois eu virei marcatriz, porque também não tinha, né? Então assim, como a quadrilha era pequena, também foi uma oportunidade boa pra ser nessa época. Agora que tá crescendo mais, né?

A.C.N.:

Ah, que bom. Então, eu fico feliz, inclusive, de ver vocês se desenvolvendo e tudo. Pelo esforço, né? Porque a quadrilha demonstra ter uma energia boa. Eu até já falei, comentei isso com o pessoal, que a gente sente uma energia boa e até por isso também que eu queria ver, né? Agora que eu tô entendendo melhor que você não tá marcando não porque você não pode, mas porque tem a questão do seu trabalho e tudo mais. Porque é uma coisa assim que eu acho que quanto mais você vai fazendo, mais vai desenvolvendo mesmo, igual você falou, né? Então, não sei se um dia você vai ter interesse, né? Vai ter o tempo, oportunidade de voltar. Mas eu acho que só dessa experiência que você já teve já diz muito, né? Do que foi tudo isso, né? E me deixa ver, acho que eu fiz todas as perguntas. Ah tá, e a última sim, aí a gente pode conversar mais livre, né, se tiver mais alguma coisa. Que é assim, o processo, você falou um pouco também do personagem, mas a escolha do tema, do figurino, das falas, é... Em relação ao seu grupo, você... Como que é você se insere? Quando você marcou, você falou um pouco que..., mas outra pessoa chegou com o tema, ou você fez parte do tema, você escolheu, ou te ajudaram... Você falou que te ajudaram com as valas, né? Com o jeito de falar e o texto e tudo mais. Só que, tipo, você fez parte desse projeto, dessa escolha, ou já tava pronto e você se inseriu depois? Como é que foi?

S.M.:

Em 2023, quando eu me tornei, o tema já tava pronto. Eu havia comentado com o professor que eu não sabia fazer ainda as falas. Aí a gente foi conversando, ele foi fazendo. Eu fui dando só algumas coisinhas. Algumas coisas que eu não sabia falar. E

outras que eu mudei pra facilitar pra mim. Aí em 2024, eu seria a marcatriz, né? E o Alan seria o substituto. Aí eu participei do tema e eu tava participando também das falas. Só que aí, como eu te falei, o trabalho modificou tudo.

A.C.N.:

Entendi, então você... Porque como você tá falando, você tava lá... Você tá lá desde o início, então você fez parte do processo, né? Então você conseguiu escolher também algumas coisas?

S.M.:

É, no 2023 eu virei marcatriz meia que perto do movimento, aí eu já... Peguei meio que tudo pronto, né? Já tinha o tema também. E sobre a roupa, a roupa a gente reutilizou uma roupa de ja tinha, só que diferente, pra poder juntar. Não foi feita, né?

A.C.N.:

Mas aí você acha que, tipo, pegar o tema pronto e se adaptar é mais fácil ou mais difícil do que você criar o tema, por exemplo?

S.M.:

Eu acho que criar o tema é mais difícil.

A.C.N.:

Criar o tema?

S.M.:

Não mais difícil, mas tem que estudar um pouco mais, né? E pra fazer as falas também. Eu acho que o marcador que faz as aulas, diferente de mim, né? Quando eu cheguei a fazer, eu só modifiquei. Eu acho que são realmente marcadores top. Eu acho incrível. Parabéns!

A.C.N.:

Pois é, então, eu tô perguntando justamente por que eu já tive as duas experiências. Já tive, tipo, o momento de adaptar o que já tava pronto. E já tive o momento de escrever as minhas próprias falas. E realmente, são processos diferentes. E eu acho que tem vantagem e desvantagem dos dois jeitos. Tem a vantagem de você adaptar, que aí já tá pronto. Mas quando você cria, também tem a vantagem de você já saber o que você consegue dar, né? Tipo, o que tem a ver contigo e tudo.

S.M.:

Um pouquinho, né?

A.C.N.:

Então, tem isso também, tipo, às vezes você pega o que já tá bom e melhora e às vezes você tem que começar do zero, dar mais trabalho, porém você coloca do seu jeito, né?

S.M.:

É, e já coloca coisas mais únicas, né?

A.C.N.:
Exatamente.

S.M.:
Eu não tive isso não, eu ia ter, né? Mas eu não consegui ter, não cheguei a ter não.

A.C.N.:
Que ia ser em 2024, né? Ano passado.

S.M.:
É, por conta do trabalho, né? E até que eu consegui isso mesmo, eu chegava muito atrasada, tinha que me arrumar muito rápido pra poder dançar, mas teve muitas vezes que eu não consegui dançar.

A.C.N.:
Muita coisa, né? Pra conciliar é a vida de quadrilheiro mesmo, sempre muita coisa pra conciliar.

S.M.:
É muito rápido, pouco tempo pra se arrumar, pouco tempo pra se maquiar.

A.C.N.:
É, realmente, por isso que é o movimento por amor, né? Mas, assim, do que eu tô lembrada e das coisas que eu anotei, são essas coisas. Aí, não sei se tem mais alguma coisa pra falar, mas eu tô... Uma última coisa aqui é que eu tô vendo com as marcadoras, né, se elas têm interesse de, além de aparecer o nome delas no relato, né, Se quiser me mandar uma foto sua também marcando pra eu botar no trabalho, tipo assim... Mas não é obrigatório, tá? É só se você quiser, tipo assim, escolher uma foto que você goste pra eu colocar lá o seu nome, a quadrilha, o ano que você marcou... Pra poder, tipo, as pessoas saberem de quem é o rosto de quem tá falando, entendeu? Meio que isso. Porque aí quando o trabalho ficar pronto também eu posso te enviar, você ver como é que ficou sua foto lá. Nem que você não precise ler tudo, mas só a parte que te aparece, por exemplo, que eu falo de você. Porque a ideia é tipo, cada um dar seu ponto de vista sobre a marcação, né? Mulheres marcadoras. E não tem certo nem errado, é cada um falando de si, da sua experiência, né?

S.M.:
Pode ser bom, né?

A.C.N.:
Então tá certo, eu não sei se vocês tenham mais alguma coisa pra falar. Mas desde já eu quero te agradecer. Eu também ia te agradecer, porque é uma oportunidade pra mim também, né? Eu poder ampliar minha visão. E eu fico muito feliz de estar podendo fazer essa pesquisa. Pelo que eu tô vendo, eu sou a primeira a falar sobre esse tema. Tipo, já tem muita pesquisa sobre quadrilhas, várias. Mas nenhum especificamente sobre

marcadoras, né? Então vamos ser as primeiras disso, né? E eu fico feliz de você fazer parte, de você poder contribuir. Te agradeço mesmo

S.M.:

Isso é incrível. Ah, eu agradeço. Obrigada por estar participando também.

Entrevista remota à marcadora Liliani Claudino

Meio de Comunicação: Plataforma Google Meet

Data: 04/04/2025

Ana Carolina Nóbrega (A.C.N.):

Então, como eu falei, quero te agradecer por estar colaborando com a minha pesquisa. Vai ser muito valiosa as suas contribuições, sua visão. Ainda mais por se tratar de uma marcadora que já tem bastante experiência, né? Que eu acho que até agora é a única que eu vi com esse tempo, né? Que você falou, 32 anos?

Liliani Claudino (L.C.)

32 anos.

A.C.N.:

Então, eu quero que você diga seu nome, sua quadrilha. Conte um pouco dessa história.

L.C.:

Meu nome é Liliani Claudino. Só que o meu Liliani com I no final.

A.C.N.:

Com I no final? Liliani

L.C.:

É, Liliani com i no final. Liliani Claudino. A minha quadrilha chama Formigueiro Quente. E é considerada a quadrilha mais antiga de BH. Nós temos 68 anos. É uma quadrilha de família, de tradição. Quem marcava a quadrilha era meus pais. Aí, dos meus pais, agora passaram pra mim. Agora não, né? Há 32 anos passaram pra mim. Meu pai já é falecido, tem quase 5 anos esse ano. Minha mãe, graças a Deus, ainda é viva. Mas a idade, tudo, e com o tempo, né? O jovem vai chegando, então eu peguei o posto de marcadora. E tô marcando até hoje. E em BH, eu sou a única mulher marcadora. A única marcadora feminina de Belo Horizonte.

A.C.N.:

Muito legal, bom saber Liliani, eu fico muito feliz de ter esse contato. E aí você já falou, então você se tornou marcadora porque era da família, né?

L.C.:

Isso, a quadrilha da família. Começou com a família, eu me marcadora, um dos motivos foi... Apesar que tenho irmãos, né? Mas eles dançavam, mas eu peguei como marcação. Peguei como marcadora da quadrilha.

A.C.N.:

Ótimo. Então, você tem uma bagagem, já tem uma história. E como é que tem sido para você, desde o começo até agora, a sua experiência de ser a única mulher nesse meio? Como é que é isso?

L.C.:

Olha, vamos lá para o começo. Passei e ainda passo, por algumas discriminações. Mas eu sou pé firme, não abro mão, porque eu tenho o meu direito do meu lugar, eu tenho o direito de voz. Eu posso fazer o que eu quiser. E eu sei o que eu faço, eu sei que eu faço bem. Mesmo que se eu fizesse mal, eu teria que me aceitar do meu lado. E no começo, quando eu comecei a marcar quadrilha, veio muitas críticas, né? Veio várias críticas falando, nossa, uma mulher marcando, mulher tem voz muito fina, a mulher, de verdade, aquela grita, que é isso, né? E não tem aquele respeito. E eu tenho um grande diferencial. Eu não, deixa eu te falar, eu não decoro falas pra poder marcar a minha quadrilha. Textos, para poder apresentar minha quadrilha, os meus textos são criados todos no momento.

A.C.N.:

Nossa, que interessante.

L.C.:

O meu texto é criado a todo momento. Se a pessoa assistir as minhas apresentações, que são muitas, cada apresentação eu apresento a quadrilha, o tema da minha quadrilha, mas com palavras diferentes. Eu crio a história. Cada apresentação é criada a mesma história, mas com palavras diferentes. Eu represento a palavra diferente. E com isso as pessoas falam, ué, mas você não tem uma... como é que eles falam aqui? É um texto pra poder marcar? A sua quadrilha não tem a mesma? Gente, a gente tem que criar. Acho que o marcador que é o marcador, ele tem que ser criativo. Porque aquele marcador que faz a mesma coisa em toda apresentação fica cansativo. Então isso é o diferencial da minha quadrilha. E eu... Aqui em BH, eu incentive muitas mulheres a marcar quadrilha. Quando eu comecei a marcar, apareceu uma aqui, outra ali e tal, mas foi só um ano. Acho que elas não aguentaram a pressão. Elas não aguentaram a pressão, porque a gente sofre muita pressão. Porque aqui em BH, eles têm um estilo de marcar quadrilha. Eu comento tudo, também sou crítica em relação aos homens também. Eu falo, vocês pegam muito a mesmice. O que um marcador sai e fala, o outro marcador vem, o jeito de dar um boa noite, o jeito de cumprimentar o outro é a mesma coisa. Sai uma quadrilha, começa outra, sai uma quadrilha, é o mesmo jeito. E eu tenho meu diferencial. Aí com isso foi pegando muito as coisas. Eu sou daquela pessoa que se eu não estou de acordo, eu falo. Eu não abaixo a cabeça se eu não estou de acordo. Nós temos um grupo de marcadores. Eu sou a segunda mulher, porque tem uma do interior, de Minas, que participa. Mas eu sou a única que fala. Só eu que debato com os homens

e quando eles não me dão assim, quando eu começo a falar e eles não... eu faço uma pergunta e eles não me respondem, eu volto e pergunto de novo. Eu falo assim, por que vocês estão me ignorando? Porque tem isso. Infelizmente até hoje tem isso. Tem isso e a gente tem que se impor. Se a gente não se impor, a gente não vai ter esse posto de marcadora feminina. Não vai ter mesmo. Entendeu? E eu vou de cabeça erguida e pronto. Porque eu sou considerada, eu sou, a única marcadora de BH mulher. Não tem outra.

A.C.N.:

Interessante você falar isso porque assim, uma das coisas, o título da minha pesquisa é A Vez e a Voz Delas. E é interessante você falar isso porque é que nem eu tô te falando, você é a primeira mulher que eu tô vendo que tem esse tempo todo de marcação. Porque todas que eu conheci ficaram por pouco tempo. Eu entrevistei uma ontem que ficou um ano tipo, não conseguiu ficar mais de um ano. Eu fiquei dois anos numa quadrilha e depois tive que sair e fundar a minha. E aí, quando eu ganhei, tentaram falar... Ah, mas também era porque era mulher que era jurada e favoreceu ela. E eu era a única mulher da competição. Então, assim... Uma das coisas que me incomodou também pra fazer essa pesquisa é sentir que a gente pode ser boa no que a gente faz, mas sempre tem uma pessoa tentando desmerecer, entendeu?

L.C.:

Isso.

A.C.N.:

E aí, eu fiquei feliz de ouvir seu relato, porque demonstra que mesmo você estando aí esse tempo todo, já tendo demonstrado que você é capaz, que você sabe o que está fazendo, ainda tem essas dificuldades, né?

L.C.:

E ce falou no negócio de jurada, jurada mulher que eles falam que você mereceu, porque você ganhou, porque era jurada, as mulheres te beneficiaram. Aqui já é o contrário. Todos os jurados que são mulheres me derrubam na pontuação.

A.C.N.:

Meu Deus! Mais críticas ainda, né?

L.C.:

Todo arraia de Belô quando tem uma jurada mulher que tá julgando um marcador, porque aqui tem, não sei como é que você funciona, aqui tem categorias, né? São marcador e casal de noivo, é avaliado separado do grupo de família.

A.C.N.:
Aqui também

L.C.:
É. Então, se uma jurada for mulher que estiver me julgando, principalmente tem uma que não me suporta, eu falo que ela já não me suporta. É incrível, é todo ano, se ela tá julgando a minha quadrilha, ela me dá a mesma nota todo ano.

A.C.N.:
Meu Deus!

L.C.:
Pra ela não eu evolui ano nenhum.

A.C.N.:
Nossa, e você já tá há mais de 30 anos, como é que não tem?

L.C.:
Aí ela fala, ela é outra que fala que minha voz é estridente, que a minha marcação, ela arruma uma justificativa, sabe? Que você pega, olha assim, então eu vou fazer, vou nem olhar o que essa mulher tá falando, dá falta de jeito, eu não vou olhar. Mas agora, quando passou homem a me avaliar, Já estão me dando, eu já consigo fechar. Se tem 4, 10, eu pego os 4 10. Aí os outros homens das outras quadras, ele assusta. Quando eu consigo avaliar, aí pensa igual você fala. Também, né? Mulher que tá marcando, aí vai pra esse lado.

A.C.N.:
Aí tipo, aí vão facilitar pra você, né? Então, assim, é impressionante que eu tô vendo que todas passam por isso, todas. Seja nova, seja velha, seja começando agora, seja começando há muito tempo. Porque você vê, né? O tempo que você tem já era pro pessoal saber que você é boa. Porque se você não fosse, você não se sustentava nesse lugar, né?

L.C.:
Pra você ter noção, aqui no... A gente fala Mundo Junino. Eu não sei qual o termo que vocês usam aqui em BH.

A.C.N.:
A gente fala movimento.

L.C.:
O Mundo Junino, o meu apelido não é nem o meu nome. É Formigona Chefe.
O Mundo Junino, se falar o meu nome é Liliani. Aí você fala assim, a Formigona Chefe.

Ah, tá, eu sei do Formigueiro. Todo mundo conhece assim. O meu, eu sou a marcadora Formigona Chefe. Porque eu sou apresentada no Mundo Junino, a marcadora formigona-chefe.

A.C.N.:

Mas você teve que lutar por esse lugar, né? Não foi assim, tipo... Tem da luta ainda. Tem da luta.

L.C.:

Tem da luta muito. Muitos ainda falam, você... Desculpa, mas você é foda, viu? Você marca pra caramba. Mas tem outros que já fazem meia-boca. Aqueles que fazem meia-boca assim, sabe? Aí eu falo assim, não, eu tô aprendendo agora. É isso, sei que é bom, tô aprendendo com você, meu filho. Dá pra dar desse jeito. Dá pra dar desse jeito. Não, gente. Eu tô aprendendo agora, não. Calma. Tô chegando agora. Eu sei que já tá mais tempo, que eu só não sou de falar. Eu falei com você agora, né? Mas eu não sou muito de falar, que eles acham que a quadrilha é antiga, mas eu comecei a marcar por agora. Tem gente que acha que eu comecei a marcar por agora. Mas quando tem reunião e tudo, e quando eles me perguntam, e quanto tempo que você marca quadrilha? Eu falo que tem dois anos. Aí a pessoa se admira. Eu não sou de comentar.

A.C.N.:

É, porque realmente assim, aí até uma pergunta que eu também quero te fazer em relação ao movimento junino, né, que a gente chama de movimento, mas é a mesma coisa, né? O mundo junino de Belo Horizonte eu conheço pouco, eu comecei a conhecer em janeiro. E no caso, esse formato de competição, ele também é antigo? Como é que é, tipo, que começou essas competições?

L.C.:

É antigo, é antigo, porque o Arraiá de Belo Horizonte, que antigamente era chamado Arraiá de Belo, ele tem 40... a minha quadrilha é mais antiga que o Arraiá de Belo. Acho que ele tem 42 ou 48 anos, não posso te falar certinho. A minha quadrilha tem 58 anos. Você tem ideia. Quando eles começaram o Arraiá, primeiro era por regionais. As quadrilhas disputavam na sua regional, do seu bairro. Aí aquela campeã ia disputar pro arraia de Belo, que é no centro da cidade, na Praça da Estação. Aí você teria que ganhar na regional pra poder ir arraia de Belo. Agora, com a modernidade, foi acabando com as regionais. Alguns regionais começaram a ter só uma quadrilha. Em compensação, na minha regional, onde eu moro, tinha doze quadrilhas. E quando tinha regional, só tinha duas. Então tava ficando em desvantagem. Aí em acordo com a prefeitura, com o público daqui e tal, fizeram um acordo. Acabou com isso. Aí montaram uma... como é que a gente fala? A União Junina. Então essa União Junina... Tipo um sindicato, né? Aí você participa e você vai se

inscrever agora pra participar do Arraiá. Mas tem categorias. Série A, Série B, agora só aumentaram todas as quadrilhas aqui. Vai ter até agora a Série C.

A.C.N.:

Aqui também tá desse jeito.

L.C.:

Só em BH, ao todo, tem 48 grupos de quadrilha. Então assim, a gente teve que montar mais uma série, a série C, entendeu? Então as quadrilhas disputam por série, igual o campeonato. Futebol, né? Sobe 4, cai 2 e vai nesse, sobe 10. Sobe 4, o grupo especial cai 4, cai 2 ou 3 e sobe 4 do A, do B. Aí o outro a mesma coisa. Aí vai...

A.C.N.:

É, aqui tá sendo desse jeito também. O que a gente tá agora atualmente tá desse jeito. Só que tem três federações agora. Porque o pessoal discorda das coisas um do outro, aí monta outra competição. Aí agora aqui tem três. Mas aqui também é por aí. Tem os 55 quadrilhas que eu consegui registrar. E das 55, três marcadoras. Então, assim, muito bom ouvir sua história. E outra pergunta que eu tenho aqui é em relação... Que você já começou a falar um pouco, mas... Como é que é o seu processo de marcação? Você falou que não decora um texto, né? Mas você sabe do tema e você pensa num personagem, por exemplo? Ou você vai com você mesma? Ou tem um personagem fixo, ou a cada ano muda? Tem alguma coisa nesse sentido?

L.C.:

É, o personagem a cada ano muda. Cada ano muda o personagem, porque a gente usa uma temática, né? O ano passado, nós fizemos Uma Paixão no Canavial. É a história de um escravo que se apaixona pela filha do senhor de engenho. Não sei, você pode pesquisar. Você pode pesquisar no YouTube.

A.C.N.:

Eu quero assistir, com certeza.

Liliani Claudino

Você vai assim... Você vai ficar impressionada, maravilhoso. Então, nesse arraial, nesse dia, eu me vesti de a escrava mais velha da fazenda. Eu fui a ama de leite da noiva. A noiva foi a sinhazinha e o noivo foi o escravo.

A.C.N.:

Nossa, que interessante.

L.C.:

Então, eu fui a ama de leite da noiva. Então, eu contei a história do relacionamento dos dois. Eu tenho história todinha. Então, assim, é uma história maravilhosa. O ano que nós fizemos o tema do Chico Anísio, nós contamos a história do Chico Anísio. Eu fui uma

desses personagens de Chico Anísio, a Salomé. Não sei se você acompanhou a história do Chico Anísio, aquela que ficava no telefone falando com o político, xingando o político, falando do presidente e tal. Eu vesti como a Salomé. Fiz uma roupa, acredite. Esse ano, nós estamos fazendo Vidas Secas.

Aí eu vou fazer a narrativa da história toda, da vida do casal, do marido, da esposa, dos dois filhos, da cachorra. Então eu vou contar a história todo o tempo. Cada ano a gente traz uma temática e nessa temática eu entro pra contar a história. Eu vou narrando a história e eles vão... A história é através de dança. Então, fica como um teatro. Cada ato é o momento da passagem daquela história. Eu conto o que vai acontecer naquele momento, contando o passo, fazendo a marcação do passo. E vou andorinha. Eu vou assim... Nesse momento, tipo assim... É igual ano passado. Quando o pai da noiva ia pegar o casal junto, ela estava no canavial, aí eu falo. Enquanto a Aninha está no canavial, que é um escravo benedito, seu pai chega ao momento. Nesse momento, a quadrilha forma para fazer uma coreografia. Formou-se o canavial, a quadrilha forma o canavial. Abriu-se o canavial, eles abrem o canavial. E foi-se, cortou a cana. Eles fazem a dança cortando a cana. Tudo de quadrilha, fazendo todos os movimentos. Então, com isso, a quadrilha, toda a minha apresentação, cada apresentação é um tema, é um jeito de eu falar. Vai saindo automático. Não tem como eu falar com você assim, ó, eu vou entrar, vou falar isso. Não tem como. A única coisa que sai certinho é assim. Boa noite, pessoal. Boa noite a todos vocês. Muito obrigado pela presença. Isso aí eu falo, mas dá pra começar a marcar a quadrilha. Eu não posso nem te falar. É muito automático. Eu não sei se é porque a gente... Eu me entrego, sabe? Eu falo com as pessoas que... Tem duas Liliani. Tem a Liliani fora do tablado e a Liliani no Tablado. Porque eu no tablado, eu visto o personagem. Sim, eu incorporo aquele personagem. Eu viro a marcadora. Ao mesmo tempo que eu tô marcando, eu tô puxando a quadrilha, eu tô contando aquela história. É tudo ao mesmo tempo, olhando o movimento da quadrilha. Se o dançarino tá chegando na posição certa, de trocar o passe, porque aqui é muito passo marcado. A dança dele é muito marcada, porque tem balanceio de saia, tem balanceio de chapéu. Você tem que ver que se o movimento do chapéu tá subindo, você grita outro ponto, outro passo. Então, a gente fica assim o tempo todo ligado. Então, por isso que eu falo com as pessoas, gente. Eu marco do jeito que a minha alma pede. Minha alma pediu, vai embora, você tá livre. E eu vou marcando aqui e dali. Quando ela passou aqui, tem que ser mais maleável. Aí eu marco mais concentrado. Então, assim, não tem como. As pessoas falam assim, me ensina a marcar quadrilha. Eu falo, gente, eu posso te ensinar. Você tem o comando da quadrilha. Então, o movimento, você passa esse comando. Mas você é marcar. Eu não sei te ensinar a marcar, porque isso vem de dentro da gente. Vem de dentro de mim. Então, eu acho que é isso que eu incomodo as pessoas. Eu consigo fazer várias marcações. Tem dia que a gente apresenta cinco apresentações num dia. A gente chega de casa duas horas, dez horas da manhã. Começa a dançar cinco horas da tarde. Então uma apresentação eu marco de um jeito, na outra eu já marco de outro. Então se vai indo. E os meus dançarinos já acostumaram com isso, eles já sabem o que é isso. Eu mudo a fala, mas o jeito de eu comandar a quadrilha é o mesmo. Mas aquela fala de conversar com o público, de conversar com aqueles dançarinos, interagir com todos, eu mudo. Mas a marcação mantém a mesma. Eu não consigo fazer um texto de essas quadrinhas aqui. Os marcadores, quando eles entram pra dançar, se você tá assistindo a quadrinha, você consegue gravar a fala do marcador, do que tá marcando. Boa noite, pessoal. Aí, do que começa a contar a história, cê pode falar junto com ele,

sentado, assistindo ele dançar, porque toda apresentação é a mesma história. A mesma história. Então, isso aí, eu falo assim, gente, eu não quero marcar quadrilha assim. Porque por eu ser uma mulher, aí eles vão falar, além de ser mulher, tá copiando da gente. Tem nem criatividade.

A.C.N.:

É, ainda tem esse risco, né, de falarem isso.

L.C.:

Entendeu? Tem nem criatividade. Então, eu vou chegar e... Tanto que já me falaram. Falaram comigo, nossa, você marca quadrilha é muito diferente. Aí eu falei assim, ué, mas eu sou diferente. Só pra falar assim, eu sou diferente. Pra começar, eu sou uma mulher. Aí o cara olhou pra minha cara assim. Aí foi onde que eu tive que... O cara disse assim, infelizmente, vocês marcadores, quando vocês verem que um marcador marcou uma quadrilha de um jeito, vocês viram que ele ganhou nota 10 daquele jeito, todo mundo vai atrás dele, igual vaquinha. Todo mundo vai de manada. do jeito que o marcador lá na frente ganhou 10 em tudo, no outro ano tá todo mundo de manada, igualzinho. Eu falo, gente, eu não sou assim. Aí eles falam assim porque eu sou muito autêntica, né? Eu sou muito autêntica. Teve uma reunião na União Junina, que me apresentaram para o marcador e me pediram para dar uma experiência. Eu falei e cheguei nesse ponto e fiquei muito chateada. Eu já vi que umas quatro moças tentaram ser marcador nas suas quadrinhas de BH. Elas não conseguiram. Aí, dos marcadores horários pra minha cara, assim, aí eu faço um recado pra elas. Elas têm que persistir. Elas têm que ir, porque nós temos os nossos direitos. Nós podemos ficar onde a gente quiser. Nós temos condições de manter uma quadrilha. Então, eu fico muito chateada que elas vêm e começam a marcar. Quando eu chego na prévia, eu vejo uma mulher marcando. Eu falo assim, olha que bacana, tem uma mulher marcando. Na outra hora, ela não tá marcando, mas já tá um homem marcando no lugar da quadrilha dela. Aí eu falo assim, olha, cadê aquela marcadora? O pessoal já tiraram ela.

A.C.N.:

Eu fiz isso mas eu tive que fundar a minha quadrilha porque foi assim... A gente não quer mais você... Porque uma coisa que, graças a Deus, eu tive a chance de conversar com avaliadores e professores universitários que pesquisam sobre isso também, para entender que eu não estava maluca. E que nem eu estou falando, é muito bom estar conversando com você, porque até dá uma força também para não desistir. E que nem você falou, todas as que eu vi aqui no DF não ficam mais de dois anos. 2 anos é o recorde.

L.C.:

Não consegue a pressão. O ano passado, no Arraiá de Belo, o dia que eu dancei foi o penúltimo dia, porque foram 2 ou 3 finais de semana. Então, o último final de semana. Quando eu cheguei com a quadrilha... E outra coisa que eles assustam muito, não sei como é que é aí. Quando você chega pra poder testar a mídia antes de dançar, não sei como é que funciona aí. Aí sempre vai o meu noivo. Meu noivo vai lá e leva a mídia, ou se não, alguém do apoio. Leva a mídia na mesa de som e tal e volta. Aí quando volta, eu

tô parada assim com a quadrilha. Aí o pessoal chega com o microfone assim... Cadê o marcador?

A.C.N.:

Sim, acontece.

L.C.:

Cadê o marcador?

A.C.N.:

Cadê o marcador, sim.

L.C.:

Aí eu faço assim... Marcador? Não, marcadora. Você que marca a quadrilha? Eu vou dizer, eu acho que sou eu mesma. Então fala. Eu acho que sou eu mesma. Aí eles olham pra minha cara assim, mas tudo bem, vamos lá. No dia do arraia de Belo, chegou uma moça da prefeitura, da Belo tour né? Porque a quadrilha tá toda na coxia pra poder entrar. Aí eu tava parada assim, ela olhou pra mim e falou assim... Tem marcadora?" Ela fala assim, graças a Deus, uma mulher marcando quadrilha pra representar nós mulheres. Ela falou comigo desse jeito. Eu não tô aguentando ver esses homens marcando quadrilha ela falou comigo desse jeito. Aí chamou outra, eu falei, aqui ó, tem uma moça marcando quadrilha, eu não vi uma mulher marcando. Sei que foi um rebuliço, porque você... O pessoal não sabe que tem uma marcadora feminina em BH.

A.C.N.:

Eles não sabem de você. E mesmo sabendo que você tá a muito tempo, né?

L.C.:

Não sabem, não sabem, não sabem que tem marcadora feminina em BH. E pelo tempo que eu estou marcando quadrilha, igual eles fizeram com você, é que nem... Até hoje, em qualquer evento que eu chego, o pessoal assusta. Marcadora? Quando eu vou em um evento que as pessoas conhecem, eu falo, gente, a Formigona Chefe tá aí. É um evento que já me conhece. Mas se é evento que as pessoas não têm muito contato, o contratante assusta quando vê uma mulher marcando quadrilha. E até mesmo no mundo junino, tem quadrilhas que não sabem que tem eu como marcadora.

A.C.N.:

Nossa, e é assustador pensar que você tá há mais de 30 anos e mesmo assim, porque era pra você ser a referência maior, famosíssima em todos os cantos, pelo menos de Belo Horizonte, né? Gente, e isso que você falou já aconteceu.

L.C.:

E outra coisa, o nosso presidente da União Junina, ele participa da Confebraq ¹⁵Ele participa da Confebraq. E nem comenta nada que tem uma marcadora mulher em BH.

A.C.N.:

Mas você acha que isso é devido a quê? É tipo assim, não quer que você se destaque, será?

L.C.:

Eu acho que é. Eu acho que é. Eu tenho quase certeza.

A.C.N.:

Tipo assim, se ela ficar famosa demais, já era, né?

L.C.:

É porque eu tenho muita... Minha personalidade é muito forte. E eu não gosto de nada errado.

Porque certo é certo. Errado pra mim é errado. Não aceito isso. Eu falo até com os meus dançarinos. Não aceito. E eu mexo muito a minha quadrilha. Além de eu marcar, eu ajudo a fazer figurino. Vou fazer figurino. Eu ajudo a criar o figurino. Eu ajudo nas coreografias. Entendeu? Eu que saio pra comprar tecido, eu que saio... Então assim, a quadrilha tá toda na minha mão, então eu sei tudo o que acontece na quadrilha. Você tem ideia? Quando nós conseguimos ganhar um ano, a gente tá no grupo de acesso, nós conseguimos subir pro grupo especial. Nós subimos pro grupo especial, foi na época da pandemia. Nós ganhamos em 2019, aí veio a pandemia, né? Aí veio a pandemia em seguida. Aí nós ficamos, não sei vocês, mas ficamos sem dois anos, sem arraia.

A.C.N.:

A gente também ficou.

L.C.:

Aí, o que aconteceu? As quadrilhas, o prefeito daqui, junto com a União Junina, viu que as quadrilhas estavam em débito, porque nós já começamos a fazer os figurinos para o ano seguinte. Então, todo ano tem uma verba, tem uma verba que a prefeitura dá para a gente. Aí, não ia ter essa verba, porque não teve lá. E nós já estávamos no grupo especial. Quando não subimos para o grupo especial, eles falaram que foi roubado. Que Deus lembra. O formigueiro tá no grupo especial. Mas tudo bem. Ainda mais com aquela marcadora. Tudo bem. Beleza. A gente tá de boa. A gente tá lá. Ok. Grupo A. Ótimo. Só que foi uma coisa. Você quer saber quem as pessoas... Dê poderes a eles. Não tem esse ditado?

Eles nos deram poder. Teve o primeiro concurso de figurino em BH. Nós nunca chegamos a citar de nada no Grupo Especial. Nós fizemos um figurino que nós ficamos

¹⁵ ¹⁵ Confederação Brasileira de entidades de quadrilhas juninas

em primeiro lugar na frente das quadrinhas que estão lá há 200 anos do Grupo Especial. Nós chegamos num ano, no outro ano nós já ganhamos o primeiro lugar do melhor figurino do Grupo Especial.

A.C.N.:

Nossa, isso deve ter incomodado eles, né?

L.C.:

Pra eles, foi assim, desesperador. A quadrilha saiu do grupo de acesso, sobe pro especial, o primeiro concurso que tem no grupo especial, eles ganham em primeiro lugar, passou na frente da gente que tá aqui na frente há quanto tempo. Entendeu? Então isso aí foi assim pra eles, aí eles falaram, não, não podemos dar poder pra eles. Se der poder, eles vão crescer. Eles vão crescer.

A.C.N.:

Então você entende bem o que é sentimento e até o que me motivou a fazer essa pesquisa, porque eu fiquei assim, gente, não é possível que isso é só comigo.

L.C.:

Não, porque nós mulheres, quando a gente quer fazer as coisas, a gente quer fazer bem-feita.

Você tá mais com uma quadrilha. É como se fosse um filho da gente. Os dançarinos, tudo. Você pega como se fosse um filho. Você tá preocupando com o dançarino, você não tá para o ensaio. O que tá acontecendo? Por que você tá assim hoje? Ah, eu tô passando por isso. Então vai, senta lá. Vai beber uma água, dá uma relaxadinha e depois você volta. E dança depois pra você se parecer. Esquece isso, entendeu? A gente pega isso. E o marcador homem não tem isso.

A.C.N.:

É verdade.

L.C.:

Eles exigem do dançarino, não querem saber o que o dançarino tá passando. Eles não querem saber o que o dançarino tá passando. Se o dançarino dançou mal, se a dançarina dançou mal, ela tá com alguma coisa. Mas se o dançarino sabe dançar e um dia tá com o rendimento baixo, você vai chegar perto e perguntar, o que aconteceu que você não dançou legal hoje? O que tá pegando? Porque a gente fala muito disso, né? O que tá pegando que você não dançou bem hoje? Não tô legal hoje não, mas você quer conversar? Se você quiser conversar, depois você vai ali pra frente, a gente vai sentar e a gente vai conversar. Aí se a menina tá me rapiando, é melhor se sentar e conversar com ela. Não, tal, fala que assim, não, tal. A menina volta todo dia de boa. Entendeu? É o que os homens não fazem. Eles não fazem. Eles querem que eu dançar. Eu chego, danço, é robô, né? Chega, danço e vai embora. Eles não querem saber o que tá acontecendo com o dançarino. E a gente já tem esse outro lado. A gente tem outro lado. Então eu fico observando o quê? Eles não divulgam muito a minha marcação. Eu acho que é... É preconceito, é não gostar mesmo, entendeu? Não achar certo uma mulher

poder marcar a quadrilha. Eu acho que é isso que acontece. Eu tenho certeza, porque não tem outra coisa.

A.C.N.:

Sim, porque você também... Você tá exercendo o mesmo direito que os homens que estão lá têm, né? Então não tem nada assim. E eu também, outra coisa que eu tô investigando é a necessidade de às vezes até ser duas vezes melhor do que os homens. Porque tem muito homem que é ruim e ninguém questiona por que ele tá lá. Mas vale a gente cometer qualquer deslize, é muita coisa cobrando, né? E isso que você falou, eu já cheguei em evento que perguntaram assim... Uai, cadê seu par? Eu falei, eu não tenho par, eu sou eu que marco. Já aconteceu com você também, né?

L.C.:

Não, já comigo também. Ou seja, assim... Ué, essa aqui não tem par, não?

A.C.N.:

Não, é marcadora. Ah, mas como assim? É. Pois é, e dentro desse processo tem a questão também que é... Porque é assim, tem a nossa voz feminina e a nossa imagem feminina, né? Porque eu já vi até marcadoras que usam roupas mais masculinas, eu não sei se é porque elas se sentem melhor assim ou é porque elas estão tentando se adaptar a um lugar que é masculino, né? Mas em relação ao seu figurino, a sua imagem, como você se apresenta, a sua figura, você sente que influencia na marcação, o jeito que você se posiciona? Tipo, eu vou usar uma saia, vou usar uma maquiagem, vou usar alguma coisa que vai ter a ver, porque como você falou, nós somos mulheres, independentemente de ser homem ou mulher, tem a marcação e a marcação feita por mulher. Não vai ter diferença. Não quer dizer que não é melhor nem pior do que os homens, só que é uma marcação que uma mulher faz e não tem como fugir disso. Por exemplo, eu faço questão de marcar de saia porque eu gosto.

L.C.:

Eu só marco vestido de feminino, não? Desculpa, eu acho horroroso. Mulher marcando quadrilha com roupa masculina. Pra que isso, gente? Fica parecendo uma fantasia. Pra mim, fica parecendo uma fantasia. Quando a mulher tá se vestida de homem. Ela tá vestida de homem. Falta fazer igual na escola, né? Fazer o bigodinho. Só faltou isso. Quando não falta o pá, a menina vai dançar de um com a coleguinha. Só falta isso. Entendeu? Eu falo assim, não, acho que a gente tem que impor. Eu sou mulher, eu vou vestir como mulher. Aqui eu faço um figurino, o mesmo modelo das minhas damas, mas de cores diferentes. Poder diferenciar, para os jurados não verem se tem uma dama solta, para não confundir. Igual goleiro, né? Para não confundir a dança. Porque eu faço coreografia também junto com elas. Além de eu marcar, eu danço fazendo coreografia junto com elas. As coreografias também eu danço, marco, fazendo os movimentos com elas. Eu fico meio noiva e para, e eu fico no meio dos dedos aqui. Eu sou a cabeça. Então aquela cabeça, eu puxo também, eu faço movimento, tudo que eu faço. E marcando a quadrilha. Quer dizer, eu danço e danço ao mesmo tempo.

A.C.N.:

Isso é uma coisa que eu só vejo mais as mulheres fazendo, sabia? Porque eu também faço isso. Eu também marco e danço, sei a coreografia, sei a hora que eu posso dançar sem atrapalhar a marcação. E os homens tudo parado, né?

L.C.:

É, ou eles andam pra cá, ou eles andam pra lá, eles andam pra cá, e a gente vai marcando mesmo a quadrilha e dançando. No meu caso, eu pego na saia, eu giro a saia quando eu posso soltar o microfone, se não o microfone fica aqui, eu jogo com a saia pra cá, eu jogo a saia pra cá, então eu pego no microfone e falo de novo o que eu tenho de falar, e vou com os braços também, vou fazer os meus movimentos. Por exemplo, aqui tem umas fotos meio que eu tô com a mão aberta.

A.C.N.:

Sim, isso eu achei muito interessante, porque eu tenho umas fotos daquele jeito também. Isso é único nosso, né?

L.C.:

Eu acho que você dá um empoderamento pra gente, né? Tipo assim, eu tô aqui, entendeu? Mostra que a gente tá aqui mesmo, que a gente tá ali com a nossa voz, com a gente falando o que a gente quer falar, expondo o que a gente quer expor, né? Então, assim, são coisas que são muito sérias. E as temáticas que a gente usa, durante o tempo das temáticas, eu abordo algumas falas que estão muito, principalmente no mundo, que pelo menos quando é nós mulheres, eu abordo muito, eu falo mesmo, que tem que respeitar. Eu marcando a quadrilha eu sou afrontosa. Eu sou afrontosa, sou muita afrontosa, sou afrontosa mesmo. Igual essa gente falando negro, eu falei mesmo das mulheres negras que sofrem abuso. Falei isso, você pode ver, eu falo nas minhas apresentações. Nós temos que ser respeitadas, não importa a nossa cor, nossa raça, não importa não, somos mulheres. Isso é tudo num momento de quadrilha, eu vou falando tudo. Eu vou colocando as pautas que eu acho que é necessário ser ouvido naquele momento. Por isso que eu não tenho texto.

A.C.N.:

Porque da emoção, né? Eu já tive... O ano que eu comecei a marcar, o foco era feminino, né? O tema era homenageando Maria do Sertão e tal. Aí tinha uma parte do texto que eu falava o nome de várias mulheres e já aconteceu de terem mulheres assim assistindo. E fala, ah, tem fulana de tal. Aí eu falava assim, fulana de tal, não sei o quê. Porque é isso, emociona. Só que em contrapartida, tem outro lado disso. Que no ano seguinte, o tema não era focado na figura feminina. Tipo, o tema não era sobre ser mulher. E aí, ficaram com a coisa assim, que... Ai, eu fiquei com a sensação de que achavam que eu só tava marcando aquele tema. Porque o tema era feminino. Então, assim, você só pode falar de assuntos que têm a ver com você. Como se o marcador...

L.C.:

Quando acontecer isso, uma experiência que eu vou te dar agora, uma dica. Quando

acontecer temas que você acha que não vai se impactar ou você acha que vai ficar meio... pega ele pra você. Pega ele pra você e conduz sua fala à história em si, que você sabe que alguma coisa aconteceu, pega e joga. Você vai ver. É assim que eu faço. Quando acontece um tema que não vai ser tão impactante como nós fizemos com o Chico Anísio na época. O Chico Anísio é uma história bacana e tal, mas tinha parte da história dele, da história do Chico Anísio, aquela coisa do sertão e tudo. Então, o que eu fiz? Eu peguei aquilo lá, trouxe o nordestino, fiz o que o nordestino sofre quando chegar na cidade grande, entendeu? Você vai julgando, você vai pegando isso. Porque a pessoa, desculpa falar, o povo esquece. Eles esquecem das coisas. Então a gente, tendo o poder do microfone, da voz, é bom a gente fazer o povo lembrar das coisas. Que é o momento que a gente consegue fazer isso. Eles não falam assim, ah, você só cresce em todo tema. Não, eu cresço em qualquer tema que eu colocar na minha mão.

A.C.N.:

Porque você tem a capacidade pra isso, é, realmente. Não, mas assim, não foi nem que... É isso, é tentar desmerecer, porque foi uma coisa meio assim. Uai, mas esse tema não tem nada a ver com mulher. Por que a mulher continua marcando? Porque eu falo de qualquer tema que eu quiser. Não precisa... Então assim, pra você ver o porquê dessa angústia que eu senti de tipo assim, gente, mulher talentosa no mundo, nesse Brasil, tem muitas. Não é possível que só tem esse tantinho. Exatamente. Então, capacidade, talento, criatividade, tem várias que tem. Agora, por que continua perpetuando vários homens nesse lugar e toda vez que a gente chega, o povo leva um susto? Não é possível que não é porque não tem mulher que é capaz. Eu acho que tem outras coisas por trás disso e foi por isso que eu quis fazer a pesquisa. Então, quando eu vejo você e outras marcadoras falando, eu percebo que é justamente todas essas coisas que estão por trás, que eu estou chamando a pesquisa de os bastidores. Que antes de você pisar o pé no tablado, tem todo um processo que você tem que superar, que enfrentar. Por isso que eu também sinto que é o lugar onde eu me liberto também. Porque ali vou me expressar artisticamente, culturalmente, e ninguém vai poder dizer que eu não posso dizer tal coisa, que eu não posso me comportar de tal jeito, né? Então, assim, tem essa questão, né? E... E me deixa ver se tem mais alguma outra pergunta específica, mas se tiver alguma coisa pra falar. Ah, tá. Em relação especificamente à voz, eu já... A gente já conversou um pouco sobre isso, né? Da questão vocal. Mas especificamente sobre a sua voz. Você percebe essa diferença de voz feminina, masculina? Você percebe que o pessoal gosta ou não? Ou se incomoda? Porque, ai, eu tô ouvindo uma voz feminina.

L.C

Eu tenho um grande problema, vocês reparam, eu sou dislexa. Eu sou igual cebolinha. Eu falo tles, Eu falo tles, eu falo plato. Eu falo tles, eu falo plato. Então, no começo, eles me criticavam muito. Os jurados falavam demais. Falaram que a minha dicção era muito ruim. Que eles não entendiam o que eu falava e tal. Eu disse, gente, mas o que tá acontecendo? Aí eu falei assim, já sei. É porque eu sou dislexa. Então, aí eu vi que tinha um preconceito. Eu vi que tinha um preconceito.

A.C.N.:

Além do fato de ser uma voz feminina, tinha a questão da dislexia, né?

L.C.:

Isso. Então, tinha um preconceito na minha voz, o motivo era esse. Aí eu falei assim, vai ser assim? Eu vou continuar do mesmo jeito. Vou continuar do mesmo jeito. Então, dependendo do lugar, eu falo e falo compassadamente, marco a quadrilha totalmente. Se eles não entendem, eu não posso fazer nada. Entendeu? Então, assim, aí eu comecei a ficar muito chateada. Porque a gente, pela minha idade, eu tenho 54 anos. Então, a gente não sabia que isso era bullying antigamente, né? Então, na escola eu sofri muito... Agora a gente pode falar, porque a gente nem sabe o que é bullying, né? Sofri muito bullying. Porque o meu sonho era ser professora. Nossa, eu falava assim, não, eu quero ser professora. Mas por causa do jeito que eu falava tlês, falava tligo, tligo, tá vendo? Como é que eu vou ensinar um menino a falar se eu nem não tô sabendo falar? Como é que eu vou ensinar ele a se lettrar? Então... Antigamente não tinha. A gente não tinha condições de um fonoaudiólogo. Não tinha condições de... Tinha, então você abria mão dos seus sonhos por causa das palavras. Como é que você vai escrever? Como é que você vai ensinar? Então isso é muito difícil. E quando eu vim para o mundo junino, eu custei aceitar, porque meu pai não teve condições e tal. Eu fiquei marcando quadrilha de criança. Foi marcando de criança, foi marcando de criança, de criança, de criança. De quatro formigueiros com meu pai e tal. Meu pai adoeceu e falou assim, ó, vou parar com a quadrilha. Aí eu peguei e fiquei com as duas, criança e adultos. As duas quadrilhas. Isso aí eu fui. Eles vão ter que costumar comigo. Eles vão ter que acostumar com a minha voz, porque eu não vou parar por causa disso. Aí eu ouvi a justificativa falando a minha voz, falando... Ela troca o R pelo L, então fica difícil de você entender o que ela tá falando, desse jeito que foi. Então o que a gente vai ler que a justificativa funciona ou não adianta, eles vão ter que me engolir. Eu vou continuar falando. Se vocês quiserem deixar, não dá ponto pra quadrilha, não dá ponto aí. E tô com isso, eu ficava muito chateada, porque às vezes a quadrilha perdia por minha causa. E como é avaliado separado... E é.

A.C.N.:

Uma pressão também, né?

L.C.:

Eu falava de tudo, né? Aí você vai ficar... É onde que acontece que muito marcador desiste. Eles não estão prejudicando o meu grupo. E eu já estou ficando chateada. Todas as vezes que eu falo, eles estão falando da minha voz. Eu falo assim. Eu vou morrer falando assim. E pronto. Eles vão ter que aceitar. E acabaram que aceitaram, né? Aceitaram.

A.C.N.:

Se acostumaram um pouco, né? Pelo menos. Se acostumaram melhor, então.

L.C.:

Se acostumaram. Se acostumaram. Até não tem jeito. É o jeito dela mesmo falar. E pronto. Acabou. Se acostumaram. Entendeu? Porque quadrilha de tradição, nossa quadrilha de tradição é uma quadrilha muito mineira. Marcação mineirada, é bem mineiro mesmo, é coisa mineira. É coisa marcada de mineiridade mesmo. Porque quando meus pais começaram, meu bairro não tinha nada, não tinha nem luz. Entendeu? Então assim, meu pai e minha mãe começaram a bater alguma coisa pros jovens do

bairro brincar. Aqui e agora, dança comigo, filhos, netos, bisnetos, o que já dançaram os meus pais. Pra você ter ideia de como é que a quadrilha é. Então, assim, a minha voz vai continuar sendo essa, vou manter essa voz e vou fazer igual o... Como diz outro, né? Eles vão ter que me engolir.

A.C.N.:

É muito legal ver essa questão. E em relação à voz e o microfone, você sente que ele influencia?

L.C.:

Olha, é... O microfone, eles têm... Não sei você. Parece que eles querem derrubar a gente, né?

A.C.N.:

É. Tem uns bem ruins.

L.C.:

Tira o eco. Põe mais grave. Tira o médio. Eles fazem tudo ao contrário do que você pede.

A.C.N.:

É verdade.

L.C.:

Fazem tudo ao contrário do que você pede. Fazem tudo. Tanto que eles já me prejudicaram no arraia de Belô. O meu irmão é músico. Então ele vai, vai equalizar a minha voz. Ele fica com o rapaz da operação de som, da mesa de som, ele vai falando, tira o médio da voz dela, põe isso. Aí a minha voz fica limpa.

A.C.N.:

Que bom que tem uma pessoa pra ajudar nisso.

L.C.:

Quando eu chego nos eventos, eu falo também com as pessoas. Minha voz é muito aguda, então você tem que tirar um pouco o agudo, aí eu vou explicando. Aí quando a pessoa é bem maleável em eventos particulares, faz pra gente de boa. Mas quando é evento de outros quadrilheiros, parece que elas querem derrubar a gente.

A.C.N.:

É interessante, porque tem muita coisa que você está falando que eu me identifico muito e é bom ver que eu vou conseguir falar até com mais propriedade, até em algumas coisas que precisam ser transformadas, melhoradas, algumas coisas que estão se perpetuando, porque é isso também que eu observo, que eu até falei para uma marcadora também que eu entrevistei. que às vezes tá cada um num canto. Você tá em Belo Horizonte, eu tô aqui em Brasília, tá cada um num canto. E a gente vai passando as

coisas e achando assim, não, eu tô sozinha nessa. Então, não vou nem enfrentar porque eu vou ser minoria, não vou ter uma voz. E aí, quando você vai ver, por exemplo, isso que você tá falando, eu já senti vários eventos que botaram o microfone de um jeito que era pra tentar me prejudicar. Só que o medo disso chegar e acusar e eu passar por doida, entendeu?

L.C.:

Não, eu não. Eu sou não.

A.C.N.:

Você fala mesmo, né?

L.C.:

É onde que a gente tem que ter... É onde que eu sou muito... Muitos lugares mal-vistas. Mal vista.

Porque quando o microfone tá ruim, eu falo assim aqui... Oh, por favor... Porque aqui a gente chama de sanfoneiro, o operador de som.

A.C.N.:

Sim, aqui também.

L.C.:

Oh, sanfoneiro, pelo amor de Deus, você quebra minhas pernas. Que voz é essa que você tá colocando pra mim? Eu falo. Aí, sabe o que eu faço? Porque a minha voz é muito alta. Sabe o que eu faço? Eu pego o microfone, entrego pra ele, marco a quadrilha sem microfone. Na garganta.

A.C.N.:

Ah, eu já fiz isso também. Pra você ver como que é. E eles acham uma afronta, né? Não sei você, mas quando eu fiz, acharam uma afronta. Como assim não vai usar o nosso microfone?

L.C.:

Acham, acham uma afronta. Aí, quando eu acabo de marcar a corda dele, eu falo assim... Quando é evento fechado, existe o microfone sem fio. Quando é evento de uma festa, eu falo assim, aí eu sou bem grossa, aí é o que eu ponho ao lado de, como diz, de artista, que eu tô lá e sou um artista. Eu falo pra todos os meus dançarinos, você tá um artista, nós somos um artista, o pessoal tá assistindo a gente, então nós somos artistas, nós estamos fazendo um espetáculo. Então nós temos o nosso direito de reclamar e de exigir, eu falo desse jeito com isso, se não mais nós tivermos o nosso direito. Aí eu chego perto do meu ensaio e falo pra você que, olha, quando você for trazer um microfone pra um evento desse, traz um microfone decente, porque o marcador precisa do microfone pra marcar a quadrilha. Então o microfone é muito bom.

A.C.N.:

Nossa, adorei, porque as coisas que eu... Porque assim, é medo mesmo. O jeito que... Já aconteceu até de eu ficar sem voz de marcar três apresentações num dia, e na terceira da

noite eu tava sem voz, porque o microfone era péssimo. E tipo assim, ninguém nem é aí.

L.C.:

Você tem que falar, você tem que falar. Infelizmente, tem que falar. Porque senão, eles... ainda mais que a gente é mulher, eles não... Aí o outro cara entrou, marcou, me colocou, tava perfeito pra ele.

A.C.N.:

Já aconteceu comigo também.

L.C.:

Entendeu? Tava perfeito. Aí, quando eu tô caído num lugar que acontece isso, eu vou de novo lá no metal e falo com ele. Eu falo. O microfone tava ruim só pra mim, né? Porque pro cara, você arruma o microfone pra ele e sai. Paulo? Ele achou que a gente não é boba.

A gente vê que a gente não é boba.

Eu tô começando a impor agora. Agora eu imponho. Eu imponho mesmo. Isso quando eu não levo o meu microfone. Eu ter o microfone sem fim depende do lugar que eu sei que vou ter injeção de saco. Eu já pego o meu microfone, põe na bolsa e levo. Chego lá, eu ligo o meu microfone na mesa do cara. Isso quando eu não faço isso.

A.C.N.:

Não, eu quero fazer isso também, só que o meu microfone também não é dos melhores. O que eu tenho...

L.C.:

Eu não gosto daquele assim não, ó.

A.C.N.:

Eu também não.

L.C.:

Detesto.

A.C.N.:

Eu não gosto também, não. Eu marquei uma vez com ele e achei que não foi bom.

L.C.:

Horrível.

Não, mas não que a gente vai pegar a respiração, você tem que tirar a hetro pra poder pegar a respiração. É muito ruim, é muito ruim. Eu não gosto de marcar com ele.

A.C.N.:

Eu também não, eu marquei uma vez só com ele e achei péssimo.

L.C.:

É péssimo, achei que só eu que achava ruim.

A.C.N.:

Não, é porque o povo... E eu já vi, gente, isso é engraçado. Porque como a gente marca, dança e movimenta, o povo acha que a gente vai preferir esse que não tem que segurar. Só que ele é um saco por isso que você tá falando, tem que ficar ajeitando. Aí, minha respiração...

L.C.:

Eu não gosto nem do de fio.

A.C.N.:

Péssimo também. Eu acho que já foi esse o tempo. Eu acho que não tem mais necessidade da gente ficar passando.

L.C.:

Eu ia ficar parada no lugar com a quadrilha dançando ali. Eu ia ser parada olhando-a dançar. Eu seria doida pra me movimentar. Eu ia ser presa com o microfone confinado. Nossa, eu acho horrível. Quando eu chego no lugar, aí o pessoal do apoio vão na frente pra ver como é que é o lugar, onde que vai dançar e tal. Aí eu faço assim o microfone. Aí já chega perto e eu faço assim. Microfone com fio. Eu faço assim. Eu só faço assim, eu grito.

A.C.N.:

É, eu acho péssimo também. Nossa, eu tô me identificando muito com as coisas que você tá falando, tô achando ótimo. Porque aí, justamente assim, olha, gente, não é só eu que tô falando. Tem outra experiência também de uma pessoa que já marca muito tempo e passa pelas mesmas coisas, né?

L.C.:

É, mas é isso mesmo. É muito ruim, é muito ruim mesmo. É horrível. A gente é muito desvalorizado, dependendo das festas que chegam, dependendo dos eventos. É muito desvalorizado. É muito.

A.C.N.:

Sim. E assim, eu não tenho... Eu acho que a maioria... Assim, tem outras perguntas, mas meio que falando um assunto, a gente respondeu já a pergunta, né? Eu achei muito bom... É, eu gosto muito quando é assim, porque flui melhor, né? Até a gente acaba descobrindo algumas coisas. Por exemplo, você falou que queria ser professora, mas a sua profissão atualmente, então, não tem a ver ou tem a ver com quadrilha? Como é que é isso?

L.C.:

Não, não tem nada a ver. Não tem nada a ver. Eu sou técnica em contabilidade.

A.C.N.:

Então o jeito que você se encontrou com a quadrilha foi por causa da família mesmo, né?

L.C.:

De contabilidade. Mas só que eu não exerço muita profissão, praticamente não exerço a função porque eu sou da família toda, eu sou a filha solteira. Então fica cuidando da mamãe, do papai, então... Eu fui porque por conta da casa, cuidar da mãe, do pai, entendeu? Eu tenho uma irmã que é especial. E dança quadrilha com a gente também. Um dos motivos que a quadrilha existe até hoje é por causa dela. Porque ela dança com a gente. Ela dança desde 9 anos, ela tá com 45 anos, 46 anos agora. A família agora dança... Os meus sobrinhos dançam. Começaram a dançar com 3 anos de idade. O meu casal de noivo são dois irmãos. Eles começaram a dançar com 3 anos de idade.

A.C.N.:

Que legal. Nossa, maravilhoso isso.

L.C.:

Se você for assistir, assiste.

A.C.N.:

Eu quero assistir, com certeza.

L.C.:

Você vai encantar. Você vai ficar encantada.

A.C.N.:

Eu quero assistir, sim.

L.C.:

E nós perdemos. Ficamos em sétimo lugar.

A.C.N.:

Nossa, mas... É isso, porque são tantas variáveis, são tantas questões, porque hoje em dia eu acho que o processo de avaliação ainda é muito falho, porque querendo ou não, ainda passa muito pelo gosto do avaliador, passa muito pela questão do que é considerado o padrão, tem muitas coisas, então assim...

L.C.:

É muito triste, né? Eu fico chateada com isso, realmente. Você falou, chegou num ponto agora, eu acho que você não vai colocar na sua pauta, pode nem colocar, né? Isso que você falou na voz do bom, isso é muito triste, é muito na cara. Tem coisa que você fala assim, gente, mas aquela quadrilha ganhou. Não tô nem falando pela minha quadrilha. A outra quadrilha que perdeu pra aquela.

Quadrilha ficou muito melhor. Aí você vê que... A gente fala que é a mala preta. A mala preta. A mala preta rodou pra tudo que é lado e resolveu a situação daquela quadrilha. Então ela que vai ganhar. Então isso vai deixando a gente assim... A gente tava muito brochado, muito frustrado e você sabe, eu não sei como é que eu estude figurino seus aqui, o mineiro, infelizmente, o mineiro perdeu muito, muito, muito, muito, eu falo mesmo, muito, muita mineiridade. Perdeu muito a mineiridade. Perdeu muito a mineiridade, sabe por quê? Porque aqui tem, não sei se vocês... Acho que tem, porque tem de Brasília. As campeãs daqui sempre disputam nacional.

A.C.N.:

Sim, tem. Da Confebraq,¹⁶ né?

L.C.:

É, Confebraq. Então, quando um mineiro chega pra disputar com as do Nordeste, a quadrilha mineira se torna uma quadrilha jeca. Muito jeca. Porque, gente, Nordeste é outra coisa.

A.C.N.:

É o que a gente chama de estilizado, né? Já tá bem assim... Virou outra coisa, né?

L.C.:

Nordeste virou um carnaval. Querendo ou não, virou 60 casais, 70 casais, e foi um carnaval. E maravilhoso. Que pra mim, assim, eu fico encantado de ver eles dançando. Mas é uma teoria que eu não gosto e que pra mim, pra trazer pra minoridade, pra mim não funciona. E com isso, tem muitas quadrilhas de Minas que tá aderindo ao Nordeste aqui.

A.C.N.:

Pra se adequar. Sim, eu já... Pra se adequar. Eu já observei isso. Aqui no DF, como não tem uma tradição brasiliense, a gente recebe influência de todos os lugares. Então é uma grande mistura de tudo quanto é coisa. E eu tento fazer a coisa mais tradicional, mas também se adaptar à modernidade pra não ficar parecendo que nem você falou, muito jeca, muito matuto, né? E aí é eu tentar encontrar o equilíbrio pra também não virar o carnaval, que eu também não gosto.

L.C.:

O que nós tivemos que fazer foi isso. É aquele verdadeiro ditado. Você tem que entrar no sistema. Se você não entrar no sistema, você tá fora.

¹⁶ Confederação Brasileira de entidades de quadrilhas juninas

A.C.N.:

Mas sem perder a sua essência também, né?

L.C.:

Mas sem perder a essência. Isso que nós fizemos.

A.C.N.:

Maravilhoso.

L.C.:

Nós entramos nos sistemas, mas sem perder a essência mineira, junina mineira.

A.C.N.:

É, a gente tá tentando fazer isso. E eu quero muito assistir a sua quadrilha porque me interessou demais pelo que você tá falando, a história. Muito legal conhecer a história por trás, né? E assim, eu não tenho mais nenhuma pergunta, eu quero saber se tem alguma coisa que você tem pra falar e desde já te agradecer. As fotos que você mandou eu achei maravilhosas. Achei muito expressiva, muito legal, tô muito feliz de conversar com você. Tenho certeza que as coisas que você compartilhou aqui vão ser muito úteis, vai ser muito bom pra até embasar, assim, dar mais força pro que eu tô falando ali. E quando ficar pronto, eu vou te mandar, com certeza. Então, só te agradecer imensamente. E quero assistir também as suas apresentações.

L.C.:

Se você precisar de alguma coisa a mais, alguma outra coisa, se você precisar, você pode me chamar. Eu vou mandar o número do meu.

A.C.N.:

WhatsApp no... Tá, pode mandar.

L.C.:

Pra você anotar aí qualquer coisa. Você anota de uma vez aí.

Entrevista remota à marcadora Lorraine Oliveira

Meio de Comunicação: Plataforma Google Meet

Data: 07/04/2025

Ana Carolina Nóbrega (A.C.N.):

Então eu quero primeiro que você, primeiramente quero agradecer a sua disponibilidade em fazer parte da pesquisa, agradecer que a gente está tendo esse contato que vai enriquecer, porque eu já tinha feito uma parte do trabalho falando da minha experiência, mas a minha experiência é muito particular, então para ser uma pesquisa mais rica, é bom ouvir outras pessoas, outras mulheres, né? Então eu quero que você se apresente falando seu nome, a quadrilha que você faz parte e falando a sua trajetória, assim, como que você se tornou marcadora, como que foi o processo até chegar a esse momento e tudo. Enfim, é isso inicialmente, aí a gente vai conversando. eu te agradeço o convite e a oportunidade de estar podendo contribuir de alguma maneira com o seu trabalho.

Lorraine Oliveira (L.O.):

Então, muito obrigada pelo convite. O meu nome é Lorraine Oliveira de Andrade. Eu sou fundadora da Junina Forrozarte de Uberlândia, Minas Gerais. Atualmente, eu tenho 28 anos, mas fundei a Junina Forrozarte em 2015. Então, ainda muito mais novinha, ainda imatura nesse No meio de São João, sem conhecer, o nosso intuito era, na verdade, criar um grupo de quadrilha para que ele pudesse competir na nossa cidade, para poder arrematar esse recurso, a premiação, para a nossa igreja. Então, a intenção da fundação do nosso grupo foi para isso. Porém, quando a gente entrou nesse universo de São João, a gente viu que era totalmente diferente. E aos poucos foi tomando uma proporção muito maior que é o que a gente chegou hoje, né? Então, a gente não imaginava como era esse universo. Até então a gente achou que fosse uma brincadeira entre grupos que inventavam uma dança de quadrilha e competiam. A gente tinha conhecimento das quadrilhas do Nordeste, mas a gente não tinha conhecimento das quadrilhas da nossa região, Leste de Minas. A gente não sabia da existência desse movimento de Minas. Então... Quando a gente deu o pontapé e criou a Junina Forrozarte a gente foi cada ano ali conhecendo esse universo, vendo que era algo muito mais sério do que a gente imaginava. Então hoje o grupo é independente da igreja, né? Hoje a gente teve que separar, até por questões meio... de credo e crença dentro das religiões, e hoje os grupos juninos são grupos muito abertos, né, a todo tipo de personalidade, etnia, religião, enfim. Então, a gente desmembrou o grupo, apesar de a gente ter a base católica-apostólica-romana, mas a gente deixa claro que ali a gente respeita todo mundo, de acordo com a pessoa que se sintam bem em participar do nosso grupo. Mas, infelizmente, teve que ter primeiro essa quebra pra gente poder caminhar com os próprios pés e, de fato, abraçar o mundo junino, já que a gente se apaixonou por eles. Até então, até 2022, eu participava como coordenadora e brincante, né. Dançarina, cada região fala de um jeito. E aí, em 2022, em meio à volta de pós-pandemia, eu recebi o convite pra ser marcadora do grupo. Porque o nosso marcador precisou se avançar, né, das atividades de São João. Ele não tinha mais a possibilidade de estar seguindo com a gente. E como eu estive sempre por trás da criação da temática, da marcação. Então, eles viram em mim uma possibilidade feliz de ser uma marcadora. Então, primeiro eu fiquei muito agitada com isso, com esse convite, mas como eu já participava, de certa forma, de modo indireto, na marcação, criando a temática, ajudando o marcador, né, nas suas falas e tudo mais, eu resolvi abraçar. E aí, estou até hoje sendo marcadora do grupo.

A.C.N.:

Nossa que interessante porque comigo foi a mesma coisa igualzinho foi em 2022 e pelo mesmo motivo o marcador que tava no grupo teve que sair e me pediram e eu também fiquei assim eu fui assim sem muita sem saber muito como é que seria, e deu muito certo também. As pessoas gostaram, eu me identifiquei. E aí, depois disso, tanto é que ano... Não, em 2023, quando eu entrei no mestrado, me deram essa ideia de falar sobre mulheres marcadoras, porque tem muita pesquisa sobre quadrilha junina, mas não tem uma pesquisa específica de mulheres marcadoras, até porque as mulheres que têm marcando são poucas, e as poucas que têm, elas... não ficam por muito tempo, que é uma coisa que a gente tá identificando, que ou elas ficam só um ano, ou a gente não tem registro, assim, das que ficam por mais tempo, então é raro a gente ver uma mulher marcando, né? E aí, dentro disso, eu tô achando...

L.O.:

A nossa primeira marcadora foi uma mulher

A.C.N.:

Ah, que interessante!

L.O.:

Em nosso primeiro ano, a gente fez uma marcadora mulher, E ela é cadeirante, né? Minha amiga de infância, a Aleska. O nome dela é Aleska Trindade. E ela foi a nossa primeira marcadora. Forrozarte, então, veio pra esse universo já totalmente lá de um jeito que ninguém esperava. Um marcador sendo mulher e... deficiente físico, né? Então, a gente sempre carregou a bandeira da sensibilidade, porque ela participava do grupo. Então, a gente sempre abraçou essa causa da inclusão. Então, nossos dois primeiros anos, ela se fechou, né? Depois de algumas contribuições e tal. Infelizmente, ela não teve como proceder. Aí, a gente teve um segundo marcador, que foi o Ariel, que foi o marcador até eu assumir. Então, ela foi nossa marcadora por dois anos seguidos. E, assim, não era mais uma mistura de campo. Nessa cadeira ela entrava e saia, no meio da gente, na apresentação. Foi uma coisa que todo mundo ficou surpreendido. Ninguém tá disposto a chegar dessa forma

A.C.N.:

Muito legal, muito interessante. Nossa, eu fico feliz de saber que teve essa história, inclusive. Também seria legal, assim, realmente ter mais dados sobre ela, né? Pra mim, deu uma travada, não sei se pra você tá me ouvindo?

L.O.:

Sim, sim.

A.C.N.:

Beleza. Eu tô achando que é aqui.

L.O.:

Acho que é a tua própria imagem, mas eu não sei.

A.C.N.:

Eu acho que é aqui a internet, não sei.

L.O.:

A sua imagem trava várias vezes.

A.C.N.:

A sua também tá travando pra mim, mas eu acho que é aqui. Enfim, é que eu não tô em casa também. Mas, enfim, vamos conversando aqui. Tá gravando o áudio, o mais importante. Mas aí, é outro assunto também... Tem.

L.O.:

Uma coisa que você não entendeu também.

A.C.N.:

Oi?

L.O.:

Qual é, Tania? Se ficar alguma coisa... Se você não tem entendido, tem problema, eu repito. Tá saindo.

A.C.N.:

Beleza. Não, o que eu tava falando é que eu vejo assim, que... É bom até ter esse registro dela, e aí eu não sei se ela teria disponibilidade para falar também, mas se vocês puderem também e quiserem, eu posso colocar uma foto sua, uma foto dela na pesquisa, marcando se tiver, falar dessa história dela, essa passagem dela pelo grupo, porque como você falou, é uma inovação tanto na questão da acessibilidade quanto do gênero também, né? Por ser uma mulher e por ser uma mulher cadeirante e tudo mais. Então, muito legal saber disso e é interessante como a gente não tem acesso, né? Porque eu mesma, se eu não estivesse conversando com você, eu nunca ia imaginar isso. Nunca ia ter ideia que já teve essa pessoa que já passou pelo grupo, né?

L.O.:

Não, eu tinha... Eu tinha vindo depois. as fotos, os links. A gente tem um canal no YouTube desde o nosso primeiro ano. Então, tem lá os vídeos dela marcando, a forma como ela se apresentava ali na arena. Ela era de uma presença, assim, eu digo que foi a minha inspiração, né, como marcadora. E a gente consegue, sim, igual eu disse, ela é super minha amiga. Eu consigo ver com ela certinho. Ela tá formou agora, fez o mestrado agora em história, então acho que ela tá um pouco mais tranquila agora, depois que ela terminou o mestrado, então acho que ela consegue sim. Se ela conciliar muito os estudos com a saúde dela, ela consegue sim. Eu vou conversar com ela e disponibilizo o contato dela pra você e esses arquivos, né, que a gente tem. A gente tem uma foto junta da época, né, e a gente tem também esses vídeos dela marcando, apresentando, ótimo, então.

A.C.N.:

Vai ser muito bom ter essa representatividade também. Porque uma das coisas que a gente procurou, eu e minha orientadora, quando a gente decidiu entrevistar marcadoras,

foi ver também uma diversidade, tanto de recorte social, de gênero, de raça. Então, por exemplo, uma das coisas que a gente tem investigado é que nós mulheres temos muitas questões que envolvem a gente marcar não é só a gente ir lá e marcar, mas às vezes tem que conciliar com o estudo, com o trabalho, com a maternidade... E aí, no seu caso, você falou que tem duas crianças, então... Aí é outra pergunta também que eu te faça, já aproveitando o assunto, para saber como é que tem sido, você se adapta, como é que você faz para conciliar, porque eu já vi casos de mulheres, não só na marcação, mas que acabam tendo que se desdobrar ou então desistir de alguma coisa, para atender, né? E como é que você tem lidado com esse... Que é o seu lado artístico também, né? E eu tiro por mim que eu tô, assim, bem feliz de que eu vou ser mãe, mas eu também fico com esses receios de como que eu concilio, né, tudo isso. Então eu quero ouvir dessa parte assim, desse lado, que a gente tem, enquanto mulher, uma particularidade nossa de ser mulher, ser mãe, às vezes ser dona de casa, enfim, várias outras coisas. Como é que você concilia, né? Você fala o que você se sente à vontade.

L.O.:

Então, como você está dizendo, para nós que somos mulheres, como você disse, falando no grosso, o buraco é um pouco mais embaixo que a nossa. Então, assim, primeiro já era bastante difícil eu conciliar a quadrilha com a minha vida pessoal em relação ao meu serviço. Eu sou comerciante, então o serviço depende pessoalmente de mim. Então, era bem difícil já conciliar isso. Eu tenho uma sorveteria e a maioria dos ensaios de toda a região, por eu, dá-se ao final de semana. E os finais de semana são mais apertados ali, né, pra quem trabalha nesse ramo. Então já era difícil aí. Eu ficar e tal, não ficar... Na verdade, não cumprindo, né, com a quadrilha, esse compromisso. E aí, quando eu descobri a gravidez de início, é... Eu nem sei, eu acho que, como eu disse, eu já tava tão, assim, envolvida, tão emocionada, Eu me deixei levar. Eu não coloquei como uma barreira difícil eu acho que eu coloquei como uma motivação mesmo pra mim ter uma entrega muito melhor ainda do que eu já tinha e me reinventar nisso. Superar os desafios. Eu usei isso para ser como uma aspiração mesmo. Então, em 2013, eu marquei, na época que eu marquei, eu estava já de 8 meses. Então, no início da preparação para a temporada de 2016, eu fui mais branda nos ensaios, ali naqueles ensaios do dia 2º trimestre de gestação, eu me resguardei mais. E quando foi ali o partido mais próximo, do meio de junho, eu intensifiquei com a quadrilha e o pessoal me super abraçou. Eu tenho que deixar em sabendo aqui, a quadrilha foi incrível comigo, A coordenação, eu sou coordenadora também, foi algo acordado entre todo mundo, principalmente com os dançarinos, que sentem muito a nossa falta, a nossa presença nos ensaios. Então, aqueles... foram muito... E aí, na época de junho mesmo, eu já estava de oito meses, a minha filha nasceu em agosto, Dia 12 de agosto. Então, foi assim, um grande desafio. Aonde eu chegava, as pessoas não acreditavam. E pelo figurino, depois... Não sei se você já viu, mas depois eu posso te mostrar. Às vezes mandavam pra coisa de cabeça, se estava grávida.

A.C.N.:

Que era mais folgadoinho, né?

L.O.:

E aí, sempre tinha algum apresentador ou outro que dava certo o seguinte. que sabia e

falava no final. Aí as pessoas se espantavam, as pessoas me chamavam de doida, eu achava um máximo. Um desafio, uma superação, eu me diverti muito. Graças a Deus ocorreu tudo bem, logicamente eu estava cuidada pelos médicos. Eu sempre fui uma pessoa muito ativa, então eu já treinava, musculação e tudo mais. Sempre tive uma vida muito ativa, então graças a Deus Então, eu tava 100% ali pra poder marcar. E aí, em 2024, quando a minha filha já tava de 8 pra 9 meses, eu descobri a minha segunda gestação. E aí, o mês de junho já tava bem mais próximo, seja, tava acontecendo. Eu acho que mais ou menos, se eu não me engano, de 4 pra 5 meses o ano passado. Se a minha filha, bem, nasceu em 1º de fevereiro, isso, eu tava bem no comecinho mesmo de gestação. Então, foram duas gestações seguidas, dois anos excepcionais. Eu posso dizer que foram os meus melhores anos. Todos os dois anos eu me consagrei no festival, que a gente participou como melhor marcadora. Então, eu posso dizer que aquilo que talvez para alguns seria o que mais me prejudicaria, ou o que mais me impediria de ter uma boa entrega, foi o que me fez chegar aonde eu consegui chegar. Que foi trazer esse troféu pra quadrilha. Não foi como funciona na sua região, por exemplo, mas aqui a gente avaliado a parte, ne?

A.C.N.:

Sim, aqui também.

L.O.:

Então, a gente tem aquele troféu ali pra nós. E tem toda uma pressão, tanto pra nós, tanto pro casal de noivos. Então fica naquela situação. Pra quadrilha não basta só ganhar, tem que levar o troféu também de marcadora e de casal de noivos. Então, foi assim, foi incrível. E nessa minha segunda gestação, eu já fiquei um pouco mais preocupada porque a minha bebê tá muito novinha, amamenta, eu amamento, então tá sendo bem complicado agora conciliar isso. Enquanto tava na barriga foi tranquilo, mas agora do lado de fora, com uma de um ano e seis meses e uma bebê de dois meses, tá bastante complicado, tá, conciliar tudo. Mais o comércio, então assim, é mais dedicado de mãe, de esposa, Então, assim, essa agora, eu acho, vai ser o verdadeiro desafio. Eu ainda tô em... Diálogo. Isso. De imediato, a gente dividiu a marcação com uma outra moça, por sinal. Que também depois, se você quiser e achar interessante, eu faço contato dela. Fico com ela também, né, mãe? E a gente engravidou juntas. Dessa minha segunda gestação, ela engravidou também. Só que a mamãe dela é... 2 meses mais... 2, 3 meses mais velha do que a minha. E aí ela já consegue conciliar mais, porque ela já tem trabalho de carteira assinada, já fica mais livre aos três semanas. E aí ela vai dividir a marcação comigo esse ano.

A.C.N.:

Aí, no caso, você vai marcar... E.

L.O.:

Ela vai assumir as apresentações não oficiais

A.C.N.:

Ah, entendi. Então, no caso, você vai marcar a competição, né?

L.O.:

Isso. É porque esse ano a nossa junina completa 10 anos. E eu até pedi pra não estar presente. Mas ela não acatou, a coordenadora não acatou. Eles acharam que eu deveria estar nesses 10 anos da Junina Forrozarte. Eu não vou mentir, uma dessa parte eu também não me imaginaria fora. Porque eu sou apaixonada, não só pelo São João, mas por esse papel de ser marcador, eu me descobri nesse papel. Mas eu também tinha esse receio de deixar a quadrilha na mão nos ensaios que eles precisam por conta das meninas. De também deixar as meninas pra poder estarem lá no ensaio das meninas. Nem todos os ensaios eu consigo levar as duas. E acaba que a questão fica dividida, então não tem aquela entrega 100%. Então eu tinha esse medo, essa culpa, né, de não conseguir ser o que eu preciso ser para as meninas e nem para as meninas. Então, eu estava com muito medo de assumir esse papel esse ano. Mas dado o ano que é, o nosso aniversário de 10 anos, a gente decidiu, em conjunto, fazer dessa forma. Dividi as marcações, onde eu, por ter um pouquinho mais de experiência que a Débora, marco os festivais e elas não. Tá pesado pras duas, já que as duas são mães também. E com os bebês pequenos, né? Então, a gente dividiu assim. E por enquanto tá dando certo. É, o pessoal, os brincantes, que eu sou mais preocupada, assim. Eles tão abraçando muito eu quanto ela eles tão entendendo essa diferença, quando é eu que marco, quando é ela. Porque cada um tem sua personalidade, ele... Uhum, com certeza. Muito alinhada em tudo. Então, por enquanto, tá dando muito certo e se Deus quiser, dá pra continuar. Foi um dos meus primeiros pontos, assim, que eu sempre me preocupei também. Essa é a questão de você sempre a figura masculina, né? a frente desse papel de marcador. Então, igual eu disse, a minha primeira preocupação ia ser com os brincantes da minha junina. Como que eles se sentiriam em relação a isso? Se eles estariam conseguindo seguros por estar sendo eu, enquanto mulher, marcando eles. É igual você disse, né? O homem talvez faça essa imagem de presença, de... de posicionamento ali, de estar à frente, de comando. Então, eu também me preocupei muito com isso. Tinha medo de, às vezes, não conseguir passar para as pessoas, de fato, o que a temática naquele ano é gostaria de levar para as pessoas. E aí, eu também tive muito receio disso. Tanto é que eu fiz alguns trabalhos com uma amiga nossa, fono, e ela disse que... Ela, na verdade, foi um divisor de águas pra mim em relação a isso, sabe? Ela deixou bem claro que não é sobre gênero. É sobre como você se posiciona na frente àquela função que foi te dada. Então, hoje, eu estou com a consciência resolvida quanto a isso. No início, eu tinha foi muito receio das pessoas... sério, mais engraçado do que importante, a que eu tava querendo dar pra eles, enquanto a temática, ou até mesmo os ensaios dos meninos, dos brincantes, enfim, não me levarem muito a sério. Então tudo isso foi me preocupando, no início, né? Mas tive muitas pessoas que contribuíram pra que hoje eu não pensasse nada assim e não me preocupasse também. Eu não sei por que, mas quando eu fui assumir esse papel, eu tive esses receios, né, por ser a figura feminina na frente da quadrilha. Mas eu tinha me esquecido por um breve momento que nos dois primeiros anos da quadrilha a gente teve uma marcadora que é mulher. E foi aí onde eu falei que ela foi minha referência. Eu fui atrás e falei, Aleska, me ajuda. Como que foi? Pra você. Porque pra você foi muito mais difícil. Você... Era seu primeiro ano, você também não entendia nada daquele universo. Você aceitou o papel que a gente colocou nas suas mãos e desempenhou muito bem. Tanto é que ela também foi melhor marcadora no primeiro e no segundo ano, né? Da nossa junina. Então, eu... aquela assim, aquela bobeira. Olha, você vê tanto que a gente esquece, né? A gente mesmo, às vezes, se coloca numa posição que não é nossa. Eu

simplesmente esqueci e fui atrás dela. Falei, Aleska do Céu. Eu estou com a melhor marcadora da Junina Forrozarte por dois anos consecutivos e simplesmente não me dei conta. Então, ela me abraçou, ela super me aconselhou, dividiu comigo a experiência dela mais a fundo, que talvez a gente não conseguiu ter essa troca lá na época. Então, ela dividiu mais comigo e aí sim eu fui aos poucos moldando. e refazendo essa minha visão que eu tinha de ser uma figura ali, ser uma menina marcando a quadrilha. Então, assim, ela que me ajudou bastante nisso. Mas teve, sim, esse medo, esse receio de não ser tão levada a sério. Mas, talvez, por eu ser a fundadora e a coordenadora do grupo, os brincantes também foram, assim, muito respeitosos comigo. Eles já me viam como uma pessoa, assim, que realmente tá ali pra se dedicar, pra entregar um bom trabalho. Que não tá ali pra brincar ou tudo mais, falando assim de forma mais séria agora. Então, assim, eles já tinham um certo respeito. Mas, mesmo assim, eu ainda tive esse medo, esses receios. Até para com os outros grupos, né? Como que os outros grupos, que naquela época que eu comecei como marcadora, eram todos masculinos, como eles iam me ver? E aí teve um fato muito interessante que uma marcadora hoje da Junina Balancete, da nossa cidade, ela ia marcar a quadrilha pela primeira vez em âmbito de competição. Ela só marcava a quadrilha mirim dela que fazia uma amostra nos nossos festivais. E aí ela assumiu uma quadrilha a nível de competição. E aí ela também veio me procurar nesse mesmo ano. E eu falei que era, eu estou no mesmo barco que você, ter feito de refúgio e tudo mais, mas eu estou no mesmo barco. Nós duas podíamos pegar na mão, assim, juntas e ir, que a gente ia dar no mesmo caminho. Então, assim, e aí ela falou, não, eu vi que você vai e eu também vou e vamos juntas. E aí a gente também teve muitas trocas e tudo mais. Até hoje a gente tem, a gente compete, né? Todos os anos, uma contra a outra, mas só no festival mesmo. A gente divide muitas coisas do particular. Ela sempre me pede conselhos, eu peço a ela. E a gente vive, assim, uma relação muito confortável, muito saudável. A competição mesmo fica só lá na arena. Mas teve esse receio, assim, de... Hoje eu fico um pouco mais tranquila Nossa.

A.C.N.:

Interessante, muito bom ver você falar esses relatos, porque eu vejo que das minhas experiências e das outras que eu entrevistei, também teve esse receio, mas também por a gente ser, muitas vezes, pioneira, ser uma coisa meio solitária, porque a gente também não tem muita referência. Eu falo isso por mim também, porque eu fui minha própria referência, do ponto de vista que eu não tinha referência nenhuma, nem de muitos marcadores homens, mas principalmente de mulheres. Eu não ouvi outras mulheres, eu não sabia, e eu fui criando o meu jeito e me descobri, como você falou, me descobri nesse lugar. Hoje em dia eu não tenho mais vontade de dançar, eu só me vejo marcando mesmo, eu me encontrei nesse lugar. Mas que foi um lugar solitário desse ponto de vista, de não ter uma pessoa para compartilhar. E que bom que você teve junto com essa outra marcadora também, para poder compartilhar, e eu acho isso muito legal. Isso, para mim, na minha visão, diz muito sobre o nosso universo feminino, o jeito que a gente tem, muitas vezes, de acolher um ao outro. E essa pesquisa também tem o intuito da gente mapear e saber onde essas marcadoras estão, justamente também para criar até uma rede de apoio também. acolhedores, isso é muito bom, me aquece o coração saber que você teve essa experiência. Mas em relação à competição em si, como é que foi o seu processo de ser avaliada, se você foi... Como é que foi? Que você foi bem recebida, enfim ou não? Passou por alguma coisa? Pode falar.

L.O.:

Então, como aqui no Belém já tinha... Já tinha outras... Então, meio que na minha época, eu não tive, eu não passei por isso. Só que, como se diz, foi burburinhas de outros grupos, mas nunca chegou até nós. E burburinhas de outros grupos sempre correm. Então, eu acredito que realmente não tenha tido. Mas, depois você vai ter a oportunidade de conversar com ela, mas a Aleska, meus primeiros aconteceram isso. Além de ter sido a primeira figurante feminina marcadora aqui na nossa região, o fato dela ser cadeirante, atiçou uma fúria nos outros grupos que foi, assim, chocante. Eles falaram que a gente a colocou de forma apelativa, que os jurados deram o troféu de melhor marcadora pra ela por pena. Então foi bem doído escutar tudo que a gente escutou. Então, assim, ela passou um terreno muito grande em relação a isso. Mas graças a ela, que hoje aqui na região já sustenta mais esse respeito. As pessoas já enxergam melhor a nossa figura enquanto mulher e marcadora. Mas ela que deu esse nível aqui na nossa região, ela passou por isso. Porque além de ser mulher, ela tinha a deficiência. Então, julgaram tudo por ela ser mulher, por ela ser deficiente, o grupo foi apelativo, os jurados tiveram pena e por aí vai. Então, assim, foi uma situação muito triste no grupo. Todo mundo ali se solidarizou com ela pra que aquilo não agravasse na vida dela e tal, pra que ela não levasse aquilo. Mas eu acredito que mesmo que tenha sido algo que foi bem doído de ter vivenciado, foi importante pra que hoje as pessoas enxerguem a gente enquanto mulher aqui de uma forma diferente, e que não, que não é assim que as coisas funcionam. Cada um tá onde tá pelos seus méritos, pelo seu empenho, pelo seu esforço, e não pelo que você veste, pelo que você tem ou tenta de ter, em questão de corpo e tudo mais. Então, assim, foi bem difícil esse período dela, mas hoje em dia não. pelo menos comigo, é um serviço igualadíssimo. Desde quando eu comecei a competir aqui no Bernabéu, desde aquela época, e o ano passado, se eu não me engano, teve também mais uma quadrilha aqui da nossa cidade que levou uma marcadora mulher, que foi a Junina Estrela D'Alva. Ela levou uma marcadora mulher também, eu agora nem me recordo o nome dela, porque a gente não tem muita proximidade com ele, mas uma marcadora mulher também. Então, no festival, a gente tinha três marcadoras mulheres e dois marcadores homens, né, na competição. E eram cinco quadrilhas competitivos no municipal. Então, três mulheres e dois homens. Então, assim, meio que foi... como se diz isso? Como eu posso dizer isso? Foi, tipo assim, um fato histórico pra nós, né? Porque a gente teve mais mulheres nesse papel do que homens. E eu até subi no palco quando eu recebi o troféu e disse que esse troféu era pra nós, mulheres, né? E eu sei do quão difícil era pra mim e pra ela estar onde a gente estava. Então, a questão de dividir com ela disso. E principalmente pra Aleska, né? Que teve esse fato triste na época dela. Ela que eu acho que teve que passar por isso por nós. Então, é muito doído saber disso. Mas, me conforta que aqui na nossa região, pelo menos, o pessoal não teve essa questão em nível de competição. Mas teve uma coisa que não chegou a ser sobre isso, né? Sobre ser ali... Ah, é só porque uma mulher que está ganhando, não é? Mas teve algumas questões de um grupo para o outro. Por exemplo, o jurado daqui, aqui é bem competido. Bem diverso. um senhor, um homem, mulher, filiado, uma professora que dá testes, ela sempre monta um júri bem diversificado. Então, quanto ao júri, nunca teve nada. Mas, de uma quadrilha pra outra, sempre teve. Por exemplo, a questão de eu sempre escrever a história e a temática. Então, alguns integrantes que tinham uma proximidade comigo, de outras áreas. Às

vezes de grupo de jovem estreia ou de já ter estudado junto. Simplesmente se afastaram de mim. Criaram uma birra comigo. E eu, de certa forma, tinha uma vantagem a mais nisso. Então assim, foi algo meio que eles pegaram do pessoal e levaram pra quadrilha. E afastaram de mim. Eu tinha um amigo de 12 anos de amizade. E ele foi marcador no grupo dele. Da junina dele. Ele era da minha junina. Aí teve uma discussão, e ele saiu e levou algumas pessoas com ele, porque ele era próximo, e eles montaram uma outra quadrilha. E aí ele foi o marcador. Então ele meio que criou uma rixa comigo que eu não entendi. A gente era amigo de tantos anos, participaram do mesmo grupo juntos, e aí ele simplesmente, por essa briga, que nem foi comigo, ele brigou com outros integrantes da coordenação na época, mas por ele ter assumido o papel de marcador, meio que ele me viu como inimiga. Então, assim, desfez a nossa amizade. Hoje a gente troca meia dúzia de palavras. Mas, assim, respeito ele, ele me respeita. Mas curiosa essa intriga, sabe? Não entendi até hoje porque se deu isso. Mas, igual eu disse, não foi tanto pela figura feminina. Mas teve esse passo curioso, sabe? De brincadeira. Pode-se dizer que eu e ele éramos amigos. E por ele ter ido por outra quadrilha e ter assumido o mesmo papel, que é o de marcador, ele simplesmente resolveu criar uma rixa comigo. Então, assim, foi uma coisa que eu fiquei bem abalada. Foi no ano que eu estava grávida da minha primeira filha. E como eu estava já ali com a gravidez bem mais avançada, eu fiquei muito mal. Passei, assim, alguns dias bem, assim, chateada com tudo. Então, foi um fato, assim, muito triste.

A.C.N.:

Mas você acha assim... Desculpa, mas o que eu fico pensando, baseado na minha experiência, porque algumas coisas aí eu vou falar por mim, tá? Você não precisa concordar comigo. Mas algumas coisas eu tive a percepção, conversando com outras marcadoras, que parecia que algumas coisas eram só minhas, tipo, foi uma coisa só comigo e tal. E quando eu fui ver, tem toda uma questão social por trás, que é, por exemplo, a gente se destacar em uma coisa e a pessoa, às vezes, invejar. Não tô dizendo que ele tinha... Não conheço a pessoa, né, pra dizer, ah, ele tinha inveja de você porque você era mulher e boa e tal. depois de um tempo entendendo como que a nossa sociedade é construída e tem algumas questões relacionadas a isso, eu tô colocando aqui pra gente refletir se de repente também não teve uma birra com você por você ser um destaque tão grande no seu no seu grupo, no meio junino e por ser mulher, mas não porque você é mulher em si, entende? Mas porque você é um destaque e o fato de você ser mulher, eu tô colocando isso porque eu já senti em alguns momentos isso assim, que em relação à marcação sempre são dois extremos, ou a pessoa gosta muito de mim, é muito minha fã, me admira muito, ou ela fica procurando defeito porque não quer ver, entendeu? E eu falo isso com tranquilidade, não é querendo nem me exaltar, nem nada do tipo, é porque depois de muito processo eu fui entendendo que algumas pessoas sentem essa dor de tipo, não quero que essa pessoa se destaque, então de repente, assim, eu tô colocando, mas olhando para um aspecto social mesmo, não uma... questão específica com esse seu amigo que brigou e tudo. Mas assim, será que não tem a ver com isso também? Com essa questão de que muitas vezes, no subconsciente das pessoas, elas não querem aceitar ver uma mulher brilhando e fica aquela rixa, aquele ranço, né? Não sei, assim, o que eu estou colocando.

L.O.:

Eu gosto disso. Eu não descarto também essa possibilidade. Até porque, igual eu disse, por a gente já ter uma amizade, não foi o que eu pensei de imediato, né? Porque eu levei mais pelas uma questão, assim, dele não ter gostado de que a gente vai competir e tudo mais. Mas, igual você também. Eu posso dizer que, enfim, é que, de novo, igual eu tô dizendo, eu não descarto a... Sim. Agora, depois que eu falo um pouco, por que que eu falo isso? Eu não descarto essa possibilidade. Porque... Igual você disse, nós mulheres temos até essa dificuldade de eu sei, de assumir que a gente é realmente boa naquilo, pra não parecer que a gente quer ser superior, pra não parecer que a gente quer ser mais do que os outros. E eu acho que isso é meio que o que a sociedade emprega mesmo em nós, entendeu? Faz com que a gente fique sempre com um pé atrás, sem necessidade. Então, meio que ele nem atacou em questão de marcação por eu ser boa e tudo mais, mas ele foi colocar que eu copieie a temática do grupo deles, sendo que a nossa temática foi divulgada primeiro do que a deles. Então, assim, ele foi criando coisas pra poder me colocar ali como uma vilã ou como alguém que, sei lá. Então, assim, nem foi só uma demarcação em si, ele foi criando casos. Justamente, eu acho que foi isso, porque Igual você disse, por eu ser marcadora, ser boa no que eu estava fazendo, e ele teve que achar alguma coisa pra poder me criticar, pra poder criar uma intriga, pra poder gerar algum desconforto ali dentro da minha quadrilha. Então assim, foi algo que realmente pode ter sido mesmo isso, igual você tá falando, eu não descarto também essa possibilidade. Eu só não pensei dessa forma porque se tratava de uma amizade ali, que eu o enxergava como um irmão. E aí acabou acontecendo isso. Eu também penso que possa ter sido assim, isso também.

A.C.N.:

É porque, como eu tô te falando, eu acho que você, se eu não me engano, é a quinta ou a sexta marcadora que eu tô entrevistando, e todas falam coisas muito semelhantes, assim, você vê, uma tá em cada estado do Brasil, né, tipo, com realidades diferentes, uma é mais velha, outra é mais nova, outra é mãe, outra não é, mas cada uma tem pelo menos uma história pra contar de alguém que desmereceu, que duvidou, então acho assim, independentemente de como a pessoa é, da religião dela, do que ela se identifica, no fato de ser marcadora e ser boa, porque até agora eu não vi nenhuma marcadora que fosse ruim, pelo menos das que eu entrevistei, Todas são muito competentes no que fazem, porque eu acho que a gente tem essa característica de se dedicar, né, bastante. E tem essa questão das pessoas, às vezes até de forma inconsciente, terem dificuldade de aceitar. Então, por isso que eu tô te perguntando se você já pensou por esse lado, porque às vezes é que a gente não percebe mesmo. Até mesmo porque eu mesma já estive em situações que eu demorei pra perceber que a pessoa tava com alguma questão comigo, entendeu?

L.O.:

Uhum, perfeito. Não, eu não descarto não essa possibilidade também. E talvez possa até ter sido isso mesmo, de fato.

A.C.N.:

É, e às vezes a própria pessoa pode não ter percebido, né? Tipo assim, ah, eu tô fazendo isso com ela, mas porque eu tenho essa inveja, vamos dizer assim. Mas às vezes a pessoa não percebeu o que tá no coração dela, né? Porque é algo social, não é algo que

essa pessoa é a vilã. Não, ela tá no meio de uma sociedade que tem dificuldade de respeitar o espaço da mulher e a capacidade dela, como eu te falei, que eu tive experiências de questionarem, será que você ganhou porque as juradas eram mulheres? Então, como você falou da moça que cadeirante e tudo, então assim... são essas questões, né? E há uma outra questão em relação à nossa imagem, né? Porque eu vi que você também marca de vestido e tudo mais, que eu acho muito legal a gente trazer essa feminilidade para a nossa marcação, mas como você se sente em relação a essa imagem construída? Por exemplo, eu decidi marcar de vestido mesmo, mesmo que seja normal ver um homem com a roupa masculina, eu sinto que me traz mais liberdade ou não, ou me ajuda com meu personagem, enfim, como é que é esse processo da caracterização pra você?

L.O.:

Certo. Quando eu fui discutir isso com o nosso figurinista aqui da junina, eu coloquei isso pra ele. Eu coloquei, falei, e até então ele era o figurinista na época, né? Hoje ele não é mais. Mas até então eu tinha colocado pra ele, tipo, como que vai ficar essa questão? Porque eu, no ano que o nosso marcador saiu, eu assumi no meio. Ele saiu no meio da temporada, então tinha apresentações pela frente ainda. Então, eu conversei com ele. Falei, como que a gente vai fazer com o figurino? Porque a temporada tá rolando, ele saiu no meio da temporada, eu vou assumir. E como que a gente vai fazer em questão de figurino? Até nos festivais, o figurino é um dos critérios de avaliação. Tem que ter a ver com a temática, com o artigo que você tá trazendo ali. Então, foi uma preocupação. E ele simplesmente tratou, assim, uma naturalidade e tal. Não, você vai com o vestido assim, assim, assim, que vai trazer os elementos da temática, que vai ornar e tudo mais. E, a partir de hoje, você é tal personagem da história pra poder alcançar mais você pra dentro dessa apresentação, que era o Ariel que comandava. Então, ele foi meio que me orientando nessa questão. Mas, duas marcadoras aqui da região, nos primeiros anos delas, elas apresentaram com uma vestimenta mais formal. Elas não foram pro lado da caracterização mesmo de dama. de babado, de chita, de filó e tudo mais. Elas não foram assim. Elas foram com uma roupa mais formal, uma calça de alfaitaria, que trazia elementos da temática das juninas delas e tal, mas não foi com a caracterização de dama. E eu fui a primeira. E fui assim, dessa forma. Que foi como eu realmente sou. Esse tipo de caracterização. E eu não seria diferente. Elas não. Elas eu já percebi que foi mais assim, como se tivessem apresentação de algo formal mesmo, sabe? Tinha mais de social ali, calça blazer. E eu já não me enxergava ali naquela coisa. Não que elas estavam erradas, não que elas foram erradas. Não que também não possa ser dessa forma. Só fazendo esse comparativo, eu já parti pro outro lado. De realmente ir como dama, né? Como as demais meninas. Porque é isso que eu sou. Eu sou uma dama das meninas. A diferença é que o meu papel é marcar e o delas é dançar. Mas todas nós somos damas e nos vestimos como tal. Então, eu conversei com o figurinista e ele falou, isso não é isso que eu penso. Então todos os meus anos, desde a minha estreia até hoje eu danço ali como dama mesmo, caracterizado. Obviamente, o meu figurino carrega mais elementos. E elementos diferentes, né, por eu ser um destaque. Por eu ser diferente das demais meninas. Assim como a noiva tem o seu próprio figurino ali e tal. Que traz semelhança, né, do figurino das demais. Mas que ele é particular. Então o meu também faz isso. Só que a caracterização essa é dama, independente do papel que eu for assumir ali na temática. No meu primeiro ano de fato oficial competindo, porque em

2022 eram lives, jornais, né? Então, não posso se considerar muito, mas no meu primeiro ano competindo em arena mesmo pro público, eu representava o tempo. Então, eu tava ali, de vestido, de anágua, Mas com elementos do tempo, e trazia isso na minha fala também. Então, sempre foi assim. O nosso figurinista abraçou da sua forma também. Então, eu sempre fiquei, assim, confortável. Até a minha preocupação por estar grávida, em 2023. E ele super tratou, assim, com muito carinho. Essa questão da caracterização. Uma roupa que não me apertasse, não machucasse a barriga quando a gente tá grávida. Você vai passar por isso, você vai ver. Tudo que a gente acha que não vai encostar, passa cinco minutos. Que a gente já não tá aguentando mais, que tá encostando. Principalmente no final da gestação, parece que tudo aperta, tudo tá arochando. Então ele teve esse cuidado em fazer uma roupa mais confortável. Que eu aguentasse os 25 minutos de apresentação. E às vezes até mais, porque a gente dança... A gente chegou a dançar quatro, cinco vezes no mesmo dia. Então, ele pensou num figurino que fosse adequado pra essa rotina, né, de apresentação. E levando em consideração a minha condição no momento. Então, essa questão da caracterização pra mim também foi assim. Sempre quis colocar como mulher, como eu deveria me vestir. Não porque... Não é porque os marcadores que a gente tem o costume de ver é homem. que a gente tem que se vestir como tal, pra tentar, de certa forma, ser identificado como marcador. Não sei se tá conseguindo me entender.

A.C.N.:

Mas... Sim, eu tô perguntando justamente por isso.

L.O.:

Isso, às vezes eu tenho que me vestir de forma mais calça e paletó e blazer, porque a figura do marcador igualar a isso, ainda mais no figurino. Eu acho que nem no modo de se enfrentar, a gente tem que fazer isso, mas ainda no figurino. Eu posso enfrentar errado, mas talvez também por ter essa insegurança, que as meninas se apresentaram dessa forma.

A.C.N.:

É, mas eu concordo com você, eu vejo assim também.

L.O.:

Elas já foram diferentes, elas já foram ambas divididas, e eu vi que não era algo temática. Não é que é porque a temática pedia. Eu senti que tinha essa pressão. O marcador se veste mais ali com uma roupa, como se diz, formalzinha. Então eu, enquanto marcadora, também tinha que escolher. Então elas foram de calça, blazer e tudo mais, personalizada e tudo mais, mas ainda assim de calça e blazer e paletó. Então, no ano seguinte, não. Eu senti elas mais à vontade, mais livres. Trouxe da mesma forma os elementos da temática, mas estavam ali com mudança de vestido, de anágua, de saia, armada, de manga bufante, de jeito sim. A quadrilha assim, sim. Da proposta que fosse pra quadrilha, sim. Mas eu percebi que teve isso. Então eu já descartei isso de cara. Não, eu não tenho que ir porque a figura masculina pede isso pro marcador. Não, não é isso. Não, se ele estivesse assim. Eu sou mulher, vou marcar também, mas tenho a minha própria caracterização. Ótimo.

A.C.N.:

Muito bom ver sua percepção, porque comigo também foi da mesma forma. Igual você falou, que o marcador saiu e eles falaram assim, tá, tem essa roupa aqui. Eu falei, então, pedi pra minha avó fazer um vestido pra mim o mais improvisado possível, mas que fosse essa caracterização realmente. E foi, e deu certo, assim, deu certo com o tema, era bem simples, mas... combinava com o tema, né? E eu perguntei justamente por que eu acho isso, eu acho que às vezes é a nossa falta de referência também, né? Então, ah, qual é a minha referência? Ah, são os homens, então vou tentar parecer com eles. Às vezes é essa a lógica que a gente se insere, né? E que bom que teve eu, você, né? Algumas pessoas pra poder quebrar um pouco disso e ver essa percepção de que realmente nós vamos marcar enquanto corpo feminino, enquanto voz feminina, né? E que isso não é mais nem menos do que os homens, né? Cada um no seu lugar, no seu espaço. Então, pelo que eu tô vendo aqui, esses eram os pontos principais da entrevista, porque acaba que assim, teve outras coisas que eu teria que perguntar, mas você foi falando, eu acho muito bom, porque que nem eu te falei, foi uma conversa, eu acho muito bom que tenha sido assim, porque aí algumas coisas a gente consegue pegar e tudo. Não sei se tem mais alguma coisa da sua marcação que você gostaria de compartilhar, mas as perguntas que eu tinha notado, as principais eram essas. E eu quero já te agradecer também, novamente, e falar que se você quiser escolher uma foto pra te representar, pra eu colocar na pesquisa, que você goste, que você se identifique, pode mandar uma legenda também, que ano for, em qual local. É que deve ter muitas, né? Mas assim, porque aí é legal que não é só as minhas fotos, não só as minhas imagens, né? As de vocês também, porque vai ter a fala de vocês, vai ter a voz, o relato e a imagem, né? Eu acho isso legal, então se você puder me mandar uma imagem sua pra eu colocar, até mesmo pra agradecê-lo na escrita. E eu acho que é isso, não sei se tem mais alguma coisa pra falar, mas fica esse... Recado que eu tô muito feliz, essa pesquisa pra mim tá sendo muito boa pra conhecer as marcadoras do Brasil e ver que nós realmente somos potentes, que esse lugar nos serve e que nós fazemos muito bem e que dá até uma motivação, querendo ou não, né? Que esse ano eu vou marcar uma nova junina, eu tava em outra, eu fundei uma nova junina com um grupo de pessoas que eu... E agora vai ser meu primeiro ano marcando a minha junina, porque eu tava na junina dos outros, né? A convite. E eu tô bem mais motivada conversando com vocês e tudo. Então, fico feliz. Mais uma vez, muito obrigada. E é isso. Não sei se você quer falar mais alguma coisa. Senão a gente pode encerrar.

L.O.:

Que legal. Nossa. Eu achava que você tava ainda na quadrilha mesmo.

A.C.N.:

Não, eu saí justamente por causa dessas questões que a gente tá conversando, de sentir que não tinha liberdade pra escolher as coisas. Por exemplo, que isso é uma coisa também, pelo que eu entendi, você falou que você também cria o tema, né?

L.O.:

Sim, sim, eu sou responsável pelo tema.

A.C.N.:

Pois é, aí no meu grupo eu também era, só que eu não conseguia... Não sentia uma liberdade para o tema ser bem explorado. E aí foi ficando desgastante um pouco a relação, justamente por sentir que eles queriam controlar meu jeito de vestir, de falar e de fazer o tema. Eu falei, não, na minha quadrilha, eu junto com as pessoas que pensam mais parecido comigo, eu vou fundar e agora a gente está construindo um tema do jeito que eu quero, entendeu? E é isso. Mas... Então, agradeço mesmo e também desejo que seja um ano muito bom pra você, pras suas filhas. Acredito que ano que vem eu vou estar amamentando também. E aí, muito bom ter esse contato contigo, de verdade.

L.O.:

Imagina, eu que agradeço. Muito obrigada pela oportunidade de dividir um pouco da minha história como marcadora, igual eu falei. É um papel que eu me descobri mesmo, que eu sou apaixonada, que me deixa muito triste saber que daqui alguns anos eu não posso mais estar ali à frente. Mas assim, muito obrigada pelo convite, foi muito bom essa troca. Tanto é que quando eu fui assumir esse papel de marcadora, a primeira coisa que eu fiz foi procurar outras mulheres que eram marcadoras e foi tão difícil encontrar. Na nossa região aqui, no universo aqui que a gente vive, tem só eu, essas duas meninas aqui, né, das outras quadrilhas, e uma de BH. Então, assim, a gente compete com 30, 40 e tantas quadrilhas e tem o quê? Meia dúzia de mulheres. Então, assim, só de saber que três, pelo menos é daqui da minha região, daqui da minha cidade, eu fico muito feliz, mas foi assim... Foi um pouco assustador sair em busca de referências e tal, e não encontrar. Mas saber, assim, que existem, apesar de eu não ter encontrado, mas que elas existem, e que realmente elas precisam disso, de voz e vez, e de serem cada vez mais ouvidas. Então, parabéns também por você estar dando essa oportunidade mesmo pra todas. Eu acredito que, através do seu trabalho, você vai incentivar e inspirar mais mulheres que talvez queiram assumir não só o papel de marcação, mas algum papel de destaque, iniciativa. Tenho certeza que tá ficando maravilhoso o trabalho que você tá fazendo. Ficou honrada de poder contribuir, de certa forma. E é isso. Agora falando mais de forma pessoal mesmo, pra você que vai ser mamãe e tudo mais, o que eu posso dizer pra vocês, já tendo vivido duas gestações marcando, vivi intensamente cada momento. Eu digo que, assim, a cada chutinho delas, eu saltava na arena. Então... Viva intensamente, é o que eu posso te dizer. Curta bastante esse momento. Mas, acima de tudo, se cuide. Entenda seus limites. Se respeite. Não vá pelos outros. Não se culpe. Porque foi uma das coisas, assim, que eu mais fiz. E hoje eu entendo que não foi legal, que não foi bom. Não se culpe por nada. A gente já carrega uma carga muito grande, que muitas das vezes nem é nossa, mas por sermos mulheres, por abraçarmos a vida nas nossas mãos, a gente tem isso. Então não se culpe, se entregue de cabeça, de alma, vive intensamente nesse momento. Tenho certeza de que você vai ter uma educação incrível, porque você tá assim E eu tenho certeza que ele vai te abraçar assim como me abraçou e que as pessoas também da sua junina possam te abraçar, te acolher, pra que você não sinta mais esses sentimentos ruins que você sentiu na outra. Então é isso. Curta bastante isso, esse momento. E a gente quer de dia, às vezes, só viver e se entregar para o momento. Então, se você puder, com todas as suas forças, se você tiver, não faça isso. Só viva mesmo intensamente esse momento. Tive que conhecer um pouquinho do seu trabalho. Quando você entrou em contato, você é talentosíssima. Parabéns por ser continue nessa batalha, nunca desista. E é isso. Muito obrigada. Desculpa qualquer coisa ou atraso, alguma coisa que eu falei e tudo mais.

A.C.N.:
Não, que isso.

L.O.:
Tranquilo.

A.C.N.:
Pelo contrário, agradeço também.

L.O.:
Ou que eu saísse beijando, falando errado, igual eu disse. A maternidade é uma loucura, mas é isso. Muito obrigada mais uma vez, foi um prazer imenso. conhecer e agora te acompanhar vai ser outro prazer. Muito obrigada.

A.C.N.:
E eu também, que eu falo a mesma coisa pra você, te agradeço mesmo pelas palavras.

APÊNDICES III

Transcrição de Depoimentos Gravados pelas Depoentes

Depoimento da Marcadora: Queila Raiane

Meio de Comunicação: áudio aplicativo de mensagem Whatsapp

Data: 25/04/2025

Eu sou Queila, baiana, como você já sabe, participo de um de uma associação cultural nessa associação cultural estou voluntária e estou presidente também dessa associação a gente desempenha um trabalho com crianças, jovens e adolescentes principalmente em vulnerabilidade sociais. Dentro das atividades que a gente desenvolve lá teatro música, literatura pintura, todos somos voluntários nós temos uma quadrilha junina. A quadrilha junina ela surgiu no ano de dois mil e dezoito e aí nós fomos nos especializando, só em dois mil e vinte e um começamos a competir.

E aí começamos a competir pegamos gosto e zelo pela arte pela cultura de fazer quadrilha como a manifestação cultural desde que eu me entendo por gente eu já participo de quadrilhas na escola tenho uma foto minha eu bem pequenininha acredito que eu tinha uns seis anos dançando quadrilha sou apaixonada pela arte mendigo poeta né? Escrevo rabisco algumas coisas e a quadrilha me faz sentir ser uma mulher mais empoderada, uma mulher mais rica de cultura, uma mulher que pode estar no lugar que ela bem entender Fazer quadrilha aqui no meu município tem alguns desafios. Falta de apoio e ser mulher também é um desafio. Como se não bastasse ser só mulher, ser mulher marcadora. No meio em que na nossa região eu só conheço mais uma marcadora de quadrilha junina. Todas as quadrilhas são compostas por homens. E eu estou falando de mais de cinquenta quadrilhas juninas todas formadas por marcadores homens. Então é um desafio, mas é um desafio que eu levo com muita leveza sabe? E conquistei algumas premiações

Dessas premiações disputei diretamente com grandes marcador com grandes nomes da região é Homens que perderam o título pra uma mulher então foi muito importante essa premiação no prêmio e sim material, mas o significado que isso traz sabe? De dar a volta por cima de mostrar que mulher pode estar onde ela quiser e pode e vai ser premiada quantas vezes forem necessários sabe? É de dois mil e vinte e dois até dois mil e vinte e quatro eu já conquistei mais de oito premiações de melhor marcadora na nossa região né? Disputando com esses homens em concursos de quadrilha e foi assim muito gratificante pra mim pelo sentido mesmo sabe de estar ali representando várias mulheres e várias vozes

E aí eu ingresso no mundo da arte em dois mil e oito eu venho do interior morava em um lugar que tinha pouco menos de vinte casas vou morar na cidade uma cidade pequena pacata lá eu encontro uma fanfarra participo da fanfarra tocando surdo depois vou tocar tarol depois entrei num grupo de teatro é protagonizando a consciência e a partir daí não me desvinculei mais da arte eu acho que a arte traz um sentido muito bacana pra vida das pessoas a arte nova Arte, amor, arte inspira a arte nem sei mais conjugar quantos adjetivos a arte traz pra vida e para a minha vida também

Mas voltando pra quadrilha junina nós estamos aí na busca do nosso ano de dois mil e vinte e cinco. Nosso tema é o Sertão vai virar Egito. Mais uma vez serei marcadora. Estamos aí orçando voos maiores, campeonatos pernambucanos já que nós só competimos até então na Bahia estamos buscando ir para o Pernambuco também é esse

ano o investimento na nossa quadrilha é muito maior triplicadamente maior. beira aí sessenta mil reais com figurinos, adereços e afins. E nós não temos patrocinadores. Nós fazemos rifas, bingos, fazemos festas pra vender comidas, bebidas e assim a gente vai tentando ir lidando. É muito bacana o projeto que eu participo a quadrilha junina está vinculada a Associação Cultural Raízes e Asas. Esses meninos participam dessa associação cultural e junto da associação cultural recebem além da quadrilha, além da dança capacita formações, palestras juntos com psicólogo.

Depoimento da Marcadora: Aleska Trindade

Meio de Comunicação: áudio aplicativo de mensagem Whatsapp

Data: 25/05/2025

Oi Ana, boa tarde, tudo bem? Eu vou mandar aqui o áudio para você e aí se tiver faltando alguma questão você pode mandar aqui novamente que eu respondo. Então, eu fui a primeira marcadora da Forrozarte durante os dois primeiros anos e assim, foi uma experiência muito incrível para mim e desafiadora também porque eu sou pessoa com deficiência, eu sou cadeirante desde os meus 14 anos devido a uma doença degenerativa neuromuscular. Até os 14 anos eu andei e a partir dos 14 anos eu passei a usar a cadeira de roda e assim, naquele período foi um pouco difícil a aceitação e tudo mais mas passado esse momento eu aceitei assim os desafios né que a vida coloca pra gente e sempre encarei tudo com muita determinação sabe e aí quando chegou o convite pra eu ser marcadora, eu fiquei assim um tanto quanto com medo, né, porque assim, eu sei que eu sou uma pessoa comunicativa e eles me convidaram por conta disso, né, porque sabem que eu converso muito, gosto de conversar e tal, mas eu fiquei com um pouco de medo de não dar conta, de não conseguir, porque era uma posição muito importante, mas por outro lado também eu fiquei muito feliz por eles acreditarem no meu potencial para além da minha deficiência, não só ver, só me ver enquanto uma pessoa com deficiência, mas ver o meu potencial de forma geral, e aí eu tive que aprender tudo do zero, porque eu nem sabia que existia quadrilha estilizada, esse tipo de concurso, festival de quadrilha, não tinha noção de nada disso, então eles tiveram que me ensinar do zero, a gente tinha um consultor na nossa quadrilha que era marcador também, já foi marcador em outros anos, de outras quadrilhas e ele foi parte fundamental nesse processo para me ajudar, me ensinar tudo que eu precisava e mais que isso me dá um pouco de suporte emocional, de confiança mesmo, porque eu tinha muito esse medo, sabe? faltava um pouco de confiança no começo e tudo mais e a Lorraine também sempre me ajudou muito porque ela já era dançarina, é uma das fundadoras da Forrozarte e ela também fez parte desse processo de me ajudar a me entender ali como marcadora, a minha posição ali dentro e eu fiquei admirada assim que quando foi passando os meses eu fui pegando jeito, fui aprendendo tudo e foi muito positivo para mim e a quadrilha me abraçou, mas abraçou também a causa da inclusão, então sempre a quadrilha levava essa causa da acessibilidade, da inclusão, a gente colocava no nosso stand, na nossa faixa e tudo mais por uma sociedade mais acessível inclusiva e foi uma surpresa quando eu ganhei logo no primeiro ano eu fiquei assim admirada de ganhar e isso me ajudou enquanto pessoa também a entender que tem muitos desafios mas que a gente consegue vencer eles consegue ir além dos

nossos limites porque a gente sabe que nem todo lugar que a gente vai apresentar tem acessibilidade, nem sempre a gente tinha o transporte acessível com elevador, então era bem cansativo ter que me tirar da cadeira, pôr no carro, chegar no local, tirar da cadeira também. Então, assim, eu tinha um processo um pouco diferente do resto da quadrilha, sabe? De locomoção era uma questão mais complicada, assim. Mas tinha algumas vezes que dava certo da gente realizar junto, quando a gente tinha o ônibus com elevador e tudo mais. Mas foi uma experiência muito positiva ser marcadora do Forrozarte, para me entender realmente no mundo enquanto uma pessoa comunicativa. E isso refletiu diretamente, assim, na minha vida pessoal. Eu sou historiadora, Eu saí da Forrozarte pra fazer faculdade e fiz mestrado e agora tô no doutorado, também tô escrevendo a minha tese, já defendi minha dissertação e eu trabalho com entrevistas de história oral na minha dissertação e agora no meu doutorado, onde eu entrevisto pessoas com deficiência pra entender as experiências delas, as realidades delas, a subjetividade de cada uma delas. E acho que ser marcadora é impactou de alguma forma, sabe, na minha vida a me entender como essa pessoa que se comunica com outro, que quer contar histórias, né?